

TOO LATE

WILLIAMS

COLLEEN
HOOVER

BY NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

Too Late

Colleen

Hoover

Sloan iria ao inferno e voltaria por seu irmão caçula. E ela vai, todos os dias.

Forçada a continuar um relacionamento com o perigoso e moralmente corrupto Asa Jackson, Sloan fará o que for preciso para que as necessidades de seu irmão sejam atendidas.

Nada entrará em seu caminho.

Nada, exceto Carter.

Sloan é a melhor coisa que já aconteceu para Asa. E se você perguntá-lo, ele diria que ele é a melhor coisa que já aconteceu para Sloan.

E ele nunca planejou deixá-la ir embora; mesmo quando ela não aprova seu estilo de vida sinistro. Mas apesar da desaprovação de Sloan, Asa sabe o que é necessário para ter o que quer, e ele o fará. Ele sabe o que ele precisa para continuar no topo, e ele o faz.

Nada entrará em seu caminho.

Nada, exceto Carter.

Capítulo 1

SLOAN

Dedos quentes se entrelaçam aos meus, pressionando minhas mãos mais profundamente no colchão. Minhas pálpebras estão muito pesadas para conseguirem se abrir diante do pouco que dormi esta semana. O pouco que dormi durante todo o mês, na verdade. Mas que droga todo este maldito ano.

Eu gemo e tento espremer as pernas juntas, mas não consigo. Há pressão por toda parte. No meu peito, contra minha bochecha, entre as minhas pernas. Levo alguns segundos para perceber diante do meu estado sonolento, e então acordo o suficiente para saber o que ele está fazendo.

"Asa," murmuro, irritada. "Fique longe de mim."

Ele empurra o peso dele contra mim de maneira repetitiva, gemendo contra a minha orelha, sua barba feita pela manhã roçando em minha bochecha.

"Estou quase acabando, baby," ele respira contra o meu pescoço.

Tento puxar minhas mãos debaixo dele, mas ele as aperta mais, lembrando-me que eu não sou nada além de uma prisioneira na minha própria cama, e ele é o guarda do quarto. Asa sempre teve um jeito de me fazer sentir como se meu corpo estivesse à sua disposição. Ele nunca foi mau ou usou de força, ele é apenas mais carente, e eu acho isso muito inconveniente. Como agora. Às seis horas da maldita manhã.

Posso adivinhar a hora pela luz do sol que espreita pela fresta debaixo da porta, e o fato de que Asa só agora está vindo para a cama depois da festa de ontem à noite. Eu, no entanto, tenho que estar na aula em menos de duas horas. Não é assim que eu teria escolhido ser acordada após apenas três horas de sono.

Eu coloco minhas pernas ao redor da cintura dele e espero que ele pense que eu estou afim. Quando pareço um pouco interessada, ele termina com isso mais rápido.

Ele aperta meu seio direito e deixo escapar um esperado gemido, e assim ele começa a tremer.

"Merda," ele resmunga, enterrando seu rosto no meu cabelo, lentamente balançando contra mim.

Depois de alguns segundos, ele cai em cima de mim e suspira pesadamente, e em seguida, beija minha bochecha e rola para o lado da cama. Ele se levanta e retira o preservativo e o joga na lata de lixo, em seguida, pega uma garrafa de água da mesa de cabeceira. Ele traz a garrafa aos lábios, passando os olhos por cima da minha carne exposta. Seus lábios dão um sorriso preguiçoso.

"Eu amo que eu sou a única pessoa que já tenha estado dentro disso." Ele está confiantemente nu ao lado da cama, engolindo o último gole da água.

É difícil aceitar elogios quando eles vêm de alguém que se refere ao seu corpo como um "isso". Apesar de sua boa aparência, ele tem seus defeitos. Na verdade, sua aparência pode ser a única coisa a respeito dele que eu *não* encontro falhas. Ele é arrogante, genioso e difícil de lidar às vezes. Mas ele me ama. Ele me ama muito. E eu estaria mentindo se dissesse que não o amava também.

Há tantas coisas que eu mudaria nele se pudesse, mas agora ele é tudo que eu tenho, então aceito isso. Ele me aceitou quando eu não tinha outro lugar para ir. Ninguém mais a quem recorrer. Por essa razão apenas, eu o aceito. Não tenho outra escolha. Ele levanta sua mão e limpa a boca, em seguida, joga a garrafa vazia na lixeira.

Ele passa a mão pelo cabelo castanho volumoso e pisca para mim, então cai de volta na cama e se inclina, beijando-me suavemente nos lábios.

"Boa noite, meu bem," diz ele enquanto deita de costas.

"Você quer dizer bom dia," digo, enquanto relutantemente, me levanto da cama.

Minha camiseta está enrolada em torno da minha cintura, então eu a puxo para baixo e pego uma calça e uma camisa diferente. Eu ando pelo corredor em direção ao chuveiro, aliviada que nenhum de nossos inúmeros colegas de quarto estejam ocupando o único banheiro do andar de cima. Eu olho a hora no meu telefone e me irrita quando percebo que não vou ter tempo suficiente para tomar café.

É a primeira aula do semestre e já tenho planos de passá-la dormindo. Isso não parece nada bom. Não tem como continuar com isso. Asa frequenta as aulas raramente, mas ele sempre passa com notas perfeitas. Eu estou lutando para manter a cabeça acima da água, e não perdi nenhum dia no semestre passado. Bem, fisicamente, de qualquer modo. Infelizmente vivemos com tantas outras pessoas que nunca há um momento de silêncio na casa. Me pego adormecendo na aula mais frequentemente do que fico acordada; é o único momento que encontro paz e sossego. As festas parecem acontecer em todas as horas do dia e da noite, independentemente de quem tem aula no dia seguinte. Não há diferença entre os fins de semana e os dias da semana em nossa casa, e pagar aluguel não influencia em nada quem vive aqui.

Eu nem sequer *sei* quem vive aqui metade do tempo. Asa é dono da casa, mas ele adora estar perto de pessoas, de modo que ele gosta de ter a porta aberta para todos. Se tivesse como, eu teria meu próprio lugar em um piscar de olhos. Mas não tenho. Isso significa mais um ano de puro inferno antes de eu me formar.

Mais um ano antes de eu estar livre.

Tiro minha camisa e a deixo cair no chão, em seguida, abro a cortina do chuveiro. Assim que vou abrir a torneira, grito em plenos pulmões. Desmaiado na banheira, completamente vestido, está o nosso mais novo morador em tempo integral, Dalton.

Ele acorda agitado e bate a testa na torneira acima de sua cabeça, gritando em resposta ao meu grito. Eu me abaixo e agarro a minha camisa no momento em que a porta se abre e Asa chega correndo.

"Sloan, você está bem?" diz ele freneticamente, me girando para procurar algum machucado. Concorde febrilmente com a cabeça e aponto para a banheira.

"*Eu* não estou bem," Dalton geme, espalmando a testa recentemente ferida. Ele se levanta e tenta rastejar para fora da banheira.

Asa olha para mim, para o meu corpo nu sendo coberto pela camisa em minhas mãos e em seguida, olha para Dalton. Tenho medo que ele entenda errado, então começo a explicar, mas ele me corta com uma alta e inesperada explosiva gargalhada.

"Você fez isso com ele?" diz ele, apontando para a cabeça de Dalton, ainda rindo.

Eu balanço minha cabeça. "Ele bateu com a cabeça na torneira quando eu gritei."

Asa ri ainda mais, estende a mão para Dalton e puxa-o da banheira. "Vamos lá cara, você precisa de uma cerveja. Cura para ressaca." Ele tira Dalton do banheiro e o segue, fechando a porta.

Estou congelada, ainda apertando minha camisa contra o peito. A parte triste é que esta é a terceira vez que isso aconteceu. A cada vez, um idiota diferente, desmaiado na banheira. Faço uma nota mental para verificar a banheira a partir de agora antes de me despir.

CARTER

Puxo o cronograma do bolso e o desdobro para procurar o número da sala.

"Isso é uma porcaria", eu digo ao telefone. "Eu me formei na faculdade há três anos. Não me inscrevi para esta merda para que eu pudesse fazer lição de casa."

Dalton ri alto, obrigando-me a afastar o telefone para longe do ouvido.

"Bobeira do caralho", diz ele. "Eu tive que dormir em uma maldita banheira na noite passada. Aceite, cara. Fingir é parte do trabalho."

"Fácil falar, você está matriculado para uma aula por semana. Eu tenho três. Por que Young lhe deu apenas uma?"

"Talvez porque eu seja o melhor", diz Dalton.

Olho para a minha agenda e para o número na porta à minha frente, encontrando a sala certa.

"Tenho que ir. *La clase de Español.*"

"Carter, espere", diz ele, em um tom mais sério. Dalton limpa a garganta e se prepara para seu "discurso".

Eu os aguento diariamente desde que começamos a trabalhar juntos há um ano.

"Tente se divertir. Estamos tão perto de conseguir tudo o que precisamos... você vai ficar aqui dois meses, no máximo. Encontre alguma gostosa para sentar junto, ela vai fazer com que os dias passem mais rápido."

Olho pela janela da porta da sala de aula. Está praticamente cheia com apenas três lugares vazios. Meus olhos caem imediatamente em uma menina no fundo da sala, ao lado de uma das cadeiras vazias. Seu cabelo escuro está caído sobre o rosto enquanto ela descansa sua cabeça em seus braços cruzados sobre a mesa. Ela está dormindo. Eu posso me sentar com os sonolentos; são os falantes que eu não consigo tolerar.

"Olhe para isso! Já encontrei uma gostosa para sentar junto. Falo com você depois do almoço."

"*Adiós.*"

Desligo e abro a porta da sala de aula enquanto coloco o telefone no silencioso. Aperto ainda mais a alça da minha mochila enquanto vou para o fundo da sala. Passo por ela em direção ao lugar vazio, jogo minha mochila no chão e meu telefone em cima da mesa. O som que meu telefone faz quando se encontra com a madeira maciça arranca a garota de seu sono. Ela imediatamente senta, de olhos arregalados.

Ela olha ao redor da sala, agitada e confusa, em seguida, para baixo, para o caderno sobre a mesa. Puxo a cadeira e sento-me ao lado dela. Ela olha para o meu telefone em cima da mesa à nossa frente, e, em seguida, olha para mim. Seu cabelo está uma bagunça e há uma trilha brilhante de baba passando do canto do lábio para seu queixo. Ela está olhando para mim como se eu tivesse interrompido o único minuto de sono que ela já teve.

"Noite em claro?" pergunto.

Curvo-me e abro minha mochila, tirando o livro de espanhol que eu provavelmente poderia recitar de cor.

"A aula não acabou?" ela pergunta, seus olhos se estreitam para o livro que estou colocando sobre a mesa.

"Depende," eu digo.

"De que?"

"De quanto tempo você está dormindo. Eu não tenho certeza de qual é o seu horário de espanhol, mas esta é a aula das dez horas."

Ela joga os cotovelos sobre a mesa em sua frente e geme, passando as mãos pelo rosto.

"Eu estive dormindo por cinco minutos? É isso?"

Ela se inclina para trás em seu assento e escorrega, descansando a cabeça no encosto da cadeira.

"Acorde-me quando acabar, ok?"

Ela está olhando para mim, esperando eu concordar. Coloco meu dedo no queixo.

"Você tem uma coisa aqui."

Ela limpa a boca e puxa a mão de volta para inspecioná-la. Eu esperava que ela fosse ficar envergonhada pelo fato de ter baba escorrendo pelo rosto, mas em vez disso, ela revira os olhos e enfia a manga de sua camisa sob seu polegar e se inclina para frente. Ela limpa a poça de baba da mesa com a manga e, em seguida escorrega de volta em seu assento, fechando os olhos.

Eu já passei pela faculdade antes. Sei como são as noites em claro, as festas, as coisas para estudar e nunca ter tempo para tudo. Mas essa garota parece estressada aos extremos. Estou curioso para saber se é devido a um problema sério ou a muitas festas.

Eu me aproximo da minha mochila e puxo o energético que peguei no caminho para cá esta manhã. Acho que ela precisa mais do que eu.

"Aqui." Eu coloco na mesa a sua frente. "Beba isso."

Ela lentamente ergue os olhos, abrindo-os como se suas pálpebras pesassem uma tonelada. Ela olha para a bebida, então rapidamente a agarra e começa a beber. Ela engole o conteúdo freneticamente; como se

fosse a primeira coisa que ela teve para beber em dias.

"De nada." Eu ri.

Ela termina a bebida e a coloca de volta na mesa, limpando a boca com a mesma manga que ela enxugou a baba mais cedo. Não vou mentir, seu despenteado, o comportamento largadamente sexy é muito excitante, de uma maneira estranha.

"Obrigada," diz ela, tirando o cabelo de seus olhos.

Ela olha para mim e sorri, em seguida, estende os braços atrás da cabeça e boceja. A porta da sala de aula se abre e todos se ajeitam em seus assentos, indicando a entrada do professor - mas eu não posso tirar meus olhos dela o tempo suficiente para perceber sua presença. Ela arruma os fios de seu cabelo com os dedos. Está ainda ligeiramente úmido e eu posso sentir o cheiro floral de seu xampu quando ela o joga sobre os ombros. É longo e escuro e volumoso, assim como os cílios que revestem seus impressionantes olhos azuis claros. Ela olha para a frente da sala e abre seu caderno, então sigo seus movimentos e faço o mesmo. O professor nos cumprimenta em espanhol,

e nós retornamos as saudações, respondendo em coletivo. Ele começa dando instruções sobre uma tarefa quando meu telefone acende sobre a mesa entre nós. Olho para a mensagem de texto de Dalton.

Será que essa gostosa tem um nome?

Eu pego imediatamente o telefone, esperando que ela não tenha lido. Ela leva a mão à boca e ri silenciosamente.

Ela leu.

"Gostosa, hein?" diz ela.

Nota mental: Chutar a bunda de Dalton esta noite.

"Sinto muito," eu digo. "Meu amigo... ele acha que é engraçado. Também gosta de fazer da minha vida um inferno."

Ela arqueia uma sobrancelha e se vira para mim.

"Então você *não* acha que eu sou gostosa?"

Com ela me encarando, é a primeira chance que eu realmente tive de dar uma boa olhada nela. Vamos

apenas dizer que estou oficialmente apaixonado por esta classe agora.

Encolho os ombros. "Com todo o respeito, você está sentada desde que a conheci. Eu nem vi a sua bunda ainda."

Ela ri novamente.

"Sloan," diz ela, estendendo a mão.

Tomo sua mão na minha, falhando em balançá-la. A enorme suavidade de sua pele me pega de surpresa e eu olho para sua mão apertada na minha. Há uma pequena cicatriz em seu polegar. Corro meu dedo por ela, viro sua mão para frente e para trás, inspecionando a cicatriz.

CARTER

Puxo o cronograma do bolso e o desdobro para procurar o número da sala.

"Isso é uma porcaria", eu digo ao telefone. "Eu me formei na faculdade há três anos. Não me inscrevi para esta merda para que eu pudesse fazer lição de casa."

Dalton ri alto, obrigando-me a afastar o telefone para longe do ouvido.

"Bobeira do caralho", diz ele. "Eu tive que dormir em uma maldita banheira na noite passada. Aceite, cara. Fingir é parte do trabalho."

"Fácil falar, você está matriculado para uma aula por semana. Eu tenho três. Por que Young lhe deu apenas uma?"

"Talvez porque eu seja o melhor", diz Dalton.

Olho para a minha agenda e para o número na porta à minha frente, encontrando a sala certa.

"Tenho que ir. *La clase de Español.*"

"Carter, espere", diz ele, em um tom mais sério. Dalton limpa a garganta e se prepara para seu "discurso".

Eu os aguento diariamente desde que começamos a trabalhar juntos há um ano.

"Tente se divertir. Estamos tão perto de conseguir tudo o que precisamos... você vai ficar aqui dois meses, no

máximo. Encontre alguma gostosa para sentar junto, ela vai fazer com que os dias passem mais rápido."

Olho pela janela da porta da sala de aula. Está praticamente cheia com apenas três lugares vazios. Meus olhos caem imediatamente em uma menina no fundo da sala, ao lado de uma das cadeiras vazias. Seu cabelo escuro está caído sobre o rosto enquanto ela descansa sua cabeça em seus braços cruzados sobre a mesa. Ela está dormindo. Eu posso me sentar com os sonolentos; são os falantes que eu não consigo tolerar.

"Olhe para isso! Já encontrei uma gostosa para sentar junto. Falo com você depois do almoço."

"Adiós."

Desligo e abro a porta da sala de aula enquanto coloco o telefone no silencioso. Aperto ainda mais a alça da minha mochila enquanto vou para o fundo da sala. Passo por ela em direção ao lugar vazio, jogo minha mochila no chão e meu telefone em cima da mesa. O som que meu telefone faz quando se encontra com a madeira maciça arranca a garota de

seu sono. Ela imediatamente senta, de olhos arregalados.

Ela olha ao redor da sala, agitada e confusa, em seguida, para baixo, para o caderno sobre a mesa. Puxo a cadeira e sento-me ao lado dela. Ela olha para o meu telefone em cima da mesa à nossa frente, e, em seguida, olha para mim. Seu cabelo está uma bagunça e há uma trilha brilhante de baba passando do canto do lábio para seu queixo. Ela está olhando para mim como se eu tivesse interrompido o único minuto de sono que ela já teve.

"Noite em claro?" pergunto.

Curvo-me e abro minha mochila, tirando o livro de espanhol que eu provavelmente poderia recitar de cor.

"A aula não acabou?" ela pergunta, seus olhos se estreitam para o livro que estou colocando sobre a mesa.

"Depende," eu digo.

"De que?"

"De quanto tempo você está dormindo. Eu não tenho certeza de qual é o seu horário de espanhol, mas esta é a aula das dez horas."

Ela joga os cotovelos sobre a mesa em sua frente e geme, passando as mãos pelo rosto.

"Eu estive dormindo por cinco minutos? É isso?"

Ela se inclina para trás em seu assento e escorrega, descansando a cabeça no encosto da cadeira.

"Acorde-me quando acabar, ok?"

Eu ri. "Você acidentalmente me chamou de cachorro em espanhol."

Ela balança a cabeça. "Não foi um acidente."

Seu telefone vibra, ela o tira do bolso e volta sua atenção para ele. Eu me inclino em minha cadeira e pego o meu próprio telefone, fingindo fazer o mesmo. Nos sentamos em silêncio, enquanto o resto da classe termina a tarefa. Eu olho pelo canto do olho enquanto ela manda mensagem, seus polegares voando rapidamente pela tela de seu telefone. Ela é bonita. Eu gosto de estar ansioso por essa aula agora.

De repente, três dias por semana não parece ser o suficiente.

Há apenas mais quinze minutos de aula e eu estou dando o meu máximo para evitar olhar para ela. Ela não disse nenhuma outra coisa desde que ela se referiu a mim como um cão. Observo enquanto ela rabisca em seu caderno, sem prestar atenção a uma única palavra que o professor disse. Ou ela está extremamente entediada, ou ela está inteiramente em outro lugar. Inclino-me para frente, tentando ter uma visão melhor do que ela está escrevendo. Me sinto intrometido, mas, como ela leu minha mensagem antes, acho justificável.

Sua caneta está se movendo freneticamente sobre o papel, possivelmente resultado do energético que ela bebeu. Leio as frases enquanto ela as escreve. Eu as leio mais de uma vez, mas elas não fazem o menor sentido, não importa quantas vezes eu leia.

Trens e ônibus roubaram meus sapatos e agora eu tenho que comer lula crua.

Eu rio da aleatoriedade de todas as frases escritas em sua página, e ela olha para mim. Olho de volta e ela sorri maliciosamente.

Ela olha para o seu caderno e bate a caneta contra ele.

"Eu fico entediada," ela sussurra. "Não tenho facilidade em me concentrar."

Eu normalmente tenho uma grande capacidade de concentração, mas, aparentemente, não enquanto estou sentado perto dela.

"Algumas vezes eu também não," digo. Eu me aproximo de sua mesa e aponto para suas palavras. "O que é isso? Um código secreto?"

Ela encolhe os ombros e deixa a caneta cair, em seguida, desliza o caderno para mais perto de mim.

"É só uma coisa estúpida que eu faço quando estou entediada. Eu gosto de ver em quantas coisas aleatórias eu posso pensar sem realmente estar pensando. Quanto mais elas não fazem sentido, mais eu ganho."

"Mais você ganha?" Eu pergunto, esperando esclarecimentos. Esta menina é um enigma. "Como você poderia perder se você é a única a jogar seu próprio jogo?"

Seu sorriso desaparece e ela olha para longe, voltando seu olhar para o caderno à sua frente. Ela delicadamente traça seu dedo sobre as letras em uma das palavras.

Eu me pergunto o que diabos eu acabei de dizer para mudar seu comportamento de forma tão drástica e tão rapidamente. Ela pega a caneta e me entrega, espantando qualquer pensamento que tenha obscurecido sua mente.

"Experimente," diz ela. "É altamente viciante."

Eu pego a caneta de sua mão e encontro um espaço vazio em sua folha.

"Então, é só escrever qualquer coisa? O que vier na cabeça?"

"Não," ela diz. "É exatamente o oposto. Tente não pensar. Tente não deixar *nada* vir à mente. Apenas escreva."

Eu pressiono a caneta no papel e faço exatamente o que ela diz. Eu só escrevo.

Derrubei uma lata de milho no cesto de roupa, agora minha mãe chora arco-íris.

Eu largo a caneta, sentindo-me ligeiramente estúpido. Ela cobre a boca para sufocar uma gargalhada depois que lê. Ela vira uma nova página e escreve: *Você tem um dom*. Em seguida, me entrega a caneta novamente.

Obrigado. Suco de unicórnio me ajuda a respirar quando ouço música disco.

Ela ri novamente e pega a caneta da minha mão, enquanto o professor dispensa a classe. Todo mundo joga seus livros em suas bolsas e levanta depressa.

Todos, menos nós. Nós dois estamos olhando para a página, sorrindo, sem nos movermos.

Ela coloca a mão no caderno e lentamente o fecha, deslizando-o sobre a mesa e para dentro da mochila. Ela olha para mim.

"Não levante ainda," diz ela enquanto se levanta.

"Por que não?"

"Porque você precisa ficar sentado enquanto eu vou embora, assim você pode determinar se eu sou ou não sou realmente gostosa."

Ela pisca para mim e se vira. *Oh meu Deus*. Eu mordo meus dedos e faço exatamente o que ela diz, plantando meus olhos diretamente na bunda dela. E para a minha sorte, ela é perfeita. Cada pedaço de seu corpo é perfeito. Sento-me completamente imóvel enquanto a vejo descer as escadas.

De onde diabos esta menina vem? E onde diabos ela esteve toda a minha vida? Eu amaldiçoo o fato de que tudo o que acabou de acontecer entre nós é tudo o que nunca poderia acontecer. Relacionamentos não começam bem com mentiras. Especialmente as minhas.

Ela olha por cima do ombro antes de sair pela porta e eu devolvo seu olhar. Levanto o polegar em aprovação. Ela ri e desaparece pela porta da sala de aula.

Recolho minhas coisas e tento tirá-la da cabeça. Eu preciso estar concentrado hoje à noite. Tem muita coisa acontecendo para eu me distrair com uma bunda tão perfeita.

Capítulo 3

SLOAN

Eu termino a lição de casa do dia na biblioteca, sabendo que não serei capaz de me concentrar, uma vez que eu esteja em casa. Quando eu me mudei com Asa, eu estava a apenas uma noite de ser despejada... sem mencionar todas as outras questões financeiras que eu tinha que lidar. Estávamos namorando havia apenas dois meses, mas eu não tinha mais nenhum outro lugar para ir.

Isso foi há um ano e meio.

Eu sabia, baseada nos carros que ele dirigia e no tamanho de sua casa, que ele tinha dinheiro. O que eu não tinha certeza era se aquele dinheiro era herança, ou se ele havia se envolvido com algo que deveria. Eu não tinha ideia que seriam as duas coisas. Ele escondeu muito bem pelos primeiros meses, justificando seus hábitos consumistas com o fato de que ele tinha uma grande herança. Eu acreditei nele por algum tempo. Não tinha outra escolha, senão acreditar nele.

Quando pessoas que eu não conhecia começaram a aparecer em horários estranhos da noite e Asa só falava com elas de portas fechadas, se tornou mais e mais óbvio. Ele tentou explicar o motivo e jurou que só vendia drogas "inofensivas" para pessoas que iriam buscá-las em algum outro lugar de qualquer maneira. Eu não quis fazer parte disso, então, quando ele se recusou a parar, eu fui embora.

O único problema era que eu não tinha um lugar para ir. Acabei passando a noite nos sofás de alguns amigos, mas nenhum deles tinha um quarto ou dinheiro para continuar me ajudando. Eu teria me refugiado em um abrigo antes de voltar para Asa, mas não era com a minha vida que eu estava preocupada. Era com a vida do meu irmão caçula.

Stephen nasceu prematuro e com muitos problemas envolvendo sua saúde mental. Ele estava recebendo ajuda financeira do estado para seus cuidados, mas quando ela foi cancelada, eu não pude arriscar ter que mandá-lo de volta para casa. Eu não o queria de volta àquela vida, e faria qualquer coisa para garantir que ele não faria parte dela novamente.

Estive fora por duas semanas quando não tinha mais nenhum lugar para ir que não fosse de volta para Asa. Caminhar de volta pelas suas portas e pedir por ajuda foi a coisa mais difícil que eu já tive que fazer. Era como se voltar para os seus braços fosse o equivalente a renunciar a minha dignidade. Ele me deixou voltar, mas não sem consequências. Agora que ele sabia o quanto eu dependia dele, ele parou de esconder o seu estilo de vida. Mais e mais pessoas apareceram, transações foram feitas abertamente, em vez de em portas fechadas.

Agora há tanta gente saindo e entrando da casa que é difícil diferenciar entre as pessoas que vivem aqui, as pessoas que passam a noite aqui e os completos estranhos. Toda noite é uma festa, e toda festa é o meu pesadelo.

Cada semana que passa a atmosfera fica mais e mais perigosa, e eu quero ir embora mais do que nunca. Tenho trabalhado meio expediente na biblioteca do campus, mas eles não têm um cargo de estudante para mim neste semestre. Estou em uma lista de espera e tenho me candidatado a outros empregos, tentando desesperadamente aumentar o meu dinheiro

de fuga. Não seria tão difícil se eu tivesse que me preocupar apenas comigo, mas com Stephen será necessário o dinheiro que eu não tenho. Dinheiro que não terei por algum tempo.

Enquanto isso, tenho que manter as aparências agindo como se eu ainda devesse a minha vida a Asa, quando na realidade, sinto que ele a está arruinando. Não me entenda mal, eu o amo. Amo quem ele costumava ser e de quem tenho pequenos vislumbres quando estamos sozinhos. Amo quem eu sei que ele pode ser novamente algum dia, mas eu também não sou ingênua. Ainda que ele tenha feito promessas de que está ampliando o negócio para deixá-lo, eu sei que ele não o deixará. Eu tentei convencê-lo, mas quando você tem o poder em suas mãos e dinheiro no bolso, é difícil parar. Ele nunca vai parar. Ele fará isso até que esteja preso... ou até que esteja morto. E eu não quero estar por perto quando isso acontecer.

Eu nem tento mais identificar os veículos na entrada. Todo dia há um novo. Eu estaciono o carro de Asa e pego minhas coisas, em seguida entro para outra noite de inferno.

Quando entro, a casa está assustadoramente quieta. Fecho a porta atrás de mim e sorrio, aproveitando o fato de que está todo mundo na piscina. Eu nunca tive chance para solidão, então tiro vantagem, coloco meus headphones e começo a limpar. Sei que isso não parece divertido, mas para mim é a minha única chance de escapar.

Sem mencionar que a casa é um constante chiqueiro.

Começo na sala de estar e jogo fora garrafas de cerveja suficientes para encher o saco de lixo de trinta galões. Quando chego à cozinha e testemunho uma montanha de pratos empilhados na pia, sorrio. Isso vai levar pelo menos uma hora. Eu organizo os pratos sujos do lado esquerdo da pia e começo a enchê-la com água. Viro-me e vou até a geladeira enquanto a pia enche. Pego um refrigerante, abro e tomo um gole. Fecho meus olhos e balanço ao ritmo da música sendo derramada em meus ouvidos através dos headphones. Nunca me senti tão em paz nesta casa desde os primeiros dois meses em que vivi aqui. Quando o *bom* Asa ainda estava por perto.

À medida que as memórias do Asa por quem me apaixonei invadem minha mente, sinto seus braços ao meu redor e ele começa a balançar comigo ao ritmo da música. Eu sorrio e mantenho meus olhos fechados e envolvo minhas mãos nas dele, então me inclino para trás contra seu peito. Ele beija meu ouvido, enlaça seus dedos aos meus e me gira para que eu olhe para ele. Quando abro meus olhos, ele está sorrindo para mim com uma expressão genuinamente doce. Eu não tenho visto esse olhar em seus olhos há tanto tempo, faz meu coração doer saber o quanto eu senti falta disso.

Talvez ele esteja realmente tentando. Talvez ele esteja cansado dessa vida também.

Ele toma meu rosto em suas mãos e me beija; um longo e apaixonado beijo que eu esqueci que ele era capaz de dar. Ultimamente, o único momento em que sou beijada é quando ele está em cima de mim em nossa cama. Envolver meus braços ao redor de seu pescoço e o beijo de volta. Eu o beijo desesperadamente. Eu beijo o velho Asa, sem saber por quanto tempo o terei aqui comigo desse jeito.

Ele tira os headphones dos meus ouvidos e afasta sua boca da minha.

"Alguém quer uma continuação desta manhã, hein?"

Eu o beijo de novo e sorrio, acenando com a cabeça. Eu quero. Se esse é o Asa que terei em minha cama, então eu quero.

Ele coloca suas mãos em meus ombros e ri.

"Não na frente do convidado, Sloan," ele provoca.

Convidado?

Fecho meus olhos bem apertados, com medo de me virar, inconsciente de que estávamos sendo observados o tempo todo.

"Há alguém que quero que você conheça," ele diz.

Ele me gira e eu abro um olho, e depois o outro, esperando que o choque que sinto em meu estômago não esteja claramente espalhado em meu rosto. Encostado contra o batente da porta com seus braços cruzados e um olhar sério, está Carter em todo seu um metro e oitenta de altura.

Eu arquejo, mais pelo fato de que ele é a última pessoa que eu esperava ver aqui. Ficar de pé na frente dele é de repente mais intimidante do que sentar perto dele na aula esta manhã. Ele é muito mais alto do que eu imaginava; mais alto do que Asa até. Ele não é tão definido quanto Asa, mas Asa se exercita todos os dias e baseado no tamanho de seus bíceps, provavelmente se alimenta de esteroides. Carter é mais naturalmente definido, com a pele e o cabelo mais escuro – e no momento, olhos muito escuros e irritados.

"Ei," diz Carter, relaxando sua expressão com um sorriso, estendendo sua mão para mim sem nenhum traço de reconhecimento em seu rosto. Percebo que ele está fingindo não me conhecer para o meu próprio bem – ou talvez para o *seu* próprio bem, então encosto minha mão na sua, me apresentando a ele pela segunda vez hoje.

"Sloan," digo tremendo, esperando que ele sinta minha crescente pulsação através da minha palma. Eu pauso o aperto de mão e me movo para trás.

"Então, como você e Asa se conheceram?" Não estou certa de que quero saber a resposta, mas a pergunta escapa da minha boca de qualquer maneira.

Asa coloca seus braços ao redor da minha cintura e me gira na outra direção, longe de Carter.

"Ele é o meu novo parceiro de negócios, e no momento nós temos negócios para conduzir. Vá limpar algum outro lugar," ele diz dando tapinhas na minha bunda. Eu me viro e lanço-lhe um olhar desaprovador, não tão intenso quanto o ódio sendo derramado dos olhos de Carter enquanto ele observa Asa.

Eu geralmente não forço as coisas com Asa, especialmente na frente de outras pessoas, mas no momento eu não posso evitar o meu temperamento. Estou furiosa com sua atitude arrogante de trazer alguém, apesar de ter me prometido que estava parando. Também não posso negar o fato de que estou irritada por ser Carter. Estou irritada comigo mesma por ter desenvolvido uma falsa primeira impressão dele na aula de hoje. Eu pensava que era melhor em ler as pessoas, mas o fato dele estar envolvido com Asa mostra que eu não sei nada sobre

isso. Ele é igual ao resto deles – eu deveria ter esperado por isso. Por mais que eu tente – por mais difícil que tenha sido abandonar a casa da minha infância para fugir desse mesmo tipo de estilo de vida, apenas para acabar de volta a ele – isso me faz sentir ignorante. Como eu posso desejar e trabalhar tanto em busca de uma vida normal e ainda assim continuar caindo nesse meio de merda? É uma maldita praga.

"Asa," digo, suplicante. "Você prometeu." Aponto minha mão na direção de Carter. "Contratar pessoas novas não é sair... é ficar ainda *mais*."

Sinto-me uma hipócrita pedindo para ele parar de fazer o que ele faz. Todo mês eu deixo que ele envie um cheque para os cuidados de Stephen com o mesmo dinheiro sujo que eu queria que ele não estivesse produzindo. Mas é mais fácil permitir isso, já que não é para mim. Eu pegaria o dinheiro mais sujo se isso significasse que meu irmão caçula teria cuidados.

Os olhos de Asa escurecem e ele dá um passo em minha direção. Ele gentilmente coloca suas mãos em meus braços e os acaricia. Ele inclina sua boca em direção ao meu ouvido e aumenta a pressão em meus

braços, apertando com toda sua força até eu encolher de dor.

"Não me envergonhe," ele sussurra baixo o suficiente para que só eu o ouça. Ele relaxa seu aperto e passa suas mãos pelos meus cotovelos, em seguida me beija com amor na bochecha.

"Vá vestir aquele vestido vermelho sexy. Teremos festa hoje à noite para comemorar."

Ele dá um passo para trás e me solta completamente. Olho para Carter, que ainda está parado perto da porta, olhando Asa como se ele pudesse arrancar sua cabeça a qualquer segundo. Seus olhos encontram os meus e por um segundo eles se tornam mais suaves, mas eu não me prendo a isso o suficiente para ser positiva. Eu me viro e subo as escadas para o quarto. Bato a porta e caio sobre meus joelhos, abraçando a mim mesma. Os músculos de meus braços estão latejando de dor, então tento abrandá-la. É a primeira vez que ele me machuca fisicamente, mas a ferida do meu orgulho é muito pior. Eu nunca deveria tê-lo questionado na frente de outra pessoa. Eu sei disso.

Mas eu também sei que não mereço o que ele fez comigo. Ninguém merece. Quero pegar minhas bolsas e empacotar tudo o que é meu. Quero ir embora e nunca mais voltar. Quero cair fora. Quero cair fora, quero cair fora, quero cair fora.

Mas eu não posso ir embora. Não sou só eu que seria afetada.

Capítulo 4

CARTER

"Sinto muito por ela," Asa diz.

Eu relaxo meus punhos e tento apagar o óbvio ódio que sinto por ele da minha expressão. Conheço ele há apenas três horas e nunca desprezei tanto alguém em toda minha vida.

"Está tudo bem," respondo. Caminho até o bar e casualmente sento em um dos assentos próximos à mesa, apesar de querer correr escadas acima para ter certeza de que Sloan está bem. A minha mente ainda está vacilante com o fato de que Sloan está envolvida nisso. Ela era a última pessoa que eu esperava encontrar aqui. Ver Asa beijando-a daquele jeito e vê-la respondendo do modo que ela respondeu, fez com que eu me arrependesse oficialmente de ter aceitado o trabalho. Isso acaba de se tornar ainda mais complicado.

"Ela mora com você?" pergunto. Asa me passa uma cerveja, eu a abro e levo à boca.

"Sim," ele diz. "E eu vou castrar você se olhá-la da maneira errada."

Olho para ele, mas ele não vacila. Ele fecha a porta da geladeira e senta do outro lado do bar como se a frase nunca tivesse saído de sua boca. Como ele pode machucá-la fisicamente daquele jeito e agir como se ele se importasse com ela? Isso me impressiona. Quero esmagar a porra da garrafa de cerveja contra sua cabeça, mas em vez disso, a seguro firme, mantendo a calma.

Ele abre sua cerveja e ergue a garrafa. "Ao dinheiro," ele diz batendo sua garrafa na minha.

"Ao dinheiro." E assistir os babacas terem o que eles merecem.

Dalton aparece com uma cerveja na mão e o celular na outra, interrompendo no momento perfeito. Ele olha para mim e acena, então volta sua atenção para Asa.

"Ei, cara. Jon quer saber o que fazer com a situação do álcool. Cada um traz a sua própria cerveja ou vamos fornecer hoje à noite? Porque não temos nada."

Asa bate com sua garrafa no bar, empurra sua cadeira e levanta.

"Eu falei para aquele imbecil guardá-las ontem," Asa diz, saindo da cozinha.

Dalton aponta com a cabeça em direção a porta da frente e eu o sigo. Assim que estamos sozinhos no meio do quintal, ele se vira para mim e toma um gole da cerveja, mais pelas aparências. Dalton odeia cerveja. Ele é mais o tipo de cara que curte uísque e Coca-Cola.

"Como foi? Você está dentro?" Ele pergunta.

Dou de ombros. "Acho que sim. Ele está desesperado por alguém que fale Espanhol. Disse que eu era bom, mas não fluente."

Dalton me encara. "Só isso? Sem perguntas?" Ele balança a cabeça, desacreditado. "Deus, ele é um idiota. Por que os novatos pensam que eles são intocáveis? Babaca pretensioso."

"Sim," digo, totalmente de acordo.

"Eu te avisei sobre esse trabalho, Luke. Disse que seria difícil. Vai foder com a sua cabeça ter que viver desse jeito. Tem certeza de que quer entrar?"

Aceno com a cabeça, sabendo que não há jeito de voltar atrás agora, sabendo o quão perto Dalton e os outros estão de pegar esse cara.

"Você acabou de me chamar de Luke."

Dalton bate em sua testa. "Merda!" ele grunhe. Ele chuta o chão com seu sapato e olha de volta para mim.

"Desculpe, cara. Ainda vamos nos encontrar amanhã? Dixon quer um relatório completo agora que você está dentro."

"Alguns de nós têm aula amanhã," digo, reiterando novamente que eu fiquei com a parte merda do trabalho. "Estarei livre ao meio dia, de qualquer modo."

Dalton acena e segue de volta para a casa.

"Você convidou aquela gostosa da sua aula de Espanhol para a festa?"

"Não," digo. "Não faz o estilo dela." *Sem mencionar o fato de que ela não precisa de um convite. Ela está bem no meio dessa merda.*

Ele acena, sabendo que convidar alguém para esse estilo de vida é algo que eu nunca faria. Dalton consegue lidar e absorver seu papel como ninguém. Ele teve relacionamentos duradouros mesmo quando disfarçado, e foi longe o suficiente para propor casamento, tudo pelas aparências. Uma vez que o trabalho é concluído, ele não tem problema algum em desaparecer. Uma enorme parte de mim sabe que cada pessoa que conheço enquanto sou Carter é apenas isso... uma *pessoa*. Eu não quero passar a impressão errada para ninguém desnecessariamente, então faço questão de ficar de guarda e nunca deixar as coisas irem longe demais.

Ele fecha a porta e eu fico parado no quintal, olhando para a casa que acaba de se tornar minha tarefa pelos próximos dois meses. Trabalhar disfarçado não foi o motivo pelo qual eu entrei na polícia, mas é nisso que sou bom. Infelizmente, eu tive um mal pressentimento sobre esse trabalho... e eu só estou aqui faz um dia.

Passei as próximas horas sendo escoltado por Asa para dentro e para fora dos cômodos, apertando a mão de mais pessoas do que eu fui capaz de contar. Num primeiro momento eu tentei guardar notas mentais sobre todos que eu conhecia e o modo como eles interagiam com Asa, mas na quarta cerveja eu parei de tentar. Haverá muito tempo para conhecer todo mundo, eu não preciso estar focado agora. Eu ainda sou muito novo na turma, não quero dar razão para que suspeitem.

Finalmente me afasto do grupo o suficiente para procurar um banheiro. Quando encontro um, o cara que conheço como Jon e duas garotas que não devem ter mais do que dezenove anos o estão ocupando. Fecho a porta tão rápido quanto a abro e subo as escadas esperando encontrar um que não esteja sendo usado como bordel.

Fico no banheiro por dez minutos a mais do que o necessário. Despejo minha cerveja na pia e encho a garrafa de água, tendo atingido minha quota para aquela noite. Preciso passar as próximas semanas completamente sóbrio.

Olho para mim através do espelho, esperando completar o serviço. Eu não sou dessa área, por isso não estou preocupado em ser reconhecido. O que me preocupa é o fato de eu não ser como Dalton. Eu simplesmente não consigo ligar e desligar como ele faz. As coisas que vejo aqui são as coisas que vejo quando fecho meus olhos à noite. E com base no que eu vi entre Sloan e Asa hoje, eu não vou conseguir dormir muito.

Coloco uma toalha sob a água e molho meu rosto, permitindo que eu esteja sóbrio antes de sair do banheiro. Jogo a toalha dentro do cesto de roupa. Olho para o cesto, cheio até a boca de roupa suja, e me pergunto se Sloan é a única garota que vive aqui. Presumo que ela seja a única responsável pela lavanderia. Sem mencionar o restante da casa.

Quando Asa e eu a encontramos limpando a cozinha esta tarde, ele parou na porta e a observou limpar durante vários minutos. Eu fiquei parado perto dele, surpreso por saber que era ela... mas ainda mais perplexo por ver o quão linda ela estava, balançando ao ritmo da música. A letra da icônica canção de Rick Springfield, *Jessie's Girl*, consumia minha mente

enquanto ficava parado trás de Asa, vendo-o observá-la. Eu queria ser o único a observá-la daquele jeito.

Como se ela fosse minha.

Respiro fundo e abro a porta do banheiro. Meus olhos são atraídos para a visão parada perto da porta do outro lado do corredor. Ela gira quando ouve a porta do banheiro se abrir e seu vestido justo gira com ela. Quando ela para, eu mal consigo tirar meus olhos do vestido. Ele a abraça nos lugares mais corretos, as alças segurando um top que mal estava lá e que espremia seus seios, sem deixar espaço para qualquer tipo de sutiã. Me irrita saber que estou mentalmente agradecendo Asa por pedir que ela vestisse aquele vestido.

Respire, Luke. Repire.

Eu finalmente encontro seu olhar, e o olhar em seu rosto não combina com o sexy e confiante traje que ela está vestindo. Ela esteve chorando.

"Você está bem?" pergunto, andando em sua direção. Ela olha para a escada com um olhar de medo, então se afasta de mim. Ela balança a cabeça. Ela segue em

direção aos degraus e eu a alcanço e pego sua mão, puxando-a de volta.

"Sloan, espere."

Ela vira e me encara. A garota para quem estou olhando agora não é a garota que conheci na aula hoje. Essa garota é frágil. Assustada. Triste.

Ela dá um passo em minha direção, cruzando seus braços contra o peito. Ela encara o chão entre nós, puxando seus lábios com os dentes.

"Por que você está aqui?" Ela pergunta calmamente.

Eu não sei como respondê-la. Não quero mentir, mas também não posso lhe contar a verdade. Estou certo de que seria desaprovador contar para a namorada do cara que estou tentando pegar a verdadeira razão por eu estar aqui.

"Fui convidado," respondo.

Ela levanta a cabeça.

"Você sabe o que quero dizer," ela diz. "Por que você está envolvido em tudo isso?"

"Você está namorando o *motivo* de eu estar aqui," digo, me referindo ao nosso mútuo envolvimento com Asa. "É apenas um trabalho."

Ela revira os olhos como se já tivesse ouvido essa desculpa antes. A diferença entre a minha desculpa e a de Asa é que a minha é verdadeira. Ela não tem ideia de como esse é de fato um trabalho.

"Sloan, acho que é seguro dizer que deixamos passar alguns fatos importantes em nossa tarefa de classe hoje."

Ela ri um desesperado, doloroso riso.

"Sim. Ele deveria ter pedido mais do que três. Acho que cinco funcionaria."

"Sim," eu digo. "Cinco fatos provavelmente teriam sido o suficiente para me dar uma dica de que você tem namorado."

Ela olha para mim.

"Desculpe."

"Pelo quê?"

Seus ombros caem e sua voz se torna ainda mais baixa.

"Pelo modo como agi na aula hoje," ela diz. "Por flertar com você. Eu não deveria ter dito algumas das coisas que eu disse. Juro que não sou esse tipo de garota. Eu nunca teria..."

"Sloan," eu a interrompo, levantando seu queixo. Olho para ela sabendo muito bem que preciso abaixar minha mão e ficar longe dela.

"Eu não penso isso de você. Foi inofensivamente divertido."

A palavra *inofensivamente* paira no ar como uma nuvem escura e ameaçadora. Nós dois sabemos que Asa é tudo menos inofensivo. Falar com ela na aula, ficar com ela nesse corredor... são momentos inofensivos como esse que, se ocorrerem o suficiente, serão muito mais do que apenas inofensivos. A ameaça de Asa mais cedo continua passando pela minha cabeça. Tudo o que diz respeito a essa garota está fora dos limites. Asa deixou isso claro... a minha *carreira* deixou isso claro. Por que *eu* não consigo ver claramente?

Eu começo a afastar minha mão quando uma voz atrás de nós nos faz pular.

"Você está perdendo a festa, cara."

Eu me viro e Dalton está no topo da escada, me olhando como se ele fosse me bater. Ele tem todo o direito, considerando a confusão que eu quase me meti.

"Sim." Eu respiro fundo e volto a encará-la. "Nos falamos na aula," sussurro.

Ela acena e respira, aliviada que a voz no topo da escada pertencia a Dalton e não a Asa. Ela não é a única aliviada por isso.

Ela vira e volta para o seu quarto em vez de ir lá para baixo. Agora eu entendo, com base no ambiente, porquê ela não consegue dormir.

Assim que a porta fecha atrás dela, eu estou cara a cara com Dalton. Suas narinas estão enfurecidas, um aviso de que ele está prestes a me bater. Ele me empurra contra a parede e aperta seu braço entre meu peito e garganta.

"Não ferre tudo," ele diz furioso. Ele bate sua palma contra o lado da minha cabeça. "Seja esperto."

Capítulo 5

ASA

Cruzo meus braços atrás da cabeça e encosto no travesseiro.

"Tire sua calcinha."

Ela sorri e se inclina, prendendo seus dedos na calcinha enquanto a escorrega lentamente pelo quadril. Seus seios estão lindamente apertados em um sutiã preto transparente. Acho que vou deixá-la continuar com ele.

"Venha aqui."

Ela se curva para a cama e rasteja em minha direção, seus longos cabelos louros deslizando pelas minhas pernas enquanto ela lentamente sobe pelo meu corpo. Ela se posiciona sobre mim. Essa gata sabe o que está fazendo. Isso pode ser bom e ruim. Eu gosto de garotas que sabem como foder, mas isso também me faz pensar com quantos caras elas já foderam para

serem tão boas. Eu alcanço a mesa de cabeceira, pego uma camisinha e entrego a ela.

"Coloque-a," eu ordeno. Ela mantém seus olhos presos aos meus, enquanto abre a camisinha e leva suas mãos ao meu pênis. Eu seguro seus pulsos e balanço a cabeça.

"Com a boca."

Ela sorri e começa a baixar a cabeça quando ouço os passos. Então a maçaneta da porta gira, sem sucesso. *Porra.*

"Asa, abra a porta!" Sloan grita do lado de fora.

"Porra!" Eu empurro a garota. Levanto e pego minha calça, vestindo-a enquanto a garota na cama olha para mim e para a porta. Recolho as roupas dela do chão e as jogo em direção ao closet, apontando para que ela vá se esconder.

Ela levanta e debocha da minha ordem, balançando a cabeça.

Se essa vadia acha que vai sair do quarto com Sloan do outro lado da porta, ela é louca. Eu seguro seus ombros e a empurro em direção ao closet.

"Apenas por alguns minutos," sussurro. Ela começa a se opor, então eu cubro sua boca com a minha. Qualquer coisa para fazê-la calar a boca. Desço minha mão por entre suas pernas, sentindo-a dependente de apoio quando seus joelhos começam a se dobrar. Ela geme na minha boca e eu a empurro mais para dentro do closet no momento em que Sloan bate na porta pela segunda vez.

"Dois minutos," eu sussurro. "Vou me livrar dela."

Eu a beijo de novo e fecho a porta do closet. Pego uma toalha e limpo minhas mãos, em seguida vou até a porta e a abro.

"São quatro horas da tarde, por que você está dormindo?" Sloan diz, me empurrando.

Ela segue em direção ao closet. Eu a pego pela cintura e a coloco na cama.

"Tive aula o dia inteiro. Estou cansado," digo, sabendo que a mentira irá acalmá-la.

E acalma.

Ela relaxa e se enrosca no meu peito.

"Você realmente foi para a aula hoje?"

Aceno e coloco minha mão em seu rosto, afastando uma mecha de cabelo de seus olhos e prendendo-a atrás da orelha. Eu a deito de costas e paio sobre ela. Os distintos hematomas em seus braços chamam minha atenção e me fazem lembrar que eu nunca me desculpei pelo incidente na cozinha.

"Eu fui para a aula," minto, passando meus dedos sobre seus braços, sobre as marcas que eu deixei nela.

"Estou levando isso a sério, Sloan. Tudo o que eu prometi a você. Quero fazer dar certo." Eu me inclino e beijo os hematomas.

"Eu te amo, babe", digo suavemente. "Não quis machucar você. Às vezes esqueço o quão frágil sua pele é."

Ela pressiona os lábios. Posso dizer que ela está tentando não chorar. Isso vai dar mais trabalho do que eu pensei.

"Deus, Sloan. Eu não mereço você. Juro para você que vou fazer dar certo. Vou fazer dar certo para nós dois, okay?"

Pego suas bochechas entre as palmas das minhas mãos e beijo-a profundamente. Eu sei que as garotas gostam quando os caras seguram seus rostos enquanto as beijam; como se beijar fosse a sua única intenção.

Isso é besteira. Se os caras fizessem do jeito deles, as mãos nunca se aventurariam acima dos peitos.

"Eu te amo," digo novamente, passando a mão pela sua cintura. O meu pênis incha dentro da calça, ficando ainda mais duro do que quando a vadia do closet o tinha.

Com tantas garotas que eu já estive, posso dizer honestamente que Sloan me excita mais do que qualquer uma delas. Há algo nela que eu acho muito

mais atraente do que o resto das garotas. Seus peitos não são tão grandes e ela não tem muitas curvas.

Acho que é a sua inocência. Gosto de saber que sou o primeiro e único cara que já fodeu ela. Gosto de saber que serei o único cara que irá fodê-la para *sempre*.

Eu deslizo minha mão sob sua blusa e puxo a renda do seu sutiã.

"Deixe-me admirar você," sussurro.

Pressiono minha boca na fina camada de tecido que cobre seu mamilo e os prendo entre os dentes. Ela geme e arqueia as costas, mas me empurra.

"Asa, eu acabei de sair da academia. Estou toda suada. Deixe-me tomar banho primeiro."

Eu liberto seu mamilo e tento fazê-la mudar de ideia passando a minha mão entre suas pernas, esfregando o brim da sua calça.

"Você é perfeita," digo, lambendo o doce suor da pele de seu pescoço. Ela enrijece, então eu aumento a pressão da minha mão.

"Relaxe," eu sussurro. Ela luta contra isso, mas posso senti-la derretendo contra minha mão. Eu deixo que o súbito movimento de seus quadris guie minha mão para o lugar correto. Eu a excito, mais e mais, até que ela esteja prestes a perder o controle sob os meus dedos.

Ela se entrega à minha coerção e relaxa os braços acima de sua cabeça. Eu ajoelho e desabotoo sua calça, deslizando-a por seus quadris, longe o suficiente para que eu tenha acesso. Escorrego meus dedos sob a borda de sua calcinha e deslizo dois deles dentro dela. Ela geme e agarra os lençóis, segurando-os em nós entre seu punho apertado. Deslizo lentamente os dedos para dentro e para fora dela, cubro sua boca com a minha e a beijo intensamente. Ela deixa escapar um grito que é completamente abafado pela minha boca. Deus, eu amo quando ela grita na minha boca. Sua respiração desliza pela minha garganta em ondas, com dificuldade, se misturando a minha. Tiro minha mão de sua calcinha, colocando-a no lugar.

"Você pode tomar banho agora." Beijo-a novamente e ela segura o meu rosto, em seguida me deita de costas e rola para cima de mim.

"E quanto a você?" ela pergunta, desabotoando minha calça. Eu pego sua mão e a afasto. "Eu te devo uma," digo. "Agora vá tomar banho. Nós vamos sair hoje."

Ela sorri. "Como em um encontro?"

"Não *como* em um encontro. *É* um encontro."

Ela sorri, sai de cima de mim e segue em direção à porta.

"Feche quando você sair," eu digo.

Ela para e se vira. "Por que?"

Eu pego o volume em minha calça. "Tenho que terminar o que você começou."

Ela torce o nariz e revira os olhos, mas fecha a porta ao sair. Eu pulo da cama e checo a fechadura, então me viro no momento em que qualquer-que-seja-seu-nome sai do closet enfurecida. Ela aponta o dedo para mim e praticamente cospe veneno quando fala.

"Seu babaca!"

Agarro a mão que está sendo apontada na minha cara e a giro, prendendo seu braço nas costas. Eu me aproximo de seu ouvido e pressiono minha ereção contra seu estômago.

"Ei, ei," digo, tentando acalmá-la. Corro meus dedos por suas bochechas e a beijo levemente nos lábios.

"Eu guardei a melhor parte para você." Eu a coloco na cama, bunda primeiro. Tiro minha calça e a atiro para o lado. Coloco a camisinha. A garota deita de costas, suas pernas abertas.

Vadia.

Eu ajoelho na cama e me posiciono entre suas pernas. Deslizo minhas mãos sob suas costas e a levanto por trás, segurando seus ombros em um aperto firme. aguardo silenciosamente e espero ouvir a água começar a cair do outro lado do corredor. Quando o chuveiro é ligado, eu a seguro ainda mais firme e a penetro tão forte que ela grita. Imediatamente coloco minha mão sobre sua boca e continuo invadindo-a. Não sei se ela está gritando porque está gostando, ou

porque estou fodendo com tanta força que dói. O fato de eu não poder dizer a diferença me deixa ainda mais excitado.

No entanto, não leva muito tempo. Saber que fiz Sloan gritar no mesmo lugar menos de dois minutos atrás é o suficiente para me fazer terminar sem ter que enfiar as minhas bolas em uma vadia. Fecho meus olhos e a penetro uma última vez, mantendo minha posição por vários segundos enquanto seus gemidos ainda estão sendo abafados pela minha mão. Caio sobre meus cotovelos e coloco um de seus mamilos na boca, chupando e puxando-o até a última parte de mim se libertar.

Eu relaxo contra o peito da garota e recuo. Ela geme, apertando suas coxas contra o meu quadril, querendo mais. Fazer duas garotas chegarem ao clímax sob meus dedos com apenas alguns minutos de diferença, é mais do que eu *já* consegui alcançar. Eu jogo a camisinha na lixeira e deito ao lado dela. Afasto suas coxas e enfio dois dedos dentro dela, observando-a revirar os olhos.

Pressiono minha bochecha contra a dela e deslizo meus dedos para dentro e para fora.

"Você gosta disso?" eu sussurro em seu ouvido. Ela geme e suspira um sim, então eu forço um terceiro dedo dentro dela, sentindo-a se esticar ao redor da minha mão. Ela suspira um sim mais alto desta vez.

Eu empurro o quarto dedo dentro dela, observando enquanto ela faz caretas de dor. Esfrego meu polegar em seu clitóris e movo meus dedos para cima, encontrando o lugar exato que a levará ao colapso emocional.

"Você gosta quando eu te fodo com a minha mão?" Ela se torna mais barulhenta, gemendo e grunhindo e gritando meu nome. Eu tenho que cobrir sua maldita boca de novo com a minha mão livre.

Eu me afasto e olho em seus olhos. "Você me assistiu foder minha namorada com essa mão? Isso excitou você?"

Ela arregala os olhos e não responde, então eu pergunto de novo.

"*Excitou?*" digo, pausando o movimento da minha mão, fazendo com que ela lamente. Eu sei o quão perto do clímax ela está, por isso, tiro vantagem de seu desespero.

"Diga-me que você gostou."

Ela geme, fazendo pressão contra minha mão, silenciosamente implorando para que eu continue. Eu tiro meus dedos de dentro dela e os levo à sua boca.

"Experimente-a," digo, passando meus dedos molhados no seu lábio inferior.

Ela vira o seu rosto para o lado, recusando receber meus dedos em sua boca. Meu pênis está duro de novo, então me posiciono sobre ela. A necessidade crescente entre suas pernas a deixa desesperada. Ela move o rosto em minha direção, do jeito que eu sabia que ela faria, e relutantemente abre a boca. Eu seguro seu maxilar com a outra mão, forçando sua boca a se abrir ainda mais e empurro dois dedos dentro dela.

"Chupe," eu ordeno. Ela fecha os lábios sobre os meus dedos e os chupa.

"Ela tem um gosto bom?" pergunto, me esfregando contra ela mais rápido e mais forte, levando-a ao limite comigo.

Ela geme e acena com a cabeça, agarrando o meu pulso com sua mão, alternando entre chupar cada um dos meus dedos. A sensação de sua língua deslizando pelos meus dedos quase me faz explodir sobre ela.

"Pooorra," gemo. Tiro minha mão de dentro de sua boca. "Deixe-me provar," digo. Eu a beijo, lambendo de sua língua o doce sabor de ambas.

Ela arqueia as costas e não leva muito tempo até que ela comece a se contorcer embaixo de mim. Eu me afasto de sua boca e continuo a me esfregar contra ela. Quando ela finalmente começa a chegar ao limite, eu consigo sentir o grito querendo escapar de seus lábios, então eu faço com ela o que fiz com Sloan. Cubro sua boca com a minha e deixo-a gritar enquanto ela treme sob mim. Fecho os olhos e gemo enquanto me levanto ligeiramente e pressiono meu pênis contra o estômago da garota, me libertando sobre ela.

Quando ela está finalmente calma debaixo de mim, eu saio de cima dela e lhe entrego a blusa que estava no chão.

"Vista-se," digo. "Tenho um encontro hoje à noite."

Capítulo 6

SLOAN

Vou ao banheiro antes da aula para dar uma rápida olhada no cabelo e na maquiagem. Eu nunca havia me preocupado se a minha aparência era a de alguém que tinha acabado de acordar, mas saber que Carter estaria sentado a centímetros de mim pela próxima hora, me deixou mais preocupada do que o normal.

As luzes fluorescentes são imperdoáveis. As olheiras sob meus olhos contam sua própria versão sobre ontem à noite. Olhando para o meu reflexo, tudo o que vejo é uma garota que ficou acordada até tarde, preocupada com um cara que lhe prometeu um encontro, mas nunca apareceu.

Asa saiu com seu amigo Jon enquanto eu estava no chuveiro ontem, me preparando para sair com ele pela primeira vez em cinco meses. Apesar do fato de que nenhum deles estava presente, a casa ainda estava cheia de gente. Fiquei acordada, preocupada com ele,

até não conseguir mais manter meus olhos abertos. Quando ele finalmente foi para cama e engatinhou para cima de mim, eu estava tão irritada que comecei a chorar.

Ele nem percebeu. Ou não se *importou*.

Eu chorei todo o tempo em que ele esteve em cima de mim, me f0d3ndo como se não se importasse com *quem* estava debaixo dele, desde que houvesse *alguém* debaixo dele. Quando ele terminou, ele se afastou e dormiu, sem dizer uma única palavra. Nem uma desculpa. Nem um obrigado. Nem um eu te amo. Ele apenas se virou e dormiu, inconsciente. Eu me virei e continuei chorando.

Chorei por permitir que ele fizesse isso comigo. Chorei por sentir que eu não tinha outra escolha. Chorei por ainda estar com ele, apesar da pessoa que ele se tornou. Chorei por não ter saída, não importa o quanto eu quisesse ir embora. Chorei porque apesar das coisas horríveis relacionadas a Asa, eu ainda me preocupei quando ele não veio para casa. Chorei porque percebi que não importava quem ele se tornou,

uma parte de mim ainda estava apaixonada por ele...
porque eu *não* sabia como não estar.

Dei as costas para o meu reflexo porque eu estava envergonhada de quem me tornei.

Carter já estava sentado em nossa mesa quando eu cheguei para a aula de Espanhol. Posso vê-lo me observando pelo canto do meu olho, mas me recuso a olhar para ele.

Depois de passar um tempo com ele na última aula, acho seguro dizer que desenvolvi uma queda por ele. Só de pensar que vou passar um tempo com ele três vezes por semana me deixa agitada; um sentimento estranho para mim. Mas vê-lo em minha casa, com Asa, partiu qualquer fantasia que eu pudesse ter. Eu nunca quis que nada acontecesse com Carter. Como poderia? Não existe um jeito de escapar dessa situação com Asa, e eu não sou uma traidora. Eu estava simplesmente ansiosa por me sentir atraída por alguém. Ansiosa para flertar um pouco. Ansiosa para me sentir desejada.

Sabendo agora que Carter é mais parecido com Asa do que eu poderia imaginar, eu não quero fazer parte disso. O fato de que agora ele é outro acessório constante em nossa casa, faz com que ele esteja ainda mais fora de alcance. Se Asa sequer suspeitasse que outro cara estava falando comigo, esse cara estaria morto. Gostaria de dizer que essa declaração não é literal, mas ela é. Ver o quanto ele não aparenta ter consciência, me faz acreditar cem por cento de que Asa é capaz de cometer assassinato.

Essa é razão pela qual não estou colocando Carter nesta situação. Continuo dizendo a mim mesma que Carter é apenas outro Asa em roupas diferentes. Não vale o risco. Trato essa situação com Carter exatamente como ela é: outro obstáculo para minha eventual fuga.

Olho ao redor da sala em busca de um lugar vago que não seja perto dele. Eu devo ter passado muito tempo no banheiro porque a sala já está quase cheia. Há dois assentos vazios na segunda fileira da frente, mas eles estão diretamente na frente do lugar que Carter está ocupando. Eu evito o seu olhar e caminho em direção aos assentos vazios com a cabeça baixa. Não sei se

posso fingir que não o notei, mas estou certa de que irei tentar.

Eu pego uma das carteiras e sento, tiro os meus livros da mochila e os coloco sobre a mesa na minha frente. De repente ouço uma comoção e não consigo evitar senão olhar. Carter está deixando a mesa atrás de mim com a mochila na mão. Ele sai da mesa e puxa a carteira vazia para perto de mim, em seguida se joga nela.

"O que é isso?" ele pergunta se virando na cadeira para me encarar.

"O que é *o quê*?" pergunto, abrindo o texto em que paramos na segunda-feira.

Posso senti-lo me encarando, mas ele não diz nada. Continuo fingindo que estou lendo, e ele continua a me encarar silenciosamente até eu não aguentar mais. Eu me viro para encará-lo.

"*O que*?" pergunto, irritada. "O que você quer?"

Ele ainda não diz nada. Eu fecho o meu livro e viro em sua direção. O fato de que nossos joelhos estão pressionados um contra outro não passa despercebido. Ele olha para nossas pernas e eu consigo ver o traço de um sorriso brincando no canto de sua boca.

"Bem," ele diz. "Eu meio que gostei de sentar perto de você no outro dia, então pensei em fazer isso de novo. Entendo que você não queira, então..."

Ele começa a recolher seus livros e uma enorme parte de mim quer arrancá-los de suas mãos e fazê-lo ficar aqui, exatamente onde ele está. Mas uma parte ainda maior está aliviada de que ele entendeu a dica.

Ele coloca o caderno na mochila e continua em silêncio. Se eu disser qualquer coisa, sei que será nada além de um pretexto para fazê-lo ficar onde está.

"Você está na minha carteira," diz uma voz monótona.

Carter e eu olhamos para o rapaz na nossa frente, encarando Carter com uma expressão indiferente.

"Eu estava saindo, cara," Carter diz tirando sua mochila da mesa.

"Você não deveria nunca ter sentado aí em primeiro lugar," diz o rapaz. "*Eu* sento aí."

O garoto se vira e estende seu braço, apontando diretamente para mim.

"E você não senta aí. Uma garota diferente sentou aí na segunda-feira, então você não pode sentar aí."

A expressão do rapaz é de agitação. Ele está terrivelmente perturbado de que estamos em lugares diferentes hoje. Eu me sinto mal por ele, reconhecendo o comportamento de um dos meus próprios irmãos quando o olho. Começo a dizer que estamos nos movendo – que ele pode voltar ao seu assento – mas a raiva de Carter intercepta a minha resposta. Ele levanta.

"Tire o seu dedo do rosto dela," ele diz para o garoto.

"Saia do meu lugar," o garoto responde, voltando sua atenção para Carter.

Carter ri e larga sua mochila no chão.

"Cara," ele diz. "O que é isso? Jardim de infância? Vá encontrar o seu próprio lugar."

O rapaz abaixa o braço e olha para Carter em choque. Ele começa a responder, mas fecha a boca e caminha em direção à fileira de trás, derrotado.

"Mas aquele era o meu lugar," ele murmura.

Carter tira o caderno da mochila e o coloca sobre a mesa na frente dele.

"Acho que você está presa comigo," ele diz. "De jeito nenhum eu mudo de lugar agora."

Eu balanço a cabeça e me inclino em sua direção.

"Carter," sussurro. "Dê um tempo a ele. Acho que ele tem Síndrome de Asperger, ele não pode evitar."

Carter move a cabeça em minha direção.

"Não brinca! Você está falando sério?"

Eu aceno.

"O meu irmão tinha Asperger. Eu conheço os sinais."

Ele passa as mãos pelo rosto.

"Merda," ele resmunga. Ele rapidamente se levanta, alcançando minha mão. Eu levanto com ele.

"Pegue as suas coisas," ele diz apontando para a mochila e o caderno. Ele se vira e joga as suas coisas na mesa atrás dele, em seguida pega a minha mochila e faz o mesmo. Ele olha para o garoto e aponta para os assentos que estávamos ocupando.

"Desculpe, cara. Não percebi que eram suas carteiras. Nós vamos sair."

O rapaz rapidamente volta para a fileira em que estávamos e senta antes que Carter mude de ideia. Percebo que a maioria da classe está provavelmente assistindo a comoção entre nós três; ainda assim eu não consigo evitar um sorriso. Eu amo que ele tenha feito isso.

Nós dois voltamos para os lugares que ocupamos na segunda e colocamos nossas coisas sobre a mesa.

De novo.

"Obrigada por ter feito isso," eu digo para ele.

Ele não responde. Ele me dá um meio sorriso e olha para o seu telefone até a aula começar.

As coisas estão um pouco estranhas quando a aula começa. Não querer sentar com Carter fez com que ele me questionasse. Posso afirmar isso porque está claramente escrito na minha frente, em tinta preta, quando olho para o papel que ele me passou.

Por que você não quis sentar perto de mim?

Eu sorrio com a simplicidade de sua pergunta. Pego minha caneta e escrevo uma resposta.

Cara. O que é isso? Jardim de infância?

Ele lê minha resposta e juro tê-lo visto franzir o cenho. Estava tentando ser divertida, mas ele perdeu o senso de humor, aparentemente. Ele escreve algo, algo longo, e desliza o papel de volta para mim.

Estou falando sério, Sloan. Eu cruzei algum tipo de linha na outra noite? Sinto muito se sim. Sei que você está com Asa e respeito isso. Eu honestamente te acho divertida e quero me sentar perto de você. Espanhol me entendia e sentar

perto de você faz com que o impulso de querer arrancar os meus próprios olhos seja um pouco menos iminente.

Eu olho para o seu bilhete mais tempo do que levei para lê-lo. Ele tem uma caligrafia incrível para um homem, e um jeito ainda mais incrível de fazer meu coração bater mais forte.

Ele acha que sou divertida.

É um elogio simples, mas que me afetou mais do que eu desejava. Não tenho ideia do que dizer em resposta, então pressiono minha caneta no papel e nem mesmo penso ao escrever.

As pessoas de Wyoming não existem de verdade, e eu nunca consigo encontrar o traje certo para vestir quando vou fazer compras para os pinguins.

Eu deslizo o papel de volta para ele, e quando ele ri, eu levo minha mão à boca, cobrindo meu sorriso. Cada segundo que eu passo com ele faz com que eu queira passar *mais* dois segundos com ele.

Ele desliza o papel de volta para mim.

Os mosquitos sussurram declarações no meu barril de macacos que levou muito tempo para trazer a pizza que eu pedi.

Eu rio e aperto meu estômago. Ver a palavra *pizza* me lembra do quão faminta eu estou. Estava muito aborrecida para jantar ontem à noite, então faz mais de vinte e quatro horas que eu comi alguma coisa.

Pizza parece bom.

Descanso minha caneta, mas não deslizo o bilhete de volta para ele. Não estou certa do porquê escrevi algo que eu estava realmente pensando desta vez.

"Parece," ele diz alto.

Olho para ele, e ele está olhando para mim com um sorriso que chega a doer. Ele é tudo o que eu quero, tudo o que eu não preciso, e isso literalmente, *fisicamente* dói.

"Depois da aula," ele sussurra. "Vou te levar para comer pizza."

Isso sai da sua boca tão rápido, parece que ele sabe que não deveria estar dizendo isso, muito menos *fazendo* isso.

Mas eu concordo.

Droga, eu concordo.

Capítulo 7

CARTER

Depois da aula, ela caminha ao meu lado enquanto seguimos em direção ao estacionamento. Posso dizer, pelo jeito como ela segura a mochila e pelo modo como ela continua olhando para trás, que ela está prestes a desistir. Quando ela pausa se virando em minha direção, eu não lhe dou chance de falar.

"É hora do almoço, Sloan. Você precisa comer. Estou levando você para comer pizza. Pare de fazer isso parecer mais do que realmente é, okay?"

Seus olhos se arregalam em choque por eu saber exatamente o que ela estava pensando. Ela aperta os lábios e acena com a cabeça.

"É almoço," ela dá de ombros, casualmente tentando convencer a si mesma de que está tudo bem.

"*Eu* almoço. *Você* almoça. Qual é o problema de almoçarmos ao mesmo tempo? No mesmo restaurante?"

"Exatamente," eu digo.

Há sorrisos em nossos rostos, mas o medo em nossos olhos é evidente.

Estamos passando da linha e sabemos disso.

Quando chegamos ao meu carro, eu naturalmente começo a andar em direção à ela para abrir a porta, mas mudo de ideia e vou direto para o lado do motorista. Quanto menos eu tratá-la como minha namorada, menos isso *parecerá* um encontro. Não quero deixá-la ainda mais nervosa do que ela já está com o nosso "almoço casual". A verdade é que estou

nervoso o suficiente por nós dois. Eu não sei o que penso que estou fazendo, mas sempre que estou perto dela, tudo o que consigo pensar é no quanto eu quero estar perto dela.

Fechamos as portas e eu ligo o carro, em seguida saio do estacionamento. Deixar a faculdade com ela sozinha no meu carro parece mais um jogo de roleta russa. Minha pulsação está acelerada e minha boca fica seca, sabendo que estar com ela é uma potencial carreira suicida. Sem mencionar o que aconteceria se Asa descobrisse.

Tiro ele da minha cabeça e olho para ela, decidindo que se esse for o meu último dia na terra, então focarei nela e aproveitarei ao máximo.

"Tenho uma confissão a fazer," ela diz, parecendo constrangida.

"O que é?"

Ela coloca o sinto de segurança e descansa a mão no colo.

"Eu não tenho dinheiro."

Eu quero rir de sua confissão, mas para ser honesto, fico triste por ela.

"É por minha conta," digo, porque já seria de qualquer modo. "Mas se eu não tivesse te levando para almoçar hoje, como você comeria?"

Ela dá de ombros.

"Eu geralmente não almoço. Almoço custa dinheiro, e dinheiro é algo que eu não tenho em abundância no momento. Estou economizando para algo mais importante."

Ela olha pela janela, um claro sinal de que não tem intenção de elaborar o motivo pelo qual ela está economizando dinheiro. Eu não insisto nisso. Mas *insisto*, sim, por uma resposta sobre o porquê dela não ter dinheiro para comer.

"Por que você simplesmente não pede dinheiro ao Asa? Ele tem. Aposto que te daria se soubesse que você não está almoçando."

Ela balança a cabeça.

"Eu não quero seu dinheiro sujo," ela diz irritada.

"Prefiro morrer de fome."

Eu não respondo. Não quero lembrá-la do fato de que ela acredita que estou trabalhando para Asa, por isso, vou pagar pelo nosso almoço com o mesmo dinheiro sujo. Então, mudo de assunto.

"Fale-me sobre seu irmão," digo, enquanto dirijo em direção à rodovia.

"Meu irmão?" ela pergunta. "Qual deles?"

"O que tem Asperger. Não sei muito sobre isso. Tive um vizinho, uma criança, em Sacramento que tinha isso. Não sabia que fosse algo que pudesse ser superado, mas você disse que seu irmão teve... tipo, no passado."

Ela olha para baixo e entrelaça seus dedos.

"Não é algo que você possa superar," ela diz calmamente.

Mas ela se referiu a isso no passado. Ou... acho que ela se referiu a *ele* no passado. Eu sou um babaca insensível. Por que eu trouxe esse assunto à tona?

"Sinto muito," digo. Eu alcanço e seguro sua mão, apertando-a. "Sinto muito, de verdade," repito.

Ela leva sua mão de volta ao colo e pigarreia.

"Tudo bem," ela diz, forçando um sorriso. "Foi há muito tempo. Infelizmente, Asperger não era a única coisa com que ele tinha que lidar."

E com essa observação, nós chegamos ao restaurante. Eu estaciono e desligo o carro. Nenhum de nós nos movemos. Acho que ela está esperando que eu saia do carro, mas sinto que arruinei seu bom humor.

"Eu oficialmente acabei com toda a diversão," digo.

"Tem algum remédio?"

Ela sorri, contente.

"Nós podemos levar o jogo da escrita para outro nível," ela diz. "Tentar iluminar um pouco o nosso humor. Em vez de escrevermos coisas aleatórias sem pensar, nós podemos passar o almoço *falandocoisas* aleatórias sem pensar."

Eu concordo e faço um gesto em direção ao restaurante.

"Depois de você," digo. "A presa da morsa escureceu minha visão como pudim de chocolate."

Ela ri e abre a porta.

"Um tigre de uma perna só, ofendido, é melhor para você do que vegetais."

Capítulo 8

ASA

"Jon!"

Estou segurando meu telefone tão forte que não me surpreenderia se ele se despedaçasse na minha mão. Eu inspiro pelo nariz e expiro pela boca, mantendo a calma, tentando lhe dar o benefício da dúvida antes que eu perca o controle completamente.

"Jon!"

Finalmente ouço seus passos na escada. A minha porta abre e ele entra no quarto.

"Que p0rra é essa? Estava no banheiro."

Olho para a notificação do GPS no meu telefone. "O que tem na 1262 Ricker Road?"

Ele olha para o teto, tamborilando seus dedos contra o batente da porta.

"Ricker Road," ele repete para si mesmo. "Acho que a maioria é restaurante."

Ele olha para o telefone e digita o endereço. "Por que? Tínhamos entrega?"

Balanço minha cabeça. "Não. Sloan está na Ricker Road."

Jon inclina a cabeça.

"Seu carro quebrou? Ela precisa de carona para algum lugar?"

Reviro meus olhos.

"Ela não precisa de carona nenhuma, seu babaca. Ela está na Ricker Road quando deveria estar no campus. Quero saber que droga ela está fazendo lá e com quem ela está."

Compreensão finalmente invade seu rosto.

"Ai, merda! Você quer ir checar?" Ele digita novamente no telefone. "Parece italiano. Algo chamado 'Mi Amore'."

Jogo meu telefone no colchão e levanto, andando de um lado para o outro do quarto.

"Não," eu digo. "É a trinta minutos daqui. Quarenta e cinco minutos com tráfego. Ela terá ido embora antes de chegarmos lá." Respiro fundo e aperto o nariz entre os dedos, tentando manter a calma.

Se ela estiver f0dendo com outro eu vou descobrir. E se eu descobrir, ela está morta. O miserável que ela está f0dendo não terá tanta sorte.

"Eu vou descobrir," digo para Jon. "Hoje à noite."

Capítulo 09

SLOAN

Carter segura a porta para mim. É a primeira vez em meses que entro em um restaurante. Havia esquecido como eles cheiram bem.

Pensamentos com Asa descobrindo que estou aqui continuam passando pela minha cabeça, apesar de dar o meu melhor para focar no fato de que estou apenas almoçando. Tão inocente quanto posso fingir que seja, se Asa descobrisse...

Não quero nem pensar no que Asa faria.

A recepcionista sorri para nós, pegando dois cardápios.

"Mesa para dois?"

"Sim, por favor," Carter diz. "Banana é tipo água fervente em Reno," ele acrescenta, inexpressivo.

Eu caio na gargalhada. A recepcionista nos lança um olhar confuso e balança a cabeça. "Sigam-me."

Carter segura minha mão, me guiando em frente. Ele não pega minha mão simplesmente para me levar até o meu assento; ele entrelaça seus dedos com os meus e sorri para mim, fazendo meu coração bater como um bumbo.

Ah Deus, isso é errado, errado, errado.

Quando alcançamos nossa mesa ele afasta sua mão da minha e senta, isso literalmente faz meu coração doer, ter que soltar sua mão. Entramos rapidamente na cabine e descansamos nossos cotovelos na mesa entre nós. Eu olho para baixo, para suas mãos... a que ele usou para segurar a minha. Não há nada particularmente especial com sua mão. É estranho como o mais leve toque daquela mão cause tanta perturbação dentro de mim. É apenas uma mão. *O que há de tão especial com sua mão?*

"O que?" ele diz. Sua voz me arranca do transe e eu olho para ele. Sua cabeça está inclinada para o lado e seus olhos estão focados nos meus. Muito focados. Como se ele estivesse tentando ler minha mente.

"O que?" eu pergunto de volta, fingindo ignorância.

Ele se inclina para trás e cruza os braços contra o peito.

"Estava apenas me perguntando no que você estava pensando. Você estava olhando para minha mão como se quisesse cortá-la."

Eu não percebi que minha expressão era tão óbvia. Sinto o calor aumentar em minhas bochechas, mas recuso me sentir constrangida. Eu me inclino em meu assento e me movo em direção a parede, assim eu não fico sentada diretamente na frente dele. Levanto os meus pés, os coloco sobre o assento próximo a ele e cruzo meus tornozelos, ficando confortável.

"Estava apenas pensando," respondo.

Ele levanta os pés e os coloca sobre o assento próximo ao meu, cruzando seus tornozelos também. Não sou capaz de dizer se ele estava apenas ficando confortável, ou se estava me imitando.

"Eu sei que você estava pensando. Quero saber o *que* você estava pensando."

"Você é sempre tão intrometido?"

Ele sorri.

"Quando diz respeito à segurança dos meus membros... sim."

"Bem, se isso faz você se sentir melhor, eu não estava pensando em cortar suas mãos."

Ele mantém seus olhos presos aos meus, sua cabeça descansando casualmente contra a cabine.

"Conte-me," ele diz novamente.

"Você é insistente," digo, pegando o cardápio. Eu o apoio na mesa à minha frente, bloqueando sua visão. É difícil dizer não para seus olhos profundos, então escolho não olhar para ele de forma alguma.

Seus dedos deslizam sobre o topo do cardápio e ele o abaixa, me olhando, ainda esperando por uma resposta. Eu solto o cardápio e suspiro.

"Pensamentos internos são internos por um motivo, Carter."

Ele estreita seus olhos e se inclina para frente.

"Eu não deveria ter segurado sua mão? Isso irritou você?"

O som sensualmente calmo de sua voz faz cócegas dentro do meu estômago como uma pena, mas eu tento e convenço a mim mesma de que estou apenas com fome.

Eu afasto meu olhar e pego o cardápio novamente. Não quero ver sua reação. Leio as seleções do cardápio por algum tempo, muito consciente do silêncio entre nós. O fato de que ele não estar falando nada me deixa louca. Posso senti-lo me encarando; silenciosamente me desafiando a olhar para ele.

"Posso pedir uma pizza?" pergunto, quebrando o silêncio e mudando de assunto.

"Peça o que você quiser," ele diz, finalmente pegando seu próprio cardápio.

"Pepperoni e cebolas." Solto meu cardápio. "E água está ótimo. Vou ao banheiro."

Eu me movo para sair, mas seus pés ainda estão apoiados na cabine, bloqueando a minha saída. Sou forçada a olhar para ele, mas ele ainda está olhando para o cardápio. Ele lentamente afasta um pé da cabine, depois o outro; um pequeno sorriso brincando em seus lábios o tempo todo. Saio da cabine e caminho em direção ao banheiro, fechando a porta atrás de mim. Pressiono minhas costas contra a porta e fecho os olhos, liberando um profundo e reprimido suspiro.

Maldito seja ele.

Maldito seja ele por sentar comigo na aula.

Maldito seja ele por aparecer na minha casa.

Maldito seja ele por estar envolvido com Asa.

Maldito seja ele por me trazer aqui.

Maldito seja ele por segurar a minha mão.

Maldito seja ele por ser tão legal.

Maldito seja ele por ser tudo o que eu gostaria que Asa fosse, e tudo o que eu gostaria de ter.

Lavo minhas mãos nada menos do que dez vezes, mas ainda posso senti-lo. Ainda posso sentir seus dedos se entrelaçando aos meus... a pele áspera de sua palma pressionada contra minha mão... o modo como ele me puxou atrás dele, me guiando pelo restaurante... o formigamento que não cessava em minha palma, não importa quantas vezes eu a esfregasse.

Coloco mais sabão em minhas mãos e as lavo pela décima primeira vez, então acalmo os nervos para finalmente sair do banheiro e sentar de volta na cabine.

"Achei que você fosse querer cafeína," Carter diz, apontando para o refrigerante na minha frente. Ele achou certo.

Maldito seja.

Deslizo a bebida para perto de mim e levo o canudo aos lábios.

"Obrigada."

Ele apoia seus pés no meu lado da cabine, me bloqueando de novo.

"De nada," ele diz, lançando-me um sorriso sedutor e até um pouco convencido. Me pego encarando seus lábios por mais tempo, e seu sorriso aumenta.

"Não sorria para mim desse jeito," digo asperamente, irritada que ele esteja tornando isso mais difícil para nós dois com esses súbitos flertes. Forço minhas costas contra a cabine e jogo meus pés no assento próximo a ele.

O sorriso desaparece de seu rosto e ele olha para os meus braços. Raiva retorna aos seus olhos quando ele nota os fracos hematomas espalhados em mim como se eu tivesse sido marcada.

É assim que eles me fazem sentir de qualquer maneira.

Corro as mãos sobre meus braços e os cubro, me sentindo exposta de repente.

"Você não quer que eu sorria para você?" ele pergunta, uma expressão confusa irradiando de seu rosto.

"Não," digo bruscamente. "Não quero. Não quero que você sorria para mim como se gostasse de mim. Não quero que você sente perto de mim na aula. Não quero que você segure a minha mão. Não quero que você flerte comigo. Não quero nem que você compre almoço para mim, mas estou com muita fome para me importar com isso no momento." Levo minha bebida à boca para me calar.

Ele olha para o seu copo e desliza a mão sobre ele, enxugando a condensação. Ele inspira lentamente olhando para o copo o tempo inteiro, em seguida expira longa e profundamente.

"Então você quer que eu seja mau com você?" ele olha para mim com uma expressão fria, que não reconheço nele. "Você quer que eu te trate como merda? Do jeito que Asa trata você?" Ele se inclina para trás, cruzando os braços contra seu peito largo. "Engraçado. Não achava que você fosse um capacho."

Devolvo seu olhar tórrido com um pouco mais de fúria.

"Engraçado. Não achava que você fosse um traficante."

Sustentamos o olhar um do outro, nos recusando a ser o primeiro a desistir.

"Acho que isso funciona para mim," ele diz com um sorriso presunçoso. "Traficante? Correto. Babaca? Correto. O que mais, Sloan? O que mais eu preciso fazer para você me f0der? Você quer que eu te bata um pouco? Isso parece funcionar maravilhosamente com Asa."

Suas palavras cruéis são como um soco no estômago.

"F0da-se," digo com os dentes cerrados.

"Não, obrigado. Aparentemente eu tenho que bater em você primeiro e isso não faz o meu estilo."

Mordo o meu lábio e prendo a respiração, lutando contra as lágrimas. Eu passei o último um ano e meio aprendendo como não chorar na frente de babacas. Eu aprendi.

"Leve-me de volta para o meu carro," digo.

Ele fecha os olhos e esfrega as mãos sobre o rosto. Ele resmunga de frustração, em seguida aperta as mãos atrás do pescoço.

"Vou te levar depois que você comer alguma coisa."

Eu me movo pela cabine até minha coxa encontrar seus pés.

"Não estou com fome. Deixe-me sair."

Ele não se move, então levanto e pulo por cima dele. Sigo em direção à porta. Nunca quis tanto ficar longe de alguém tão rápido em toda minha vida.

"Sloan," ele me chama. "Sloan!"

Eu abro a porta e saio – uma rajada de vento colidindo com meu rosto enquanto busco por ar. Curvo-me e coloco as mãos nos joelhos, inspirando pelo nariz e expirando pela boca várias vezes. Quando a ameaça de lágrimas passa, eu me endireito e caminho em direção ao seu carro. O alarme apita duas vezes e suas portas se destrancam. Eu me viro, mas ele não está me seguindo – ele ainda está dentro do restaurante.

Maldito seja. Ele simplesmente destrancou o carro para mim.

Bato a porta o mais forte que consigo. Espero que ele saia do restaurante, mas ele não sai. Vários momentos passam, e percebo que ele não tem a intenção de me seguir. Ele vai realmente comer primeiro. Ele é mais idiota do que eu pensava.

Pego um boné de beisebol do painel e coloco na cabeça, puxando-o sobre meus olhos para bloquear o sol. Se tenho que esperá-lo almoçar antes dele me levar de volta ao carro de Asa, então é melhor tirar um cochilo.

Capítulo 10

CARTER

"Podemos levar para viagem?" pergunto, entregando nossas bebidas à garçonete. "E a pizza?"

"Vou providenciar," ela diz. Ela se afasta e eu me inclino para frente, colocando a cabeça entre as mãos.

Não tenho ideia do que deu em mim. Eu nunca deixei uma garota me afetar assim. Muito menos uma garota que eu nunca namorei.

Mas maldita seja! Ela é tão frustrante. Não entendo como ela pode ser tão cabeça dura e confiante quando está perto de mim e em casa agir como o capacho de Asa.

Então, do nada, ela discute comigo por ser *legal* com ela? Que diabos! Percebo que algumas mulheres são atraídas por homens como Asa. Estive nessa carreira tempo suficiente para saber disso. Mas Sloan é diferente. Ela é mais esperta do que isso. Por isso é

tão doloroso ter que sentar e assistir, porque não sei o que a mantém lá. Ainda que não seja da minha conta, eu não posso ficar sozinho com ela dessa maneira e não aproveitar a oportunidade para convencê-la de que ela é melhor do que isso. No entanto, estou certo de que chamá-la de capacho e falar as merdas que falei, não é como irei convencê-la disso.

Eu sou um idiota!

"O seu pedido está no balcão," a garçonete diz me entregando a conta.

Eu a pago e deixo o restaurante com a comida de Sloan.

Quando me aproximo do carro, pauso antes de abrir a porta. Ela está sentada no banco do carona, com os pés apoiados no painel. Ela está com meu boné de beisebol sobre seus olhos. Seu cabelo escuro espalhado sobre seu ombro direito, derramado sobre seus braços cruzados contra o peito.

Vê-la em seu vestido vermelho na outra noite bagunçou tanto a minha cabeça que eu não dormi a

noite toda. Mas vê-la aqui... adormecida no meu carro... vestindo o meu boné de beisebol?

Acho que nunca mais serei capaz de dormir de novo.

Abro a porta e ela tira os pés do painel, sem remover o boné dos olhos. Ela move o corpo em direção à porta do carona; um movimento que me faz encolher.

Eu a magoei. Ela já está tão ferida e eu a machuquei ainda mais.

"Aqui," digo, segurando o copo de viagem. Ela levanta a aba do boné e olha para mim. Estou surpreso em ver que seus olhos não estão vermelhos. Presumi que o boné estivesse cobrindo o fato de que ela estava chorando, mas ela não derramou nem uma única lágrima.

Ela pega a bebida da minha mão, então eu seguro a caixa de pizza. Ela a pega, e eu deslizo para dentro do carro. Ela imediatamente abre a tampa e pega um pedaço de pizza, colocando-o dentro de sua boca. Ela vira a caixa, de modo que a pizza está me encarando, e a levanta para me oferecer um pedaço. Eu pego um e começo a sorrir para ela, mas lembro que ela

ordenou que eu não fizesse isso. Então como um pedaço da pizza e ligo o carro.

Não falamos no caminho de volta para o campus. Ela está terminando o terceiro pedaço de pizza quando paro em uma vaga próxima ao seu carro. Ela toma um grande gole de refrigerante e fecha a tampa da caixa, colocando-a no banco traseiro.

"Leve a pizza com você," digo, minhas palavras cavando um buraco no silêncio e na tensão entre nós.

Ela coloca a bebida no porta-copos e tira o meu boné, arrumando seu cabelo.

"Não posso," ela diz em voz baixa. "Ele vai se perguntar onde eu a consegui."

Ela move seu corpo na minha direção e pega sua mochila no banco traseiro. Ele se vira novamente e aperta a mochila debaixo dos braços.

"Eu agradeceria pelo almoço," ela diz, "mas ele arruinou meu dia."

Ela abre a porta do carro e sai antes que eu possa processar suas palavras. Quando ela bate a porta atrás dela, eu desligo o motor e saio do carro.

"Sloan," digo, caminhando ao redor do meu carro até alcançá-la. Ela guarda a mochila e fecha a porta traseira. Abre a porta do motorista e a utiliza como barreira entre nós.

"Não, Carter," ela diz, recusando olhar para mim. "Não se desculpe. Você deu sua opinião, mas estou muito irritada para ouvir desculpas agora. Então, não."

Ela pode dizer que não quer ouvir desculpas o quanto ela quiser, mas de jeito nenhum vou deixá-la entrar naquele carro antes de dizer o que estou pensando.

"Desculpe," digo de qualquer maneira. "Eu não deveria ter dito aquelas coisas. Você não merecia isso, mas droga, Sloan! Você é melhor do que isso. Valorize-se."

Ela se recusa a olhar para mim enquanto falo, então passo minha mão sobre seu queixo e levanto sua cabeça. Ela move os olhos para a direita, ainda se recusando teimosamente a me olhar. Eu me espremo entre o seu carro e o meu e caminho até que ela esteja

diretamente na minha frente. Pego seu rosto em minhas mãos, desesperado para que ela olhe para mim. Eu preciso que ela ouça o que tenho a dizer.

"Olhe para mim," eu imploro, segurando seu rosto com firmeza. "Desculpe. Eu estava fora de controle."

Ela mantém seus olhos presos aos meus enquanto uma solitária lágrima escorre por sua bochecha. Ela a afasta com as costas da mão antes que eu tenha a chance de fazê-lo.

"Você não tem ideia de quantas vezes eu ouvi a mesma desculpa."

Minhas mãos ainda estão em seu rosto, mas ela está encarando meu peito, evitando meus olhos. Tento levantá-lo, mas ela se recusa a ceder.

"*Não* é o mesmo, Sloan. Você não pode me comparar a ele."

Ela levanta os olhos em direção ao céu e ri, tentando segurar as lágrimas.

"Você não é melhor do que ele. A única diferença entre vocês dois é que nada que Asa já tenha dito doeu

tanto quanto o que você disse hoje." Ela afasta minhas mãos de seu rosto e entra no carro. Ela alcança o trinco da porta e olha para mim. "Você não é diferente, Carter, portanto, não *ouse* me julgar. Vá salvar outra pessoa." Ela puxa a porta e sou forçado a me afastar. Observo enquanto ela desmorona dentro do carro. Ela não olha para mim de novo, mas posso ver as lágrimas descendo por suas bochechas quando ela vai embora.

"Desculpe," digo novamente enquanto a vejo se afastar.

Capítulo 11

ASA

Depois de tudo o que fiz por ela – depois de tudo o que estou *fazendo* por ela – é melhor que ela tenha uma boa desculpa para me fazer aceitar isso.

Ela não seria nada se não fosse por mim. Eu a acolhi quando ela não tinha mais nenhum lugar para ir. Se não fosse por mim, ela teria que rastejar de volta para a prostituta drogada da mãe dela. Com base nas coisas que ela me contou sobre sua infância, ela está melhor comigo, e sabe disso. Uma mãe que traz para casa um novo marido pervertido a cada mês? Gostaria de vê-la retornar para essa merda.

Mas se ela está fodendo com outro, esse é o primeiro lugar onde a largarei. Serei o primeiro a empurrá-la de volta para a porta da prostituta drogada da mãe dela – de volta ao trailer cheio de padrastos rotativos que têm orgasmos enquanto se escondem em seu closet, observando-a trocar de roupa.

"Quer que eu tente mais alguma coisa?" Jess diz, me trazendo de volta ao momento. Ela está de joelhos na beirada da cama. "Não está ficando duro."

Levanto-me sobre os cotovelos e olho para ela.

"Se você soubesse como foder, estaria fazendo certo," digo. Fico de pé, a coloco no chão e espalmo as mãos contra a parede. Fecho os olhos e imagino que é Sloan ajoelhada na minha frente em vez dela. Com exceção de que a imagino chorando, implorando para que eu fique com ela. Suplicando para que eu a salve novamente, como tive que fazer quando ela fez algo estúpido.

O pensamento de Sloan é tudo o que preciso. Seguro Jess pelo cabelo e empurro meu pênis dentro de sua boca. Mantenho uma mão espalmada na parede e a outra enrolada em seu cabelo enquanto ela faz o trabalho.

Quem, em sã consciência, levaria Sloan a um restaurante sabendo que ela pertence a mim? A Asa Jackson? Quem quer que seja, se ele soubesse as coisas que eu poderia fazer – ele nunca teria feito isso.

"Porra," eu digo, irritado com a maneira como a camisinha fica no caminho de sua língua. Afasto sua boca e tiro a camisinha.

"Ah, Deus," resmungo quando sua língua me cumprimenta, pele com pele.

Beijo sua boca algumas vezes enquanto ela move sua mão ao redor do meu pênis. Ela é boa, mas sei que pode fazer melhor.

"Pegue ele todo," digo, afastando sua mão. Envolver minhas mãos em seu cabelo e me pressiono dentro de sua boca até sentir sua garganta. O som que ela faz todas as vezes que empurro mais, me faz explodir em questão de segundos. Aperto as costas de sua cabeça com as duas mãos enquanto ela luta para se afastar, mas a seguro firme até eu acabar. Ela está arranhando minhas coxas, lutando para se distanciar, assim ela poderá respirar. Eu finalmente solto sua cabeça, observando enquanto ela cai no chão, tossindo e arfando em busca de ar.

Visto minha calça e a abotoo.

"Agradeça ao Jon por compartilhar," digo para ela.

"Seu namorado é muito mais generoso do que eu."

Ela limpa a boca e se levanta.

"Filho da mãe," diz. Ela bate a porta ao sair.

"Vadia," eu murmuro.

Quando desço as escadas, Jon está sentado no bar com Dalton e Carter. Pego uma cerveja na geladeira e sento com eles.

"Você não me contou que ela fazia *deep throat*," digo para Jon, abrindo a cerveja. "Bastardo sortudo."

Jon olha para mim, se inclinando na cadeira.

"Não sabia que ela fazia."

Eu ri.

"Bem, não acho que ela sabia que fazia até cinco minutos atrás."

Jon suspira e balança a cabeça.

"Porra, Asa. Eu falei para pegar levar com ela."

Sorrio e tomo um gole, em seguida coloco a cerveja de volta na mesa.

"A única garota com quem eu pego leve é Sloan."

Carter leva sua cerveja aos lábios, me encarando enquanto inclina a cabeça para trás e engole. Esse cara tem um grave problema em ficar olhar fixamente as pessoas.

"Por falar em Sloan," Jon diz, chamando minha atenção de volta para ele. "Quando você vai me retornar o favor?" Ele ri e toma um gole da cerveja.

Esse babaca está rindo? Ele acha que fez piada? Puxo minha perna para trás e chuto sua cadeira o mais forte que consigo, lançando ele e sua cerveja para o piso de cerâmica. Levanto e olho para ele, minhas mãos em punhos.

"Sloan *não* é uma vadia!" eu grito.

Jon se levanta do chão e continua se inclinando para mim, como o idiota que é.

"Não é? Acho que você descobriu porquê ela estava na Ricker hoje. Ela não estava fodendo outro cara como você pensou?"

Eu me lanço em sua direção e dou um soco em sua boca suja. Ele cai no chão e eu o chuto nas costelas. Caio de joelhos e me preparo para socá-lo novamente, mas Dalton e Carter me tiram de cima dele antes que eu tenha chance. Ele se afasta de mim limpando sua boca ensanguentada. Ele olha para sua mão e de volta para mim.

"Filho da mãe," ele diz.

"Engraçado. Essa foi a mesma coisa que a sua namorada disse quando eu enfiei meu pênis na garganta dela."

Ele tropeça nos próprios pés e se lança para cima de mim. Eu me movo em direção a ele, permitindo que ele acerte o meu queixo. Carter pula entre nós dois, empurrando-o contra a geladeira, enquanto Dalton aperta meus braços.

"Vá para cima!" Carter diz para ele. "Vá olhar Jess e se acalmar."

Jon concorda e Carter o solta. Dalton não me liberta até Jon desaparecer da escada.

Levo a mão ao queixo e estalo o pescoço.

"Estarei lá atrás. Me avisem assim que Sloan chegar."

Capítulo 12

CARTER

Asa caminha em direção à porta dos fundos e eu aperto o pescoço.

"Merda!"

"Eu sei," Dalton diz, sem ter ideia do que está passando pela minha cabeça neste momento.

"Preciso fazer uma ligação," digo-lhe. "Espere aqui e garanta que eles não briguem de novo." Caminho para a porta da frente e vou direto para o meu carro. Tiro meu telefone do bolso e navego pelos números em busca do telefone de Sloan. Dalton disse que salvou em meu celular o número de todos que moravam aqui assim que fui designado para a tarefa. Procuro em meio às letras 'S', mas não vejo o nome dela. Estou prestes a largar o telefone quando o contato '*Garota do Asa*' chama minha atenção. Eu o pressiono. Pressiono várias vezes, querendo que ele disque mais rápido.

Seguro o telefone contra o ouvido e escuto chamar. No quarto toque, ela finalmente atende.

"Alô?"

"Sloan!" digo seu nome desesperadamente.

"Quem é?"

"É o Lu... Carter. É o Carter."

Ela suspira pesadamente contra o telefone.

"Não, não desligue," digo, esperando que ela fique na linha tempo suficiente para ouvir que não estou ligando para me desculpar novamente. "Ele sabe. Ele sabe que você foi à Ricker Road hoje."

Ela não diz nada por vários segundos.

"Você contou para ele?" ela pergunta, sua voz cheia de ressentimento.

"Não. Não, eu nunca... Ovi Jon dizer algo sobre descobrir com quem você estava no almoço. Ele não sabe que era eu."

Olho para trás, garantindo que não tem ninguém por perto. Dalton está em pé perto da janela, me observando.

"Mas... como ele pôde ter descoberto?" ela pergunta, medo em sua voz.

"Talvez ele rastreie seu telefone," digo. "Onde você está?"

"Acabei de sair da academia. Estou a cinco minutos de distância. Carter, o que eu faço? Ele vai me matar."

O medo em sua voz faz com que eu me arrependa de cada segundo de hoje. Eu nunca deveria tê-la colocado nessa situação.

"Escute. A caixa de pizza ainda está no meu carro. Vou mantê-lo ocupado nos fundos da casa. Quando você chegar aqui, pegue a pizza e leve até o quintal. Aja como se não tivesse nada para esconder. Diga a ele que você estava com fome e por isso foi até um restaurante almoçar e comprou uma pizza, depois nos ofereça um pedaço. Se você mencionar o fato primeiro, ficará bem."

"Okay," ela diz, respirando pesadamente. "Okay."

"Okay," digo de volta.

Vários segundos de silêncio passam e minha pulsação lentamente começa a normalizar.

"Sloan?"

"Sim?" ela sussurra.

"Não vou deixá-lo machucar você."

Ela fica quieta por um momento. Ouço seu suspiro e em seguida, ela desliga. Olho para o meu telefone, respiro fundo e sigo em direção à casa.

"Quem era?" Dalton pergunta, me olhando curiosamente enquanto atravesso a porta. "Gostosa do Espanhol?"

Aceno. "Sim. Estou indo lá para os fundos. Quer me ajudar a acalmar o Asa?"

Dalton me segue. "Parece que é *você* quem precisa se acalmar," ele diz.

Abro a porta e Asa está sentado em uma espreguiçadeira perto da piscina, tamborilando os dedos nos joelhos. Sento próximo a ele e tento parecer o mais relaxado que meus nervos permitem. Não me importo se ele descobrir que era eu que estava com ela no almoço. Não me importo se ele prosseguir com a ameaça. Tudo o que me importa é que ele não encoste o dedo em Sloan.

Dalton e eu mantemos Asa ocupado, conversando sobre um novo acordo que ele quer fazer. Um pouco depois, ouvimos Sloan estacionar na frente da casa. Posso ver que Asa fica tenso e fecha a boca no meio de uma frase. Ele começa a se levantar, presumo que para encontrá-la lá na frente. Faço o possível para distraí-lo.

"Então, essa garota, Jess?" digo.

Ele se vira para mim.

"O que tem ela?"

"Apenas curiosidade. Ela pode mesmo fazer *deep throat*?" Até mesmo fingir que estou interessado me faz sentir um babaca.

Asa sorri e abre a boca para responder quando a porta dos fundos se abre. Sloan caminha com a caixa de pizza na mão. Posso sentir a raiva exalando de Asa, enquanto suas mãos fecham em punhos.

"Ei, pessoal," ela diz, andando em nossa direção. "Algum de vocês está com fome? Tenho sobras." Ela segura a caixa de pizza e mantém um sorriso colado no rosto.

Dalton salta em seu encontro e pega a caixa de pizza.

"Claro," ele diz pegando um pedaço. Ele passa a caixa para mim, então pego uma fatia também. Passo a caixa para Asa no momento em que Sloan senta na espreguiçadeira com ele. Ela se inclina para beijá-lo, mas ele se afasta.

"Onde você conseguiu isso?" ele pergunta, fechando a tampa para ler a parte de cima. Ela dá de ombros, tomando o cuidado de não olhar para mim.

"Em algum lugar italiano. Uma das minhas aulas foi cancelada hoje e eu estava com fome, então fui almoçar."

"Sozinha?" ele pergunta, colocando a caixa no chão.

Ela sorri.

"Sim. Estou tão enjoada da comida do campus." Ela alcança a caixa e pega uma fatia. "Experimente," ela diz. "Está muito boa. Trouxe para casa, assim você poderia provar."

Asa pega o pedaço de pizza e coloca de volta na caixa. Ele se inclina e pega Sloan pela mão, puxando-a para ele.

"Venha cá," ele diz. Ele a puxa para o seu colo, segura a parte de trás de sua cabeça e a beija.

Eu olho para longe. Eu preciso olhar para longe.

Asa levanta com Sloan ainda envolvida ao seu redor. Posso ver pelo canto dos olhos quando ele ergue Sloan pela bunda, beijando seu pescoço. Ele caminha em direção à casa e eu olho para cima no momento em que ela olha para mim sobre o ombro dele. Ela me observa de olhos arregalados enquanto ele a carrega para dentro da casa; provavelmente direto para a cama dele.

Encosto em minha cadeira e solto um profundo suspiro, correndo as mãos pelo cabelo. Como eu espero apenas ficar sentado, sabendo o que está acontecendo naquela casa?

"Queria que a gente pudesse acabar com ele hoje," digo para Dalton.

"Não gosto do jeito que ela olha para você," Dalton diz com a boca cheia de pizza. Olho para ele, que ainda está encarando a porta dos fundos. "Ela é problema."

Levanto a caixa de pizza e pego outra fatia.

"Ciúmes?" Sorrio, tentando parecer indiferente ao seu comentário. "Você sempre pode ter a Jess. Ouvi dizer que Jon é muito mais generoso do que Asa."

Dalton ri e balança a cabeça. "Essas pessoas são desequilibradas."

Nem todas elas.

"Acho que nós podemos usá-la," Dalton acrescenta. Olho para ele e posso ver suas engrenagens trabalhando.

"Usá-la como?"

"Ela está totalmente na sua," ele diz se endireitando na cadeira. "Você tem que usar isso a seu favor.

Aproxime-se dela. Ela provavelmente conhece mais sobre o trabalho de Asa do que seremos capazes de descobrir algum dia."

Merda. A última coisa que eu quero é envolvê-la.

"Não acho que seja uma boa ideia."

Dalton levanta e diz, "Bobagem. É perfeito. Essa garota é a conclusão que estamos esperando para este caso." Ele começa a discar um número em seu telefone, caminhando em direção à porta.

Usar mulheres para chegar perto da conclusão de um caso é nada para ele. Ele fez isso em quase todos os trabalhos em que esteve envolvido.

Simplesmente não é algo que eu queira fazer.

Mas essa escolha não cabe a mim...

Capítulo 13

SLOAN

"Seu coração está batendo tão rápido," Asa diz, me colocando sobre o colchão.

É claro que está. Esses foram provavelmente os cinco minutos mais assustadores da minha vida, não saber se conseguiria mentir. Graças ao Carter, funcionou.

"Você me beijou o caminho inteiro até em casa," digo.
"É claro que está batendo rápido."

Asa desliza sobre mim e pressiona seus lábios contra os meus, beijando-me gentilmente. Ele passa a mão pelo meu cabelo, beijando-me no queixo e no pescoço até chegar à base da minha garganta. Ele pausa e olha dentro dos meus olhos.

"Você me ama, Sloan?" ele diz, sua pergunta surgindo do nada.

Engulo em seco e aceno com a cabeça.

Ele se apoia sobre a palma de suas mãos. "Então diga."

Eu forço um sorriso enquanto olho para ele.

"Eu amo você, Asa."

Ele me encara por um momento, como se tivesse um detector de mentiras e estivesse aguardando para ver se eu passei. Ele lentamente se inclina sobre mim e enterra sua cabeça em meu pescoço.

"Eu também amo você," ele diz. Ele rola para o seu lado da cama e me puxa para ele. Ele me segura, esfregando sua mão em círculos suaves contra minhas costas. Não lembro a última vez que ele me tocou nesta cama sem ser em um momento diretamente relacionado a sexo. Ele beija a lateral da minha cabeça e suspira.

"Não me deixe, Sloan," ele diz com firmeza. "Não me deixe nunca."

A ferocidade e desespero em seus olhos me deixam paralisada. Balanço a cabeça.

"Não deixarei, Asa."

Seus olhos examinam cada centímetro do meu rosto. Deitada aqui, envolvida em seus braços, vendo-o me observar com tanta intensidade – eu não sei se deveria me sentir amada ou aterrorizada. É um pouco dos dois.

Ele pressiona sua boca contra a minha e me beija vigorosamente. Ele empurra sua língua em minha garganta, como se tivesse tentando se apossar de cada centímetro meu de dentro para fora. Não há nada de carinhoso nisso, e quando afasta sua boca da minha, ele está arfando em busca de ar. Ele se ajoelha e tira a camisa.

"Diga que me ama, Sloan. Que nunca vai me deixar."

"Eu te amo. Nunca vou deixar você," sussurro, orando para que esse último seja, em breve, uma mentira.

Ele traz sua boca de volta à minha e corre suas mãos sobre o meu estômago até alcançar minha calça. Ele me beija com tanta intensidade que é difícil respirar. Ele tenta tirar minha calça, mas parece não conseguir se afastar da minha boca o suficiente para fazê-lo. Eu levanto meus quadris e removo minhas roupas, exatamente como a vadia que me tornei para ele.

Porque, não é essa a definição de vadia? Alguém que compromete sua dignidade por ganho pessoal?

Mesmo quando meu ganho pessoal é algo altruísta, não tem nada a ver comigo e tudo a ver com meu irmão, isso não muda o fato de que estou fazendo sexo com ele em troca de algo. Que... por definição... faz de mim uma vadia.

Sua vadia.

E pelo olhar possessivo em seus olhos, isso é tudo o que ele me permitirá ser.

Capítulo 14

CARTER

Existem poucas coisas piores do que o meu *timing*. Assim que abro a porta dos fundos e caminho para dentro da casa, meus ouvidos são invadidos pelos sons finais dos ruídos de Asa vindos do andar de cima. Paro na cozinha sem ter certeza do porquê eu ainda estou escutando o que ele está fazendo com ela. Pensar nisso faz meu estômago revirar, especialmente depois de saber o que ele fez com Jess há duas horas.

Quando ouço passos e a porta do banheiro se fechando, saio do meu transe e caminho para a geladeira. Há um quadro magnético cheio de números de telefone preso à ela. Pego um dos pilotos, pressiono contra o quadro e escrevo. Passos descem a escada. Coloco o marcador no lugar e me viro a tempo de ver Asa.

"Ei," ele diz. Ele está descalço; a única coisa que está vestindo é a calça jeans azul desabotoada. Seu cabelo

está uma bagunça e ele tem um sorriso presunçoso no rosto.

"E aí?" Encosto-me contra o balcão e o observo enquanto ele vai até o armário e pega um pacote de batata chips. Ele o abre e se inclina contra o balcão do outro lado.

"Como foi ontem à noite?" ele pergunta. "Não tive oportunidade de perguntar."

"Foi bem," digo. "Mas fiquei curioso. E se pudéssemos nos encontrar diretamente com o fornecedor? Não há mais necessidade de um intermediário, já que a única razão pela qual você o encontrava era pela tradução."

Asa coloca outra batata na boca e lambe os dedos.

"Por que você acha que te coloquei nessa?" Ele solta o pacote de batatas e vai até a pia, colocando as mãos debaixo da água. "Minhas mãos estão com gosto de boceta," ele diz, esfregando-as com sabão.

Esse é um dos poucos momentos da minha carreira que me fazem desejar ter escolhido algo menos

inapropriado. Algo menos esgotante. Eu deveria ter sido um professor de poesia.

"Há quanto tempo você namora essa garota?" pergunto. O motivo pelo qual estou aqui é bisbilhotar, mas as únicas perguntas que pareço querer respostas são relacionadas à Sloan.

Ele seca as mãos em uma toalha e pega o pacote de batatas, então puxa uma cadeira do bar. Fico onde estou.

"Há algum tempo. Dois anos talvez?" Ele leva uma mão cheia de batatas à boca e limpa a palma na perna do jeans.

"Não parece que ela aprova o que você faz," digo, jogando verde. "Você acha que ela te deixaria?"

"Não," ele responde rapidamente. "Eu sou tudo o que ela tem. Ela não tem escolha a não ser aceitar."

Eu concordo e aperto a beirada do balcão atrás de mim. Não confio em uma palavra que sai da boca dele, por isso tenho esperanças de que o fato de que ele é tudo o que ela tem seja mais uma de suas mentiras.

"Só para ter certeza," digo. "É difícil para mim confiar nas pessoas, se é que você me entende."

Asa estreita os olhos e se inclina para frente. "Nunca confie em *ninguém*, Carter. *Especialmente* as vadias."

"Pensei que você tinha dito que Sloan não era uma vadia," desafio.

Ele mantém seus olhos presos aos meus – imóvel e irritado. Por um momento me preocupo que ele possa fazer comigo o que fez com Jon mais cedo. Mas em vez disso, ele leva a mão ao queixo e estala o pescoço, em seguida se encosta na cadeira de novo. A faísca de raiva em seus olhos se dissipa com o som dos passos de Sloan descendo as escadas. Ela entra na cozinha e pausa quando nos vê.

Asa afasta seu olhar de mim e olha para Sloan. Ele ri e se levanta, aninhando ela contra ele.

"As pessoas têm que ganhar minha confiança," ele diz, olhando para mim sobre o ombro dela. "Sloan ganhou a dela."

Ela coloca as mãos contra o seu peito e o empurra, mas ele não a solta. Ele volta a se sentar e a puxa contra ele fazendo com que ela fique de pé entre suas pernas e de costas para seu peito, me encarando. Ele envolve seus braços ao redor do estômago dela e descansa o queixo em seu ombro, olhando para mim novamente.

"Eu gosto de você, Carter," ele diz. "Você é todo o meu negócio."

Forço um meio-sorriso e seguro a bancada com toda a minha força, enquanto tento não olhar nos olhos dela. Não consigo lidar com o medo que vejo em seus olhos todas as vezes que ele está com as mãos nela.

"Por falar em negócios," digo, "estarei de volta em algumas horas. Preciso fazer algumas coisas." Sigo em direção à porta da frente, passando por Sloan e Asa no caminho. Quando o faço, ela olha para mim com gratidão.

Asa se inclina e beija seu pescoço, em seguida leva a mão aos seus seios. Ela fecha os olhos e torce o nariz, então vira de costas para mim.

Continuo andando, me sentindo completamente inútil. Tenho que lembrar a mim mesmo que estou aqui por uma razão, uma única razão, que não é ela.

Envio uma mensagem para Dalton antes de deixar a entrada de carros, e digo-lhe que vou à delegacia fazer alguns relatórios. Em vez disso, apenas dirijo, sem ter ideia de onde ir. Ligo o rádio e tento me livrar de pensamentos assassinos que tenho com relação a Asa, mas todos os outros pensamentos são sobre Sloan... e cada pensamento que tenho sobre Sloan me faz pensar em Asa.

Percebo que tenho um dever. Meu dever é concluir a tarefa que estou sendo pago para fazer... que é desmanchar o maior esquema de tráfico de drogas na história das universidades. Esse problema na universidade local triplicou nos últimos três anos. Segundo rumores, Asa é o principal responsável por isso. Asa e todo o seu círculo de pessoas é o motivo pelo qual Dalton e eu estamos aqui – identificar os principais envolvidos. Dalton e eu somos apenas uma pequena parte dessa operação; mas são as pequenas

partes que fazem a diferença, e cada um de nossos papéis são vitais.

Asa está arruinando inúmeras vidas, e a vida de Sloan é apenas uma delas. Eu posso focar no motivo pelo qual estou aqui, e ajudar a desmascarar todos os envolvidos nessa operação que acabará salvando vidas... Ou, eu posso salvar uma garota de seu namorado abusivo.

Ter que separar o que eu tenho que fazer do que eu *quero* fazer faz essa situação parecer a teoria do General Patton; como algumas vezes é necessário sacrificar a vida das minorias pelo bem da maioria.

Parece que estou sacrificando a vida de Sloan pelo bem das outras vidas que Asa está arruinando. E esse pensamento me mata.

Me pego considerando sobre abandonar essa profissão pela terceira vez nesta semana.

Após uma hora dirigindo sem rumo, decido voltar para a casa de Asa. Dalton fica por lá na maior parte do

tempo, mas durante uma conversa que eles tiveram há alguns meses, ele disse para Asa que eu moro no campus. Por isso, eu realmente tive que arranjar um apartamento na universidade para o caso de Asa me procurar. Eu fico na casa dele com mais frequência porque é lá onde eu conseguirei a maioria das informações. Bem... ficar perto de sua "equipe" e... possivelmente de Sloan.

Eu sei que Dalton está certo. Sei que preciso usar Sloan pelo bem da investigação, mas isso significa que ela teria que continuar na situação em que está. Eu preferiria dar-lhe dinheiro às escondidas e forçá-la a ir para o lugar mais longe de Asa possível.

Quando me aproximo da rua de Asa, noto que Sloan está sentada no banquinho do parque que fica a duas quadras de sua casa. Ela está sentada sozinha com livros espalhados à sua frente, sobre uma mesa de piquenique. Eu desacelero o carro e estaciono na lateral da rua. Verifico a área para me assegurar de que ela está sozinha.

Fico sentado no meu carro, observando-a por algum tempo, pensando no que devo fazer. Se eu fosse mais

esperto, continuaria dirigindo e voltaria minha atenção para onde ela deveria estar. Se eu fosse mais esperto, eu não estaria fechando a porta do meu carro, me preparando para atravessar a rua.

Se eu fosse esperto...

Capítulo 15

SLOAN

Eu nunca vi Asa estudar um dia sequer em sua vida. Eu estudo todos os dias, independentemente de quão loucas as coisas estão ao meu redor. Como agora, tendo que sair da casa e andar até o parque para encontrar paz e silêncio.

Como ele ainda consegue ter um GPA de 3.5? Eu não me surpreenderia se ele estivesse subornando seus professores.

"Ei."

Eu aperto as chaves nas mãos, acompanhadas de um spray de pimenta, e lentamente me viro. Carter está caminhando atrás de mim, suas mãos dentro dos bolsos do jeans. Seu cabelo negro está despenteado, caindo sobre sua testa e voando sobre seus olhos.

Ele pausa a alguns centímetros de mim, esperando que eu lhe dê permissão para se aproximar. Ele não está sorrindo para mim desta vez. *Bem como deveria.*

"Ei," digo inexpressivamente. Coloco as chaves de volta na mesa. "Asa mandou você me vigiar?"

Ele caminha até a mesa de piquenique e joga as pernas sobre o banco. Está me encarando com as mãos ainda nos bolsos. Baixo os olhos para os meus livros, me recusando a olhar para ele. A suave queda que desenvolvi por ele nas aulas se transformou no que poderia ser uma séria tempestade depois de almoçar com ele. Eu preciso manter distância, mas olhar para ele me faz *não* querer manter distância alguma.

"Eu estava apenas dirigindo. Vi você aqui, pensei em ver se estava tudo bem."

"Estou bem," digo, voltando minha atenção para a tarefa de casa. Sinto que talvez eu devesse agradecer-lo pelo alerta de hoje. Se ele não tivesse ligado, seria impossível adivinhar o que teria acontecido. Mas, pensando bem, ele poderia ter me avisado apenas para salvar a própria pele.

Mas sei que não foi isso. Eu pude ouvir a preocupação em sua voz antes de eu desligar o telefone. Ele estava com medo por mim. Ele estava amedrontado por mim, assim como eu estava por ele.

"Está?" ele pergunta, cético. "Você realmente está bem?"

Olho para ele. Ele não consegue deixar as coisas como estão, não é?

Largo o lápis sobre a mesa e me viro em sua direção. Ele está sempre insistindo por mais verdades. Sempre querendo saber o que estou pensando. Se é isso o que ele quer, nós podemos muito bem terminar com isso. Respiro fundo e me preparo para responder todas as perguntas que ele já fez, e até mesmo as que ele nunca cogitou perguntar.

"Sim, eu estou bem. Não estou ótima. Não estou péssima. Estou apenas *bem*. Estou bem porque tenho um teto e um namorado que me ama, apesar dele não fazer boas escolhas. Se eu quero que ele seja uma pessoa melhor? Sim. Se eu tivesse dinheiro eu o deixaria? Sim. Com certeza. Se eu gostaria que não houvesse tanta coisa acontecendo na minha casa para

que assim eu finalmente encontrasse um lugar tranquilo para fazer a lição de casa, ou Deus me livre, poder dormir um pouco? Claro que sim. Se eu desejo me formar o mais rápido possível para me livrar de toda essa bagunça? Sim. Estou envergonhada pelo modo com Asa me trata? Sim. Queria que você não fizesse parte disso? Sim. Gostaria que você fosse o cara que pensei que fosse na primeira vez que nos encontramos na aula? Sim. Queria que você pudesse me salvar?"

Solto um curto e derrotado suspiro, e olho para minhas mãos. "Queria tanto, Carter," sussurro. "Queria tanto que você me salvasse de toda essa merda, tanto. Mas você não pode. Eu não estou nessa vida por minha causa. Se estivesse, eu já teria ido embora há muito tempo."

Como ele poderia me salvar dessa vida? Ele é *parte* dela. Se eu correr dos braços de Asa para os braços de Carter, seria exatamente o mesmo estilo de vida... apenas braços diferentes. E Carter não tem ideia de que a única razão pela qual ainda estou nessa situação não é por mim ou pelo que eu costumava sentir por Asa.

Balanço minha cabeça para a situação em que estamos e tento afastar as lágrimas. "Eu o deixei uma vez," digo para Carter. "No início, quando descobri como ele conseguia dinheiro. Eu não tinha nenhum lugar para ir, mas o deixei porque eu sabia que merecia algo melhor." Pauso, buscando pelas palavras certas. Quando olho para Carter, a primeira coisa que noto é uma preocupação genuína em seus olhos. É um sentimento estranho confiar mais em alguém que você mal conhece do que confiar na pessoa com quem você compartilha sua cama.

"Eu tinha dois irmãos mais novos. Eles nasceram quando eu tinha apenas dois anos. Gêmeos. Minha mãe era uma viciada, então ambos nasceram com complicações. Drew morreu quando tinha dez anos. O outro – Stephen – precisa de muito cuidado. Cuidados que eu não posso oferecer se quero construir uma boa vida para nós. Quando ele completou dezesseis, ele foi finalmente aprovado para um grupo de apoio onde ele seria capaz de viver e ser cuidado vinte e quatro horas por dia. E eu poderia ir para a universidade

providenciar uma vida melhor para nós. As coisas estavam ótimas até algumas semanas quando eu decidi terminar com Asa. O financiamento de Stephen foi cancelado pelo estado e eu não tinha um lugar para a gente morar – nenhum lugar para cuidar dele. Minha única outra opção era pagar o valor do meu próprio bolso, que é milhares de dólares por mês. Eu não podia gastar isso, mas a última coisa que eu queria era que ele fosse forçado a morar com minha mãe de novo. Lá não é seguro para ele. Quando percebi a situação em que tinha nos colocado, eu não sabia para onde ir. E quando Asa apareceu, implorando para eu voltar com promessas de pagar pelos cuidados de Stephen, eu não pude dizer não. Voltei para ele. Agora sou forçada a fingir que ele é suficiente para mim. Me fazer de cega para as coisas horríveis que ele faz. E em retorno, ele envia um cheque todo mês para pagar os gastos de Stephen. E é por isso que ainda estou aqui, Carter. Porque não tenho outra escolha."

Carter me encara, completamente quieto. Por um momento eu quase me arrependo por ser tão aberta com ele. Eu nunca contei isso a ninguém. Ainda que Asa não me mereça, ainda estou envergonhada de

que só estou com ele porque ele me ajuda. É constrangedor ter que admitir a verdade para alguém.

Almoçar com ele hoje parece ser algo que aconteceu há muito tempo. Tanto aconteceu entre esta manhã e este momento. Ele parece diferente agora. Não o Carter brincalhão da aula desta manhã. Não o Carter arrependido de depois do almoço.

Neste momento ele parece... não sei... ele parece uma pessoa diferente. Quase como se estivesse fingindo ser alguém que ele não é, e essa é a primeira vez que ele olha para mim com verdade nos olhos.

Ele afasta o olhar por alguns segundos, em seguida fala. "Eu respeito que o que você esteja fazendo seja pelo seu irmão, Sloan," ele diz. "Mas que bem você estará fazendo para ele se você acabar morta? Aquela casa não é segura para você. Asa não é seguro para você."

Suspiro e afasto uma lágrima solitária. "Eu faço o que sou capaz de fazer, Carter. Não posso me dar o luxo de me preocupar com os 'e se'."

Seus olhos seguem a lágrima em minha bochecha, então ele leva sua mão ao meu rosto e a afasta.

De todas as lágrimas que já derramei por Asa, ele nunca tentou afastá-las.

"Venha cá," Carter diz, pegando minha mão. Ele me puxa em sua direção, me movendo para perto de si. Olho para sua mão, segurando a minha, e tento puxá-la de volta. "Venha cá," ele sussurra serenamente, puxando-me para perto. Ele envolve seus braços ao meu redor e leva minha cabeça em direção ao seu ombro. Ele me aperta forte, embalando minha cabeça em uma de suas mãos. Ele pressiona sua bochecha quente contra o topo da minha cabeça e me abraça.

Isso é tudo o que ele faz.

Ele não dá desculpas. Ele não mente dizendo que tudo ficará bem, porque nós dois sabemos que não ficará. Ele não faz promessas que não poderá cumprir, como Asa. Ele apenas me abraça, sem nenhum outro desejo além de me trazer conforto – e essa é a primeira vez que sinto algo assim.

Eu chego mais perto e relaxo contra ele, ouvindo o som de seu coração batendo rapidamente dentro do peito. Fecho meu olhos e tento imaginar um momento nessa minha vida louca e ferrada, que eu já tenha alguma vez me sentido segura, mas não lembro de nenhum. Vivo nesse mundo há vinte anos, e essa é a primeira vez que sinto que alguém realmente se importa.

Agarro sua camisa em meus punhos e tento me mover para ainda mais perto dele, querendo me enroscar dentro dele e apreciar esse sentimento para sempre. Ele ergue sua bochecha e pressiona os lábios levemente contra minha cabeça.

Continuamos abraçados, agarrados um ao outro, como se o destino do mundo dependesse desse abraço.

A fina camada do tecido de sua camisa está encharcada com as lágrimas que correm pelas minhas bochechas. Eu nem sei porquê estou chorando. Talvez seja porque, até este momento, eu não tivesse ideia do que era ser valorizada. Como é se sentir respeitada. Até este momento, eu não tinha ideia do que era se sentir segura.

Ninguém deveria passar pela vida sem saber o que é se sentir cuidado – nem mesmo pelos próprios pais. Ainda que eu tenha vivido assim por vinte anos.

Até este momento.

Capítulo 16

CARTER

Fecho os olhos e continuo abraçando-a enquanto ela silenciosamente chora contra o meu peito. Eu a seguro até que o anoitecer e a escuridão envolva a luz em um manto de estrelas.

Abraço-a até ouvir um carro prestes a virar na rua. Levanto o olhar, mas eles seguem na direção oposta. Ela continua pressionada contra a minha camisa, mas o pensamento de Asa ou até mesmo Dalton me vendo com ela neste momento ocupa o primeiro lugar dos meus pensamentos.

Eu não deveria estar aqui consolando-a. Isso poderá causar mais problemas para ela.

Porque ela está certa. Eu não posso salvá-la. Por mais que eu queira, nós dois estamos presos. Não posso arriscar arruinar algo que é muito maior do que nós dois. Eu não posso sacrificar o que eu estou fazendo aqui para ajudá-la a fugir. Isso é algo que ela terá que

fazer por conta própria e quando for financeiramente capaz.

A cada momento que a abraço, cada vez que toco seu cabelo, toda vez que pego sua mão, toda vez que sento perto dela na aula, toda vez que a coloco em mais e mais situações inofensivas como essa - estou empurrando-a cada vez mais perto da beira de um penhasco. Se eu não descobrir como me afastar dela... acabarei assistindo sua queda.

Alivio o aperto dos meus braços e me inclino para trás, mas ela continua agarrada à minha camisa. Pego suas mãos e as afasto de mim. Ela levanta a cabeça e me olha, seus olhos tão vermelhos e inchados quanto eu desejava que seus lábios estivessem.

Pare de pensar assim, Luke.

Eu me levanto e ela agarra a minha camisa para me puxar de volta, uma confusão desenfreada em seus olhos.

"Vamos lá," eu sussurro.

Suas mãos caem sobre o colo e ela desvia olhar. Ela coloca os pés sobre o banco e abraça seus joelhos, chorando em seus braços. Afastar-me dela irá exigir toda a força que eu tenho.

"Você está certa, Sloan," digo, enquanto me distancio dela. "Eu não posso te salvar."

Viro-me e começo a caminhar de volta para o meu carro, cada passo mais difícil que o anterior. Não me viro quando abro a porta. Entro no carro e dirijo para sua casa sem olhar para trás.

Quando entro pela porta da frente, posso dizer pelo estado da sala de estar e pelo barulho que vem do quintal, que esta será uma noite longa.

Caminho pela casa em direção ao quintal. Há várias pessoas espalhadas pelo lugar. Ninguém sequer olha para cima quando eu apareço. Há quatro meninas na piscina dando um espetáculo. Duas das garotas têm as outras duas empoleiradas nos ombros, e elas estão tentando derrubar umas às outras na água. Jon e Dalton estão de pé ao lado da piscina, cervejas na mão, torcendo para quem quer que eles tenham apostado.

Asa está sentado ao lado da piscina com os pés balançando na água. Ele não está olhando para as meninas. Ele está olhando diretamente para mim – o olhar sério e desconfiado. Aceno em sua direção, agindo indiferente ao olhar em seus olhos.

Dalton me vê e diz: "Carter!" Ele corre ao redor da piscina, instável. Ele está rindo o tempo todo, derramando metade de sua cerveja. Quando me alcança, ele envolve seus braços em volta de mim e se inclina.

"Não se preocupe, eu não estou tão fodido quanto pareço," ele diz. "Você conseguiu tirar algo da Sloan?"

Inclino-me para trás e olho para ele. "Como sabia que eu estava com Sloan?"

Ele ri. "Eu não sabia. Mas bom trabalho," diz ele, apertando meu ombro. "Você trabalha rápido. Acho que ela sabe mais do que nós pensávamos."

Balanço minha cabeça. "Não acho que ela saiba de alguma coisa," digo para ele. "Focar nela será um desperdício de tempo."

Olho por cima do ombro de Dalton e Asa está nos encarando. Ele puxa os pés para fora d'água e levanta.

"Ele está vindo para cá," digo.

Dalton ergue uma sobrancelha e recua, levantando sua cerveja. Ele sorri e gira, "Cem dólares de que posso ficar debaixo d'água mais tempo do que qualquer um de vocês, seus merdas."

Jon imediatamente entra na aposta. Eles jogam suas cervejas de lado e mergulham na piscina.

Asa caminha em minha direção, mas passa direto enquanto segue para dentro da casa, sem nunca fazer contato visual comigo.

Eu não sei o que me enerva mais. O fato de que suspeito de cada movimento dele ou o fato de que ele parece desconfiar de *mim*.

Capítulo 17

SLOAN

Levo meia hora, depois que Carter vai embora, para finalmente me recompor o suficiente para recolher as minhas coisas e caminhar de volta para casa. Faz dez minutos desde que cheguei à minha obscura entrada de carros. Fico olhando para o chão, encarando o sinuoso caminho. Seria tão fácil continuar andando. Não há nada nesta casa que eu queira. Nada que eu precise. Eu poderia continuar andando até estar muito longe para voltar.

Gostaria que fosse mais fácil do que parece, mas novamente... não é apenas sobre mim. E ninguém *além* de mim será capaz de mudar isso.

Carter não pode me salvar. Asa com certeza não irá me salvar. Só preciso continuar economizando dinheiro até que eu tenha o suficiente para me sustentar e levar meu irmão comigo.

Dou um passo sobre a grama, em direção à casa, mas hesito. Este é o último lugar que quero estar agora. Quero estar de volta ao parque, de volta ao banco, de volta aos braços de Carter. Eu quero sentir isso de novo, mas fico envergonhada por admitir que quero mais do que isso também. Eu quero saber como é ser beijada por alguém que me respeita.

Ter esse pensamento me faz sentir incrivelmente culpada. Até onde eu sei, Asa é fiel a mim. Ele me sustenta. Ele cuida do meu irmão financeiramente... uma responsabilidade que nem é dele. Ele faz isso porque me ama e sabe que quero ver meu irmão feliz. Eu não posso desonrar isso. É mais do que qualquer pessoa fez por mim em toda a minha vida.

Jogo minha mochila de deveres concluídos no carro de Asa e caminho em direção à porta. Continuo andando até chegar à cozinha. Farei o que faço toda noite: pegarei algo para comer e beber no meu quarto. Ficarei lá sozinha e tentarei dormir em meio ao som de música e risadas e algumas vezes, ocasionais gritos abafados. Cairei no sono e esperarei que Asa me dê umas boas quatro horas antes de me acordar novamente.

Seleciono o tempo no micro-ondas e encho meu copo com gelo. Fecho o freezer e estou prestes a abrir a geladeira quando uma caligrafia familiar no quadro magnético chama minha atenção. Minha respiração fica presa quando leio.

Preocupações fluem de seus lábios como as palavras aleatórias que fluem da ponta de seus dedos. Eu me estico e tento pegá-las, prendê-las em meus punhos, querendo nada mais do que prender todas elas.

Eu olho para as palavras dele, escritas claramente para quem quiser ver, mas sei que são para mim. É óbvio que ele jogou esse jogo de maneira errada. Ele na verdade *pensou* sobre o que ele ia dizer antes de escrever desta vez. Trapaceiro.

Apago as palavras, mas não antes de gravá-las em minha mente. Pego o piloto e pressiono contra o quadro.

Capítulo 18

ASA

Minhas mãos estão molhadas de suor. O ar condicionado está quebrado novamente e está muito quente para sair. Passo minha mão suada ao longo do braço de couro do sofá, deixando um rastro de suor para trás.

Pergunto-me de onde vem o suor?

Pergunto-me de onde vem o couro?

Minha mãe me disse que é feito com vacas, mas eu sei que ela é mentirosa, então eu não acredito nela. Como couro poderia ser feito de vacas? Toquei uma vaca antes e elas são macias. Para mim elas não se parecem com couro. O couro parece ser feito de dinossauros, não de vacas.

Aposto que o couro é realmente feito de dinossauros. Não sei por que minha mãe está sempre mentindo para mim. Ela mente para o papai também. Eu sei que

ela mente pra ele, porque ela se mete em muitos problemas por isso.

Papai sempre me diz para não confiar em vadias. Eu não sei o que é uma vadia, mas sei que é algo que meu pai odeia.

Algumas vezes, quando ele fica irritado com a minha mãe, ele a chama de vadia. Talvez vadia seja outra palavra para mentirosa e é por isso que ele as odeia tanto.

Gostaria que minha mãe não fosse uma vadia. Gostaria que ela parasse de mentir, assim ela não se meteria em tantos problemas. Eu não gosto de vê-la em apuros.

No entanto, papai diz que é bom para mim. Ele diz que se eu quero crescer e ser um homem, eu preciso ver como fica uma mulher quando ela chora. Papai diz que as lágrimas de uma mulher tornam os homens fracos, e quanto mais lágrimas eu vir quando jovem, menos eu acreditarei em suas mentiras quando eu for mais velho. Às vezes, quando ele castiga minha mãe por ser uma vadia, ele me faz vê-la chorar, assim,

crescerei sabendo que todas as vadias choram e que eu não devo me incomodar.

*"Não confie em ninguém, Asa," ele sempre me diz.
"Especialmente as vadias".*

Seguro a correia de couro amarrada em volta do meu braço e a aperto mais, então dou um tapa na minha pele. Agora eu percebo que o couro não é feito de dinossauros.

Pelo menos, minha mãe não estava mentindo sobre *isso*.

Não lembro muito bem da briga no quarto deles naquela noite. Gritar tornou-se uma ocorrência diária, por isso não era novidade para mim. O que havia de tão diferente naquela noite era o silêncio. A casa nunca tinha estado tão quieta. Lembro de estar deitado na cama, ouvindo-me respirar, porque esse era o único ruído em toda a casa. Eu odiava o silêncio. Eu *odeio* o silêncio.

Por alguns dias, ninguém descobriu o que ele fez com ela. Eles encontraram seu corpo envolto em um lençol ensanguentado, escondido sob a casa e metade encoberto de terra. Eu sei disso, porque saí escondido de casa e os vi puxando-a para fora.

Depois que os policiais prenderam meu pai, fui enviado para a casa da minha tia, onde morei até fugir aos quatorze anos.

Sei que ele está na prisão em algum lugar, mas eu nunca o procurei. Eu não tenho visto ou ouvido falar dele desde aquela noite.

Eu acho que você também não deve confiar em *homens* que se casam com vadias.

Pressiono a ponta da agulha no meu braço e faço um pouco de pressão. Assim que ela penetra em minha pele, eu prolongo o processo ao máximo. Para mim, a inserção inicial e a picada são as melhores partes.

Eu empurro o meu polegar, sentindo a queimação se mover do ponto de inserção, para o meu pulso, até o meu ombro.

Removo a agulha e solto-a no chão, em seguida, desato a correia de couro, deixando-a cair também. Dobro meu braço até o peito e o seguro com a outra mão, enquanto inclino a cabeça contra a parede. Fecho os olhos e sorrio para mim mesmo, aliviado por não ter acabado com uma vadia como minha mãe.

Pensar que Sloan estava com outro cara hoje, deixou claro porquê meu pai odiava vadias. Eu não acho que o entendia completamente até este momento - quando senti por Sloan o ódio que ele sentia por minha mãe.

Estou tão aliviado por Sloan não ser uma vadia.

Deixo meu braço cair frouxo sobre o colchão.

Porra, isso é tão bom.

Ouço os passos de Sloan subirem a escada.

Ela vai ficar irritada por eu estar fazendo isso em nosso quarto. Ela acha que eu só vendo essa merda - que eu realmente não experimento.

Depois do que ela me fez passar hoje, é melhor que ela não diga nenhuma maldita palavra sobre isso quando entrar neste quarto.

Porra... tão bom.

Capítulo 19

CARTER

Faz dez minutos que ela retornou para casa. Eu vi as luzes se acenderem na cozinha.

Estou sentando perto da piscina com Jon, Dalton e um cara chamado Kevin. Eles estão entretidos em um torneio de poker ao vivo, assistindo no laptop que Kevin colocou sobre a mesa. Eles aparentemente se interessam por isso.

Estou ciente de que Dalton está tomando notas mentalmente, seguindo as conversas como em uma partida de ping-pong. Deixo que ele o faça. Minha mente está muito exausta para funcionar, e eu não consigo parar de me perguntar para onde Asa foi e o que Sloan está fazendo agora.

O meu olhar está fixo na casa. Eu observo as janelas enquanto ela se move pela cozinha, preparando algo para comer. Quando parece que ela desapareceu para as escadas, uso a oportunidade para respirar. Eu

preciso me recompor – manter o foco novamente na conversa perto de mim. Só preciso de alguns momentos sozinho para conseguir fazer isso. Algumas pessoas se recarregam com a energia das pessoas a sua volta.

Eu não sou uma dessas pessoas.

Eu li uma vez que a diferença entre o extrovertido e o introvertido não é o modo como você age em meio aos grupos. É se esses grupos dão gás ou sugam você. Um introvertido pode parecer aos outros um extrovertido por fora, e vice-versa. Mas isso tudo acontece pela maneira como essas interações influenciam você internamente.

Eu sou definitivamente um introvertido, porque as pessoas me sugam. E agora eu preciso de silêncio para recarregar.

"Quer uma cerveja?" pergunto a Dalton. Ele balança a cabeça, então levanto e vou em direção à cozinha. Eu nem mesmo quero uma cerveja. Eu só quero silêncio. É inacreditável como Sloan vive com isso diariamente e ainda funciona.

Passo pela porta dos fundos e a primeira coisa que noto quando chego à cozinha é a nova frase escrita no quadro magnético. Eu me aproximo e leio.

Ele afrouxa os punhos e solta as preocupações dela, incapaz de capturá-las. Mas ela as pega de volta e as ignora. Ela quer ser capaz de segurá-las agora.

Eu leio várias e várias vezes, até a porta do quarto bater e me retirar do transe. Dou um passo para longe da geladeira no momento em que Sloan entra na cozinha. Ela para de repente quando me vê. Ela leva as mãos rapidamente ao rosto e enxuga as lágrimas. Vejo quando ela olha para as palavras na geladeira e de volta para mim.

Nós ficamos em silêncio, a apenas dois passos de distância, encarando um ao outro. Seus olhos estão arregalados, e eu observo enquanto seu peito sobe e desce pesadamente com cada respiração.

Três segundos.

Cinco segundos.

Dez segundos.

Perco as contas de quanto tempo passa enquanto apenas nos olhamos, nenhum de nós sabendo o que fazer com a corda invisível entre nós, nos puxando juntos com uma força tão maior do que a nossa força de vontade.

Ela funga e descansa as mãos nos quadris, olhando para o chão.

"Eu o odeio, Carter," ela sussurra.

Posso dizer, pelo ressentimento em sua voz, que algo aconteceu quando ela foi para o andar de cima. Olho para o teto, em direção ao quarto deles, e me pergunto o que pode ter acontecido. Quando olho de volta para ela, ela está me encarando.

"Ele está desmaiado," ela diz. "Está usando de novo."

Eu não deveria estar aliviado por ele estar inconsciente, mas estou. "De novo?"

Ela dá alguns passos em minha direção e descansa as costas contra o balcão, cruzando os braços. Ela enxuga outra lágrima. "Ele fica..."

Ela inspira, e percebo que é difícil para ela falar sobre isso. Eu me aproximo dela.

"Ele fica paranoico," ela diz. "Ele começa a pensar que está prestes a ser preso e a pressão é demais para ele. Ele acha que eu não percebo essas coisas, mas percebo. E então ele começa a usar e quando isso acontece, as coisas... as coisas ficam ruins para todos nós."

Estou em guerra comigo neste momento. Parte de mim quer confortá-la – parte de mim quer insistir, egoistamente, por mais informação. "Todos nós?"

Ela acena com a cabeça. "Eu. Jon. Os caras que trabalham para ele." Ela move a cabeça em minha direção. "*Você.*"

Ela diz essa última palavra com uma dose de amargura. Seus dentes pressionam seu lábio inferior e ela olha em outra direção. Eu continuo encarando-a. Suas mãos estão se contorcendo nas mangas de sua camisa, enquanto ela abraça a si mesma, mais e mais apertado.

Ela não está chorando mais. Ela está irritada agora, e não sei se ela está irritada comigo ou com Asa.

Olho novamente para as palavras no quadro.

Ele afrouxa os punhos e solta as preocupações dela, incapaz de capturá-las. Mas ela as pega de volta e as ignora. Ela quer ser capaz de segurá-las agora.

Rer essas palavras e observá-la neste momento me faz entender. Todo esse tempo eu estive preocupado com ela. Preocupado que ela tivesse passado por lavagem cerebral, sem ter ideia do tipo de pessoa que Asa é.

"Eu estava errado sobre você," digo para ela.

Ela olha para mim, desta vez com os lábios pressionados um ao outro, suas sobrancelhas se erguendo de curiosidade.

"Eu pensei que você precisasse de proteção," esclareço. "Pensei que talvez você fosse ingênua no que diz respeito a Asa. Mas você não é. Você o conhece melhor do que qualquer outra pessoa. Pensei

que ele estava usando você... mas é você que está usando *e/e*."

Seu maxilar enrijece com essas palavras, e ela cerra os dentes. "Eu estou *usando* ele?"

Aceno com a cabeça.

A curiosidade dela se transforma em raiva, e ela estreita os olhos. "Eu também estava errada sobre você," ela diz. "Pensei que você fosse diferente. Mas você é um babaca como todos eles."

Ela tenta se afastar, mas eu seguro seu cotovelo e a puxo. Ela arqueja quando a giro e seguro seu antebraço. "Eu não terminei," digo.

Seus olhos estão cheios de choque agora. Eu relaxo o aperto em seus braços, esfregando meus polegares para cima e para baixo com a esperança de amenizar sua raiva.

"Você o ama?" pergunto para ela.

Ela inspira lentamente, mas não responde.

"Não," eu digo, respondendo por ela. "Você não o ama. Você provavelmente costumava amá-lo, mas a única coisa de que o amor depende para sobreviver é do respeito. E você não recebe isso dele."

Ela continua quieta enquanto espera eu expor o meu ponto de vista.

"Você não o ama. Você ainda está aqui – não porque você é muito fraca para ir embora – mas porque você é muito *forte* para ir embora. Você lida com essa merda porque sabe que não é sobre você. Não é sobre a sua própria segurança. Você faz isso por causa do seu irmão. Tudo o que você faz é por outras pessoas. Não são todas as pessoas que têm esse tipo de força e coragem, Sloan. É inspirador."

Seus lábios se separam e ela inspira. Com base em sua reação, ela não está acostumada com elogios. E isso é triste.

"Sinto muito pelas coisas que eu disse no restaurante," digo para ela. "Você não é fraca. Você não é o *capacho* de Asa. Você é..."

Uma lágrima escorre de seus olhos, deixando uma trilha em sua bochecha. Levanto minha mão e a pressiono contra seu rosto, deixando a lágrima cair sobre o meu polegar. Eu não a afasto. Pelo contrário, eu quero colocá-la em uma garrafa e guardá-la. Esta é provavelmente a primeira lágrima que ela derrama como resultado de um elogio, e não de um insulto.

"O que eu sou?" ela pergunta, sua voz suave e esperançosa. Ela está olhando para mim, aguardando – *precisando* que eu termine a frase.

Meus olhos caem sobre sua boca e meu peito se contrai com o pensamento de como seus lábios ficariam deslizando sobre os meus. Engulo em seco, finalmente dizendo as palavras que sei que ela quer ouvir.

"Você é uma das pessoas mais fortes que eu já conheci," sussurro. "Você é tudo que Asa não merece. E..." Eu me aproximo mais, e ela levanta a cabeça enquanto eu me inclino em sua direção e sussurro, "E tudo o que eu quero."

Ela suspira suavemente e nós estamos tão perto que consigo sentir sua respiração em meus lábios – tão

perto que já posso prová-la. Corro minha mão por seu cabelo e a puxo em minha direção, mas no segundo em que nossos lábios quase se encontram, a porta da cozinha começa a abrir. Nos separamos, encarando direções opostas. Abro a geladeira assim que Jon entra na cozinha. Distancio o meu olhar dele, mas não antes de ver o olhar de compreensão que ele me lança. A suspeita.

Merda.

Ouçõ Sloan abrir um armário atrás de mim. Alcanço a parte de dentro da geladeira. "Quer uma cerveja?" pergunto a Jon, estendendo-a para ele.

Ele dá dois passos deliberadamente lentos em minha direção, me olhando com firmeza, e pega a cerveja da minha mão. Ele olha para Sloan atrás de mim, enquanto abre a latinha. "O que eu interrompi?"

Espero para ver se Sloan quer responder, mas ela não quer. Há um longo silêncio. Pego outra cerveja na geladeira e fecho a porta, olhando na direção de Sloan. Ela está de costas para a gente, enchendo um copo com água.

Eu poderia agir como se Jon tivesse exagerando. Eu poderia fingir inocência. Mas Jon é esperto. Eu sei como as coisas pareceram quando ele entrou aqui – nós dois nos virando em direções opostas, nos separando, parecendo culpados.

Jon não me conhece. Até onde ele sabe, sou como ele. Fazê-lo pensar que não estou preocupado com as repercussões, faria com que eu provavelmente ganhasse mais o seu respeito. Fazê-lo acreditar que considero Sloan apenas outra "vadia" (como diria Asa) seria melhor aos seus olhos do que pensar que ela era diferente.

Olho para Jon e sorrio, dando um passo em sua direção. "Você não vai querer saber." Pisco ao passar por ele, permitindo que ele pense o que quiser.

Sigo confiante para o lado de fora, e assim que a porta fecha atrás de mim, pressiono minha mão contra a parede e solto uma enorme lufada de ar.

Consigo sentir os tremores em cada parte de mim – o sangue subindo à cabeça enquanto meus pulmões detém todo ar que Sloan tirou de mim naquela cozinha. Ou melhor, tirou de Luke. Porque aquele era

eu, puxando-a para mim, querendo colocar minha boca contra a dela. Aquilo não teve nada a ver com o motivo de eu estar aqui.

E eu recebi exatamente o que merecia por deixar isso acontecer. Jon sabe que ele interrompeu algo, agora eu tenho que descobrir como consertar isso antes que Asa descubra.

A merda se tornou realidade.

Capítulo 20

SLOAN

Minhas mãos tremem enquanto tomo um gole de água. Eu sei que Jon ainda está na cozinha, de pé em algum lugar atrás de mim, mas eu não quero me virar. Ele me enoja quase tanto quanto Asa, e saber que ele pensa que viu alguma coisa entre Carter e eu, o coloca um passo à frente. Sei como ele funciona. Não sou idiota.

Abaixo o copo e olho atrás de mim. Jon está de pé contra a geladeira, olhando para as palavras que escrevi. Ele levanta a mão e traça o dedo indicador em torno das palavras no quadro, em seguida corre o dedo sobre elas, apagando-as. "Que porra isso quer dizer?" diz ele, olhando de volta para mim.

Eu o encaro de frente, cruzando os braços sobre o peito. Odeio como seus olhos passeiam pelo meu corpo. Odeio como ele olha para mim - como se eu fosse a única coisa que ele não pode ter. Só que agora

que pensa que Carter quase me teve, eu de alguma forma pareço mais atingível para ele.

Meu coração parece deslizar pela minha garganta. Posso sentir minha pulsação batendo em meu pescoço enquanto Jon dá alguns passos em minha direção.

"Onde está Asa?" ele pergunta, seus olhos vagando sobre meus seios em vez do meu rosto.

"Em nosso quarto," eu digo, esperando que ele saiba que Asa está em casa. Eu não menciono que ele desmaiou e provavelmente não irá acordar por várias horas.

É engraçado como as coisas funcionam, às vezes. Temo Asa mais do que ninguém, mas Asa é também a minha única proteção contra as pessoas nesta casa.

Jon olha para o teto. "Ele está dormindo?"

Eu balanço a cabeça. "Não," digo. "Vim aqui embaixo fazer algo para ele beber."

Posso ver em seus olhos que ele sabe que estou mentindo. Ele sabe que estou apenas tentando me

proteger. Ele dá mais um passo à frente até me alcançar.

Algo muda em sua expressão. Vejo o olhar sinistro em seus olhos - o ódio - e eu abro a boca para gritar. Quero gritar para Carter voltar para dentro. Quero gritar para Asa descer. Mas eu não posso, porque a mão dele aperta minha garganta, sufocando a minha voz.

"Você quer saber o que me deixa de saco cheio?" ele pergunta, me encarando enquanto aumenta seu aperto. Meus olhos estão arregalados, mas sou incapaz de acenar ou balançar a cabeça.

Minhas mãos estão agarradas à sua, ao redor da minha garganta, enquanto tento empurrá-lo para longe de mim.

"Estou farto de Asa ter tudo o que ele quer," ele diz. "E não me deixar merda nenhuma."

Fecho meus olhos bem apertado. Alguém vai chegar em breve. Carter, Dalton - alguém vai parar isso.

Assim que o pensamento passa pela minha cabeça, a porta dos fundos abre e sou inundada de alívio. Eu abro os olhos e Jon se vira, sua mão ainda apertando minha garganta.

Meus olhos arregalados encontram os olhos de Kevin. Ele para na porta, olhando para nós. Eu mal o conheço porque ele não fica muito aqui, mas eu não me importo. Ele está aqui e Jon acabou de ser pego. Ele vai ser forçado a me soltar.

"Dê o fora daqui," Jon rosna para Kevin.

Kevin avalia a cena. Jon pressionado contra mim, uma das mãos segurando meu quadril, a outra ao redor da minha garganta, o medo em minha expressão. Eu tento sacudir a cabeça silenciosamente para implorar que Kevin não se afaste, mas ele interpreta mal a situação, porque ele ri. Ou... talvez ele não interprete mal. Talvez ele não se importe. Talvez ele esteja tão farto quanto Jon. Kevin levanta as mãos e diz: "Foi mal, cara," e volta para fora.

Que porra é essa?

Jon me gira e me empurra em direção à sala de estar, para fora da cozinha. Tento gritar, mas não sai nada. Sua mão ainda está presa ao redor da minha garganta.

A sala está escura e vazia e eu tento lutar para me livrar de seu aperto, mas estou ficando mais fraca a cada segundo com cada gota de ar que ele se recusa a me deixar inspirar. Posso sentir o pânico se instalando, mas eu o empurro de volta. Não posso perder o controle sobre mim mesma neste momento.

Ele me empurra para o sofá e assim que ele afrouxa o aperto contra minha garganta, eu sugo e sugo lufadas de ar, tusso e engasgo até que eu tenha bastante ar em meus pulmões para gritar. Mas antes que eu seja capaz de fazer isso, algo frio é colocado contra a minha garganta. Algo afiado.

Oh Deus.

Fecho meus olhos assim que a outra mão de Jon começa a separar meus joelhos. Eu nunca me senti tão aterrorizada como me sinto agora. Já passei por situações perigosas antes - geralmente nas mãos de

Asa. Mas eu nunca temi por minha vida nas mãos dele.

Jon é diferente. Jon me machucaria só para punir Asa.

Sua mão corre até minha coxa e para entre as minhas pernas. Posso senti-las tremerem com o medo que toma conta de todo o meu corpo.

"Asa acha que as garotas dos outros são jogos justos, mas ele é o único que ganha um pedaço disso?" Ele abaixa a boca para o meu ouvido. "Ele me deve alguns favores, Sloan. E eu preciso que você pague um deles agora."

"Jon," eu sufoco. "Por favor, pare. Por favor."

Ele leva sua boca à minha. "Diga por favor outra vez," ele sussurra.

"Por favor," eu imploro mais uma vez.

"Eu gosto quando você implora." Sua boca colide contra a minha e imediatamente o gosto da bile sobe pela minha garganta. Não há nada gentil em sua boca, quando sua língua força caminho pelos meus lábios.

Quanto mais eu tento lutar para me libertar, mais forte ele pressiona a lâmina contra a minha garganta.

Através de todo o medo e todo o esforço, eu de alguma maneira ainda sou capaz de ouvir o silencioso clique de uma arma.

Jon congela em cima de mim e quando abro meus olhos, vejo a ponta de metal de um revólver pressionada contra sua têmpora.

"Fique longe dela," diz Carter.

Oh Deus. Obrigada, Carter. Obrigada, obrigada, obrigada.

A mão de Jon sai lentamente da minha garganta. Ele a pressiona contra o encosto do sofá. "Você vai se arrepender disso," ele diz para Carter.

Olho para Carter, e vejo algo em seus olhos que nunca vi antes, enquanto ele encara Jon.

"Você está errado," ele diz, com a voz firme. "A única coisa que vou me arrepender é de não ter atirado em você três segundos atrás."

Jon engole e lentamente começa a se afastar de mim. Em momento nenhum Carter afasta a arma da cabeça dele, e Jon muda para uma posição sentada. Carter move a arma para a testa de Jon e o encara.

"Peça desculpa a ela."

Jon não perde tempo. "Desculpa," ele diz, com a voz trêmula.

Eu movo minhas pernas para longe dele e tropeço para fora do sofá. Afasto-me dele para trás de Carter. Levo minha mão ao pescoço e o esfrego, tentando massagear a dor do aperto de Jon.

Carter dá um passo para longe de Jon, mas mantém a arma apontada para ele.

"Acho que nós dois temos segredos que gostaríamos de manter longe dos ouvidos de Asa. Você não me viu na cozinha com Sloan e eu não vi você usar de força para cima dela. Concorde?" Carter diz para ele.

Eu não sei como me sinto quanto a isso – ser a moeda de troca deles. Mas eu sei que se Jon contar para Asa suas suspeitas do que ele viu entre mim e Carter na

cozinha - Asa irá machucar Carter. E isso é a última coisa que eu quero.

Jon assente. "Eu nunca vi coisa alguma."

Carter diz: "Bom. Nós estamos na mesma página, então." Ele volta a pressionar a ponta da arma na testa de Jon, empurrando sua cabeça contra o encosto do sofá. "Mas se você tocar Sloan novamente, eu nem sequer vou me preocupar de ter que informar ao Asa, porque eu mesmo vou te matar." Carter usa toda a sua força para dar uma coronhada na lateral da cabeça de Jon. Jon não tem chance de reagir. Ele cai contra o braço do sofá - todo o seu corpo mole. Fora de órbita pela pancada na cabeça.

Estou olhando fixamente para Jon, em estado de choque, quando sinto as mãos de Carter no meu rosto. Olho para ele e ele está me analisando, verificando se há lesões. "Você está bem?" ele pergunta.

Eu concordo. Assim que eu começo a balançar a cabeça, as lágrimas caem. Carter me puxa para ele e todo o meu corpo começa a tremer com os soluços.

Ele passa a mão atrás da minha cabeça e pressiona seus lábios contra o meu ouvido. "Sloan, eu odeio te pedir isso, porque o último lugar que eu quero que você esteja é com Asa. Mas você está mais segura lá em cima. Vá para o seu quarto e não saia pelo o resto da noite, ok?"

Aceno com a cabeça, porque sei que ele está certo. Asa é o próprio diabo às vezes, mas pelo menos ele nunca permitiria que alguém nesta casa me machucasse. Além disso, ele está inconsciente. Assim como Jon.

Carter me leva até a base das escadas. "Você está com seu celular?"

"Sim."

"Ligue-me se precisar de mim esta noite. Caso contrário, verei você de manhã," ele diz, passando uma mão tranquilizadora sobre a minha bochecha.

Esqueci completamente de amanhã. Eu tenho faculdade amanhã. Aula com Carter. O pensamento de estar com ele no campus - longe de toda essa merda -

é a única coisa que tenho para conseguir seguir em frente agora.

"Ok," eu digo, minha voz ainda tremendo, resultado da última meia hora.

Ele se inclina e beija minha testa, em seguida, me solta. Jon começa a se agitar no sofá, então Carter acena em direção as escadas, querendo que eu saia da sala antes que ele acorde. Eu me viro para subir as escadas, em choque sobre como a vida é diferente dentro desta casa se compararmos como é fora dela.

Normalmente, quando alguém é atacado, é relatado à polícia. Mas dentro desta casa, é tratado internamente. É usado como um instrumento de barganha. E em vez de ir à polícia, voltarei para um cara que é dez vezes mais perigoso do que a pessoa que quase me estuprou.

Mas esta casa não segue as mesmas regras do mundo exterior. Esta casa é uma prisão com seu próprio conjunto de regras.

E Asa é o carcereiro. Sempre foi.

Eu só acho que Asa não percebe que agora que Carter está aqui, ele poderia facilmente ser derrubado.

Espero que ele *nunca* perceba isso. Porque isso não seria bom para nenhum de nós.

Capítulo 21

ASA

Minha boca está tremendamente seca. Parece que estive chupando uma maldita toalha a noite toda.

Eu me viro para alcançar uma das garrafas d'água que Sloan sempre deixa perto da nossa cama. Eu não consigo abrir meus olhos porque toda a minha cabeça parece que está prestes a explodir, então vou tateando pela mesa até encontrar uma. Minhas mãos estão tremendo. Já quero outro tapa. Desta vez eu serei esperto com isso. Não o farei quando estiver tão acabado pelo uísque, porque senão, eu acabo desmaiando e perdendo todo o barato, como fiz ontem à noite.

Trago a garrafa de água até a minha boca e tomo todo o conteúdo em dois goles gigantes. Jogo a garrafa vazia no meio do quarto e caio de volta no meu travesseiro.

Eu ainda estou com sede.

Estico meus braços e acidentalmente bato no ombro de Sloan. Olho para ela, mas minha cabeça está muito grogue para conseguir focar. Ela se mexe um pouco, mas não acorda. Eu olho para o despertador e fecho os olhos rapidamente. São quatro e meia da madrugada. Ela ainda tem duas horas até que precise levantar e se arrumar para a faculdade.

Eu me dou um minuto para me ajustar a escuridão até que eu consiga vê-la bem. Então me viro e a observo enquanto ela dorme.

Ela está dormindo de costas agora. Nunca de lado, nunca de bruços. Quando eu era criança, meu pai sempre dormia de costas, mesmo quando ele estava apagado no sofá por causa de alguma substância que ele tenha abusado naquele dia. Uma vez lhe perguntei por que ele dormia daquela forma e ele disse: "Quando você está de costas, você está preparado para qualquer situação. É mais fácil acordar e se proteger. Se você fica muito confortável é pego desprevenido."

Isso me faz pensar se Sloan dorme de costas como uma medida preventiva. Então isso me faz pensar se ela dorme de costas para se proteger de *mim*.

Não. Ela não tem medo de mim desta forma. Ela me idolatra.

Ela costumava dormir de bruços antes. Talvez eu só precise comprar um colchão novo. Talvez ela apenas não goste desta cama.

Ela também costumava dormir nua, mas não faz isso tem mais de um ano. Ela alega que é porque há muitas pessoas nesta casa e ela não se sente confortável. Costumava me incomodar quando eu ia para cima dela no meio da noite, e a encontrava com aquelas malditas calças de pijamas que me impediam de entrar dentro dela até que eu conseguisse arrancá-las fora.

Depois de muita reclamação, ela finalmente prometeu que iria dormir apenas de camiseta agora. Mais fácil acesso, mas ainda assim eu a preferia nua.

Removo todas as cobertas, cuidadosamente para não acordá-la. Às vezes eu gosto de ficar apenas olhando

enquanto ela dorme. Gosto de pensar que ela está sonhando comigo. Às vezes eu a toco, suavemente para não acordá-la, mas o suficiente para fazê-la gemer enquanto dorme.

Sua camiseta está embolada ao redor da cintura. Eu a levanto, lentamente, centímetro por centímetro até que seus seios estejam expostos. Então deito novamente, alcançando em meio ao cobertor, a parte interna da minha cueca. Eu o seguro e começo a me estimular enquanto a assisto dormir – observo seus seios macios se moverem, para cima e para baixo, com cada respiração vagarosa sua.

Ela é tão linda. Com todo aquele cabelo negro. Aqueles cílios. Aquela boca. Eu honestamente nunca vi outra garota tão bonita quanto ela na vida real. Eu sabia que ela seria minha na primeira vez em que pus meus olhos nela. Eu não poderia permitir que algo assim tão perfeito fosse de outra pessoa.

Mas eu não me permiti persegui-la logo de cara, porque eu gostava do jeito como ela olhava para mim. Eu podia ver a inocência em seus olhos quando ela me olhava na sala de aula. Eu a deixava curiosa. E

mesmo quando eu fingia não notá-la, ela *me* deixava curioso. Eu podia garantir que ela era diferente de qualquer outra garota com quem eu estive.

Nada me assusta – não desde que eu era criança. Mas a forma como fiquei obcecado com ela chegou bem perto de me deixar apavorado. A ideia de ser capaz de corromper algo tão doce me fez pensar nela mais do que tudo na minha vida.

Antes de Sloan, eu não era o tipo de cara que amava garotas. Não da maneira tradicional, de qualquer modo. Eu as usava para aquilo que a maioria delas eram boas. Uma rápida transa de uma noite, as vezes uma transa antes do café da manhã, mas nunca nada depois das 8 da manhã ou antes das 8 da noite. Caras que permitem garotas em sua vida entre este horário tem merda na cabeça.

Essa frase veio diretamente do meu pai.

Eu costumava me lembrar disso toda vez que eu olhava para Sloan, antes dela ser minha. Toda vez que eu pegava ela me olhando na sala de aula. Toda vez que meu pau ficava duro em minhas calças quando eu pensava nela.

Merda na cabeça.

Quanto mais eu a observava, mais eu começava a questionar meu pai e o quanto ele sabia, ou não, sobre o que ele falava quando eu era mais jovem. Ele provavelmente nunca tinha experimentado uma garota como Sloan. Uma garota que ainda seria corrompida por outro homem. Uma garota que era muito tímida para saber como flertar com um cara. Uma garota que ainda não tinha tido a chance de se tornar uma vadia.

Eu disse a mim mesmo para testá-la. Para ver se ela era exceção à regra. Eu a procurei depois da aula um dia e perguntei se ela queria almoçar. Era a primeira vez que eu convidava uma garota para um encontro. Eu esperava que ela sorrisse e timidamente aceitasse, mas em vez disso ela olhou pra mim, virou em outra direção e continuou andando.

Foi aí que eu percebi que estava errado sobre ela. Ela não era tímida. Ela não era uma estranha ao quão cruel as pessoas poderiam ser. Ela sabia *exatamente* o quão cruel era o mundo e era por isso que mantinha distância de todos.

Mal sabia ela, que o seu falso desinteresse me fez desejá-la ainda mais. Me fez querer persegui-la até que ela quisesse cada parte minha... até a crueldade. Me fez querer fazê-la *implorar* por isso.

Não foi tão difícil quanto achei que seria. É incrível o quão longe a boa aparência e o bom humor podem levar você.

E... modos. *Quem diria?*

Você segura uma maldita porta aberta para uma garota e ela automaticamente pensa que você é um cavalheiro. Ela acha que você é o tipo de cara que trataria sua mãe como uma rainha. Garotas veem caras educados e acham que de maneira nenhuma eles podem ser perigosos.

Eu segurei cada maldita porta que eu encontrava para Sloan.

Eu segurei uma sombrinha para ela uma vez.

Isso faz muito tempo, para falar a verdade. Isso foi quando ela costumava dormir de bruços. *Nua.*

Algumas vezes me pergunto se ela não é mais feliz como costumava ser. Ela me deixou uma vez e eu odiei isso. Cada segundo que ela estava longe, eu senti que havia me tornado tudo aquilo que meu pai temia que eu me tornasse quando crescesse. *Um bobo apaixonado. Com merda na cabeça.*

Mas eu a amo. Que se foda ele e suas filosofias idiotas sobre o amor. Ela é a melhor coisa que já aconteceu comigo e quando ela me deixou, eu soube disso.

Eu sabia que se ela fosse embora de vez, ela eventualmente encontraria outra pessoa. E eu não podia suportar a ideia da boca de outro homem sobre a dela. As mãos dele sobre as dela. Seu pau nojento dentro dela, quando ela só havia deixado que eu entrasse ali. Ela era minha.

E eu fiz o que precisava fazer para tê-la de volta - mesmo que ela não percebesse que tinha alguma coisa a ver comigo. Eu fiz para beneficiá-la – porque eu a amo. E eu sei que ela me ama. Quando ela voltou para mim e pediu ajuda, foi o momento de maior orgulho na minha vida. Porque eu sabia que aquele

era um caminho sem volta. Ela era minha para sempre.

Mas ainda havia aquele pequeno defeito em nosso relacionamento que me fazia questionar sua permanência nele. Ela se recusa a aceitar o meu estilo de vida – sempre me faz prometer que eu o abandonarei algum dia.

Porém nós dois sabemos que isso nunca irá acontecer. Eu sou bom no que faço. Mas acho que talvez eu precise provar para ela que posso fazer os dois. Ser o que ela precisa sem comprometer o meu estilo de vida.

Eu preciso garantir que ela nunca vá a lugar algum. Eu preciso fazê-la parte da minha vida permanentemente.

Eu poderia casar com ela. Poderia lhe comprar uma casa – uma onde apenas nós dois vivêssemos. Claro que eu ficaria aqui *nesta* casa entre às oito da manhã e às oito da noite, já que aparentemente eu sou o único que sabe fazer as coisas direito por aqui.

Mas Sloan poderia ficar na casa que dividiríamos juntos, criando bebês. Quando eu chegasse em casa à noite, ela poderia me alimentar, nós faríamos amor, eu

dormiria com ela ao meu lado. E ela dormiria de bruços.

Eu nunca tinha pensado em casamento antes. Eu me pergunto por que só agora tive essa brilhante ideia?

Ela nunca mencionou casamento. Não tenho certeza de que ela concordaria. Mas se ela engravidasse, ela não teria escolha. Infelizmente, ela toma anticoncepcional com uma frequência muito maior do que tenho meu pau chupado. Não que as pílulas fossem algo que eu não pudesse resolver. Mas acima de tudo, ela ainda me obriga a usar um maldito preservativo toda vez que faço sexo com ela.

Mas... preservativos são coisas que também posso resolver.

Eu me pergunto como seria estar dentro dela sem camisinha. Ela me deixou ficar dentro dela por poucos segundos uma vez – apenas para prepará-la antes de colocar o preservativo. Mas eu nunca finalizei dentro dela.

Sua boceta quentinha se apertando em volta do meu pau enquanto gozo dentro dela, sentindo cada sensação sem nenhuma barreira.

Eu gemo com o pensamento e começo a me estimular ainda mais rápido. Porra, isso é bom. Observá-la, pensando em estar dentro dela. Eu preciso tocá-la. Chego mais perto, levando minha boca ao seu seio exposto. Eu normalmente tento não acordá-la, mas não será a primeira vez que ela acorda comigo gozando nela.

Deslizo minha língua em seu mamilo, provocando-a, circulando vagarosamente. Ela estica o braço contra o travesseiro e geme. Gosto que ela ainda esteja dormindo. Gosto de ver o quão perto de ter um orgasmo eu consigo deixá-la antes de acordá-la.

Envolvo meus lábios ao redor de seus mamilos e os chupo gentilmente. Instantaneamente ele endurece dentro da minha boca.

"Mmm," ela geme de novo, sua voz adormecida e sem ar diz: "Carter."

Meu maxilar se fecha com o mamilo ainda dentro da boca.

Que porra ela disse?

Eu imediatamente me afasto, deixando seu mamilo à mostra. Olho para seu maldito rosto. Relaxo o aperto no meu pêni\$. Ele ficou sem vida diante do som daquele nome passando pelos lábios dela.

Que porra é essa?

Que.

Porra.

É.

Essa?

Meu peito dói. Parece que alguém o amassou. Jogou um tijolo em cima dele. Jogou um maldito *edifício* em cima dele.

Em algum momento entre sussurrar o nome dele e recuperar a consciência, Sloan cobre os seios com a blusa.

Em algum momento entre sussurrar o nome dele e recuperar a consciência, eu aperto minha mão contra sua garganta.

Ela está me encarando. Seus olhos estão arregalados de medo. Tenho certeza que é assustador acordar com a mão do seu namorado apertando a sua garganta, mas ela tem sorte por não sentir o que *eu* estou sentindo agora.

"Você está fodendo ele?"

Eu uso toda a minha força para não gritar essas palavras para ela. Em vez disso, minha voz está calma e contida, diferente de qualquer outra parte em mim. Eu não estou apertando sua garganta com força considerável.

Ainda.

Eu simplesmente estou com a minha mão ao redor dela, portanto, *ela deveria* estar me respondendo neste momento. Ela é capaz de falar, mas ela não fala. A vadia está apenas me encarando como se tivesse sido pega.

"Sloan? Você está fodendo Carter? Ele esteve dentro de você?"

Sloan imediatamente começa a balançar a cabeça. Ela pressiona suas palmas contra o colchão e se move em direção à cabeceira da cama. Minha mão não larga sua garganta.

"Do que você está falando" ela diz. "Não. É claro que não. *Deus*, não."

Ela está me olhando como se eu fosse louco. Ela é bastante convincente.

Minha mãe também era convincente. Veja onde isso a levou.

Eu aumento meu aperto, observando seu rosto ficar lentamente rosa. Ela se move e esmurra o lençol ao seu redor. Seus olhos começam a se encher de lágrimas.

Ainda bem que meu pai me ensinou a não deixar que as lágrimas de uma mulher me enganassem.

Me inclino em sua direção, até estar a poucos centímetros dela. Examino seus olhos, sua boca, cada maldita parte de seu rosto mentiroso.

"Você disse o *nome* dele, Sloan. Eu estava com o seu maldito mamilo na boca, tentando te dar *prazer*. Mas então você sussurrou o maldito nome. Você disse *Carter*."

Sloan balança a cabeça. Ela está inflexível quanto a isso, balançando a cabeça com tanta intensidade que eu relaxo o meu aperto contra sua garganta, assim ela poderá falar. Após inalar uma lufada de ar, ela fala apressadamente, "Eu não disse *Carter*, seu babaca. Eu disse *mais forte*. Eu estava acordada e pude sentir você me beijando. Eu queria que você fizesse *mais forte*."

Eu a encaro.

Espero suas palavras fazerem sentido.

Deixo sua explicação massagear a dor em meu peito até que eu consiga respirar novamente.

Lentamente eu afasto minha mão de sua garganta, deslizando-a para o seu pescoço.

Merda.

Estou ficando paranoico.

Por que eu iria pensar que ela estaria sonhando com outro cara quando ela dorme ao *meu* lado? Ela não me trairia. Ela *não pode*. Ela não tem mais ninguém. Isso seria o pior erro que ela poderia cometer e ela sabe disso.

Eu preciso tirá-la desta casa. Levá-la para longe dessas pessoas. Estou mais convicto agora do que estava há dez minutos de que preciso torná-la mãe. Torná-la esposa. Dar-lhe um lugar só nosso, onde outros homens nunca estariam por perto para me deixar paranoico desse jeito.

Ela se inclina, alcança a bainha da camiseta e a retira. Ela a joga no chão e me empurra contra a cabeceira, deslizando sobre o meu colo.

E assim, do nada, eu fico duro de novo.

Ela pressiona os seios contra minha boca e se oferece para mim. Eu coloco seu mamilo na boca novamente e dou o que ela quer. Eu a chupo *mais forte*. Tão forte que a machuca. Quero que ela sinta a dor que minha boca deixou nela pelo resto do maldito dia.

Ela envolve suas mãos em meu cabelo, me puxando contra ela, enquanto geme e diz meu nome. Ela diz, "*Asa.*"

Ela diz *três vezes*.

Meu nome.

Eu agarro seus quadris e a levanto ligeiramente até que ela esteja posicionada sobre o meu pau. Eu a abaixo até estar enterrado dentro dela, quase certo de que nunca cheguei tão fundo. Deus, ela é boa. É tão bom quando eu não a odeio.

"Você é minha, Sloan," eu digo, arrastando meus lábios para o seu pescoço e para sua boca.

Ela sussurra, "*Sua, Asa.*"

Deslizo minha língua dentro de sua boca até ela gemer, e então me afasto. Eu seguro sua garganta

novamente com minha mão direita, e guio seus quadris para cima e para baixo com a esquerda. Ela se encolhe um pouco quando aperto sua garganta e isso me faz pensar se machuquei seu pescoço antes. Eu movo minha mão e já consigo ver uma marca. Está até um pouco roxo.

Merda. Eu a machuquei. Eu machuquei muito mais do que eu pretendia.

Eu me inclino e a beijo suavemente no pescoço, pedindo silenciosas desculpas a ela. Em seguida, olho em seus olhos.

"Quero casar com você, Sloan. Quero te fazer minha, para sempre."

Ela não diz nada. Todo o seu corpo enrijece e ela para de se mover sobre mim.

"O que você disse?" ela pergunta, sua voz trêmula.

Eu sorrio e esfrego minhas mãos contra suas costas, segurando sua bunda. "Eu disse: case-se comigo, baby. Seja minha esposa."

Eu a levanto e a deito na cama. Deslizo de volta para dentro dela, desfrutando do fato de que estou sem camisinha. Eu me movo para dentro e para fora, saboreando cada sensação enquanto ela me encara, sem palavras.

"Vou lhe comprar um anel hoje enquanto você estiver na faculdade. O maior que eu encontrar. Só preciso que você diga sim primeiro."

Uma lágrima cai de seus olhos, e é quando eu percebo, de verdade, que ela me ama. A ideia de ficar comigo para sempre a fez chorar.

Eu, de alguma maneira, encontro um jeito de penetrá-la ainda mais forte dessa vez e ela se contrai. Quero estar tão fundo quanto eu puder. Quero que ela sinta cada parte de mim. Quero que ela sinta o quanto eu a amo. Seus dedos se enterram na carne de meus braços, enquanto ela tenta se afastar, reação natural de seu corpo à pressão entre suas pernas. Eu não me importo quantas vezes já fizemos isso, eu sei que ainda a machuca algumas vezes. Ela é tão apertada que eu mal consigo entrar, tendo que empurrar contra

ela com tanta força que a faz se encolher e se esquivar de mim.

Exatamente como ela está fazendo agora. Eu provavelmente não deveria gostar de vê-la com dor, mas eu gosto. Eu adoro quando o meu pau a machuca. Gosto de saber que mesmo quando o sexo acaba, ela ainda me sente dentro dela por horas, em cada movimento.

Deus, eu amo essa garota.

Eu falo entre as investidas, olhando diretamente em seus olhos cheios de lágrimas. "Eu amo você, Sloan. Muito. Preciso ouvi-la dizer sim."

Gemo, sentindo o quão próximo estou de finalizar. Finalizar *dentro* dela. Experimentar algo que nós nunca experimentamos antes. Beijo a lateral de sua cabeça e aproximo minha boca do seu ouvido. "Preciso ouvi-la dizer sim, baby."

Ela finalmente solta um silencioso, "Sim".

Aquela palavra me deixa tão feliz, que só me basta mais uma investida para gozar. E eu me liberto dentro

dela. *Profundamente* dentro dela. Dentro da minha *noiva*.

Minhas pernas tremem e todo o meu corpo se contrai contra ela como nada que eu tenha experimentado antes. Eu estou agitado – praticamente tremendo quando eu termino, mas ela ainda está em choque. Ela continua completamente parada, incapaz de se mover ou falar embaixo de mim. Eu sei que isso foi tão bom para ela quanto foi para mim. Ela só está em choque porque não esperava o pedido de casamento. Especialmente no meio da noite. Ou manhã. Tanto faz.

Saio de dentro dela e rolo para o meu lado da cama. Eu imediatamente levo minha mão para o meio de suas pernas, querendo sentir o que eu deixei dentro dela. Calor sai de dentro dela e eu o espalho por toda parte com a minha mão, tocando-a, circulando meus dedos contra sua parte mais úmida.

Eu já estou com vontade de fodê-la de novo. Mas isso pode esperar. Agora eu só quero fazê-la gozar e dormir ao seu lado. Ao lado da minha noiva. Minha noiva nua que vai começar a dormir de bruços.

Ela fecha os olhos enquanto eu a toco. *Aperta-os*, na verdade. Observo seu rosto enquanto continuo acariciando-a. Eu espero pelo gemido que irá passar pelos lábios que disseram a palavra *sim* quando eu a pedi em casamento.

Eu nem precisei convencê-la. Isso já está sendo muito mais fácil do que eu pensei que seria.

Asa e Sloan, fodidamente felizes para sempre.

Que se foda o meu pai e suas filosofias de merda sobre o amor.

Nota das tradutoras: Quando Sloan diz para Asa que não disse "Carter" e sim que "queria mais forte", fica completamente sem sentido quando lemos em português. A questão é que no original ela diz: "I didn't say *Carter*. I said *harder*." Por isso a relação entre as declarações da personagem.

Capítulo 22

CARTER? LUKE?

"Não vou falar de novo. Não a quero envolvida."

Dalton – *Ryan* – aperta os punhos e se encosta na cadeira, frustrado comigo. "Ela já está envolvida, Luke. Você não a está colocando em perigo – ela morava lá antes de nos envolvermos." Ele se inclina novamente. "Isso não foi um problema no último trabalho. Lembra de Carrie?"

Eu lembro de Carrie. "Carrie era o *seu* projeto. Não meu. Eu nunca me envolvi com nenhuma garota pelo bem da missão, Ryan."

Ele ergue uma sobrancelha. "Mas você irá se envolver com uma enquanto está *em* uma tarefa, mas não *por causa* dessa tarefa? Você irá permitir que os seus sentimento por ela nos coloque em perigo?"

Empurro minha cadeira e me levanto. "Eu não estou nos colocando em perigo. Nada está acontecendo, não sei quantas vezes vou ter que repetir isso."

Eu odeio que ele esteja certo, mas eu nunca irei admitir isso para ele. Olho o vidro espelhado da sala de interrogação e encaro a mim mesmo. Eu pareço cansado. Passo uma mão pelo cabelo e fecho os olhos.

"Você realmente acredita que o que quer que esteja acontecendo com ela é inocente? Que não está nos colocando em risco de alguma maneira?" Ryan diz. "Você não atacou Jon – o *melhor amigo* de Asa – porque ele estava beijando Sloan ontem à noite?"

Eu encontro o reflexo dele no espelho e o olho com firmeza. "*Beijando* ela?" Eu me viro e o encaro. "Ele estava prestes a *estuprá-la*, Ryan! O que você queria que eu fizesse, fosse para fora e continuasse com o maldito jogo de poker?"

Encaro o espelho de novo e o observo. Ele sabe que teria feito a mesma coisa se tivesse presenciado a cena.

É muito conveniente que a gente esteja fazendo isso dentro de uma sala de interrogatório no distrito policial próximo, porque a revisão desse caso está começando a parece um inquérito.

Ficamos quietos por um momento. Corro minhas mãos sobre o rosto e suspiro.

"Como é que fazer essa garota acreditar que tenho sentimentos por ela irá ajudar neste caso?"

Ryan dá de ombros. "Não sei. Pode *não* ajudar. Mas vale a tentativa. Especialmente agora que vocês já parecem ter algum tipo de amizade que ela valoriza. A guarda dela estará baixa perto de você. Ela poderá confidenciar coisas que ainda não sabemos."

Ele levanta e caminha em volta da mesa, então se inclina sobre ela.

Tecnicamente, ele é o meu superior. Tenho que me lembrar disso algumas vezes pelo modo como temos que interagir e pelos tantos trabalhos disfarçados que já fizemos juntos. Ele tem feito isso cinco anos a mais do que eu e sei que ele sabe do que está falando.

"Eu não estou pedindo que você se apaixone pela garota. Eu nem mesmo estou pedindo que você *finja* que a ama. Tudo o que estou pedindo é que você tire vantagem dos sentimentos dela por você. Pelo bem da investigação."

"E como eu faço isso?" pergunto. "Asa está sempre por perto. Seria mais perigoso para nós envolvê-la."

"Existem maneiras," Ryan diz. "Você tem aula com ela hoje. Comece por aí. Eu sei que ela visita o irmão aos domingos. Vá com ela neste domingo."

Eu rio. "Sim, tenho certeza de que Asa ficaria absolutamente bem com isso."

"Ele não vai saber. Ele mencionou algo para Jon sobre nós irmos ao cassino domingo. Ficaremos fora o dia inteiro. Apenas finja que você tem alguma outra coisa para fazer e se ofereça para ir com Sloan. Você terá um dia inteiro com ela, sem interrupções e sem monitoramento por parte de qualquer um que ele conheça."

Eu sei que deveria dizer não a ele. Mas a verdade é que eu me ofereceria para ir com Sloan quer isso

ajudasse o caso ou não. Isso é o quão patético eu me tornei no trabalho ultimamente. Nada deveria vir antes da tarefa. Especialmente alguém que está do outro *lado* dela.

"Tudo bem," eu digo. Pego minha jaqueta e a visto. Antes que eu abra a porta para sair, eu paro. Lentamente me viro e o encaro. "Como você sabia que tenho aula com ela?"

Ryan sorri. "Ela é a gostosa do espanhol, Luke. Eu não sou idiota." Ele pega a própria jaqueta e a veste. "Por que você acha que foi matriculado nessa aula?"

Nota da autora: Eu postei bastante hoje! J A Itália é boa para a minha alma escritora. Assim como as curtidas nesta história, então curta, curta, curta. Mas apenas se você gostar. ;)

Deveríamos ir para mais um? Sloan e Carter estão prestes a estar na aula juntos...

Capítulo 23

SLOAN

Eu ainda estou tremendo quando entro no prédio. Já se passaram horas desde o incidente com Asa, mas ainda estou doente com isso. Eu nunca estive tão assustada. Nem mesmo na noite passada, quando Jon estava em cima de mim com uma faca na minha garganta.

Não consigo acreditar que disse o nome de Carter em voz alta enquanto dormia. Eu não só poderia ter me metido em uma situação muito séria com Asa – como também poderia ter sido responsável pelo que quer que Asa pudesse ter feito com Carter.

Eu não sei como me safei dessa tão bem. E graças ao maldito nome de Carter que rima com *harder*.

Mas a única coisa que não me deixou aliviada foi o que aconteceu depois. As coisas que Asa disse para mim. Ele trazer o assunto casamento à tona.

Ele sem camisinha.

Eu não sei o que Asa faz quando não estou por perto. Nunca ouvi ninguém dizer que ele me trai, a não ser pelo que Jon falou ontem à noite, mas eu nem mesmo sei o que ele quis dizer com isso. Eu também nunca o peguei me traindo, mas não confio nele o suficiente para colocar a minha saúde e a minha vida em risco.

Mas isso aconteceu nesta manhã e está tomando conta dos meus pensamentos. Assim que deu oito horas da manhã, eu liguei para o meu médico e marquei uma consulta para a próxima semana para fazer alguns exames. Uso anticoncepcional e o tomo religiosamente, então não estou preocupada que ele me engravide. Mas estou preocupada com tudo o que ele possa me transmitir.

Tentarei não pensar sobre isso até a próxima semana. E farei o que for preciso para que isso não aconteça de novo. Eu honestamente estava muito assustada pela minha vida para dizer qualquer outra coisa nesta manhã. Eu nunca o vi olhar para mim com tanto ódio quanto ele olhou quando pensou que me ouviu dizer o nome de Carter.

Quando ele me *ouviu* dizer o nome de Carter.

Antes de ter que encarar Carter na aula, paro no banheiro para tentar me acalmar. Agora que não estou na mesma casa que Asa, posso respirar com mais facilidade. Mas eu não faço ideia de como garantir que eu não fale durante o sono de novo. Se isso significa nunca mais dormir na presença de Asa novamente, então descobrirei uma maneira de fazer isso.

Quando termino no banheiro e saio para o corredor, a primeira coisa que vejo é Carter, encostado perto da porta da nossa sala de aula.

Ele está esperando por mim.

Quando me vê, ele se ajeita e espera que eu o alcance.

"Você está bem?" ele diz, seus olhos se movendo imediatamente para o meu pescoço. Há hematomas do que Jon fez na noite passada, mas provavelmente estará pior no final do dia, graças ao que Asa fez nesta manhã.

Deus, que tipo de vida maldita eu estou vivendo para ser sufocada por dois homens diferentes em um espaço de doze horas?

"Estou bem," digo, sem convencer.

Carter ergue a mão e toca meu pescoço com os dedos. "Está roxo," ele diz. "Asa notou?"

Ele passa as costas de um de seus dedos pelo meu pescoço. Eu sei que é por preocupação, mas sempre que ele faz algum tipo de contato comigo – não importa o motivo – eu pareço esquecer de que sou capaz de sentir as coisas. Aprendi a ficar entorpecida ao longo dos últimos dois anos com Asa, mas Carter nega todo esse esforço.

"Ele notou, mas não suspeitou. Pensou que tivesse sido ele."

Minhas palavras fazem Carter se encolher. Seus olhos voltam rapidamente para os meus. "Sloan," ele sussurra, balançando a cabeça. Ele tira a mão do meu pescoço, passando-a sobre seus cabelos. Posso ver o nó em sua garganta quando ele engole, algo que se parece com puro ódio diante do pensamento das mãos

de Asa sobre mim. Ele está, obviamente, preocupado comigo, o que eu entendo completamente. Mas ele também sabe porquê permaneço e não me julga por isso. Na verdade, ele entende a minha situação e simpatiza com ela. Eu gosto disso nele – sua empatia.

Algo que Asa provavelmente nunca sentiu por ninguém a vida inteira.

Carter coloca sua mão gentil em meu cotovelo.

"Vamos lá. Vamos para os nossos lugares." Ele tenta me levar em direção à porta, mas eu me esquivo.

"Carter, espere."

Ele se vira para me encarar novamente, afastando-se para deixar dois estudantes entrarem. Olho para o lado esquerdo e direito do corredor. "Tenho que contar algo a você."

A preocupação sobrepõe qualquer resíduo de raiva que ele tenha sentido. Ele acena e me guia para o fim do corredor, longe da porta, buscando por algum lugar mais reservado. Passamos por outra porta, ele olha pela janela, em seguida verifica a maçaneta. Ela gira, então ele a abre e me leva para dentro.

É uma sala de música vazia, ladeada com vários instrumentos contra uma parede e diversas mesas arrumadas em círculo no meio da sala. Quando a porta fecha e nós finalmente temos privacidade, eu espero que Carter me pergunte o que preciso contar a ele. Em vez disso, assim que me viro, ele me puxa em sua direção, envolvendo seus braços firmemente ao meu redor, apoiando minha cabeça contra o seu ombro.

Ele me abraça.

Isso é tudo o que ele faz. Ele me abraça com firmeza, sem dizer uma palavra, embora eu consiga sentir tudo o que ele está dizendo. E eu percebo que desde a noite passada – desde tudo o que aconteceu com Jon – ele provavelmente deve ter ficado muito preocupado comigo. Ele provavelmente queria me abraçar e tranquilizar ontem à noite. Assim como quando ele me viu nesta manhã. Mas simples abraços não são tão simples em minha vida.

Envolvo meus braços ao redor dele e enterro o rosto em sua camisa, inalando o toque sutil de seu perfume.

Ele cheira como a praia. Fecho meus olhos, desejando que estivéssemos lá. Longe de toda essa merda.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, nenhum de nós nos movendo. Depois de um tempo, eu não consigo dizer quem é que está abraçando quem – quem está segurando quem. É como se mal estivéssemos suspensos, agarrados um ao outro, com medo de que possamos cair se um de nós se soltar.

"Eu disse o seu nome durante o sono," sussurro, cortando o silêncio.

Carter se afasta imediatamente e olha para mim. "Ele ouviu você?"

Aceno com a cabeça. "Sim. Mas acho que enganei bem. Disse que ele ouviu errado – que eu disse outra coisa. Mas ele ficou muito irritado depois do acontecido, Carter. Mais irritado do que eu já vi. E eu só... achei que você deveria saber. Acho que precisamos ser mais cuidadosos. Quer dizer, eu sei que não há nada acontecendo entre nós de verdade, mas..."

Carter interrompe e diz, "Não há? Eu sei que nós, tecnicamente, não temos agido direito, mas isso não é inocente, Sloan. Se Asa soubesse que tenho aula com você..."

"Exatamente," digo.

Carter concorda, sabendo o que isso significa. Ele não pode falar comigo na casa. Ele nem deveria mais olhar na minha direção, depois do que aconteceu mais cedo nesta manhã. Asa suspeitará, ainda que ele acredite em mim. A última coisa que eu quero é causar problemas para Carter, mas parece que eu já fiz isso.

"Sinto muito," digo para ele.

"Por que você está se desculpando? Porque você teve um sonho comigo?"

Eu aceno.

Carter leva a mão até minha bochecha e o canto de sua boca se ergue em um sorriso. "Se nós estamos nos desculpando por isso, então eu já devo à você uma dúzia de desculpas."

Mordo minha bochecha para esconder o meu sorriso. Ele abaixa a mão, pressionando-a contra minhas costas. "Se não nos apressarmos, vamos nos atrasar."

Eu rio um pouco diante do pensamento de ficar atrasada. Que peso tem ficar atrasada diante de todas as outras merdas que estão acontecendo em nossas vidas? Muito, muito pouco. Mas ele está certo.

Eu o sigo em direção à porta e de volta para o corredor, direto para a sala de aula. Antes de entrarmos ele se inclina e sussurra, "Se vale de alguma coisa, você está muito bonita hoje. Eu nem consigo recuperar o fôlego."

Ele continua andando, apesar do fato de que suas palavras congelaram os meus pés no chão.

Isso é tudo o que elas foram. *Palavras*. Algumas simples palavras amarradas juntas, mas que possuíam energia suficiente para me fazer parar, fisicamente, em meu caminho.

Minha mão vai até minha boca enquanto eu inspiro silenciosamente. Eu afasto o sorriso que quer escapar de qualquer jeito e forço os meus pés a se moverem

para dentro da sala de aula. Levanto a cabeça e vejo Carter puxando duas carteiras na fileira superior, então sigo em sua direção.

Meus joelhos parecem que estão prestes a falhar. *É assim que deveria ser. É assim que os garotos deveriam fazer as garotas se sentirem.*

Por que diabos eu dei confiança para Asa?

Quando alcanço a minha carteira ele ainda está de pé, esperando que eu sente primeiro. Eu lhe dou um rápido sorriso em agradecimento e sento no meu lugar. Tiro os livros da bolsa e ele faz o mesmo. O professor entra assim que nos estabelecemos. Ele se vira e começa a escrever no quadro.

Gritei demais no jogo de futebol ontem à noite. Perdi a voz. Leiam do capítulo 8 ao 10 e nós colocaremos o assunto em dia na semana que vem.

Metade da classe ri diante da anotação. A outra metade resmunga. Carter abre seu livro na página correta. Eu me inclino, abro o meu e começo a ler. Eu não vou longe com Carter pegando uma caneta e começando a escrever um bilhete. Estou tonta de

expectativa, esperando que seja para mim e que ele não esteja realmente fazendo anotações sobre a aula.

Eu nem mesmo me sinto culpada. Eu deveria me sentir culpada com isso. Especialmente desde que Asa meio que me pediu em casamento nesta manhã e, temendo pela minha própria vida, eu fui forçada a dizer sim.

Isso é tão péssimo. Irei para o inferno.

Na verdade... Eu posso já *estar* no inferno. Na maior parte do tempo essa vida parece mais uma punição para algo horrível que eu possa ter feito na vida passada. Até Carter aparecer, pelo menos. Eu não me lembro de muita coisa que tenha me deixado feliz com a vida antes dele entrar nela.

Carter desliza o bilhete para mim. Está dobrado pela metade, então eu levanto o papel e leio o que ele escreveu. Eu espero algo aleatório, como o jogo que já jogamos antes na aula. Pelo contrário, é apenas um simples pedido.

Coloque sua mão debaixo da mesa.

Eu leio duas vezes antes de olhar para minhas mãos. O bilhete é um pouco aleatório, mas não como o jogo que eu lhe ensinei. Só é aleatório porque estou confusa com ele. Deslizo o bilhete sob meu livro e coloco minha mão debaixo da mesa, esperando que ele me dê o que quer que ele tenha.

Para minha surpresa – ele não me dá nada. Sua mão quente desliza contra a minha e ele entrelaça nossos dedos, descansando nossas mãos em minha coxa.

E então ele volta sua atenção para o livro, recomeçando a leitura como se ele não tivesse tentado atear fogo em mim.

É exatamente assim que eu me sinto – minha mão envolvida na dele – ele tocando minha perna. Sinto que alguém precisa me ensopar de água. Meu coração começa a acelerar e sinto todo o meu corpo formigando.

Ele está segurando minha mão.

Jesus Cristo.

Eu não sabia que ficar de mãos dadas poderia ser melhor do que beijar. Melhor do que sexo. Sexo com Asa, pelo menos.

Fecho os olhos e foco no peso de sua mão contra a minha. A largura de seus dedos entre os meus. O modo como seu polegar ocasionalmente desliza para frente e para trás.

Após provavelmente quinze minutos fingindo ler o livro na minha frente, ele puxa sua mão, mas não me solta. Ele simplesmente começa a fazer círculos com as pontas dos dedos em minha palma. Ele traça cada parte da minha mão, da minha palma, dos meus dedos, *entre* os meus dedos. A cada minuto que passa, minha mente começa a indagar como seriam aqueles dedos contra a minha perna. Meu pescoço. Meu estômago.

Minha respiração fica pesada. Eu começo a ofegar a cada minuto que a aula se aproxima do fim.

Quando ele explorou cada parte da minha mão duas vezes, seus dedos escorregam para minha perna. Ele começa a acariciar o meu joelho, a centímetros de alcançar a parte interna da minha perna. Meus olhos

estão fechados e eu estou segurando o livro nas mãos. Ele faz isso por vários minutos, me deixando completamente insana, quase ao ponto de levantar e ir ao banheiro jogar água gelada no rosto.

Mas eu não levanto, porque de alguma maneira os cinquenta minutos de aula já se passaram e todos estão arrumando as coisas para sair.

Eu encontro força para abrir os olhos e olhar para ele. Ele está me encarando, seu olhar intenso, olhos aquecidos, lábios molhados que eu pareço não conseguir deixar de olhar. Ele pega minha mão novamente e a aperta.

"Sei que eu não deveria..."

Balanço minha cabeça. "Você não deveria."

Eu nem sei o que ele estava prestes a dizer, mas faço ideia de onde sua mente está agora, porque a minha está lá com a dele.

"Eu sei," ele diz. "Eu apenas... Eu não consigo ficar assim tão perto de você e não te tocar."

"E eu não consigo não deixá-lo."

Ele inspira profundamente, então expira ao mesmo tempo que solta minha mão. Ele recolhe o livro e o empurra para dentro da mochila. Ele levanta e joga a mochila nos ombros. Olho para ele e ele está olhando para mim. Eu espero que ele diga tchau ou se afaste, mas ele não o faz.

Nós olhamos um para o outro por mais alguns segundos antes dele largar a mochila e cair novamente sobre carteira. Ele envolve a mão em meus cabelos e pressiona a testa contra a lateral da minha cabeça. Não tenho ideia do que ele está fazendo, mas o desespero no modo como ele está pressionado contra mim me faz estremecer.

"Sloan," ele sussurra, sua boca diretamente contra o meu ouvido. "Eu quero tudo com relação a você. Tanto que está me cegando."

Eu arfo com suas palavras.

"Por favor, seja cuidadosa" ele diz. "Até eu poder tirar você de lá. Eu não sei quando será, mas por favor. Seja muito, muito cuidadosa."

Eu aperto os olhos quando ele beija a lateral da minha cabeça. O que eu não daria por aqueles lábios pressionando a minha boca neste momento.

Como eu posso ter tantos sentimentos por alguém que eu acabei de conhecer? Por alguém que eu nem beijei ainda? Por alguém que é mais do que tudo o que eu quero, mas que está envolvido com tudo o que eu desprezo?

"Se eu for à sua casa hoje, eu não vou nem olhar na sua direção," ele diz. "Mas saiba que você é tudo o que eu vejo. Você é tudo o que eu vejo, Sloan."

Ele me solta tão rápido quanto ele me segurou. Ele pega a mochila novamente e se levanta. Ouço ele se afastar e ainda estou sentada, completamente imóvel, meus olhos fechados, meu coração surrando o meu peito.

Eu quero mais do que quer que ele me faça sentir. Mas eu quero isso longe daqui. Longe dessa cidade. Longe de Asa. Sei que Carter quer que eu vá embora e eu também quero. Eu quero muito, mas eu preciso estar mais preparada para que isso possa acontecer. E se eu for embora – Carter também tem que ir. Ele não

só precisa cortar laços com Asa, como eu preciso dele para cortar laços com esse estilo de vida corrupto que Asa criou.

Nós dois precisamos ir embora.

Antes que seja tarde demais...

Capítulo 24

ASA

Nunca fui o tipo de cara que lida com excesso de merda. Outra peça de sabedoria que meu pai me ensinou.

"Se não te beneficia, não deveria importar para você."

Esse é provavelmente o melhor conselho que ele me deu. Eu aplico essa sabedoria em vários aspectos da minha vida. Minhas amizades. Meus parceiros de negócios. Meus estudos. Meu império.

Sim, eu disse império. Eu não cheguei lá ainda, mas pensamento positivo e toda aquela baboseira, certo?

Quando comecei a traficar, eu era peixe pequeno. Negociava o que eu podia, quando podia, para quem eu podia. Principalmente ecstasy para jovens universitários e erva para os desistentes da universidade. Uma vez que eu percebi que não estava

onde o dinheiro e o poder estavam, eu comecei a estudar.

Houve um ano inteiro, assim que comecei a faculdade, que eu estudei cada minuto de cada dia. E não estou falando das besteiras nos livros que lhe garante um emprego em horário integral atrás de uma mesa que paga o suficiente anualmente para comprar uma casa, um carro e uma esposa. Estou falando de estudo *de verdade*. Conhecendo pessoas. Tornando-me a pessoa que as pessoas querem conhecer.

Experimentando a maconha, a heroína, a coca, apenas para saber que tipo de droga se encaixa melhor com qual demografia. Sabendo como não ficar viciado à merda. Conhecendo o seu fornecedor tão bem que você se torna o melhor amigo do fornecedor do seu fornecedor. Construindo confiança em quem quer que tenha mais poder do que você, mas mantendo-se abaixo o suficiente para que eles não vejam você chegando quando, de repente, você já tem mais poder do que eles.

Eu aprendi muito e aprendi da pior maneira. Da maneira *certa*. De baixo para cima.

Agora eu não negocio merda pequena, ecstasy, erva, pílulas. Eu particularmente não brinco com maconha. É um excesso. Você quer maconha? Vá para o maldito Colorado e compre você mesmo um cartão presente para a loja de doces. Não gaste a porra do meu tempo.

Mas se você quer a coisa boa... a merda que faz você sentir como se estivesse beijando o rosto do próprio Criador? É aí que você vem até mim. Eu não te venderei o Ford, mas venderei o modelo mais raro de Bugatti que você nunca encontrará por aí.

Ainda estou construindo. Sempre estarei construindo. No segundo que alguém na minha posição sentir que não tem mais nada para aprender, é o mesmo segundo que ele será superado pelo próximo cara. Considerando que sou preocupado, não há mais nenhum lugar disponível acima de Asa Jackson nesta cidade. Eu tenho uma boa equipe abaixo de mim. Caras que conhecem o lugar deles. Caras que sabem que serei justo com eles se eles forem justos comigo.

Eu ainda estou conhecendo o meu cara mais novo, Carter. A maioria das pessoas é transparente, mas ele parece um rio lamacento. A maioria das pessoas,

especialmente aquelas que trabalham para mim, beija a minha bunda porque elas sabem que porra de coisa boa é ser capaz de caber dentro do meu bolso traseiro.

Carter é diferente. Ele não parece se importar de um jeito ou de outro. É a sua indiferença que me enerva. Ele me lembra um pouco de mim mesmo, e eu não tenho tanta certeza de que isso seja uma coisa boa. Só há espaço para um de mim.

O meu cara mais velho, Jon, está começando a ficar descuidado. Ele já foi o meu braço direito, mas ultimamente tem se tornado o meu calcanhar de Aquiles.

O que me traz de volta para a questão inicial.

Se não te beneficia, não deveria importar para você.

Estou lutando para ver como Jon ainda me beneficia. Ele parece que só mexe com merda onde quer que vá. Na semana passada ele perdeu um dos meus maiores clientes porque não conseguiu manter o pau dentro das calças no que diz respeito à mulher do cara.

Até *eu* consigo desenhar uma linha entre o meu pau e a minha carteira.

Diferente de Jon, Carter é um benefício. Ele é um bom tradutor, é quieto, ele aparece onde precisa estar e faz o que ele precisa fazer. Essa é a única razão para eu não ter me livrado dele ainda, apesar de minhas suspeitas com relação a ele. Ele ainda não é excesso.

Jon, no entanto... Jon está se tornando um peso morto.

Mas Jon também sabe de muita coisa, o que causa um problema ainda maior.

Para Jon. Não para mim.

Negócios à parte, eu cortei todos os outros excessos da minha vida. Exceto Sloan. Ela está longe de ser um excesso. Se eu tivesse que compará-la a uma droga, Sloan seria heroína. Heroína é bom. Heroína faz você relaxar. Contanto que você tenha um bom suprimento dela, heroína seria algo que você poderia alegremente injetar todos os dias pelo resto da sua vida.

Talvez seja estranho comparar pessoas a drogas, mas quando drogas são tudo o que você conhece, é normal.

Jon seria metanfetamina. Ele é muito petulante, fala demais, torturante às vezes. Realmente torturante.

Dalton seria a coca. Sociável, amigável, faz com que você queira fazer mais coca. Eu gosto de Coca.

Carter seria...

O que seria Carter?

Não acho que conheço Carter o suficiente para saber com qual droga ele se parece. Mas por cerca de dois minutos ontem à noite, quando pensei que Sloan disse o seu maldito nome, Carter era a filha da puta da overdose.

Mas ela não disse o nome dele. Ela nunca falou com o cara até onde eu sei. E se ele for esperto, isso significa que ele nunca falou com ela além de sua apresentação na cozinha.

Mas em breve, eu não terei que me preocupar com os caras por aqui porque ela não irá mais morar nesta casa. Ela estará em *nossa* casa.

Merda.

Porra!

Eu deveria comprar um anel para ela hoje. Eu sabia que estava esquecendo algo.

Vou até closet para me vestir. Pondero puxando o Armani. Você sabe – dia especial e essas merdas. Em vez dele, eu pego uma camisa de botão azul escura que sei que Sloan gosta e combino com uma calça. Realmente não importa o que eu escolho do closet, é tudo espetacular. Eu sempre me vesti para o nível de respeito que quero receber.

E não, meu maldito pai não me ensinou isso. Ele provavelmente teria ficado mais tempo livre no mundo se ele não se vestisse como o mendigo que ele era.

Quando alcanço a base da escada e olho para a cozinha, vejo Jon de pé perto da pia com as costas

voltadas para mim, segurando uma bolsa de gelo na lateral da cabeça.

"O que aconteceu com você?"

Ele se vira e toda a lateral direita de seu rosto está preta e azul. "Cristo, cara. Quem fodeu você?"

Jon larga a bolsa de gelo na pia. "Ninguém importante."

Entro na cozinha. Seu rosto está ainda pior quando visto de perto. E se ele pensa que não está prestes a me contar quem o ferrou, ele está errado. Se ele perdeu outro trabalho nosso, o lado esquerdo do rosto dele vai ficar pior que o direito. Pego minhas chaves do balcão e pergunto de novo.

"Quem fez isso com você, Jon?"

Ele ergue o queixo e olha para longe de mim. "Alguns bundão me pegou com a garota dele ontem à noite. Me pegou desprevenido. Parece pior do que foi."

Maldito idiota. Eu rio. "Não, estou certo de que parece tão ruim quanto foi." Caminho até a despensa e verifico o estoque de álcool. Está vazio como de

costume. Bato a porta do armário. "Vamos celebrar hoje à noite. Preciso que você reponha o estoque hoje. Tenho que resolver algumas coisas."

Jon acena. "Ocasão especial?"

"Sim. Estou noivo. Faça com classe. Nada de merda barata." Sigo em direção à porta e ouço Jon rir.

Quando me viro o filho da mãe ainda está sorrindo.

"Algo engraçado?" pergunto, voltando para a cozinha.

Ele balança a cabeça. "Existe algo que *não* seja engraçado sobre você se casar, Asa?"

Eu rio. E então eu ferro o lado esquerdo do rosto dele.

Maldito excesso.

Capítulo 25

CARTER

De alguma maneira chego até o meu carro no estacionamento. Agarro o volante e inclino a cabeça para trás.

Eu não faço ideia de onde a linha está desenhada agora, ela está tão borrada. Estou tentando fazer o trabalho que estou aqui para fazer, mas ao mesmo tempo, Sloan está me fazendo questionar se essa é realmente a vida que eu quero. Eu não tenho ideia se era Carter ainda há pouco ou se aquele era Luke. Luke está se tornando Carter.

Estou colocando muito de mim mesmo neste trabalho, mas eu não tenho ideia de como não ser eu mesmo quando estou com ela. Todas as coisas que quero dizer para ela. As coisas que eu gostaria de poder fazer com ela. A verdade que eu queria poder contar a ela.

Se eu contasse a ela a verdade sobre quem eu sou e o que faço aqui, eu estaria arriscando tudo.

A *minha* vida. A vida de Ryan. Possivelmente a vida *dela*. Quanto menos ela souber, melhor.

Pressiono minha testa contra o volante e tento prever a inevitável tempestade de merda que está vindo em nossa direção.

Eu quero estar com ela. Eu quero estar com ela como Luke. Mas isso não pode acontecer até que eu tenha o suficiente sobre Asa para descartá-lo de uma vez por todas. E nós não seremos capazes de descartá-lo até que ele escorregue. Ele está sendo cuidadoso no momento. Ele é mais esperto do que eu pensei inicialmente.

No entanto, quanto mais tempo leva para chegarmos onde precisamos nessa investigação, em mais perigo Sloan está. E sabendo o que eu sei agora sobre Asa, deixá-lo é a pior coisa que ela poderia fazer. Não há nenhum jeito dele deixá-la ir embora em paz. Ele a machucaria. E eu não duvido que ele machucaria o irmão dela também.

Ela está presa até que ele vá embora e isso poderia levar meses.

Eu me inclino contra o banco novamente, pego meu telefone e como se eu estivesse sendo avacalhado, tenho duas mensagens de texto de Asa.

Asa: Onde você está?

Asa: Me encontre para almoçar ao meio dia. No Peralta's. Estou morrendo de fome.

Eu encaro as mensagens por vários segundos. Isso é fora do normal para ele. Ele não envia mensagens de seu telefone usual quando tem a ver com trabalho, então... ele literalmente quer apenas *almoçar*?

Eu: Estarei lá em dez minutos.

—

Doze minutos depois estou caminhando pelo restaurante, para o lugar onde Asa está sentado. Ele está olhando para o telefone quando eu sento.

"Ei," ele diz sem me olhar. Ele termina a mensagem e coloca o telefone de lado. "Estará ocupado hoje à noite?" ele pergunta.

Balanço a cabeça e pego o cardápio. "Não. Por que?"

Eu examino o cardápio, mas não tenho que fazer contato visual para ver que ele está sorrindo. Ele pega algo atrás de si e coloca sobre a mesa. Eu abaixo o cardápio e meus olhos pousam em uma caixa.

Uma caixa de joias.

Que porra é essa?

Ele a abre e a segura para que eu a pegue. Eu olho para o anel, o terror faz minha pele coçar. *Ele vai propor casamento?*

Eu tento não rir. Ele é muito deslumbrado se acha que ela irá concordar com isso. Ele também não conhece Sloan tão bem quanto ele pensa, porque esse anel não é nada igual a Sloan. Esse anel é cafona e chamativo. Ela irá odiá-lo.

"Você vai propor casamento?" Eu lhe devolvo a caixa e pego o cardápio novamente como se não estivesse interessado.

"Não, eu já propus. Hoje à noite é a comemoração."

Meus olhos se movem rapidamente do cardápio para os olhos dele. "Ela disse sim?" Eu não fazia ideia de que acenos pudessem ser tão petulantes até este momento. Eu me obrigo a sorrir. "Parabéns, cara. Ela parece ser alguém vale a pena."

Por que ela não mencionou isso para mim nesta manhã? Ela pensou que eu fosse ficar irritado? Ela deveria saber que eu entenderia porquê ela teria dito sim. Ela não pode dizer não para Asa na posição em que ela está. Concordar com isso foi a coisa mais segura a se fazer.

Eu só não sei por que ela não me avisou.

Ele leva a caixa de volta ao bolso do casaco.

"Ela *vale* a pena. Ela é heroína."

Eu levanto uma sobrancelha. "Heroína?"

Ele foge da minha pergunta e chama o garçom. "Quero uma cerveja. O que quer que você tenha de petisco. E um *cheeseburger* completo."

O garçom olha para mim. "O mesmo," digo.

Nós devolvemos os cardápios e eu sinto o meu telefone vibrar no bolso. Provavelmente é Dalton. Eu enviei uma mensagem de texto para ele no caminho para cá, para avisá-lo que eu estaria almoçando com Asa. Eu não tinha ideia do motivo desse almoço, mas quero ter certeza de que a equipe saiba onde estou. Especialmente depois de Sloan ter dito o meu nome durante o sono. Eu meio que esperava que concordar com esse almoço fosse missão suicida.

Tomo um gole da água que já está sobre a mesa. "Então, quando será o grande dia?"

Asa dá de ombros. "Não faço ideia. Em breve. Eu quero tirá-la daquela maldita casa antes que ela se machuque. Não confio em uma única pessoa perto dela."

Que atencioso da parte dele. Ele está um dia atrasado, no entanto. Mas estou certo de que Jon falhou em lhe contar isso.

"Pensei que ela gostasse de lá," eu minto. "Vocês não têm um tipo de relacionamento aberto? Como isso funciona?"

Os olhos de Asa se estreitam. "Não, nós não temos um relacionamento aberto. Que porra faria você pensar isso?"

Eu rio e casualmente trago todas as razões pelas quais alguém na minha posição *deveria* pensar isso, ainda que eu já saiba. "Jess? A garota que você fodeu no seu quarto na semana passada? A garota na piscina há duas noites?"

Asa ri. "Você tem muito que aprender sobre relacionamentos, Carter."

Eu me inclino contra a cadeira. Tento continuar com essa conversa sem parecer muito interessado, mas quero saber cada detalhe do porquê ele está torrando o tempo de Sloan.

"Talvez sim. Presumi que a maioria dos relacionamentos fosse entre duas pessoas, mas acho que estou errado. Relacionamentos me confundem. Assim como o vosso."

"Assim como o vosso?" ele repete. "Quem fala desse jeito?"

Somos interrompidos pelo garçom entregando nossas bebidas. Tomamos alguns goles e então ele coloca a cerveja de lado se inclinando, batendo os dedos contra a mesa. "Deixe-me lhe ensinar sobre relacionamentos, Carter. Caso você se encontre em um."

Isso deve ser interessante.

"O seu pai está vivo?" Asa pergunta.

"Não. Morreu quando eu tinha dois anos." Isso é mentira. Ele morreu há três anos.

"Bem, este é o seu primeiro problema. Você foi criado por uma mulher."

"Isso é um problema?"

Ele acena com a cabeça. "Você aprendeu sobre a vida com uma mulher. Tudo bem, muitos homens aprendem. Mas isso é o que há de errado com a maioria dos homens. Homens precisam aprender com homens. Nós funcionamos diferentemente do que a sociedade faz as mulheres acreditarem."

Eu não respondo. Espero que ele continue essa rara demonstração de "gênio" caridoso.

"Os homens não foram designados pela natureza para serem monogâmicos. Está entranhado em nós espalhar a semente. Manter a população crescendo. Somos reprodutores por natureza e não importa o que a sociedade tente nos fazer, nós seremos reprodutores até que isso nos mate. É por isso que ficamos excitados o tempo todo."

Olho para minha esquerda, para duas mulheres mais velhas boquiabertas, escutando a definição de Asa sobre a espécie masculina.

"As mulheres são aquelas que dão à luz," eu comento. "Elas também não são consideradas reprodutoras? Também não estaria em sua concepção química povoar o mundo?"

Ele balança a cabeça. "Elas são as cuidadoras. É função delas manter a espécie viva. Não criá-la. Além disso, as mulheres não são tão afins de sexo como os homens."

Eu queria estar gravando isso. "Não são?"

"Porra, não. Elas anseiam pela expressão dos pensamentos... emoções... sentimentos. Elas querem criar um laço... uma conexão para a vida inteira. É por isso que elas insistem no casamento, porque está em sua concepção biológica ansiar por um protetor. Um provedor. Elas precisam de estabilidade, um lar, um lugar para criar seus filhos. As mulheres não têm anseios físicos como nós, mas também precisamos de uma válvula de escape para compartilhar os nossos estímulos naturais. Quando os homens fodem por aí, é diferente de quando as mulheres fodem por aí."

Eu aceno com a cabeça como se estivesse entendendo sua filosofia, mas ela está me deixando doente por Sloan. "Então em sua opinião, as mulheres não têm desculpas biológicas para dormirem com mais de um homem. Mas os homens têm."

Ele acena. "Exatamente. Quando um homem trai, é puramente físico. Nós estamos atraídos pelos quadris da mulher, por suas pernas, bunda, peitos. É tudo sobre o ato sexual. Pau dentro, pau fora. Quando uma mulher trai, é puramente mental. Elas estão excitadas pelas emoções. Por seus sentimentos. Se uma mulher fode um homem, não é porque ela está com tesão. É porque ela quer que ele a ame. É por isso que eu traio Sloan. E é por isso que ela não está autorizada a me trair. Traição para um homem é diferente de traição para uma mulher, e isso é fato provado pela própria mãe natureza."

Putá merda. Pessoas assim realmente existem. Deus nos ajude.

"E Sloan concorda com isso?"

Asa ri. "Aí que está, Carter. As mulheres não entendem porque elas não foram feitas como nós. É por isso que também foi dado ao homem a distinta habilidade de mentir tão bem."

Eu sorrio quando tudo o que realmente quero fazer é me inclinar sobre a mesa e pôr fim as habilidades

reprodutoras dele – pôr fim a sua habilidade de criar vidas que possam se tornar como a dele.

"Então, qual é o papel das amantes em tudo isso?" eu pergunto.

Ele sorri asquerosamente. "Foi por isso que Deus criou as vadias, Carter."

Forço um sorriso. Ele está certo sobre uma coisa – eu posso definitivamente mentir bem. "Então as vadias são para a natureza e as esposas são para a criação," digo.

Asa sorri orgulhosamente, como se ele realmente tivesse me ensinado algo. Ele ergue a cerveja. "Um brinde a isso," ele diz. Brindamos nossas cervejas e tomamos um gole. "Meu pai costumava dizer algo similar a isso."

"Ele ainda está vivo?"

Asa acena, mas eu noto o repentino enrijecer em seu maxilar. "Sim. Em algum lugar."

A nossa comida chega, mas não tenho certeza de que
estou com fome depois dessa explicação distorcida
sobre Darwinismo.

Eu definitivamente não estou com vontade de comer,
agora que sei que verei Sloan à noite. *Em sua maldita
festa de noivado.*

"Você deveria fazer um brinde esta noite."

Eu paro de mastigar. "Desculpe?"

Asa toma um gole de sua cerveja. "Hoje à noite," ele
diz, colocando-a de volta à mesa. "Na festa. Você
deveria fazer um brinde depois que eu anunciar o
noivado. Você consegue formular uma frase melhor do
que qualquer outro idiota que estará lá. Fará bem a
minha imagem. Sloan vai engolir isso."

Eu forço a comida pela minha garganta. "Ficarei
honrado."

Filho da puta.

—

Nota da autora: Apenas duas atualizações hoje, pessoal. Desculpe. Culpem Anna Todd, ela realmente está me fazendo sair do hotel para jantar com ela. Estaremos em um trem para Roma amanhã, então espero ter mais coisas escritas em nosso caminho para lá.

A seguir: festa de noivado! Quem está animado?

Carter não, definitivamente.

Talvez se ele finalmente beijar Sloan, dará a ele um motivo para sorrir...

Capítulo 26

SLOAN

Eu desperdiço o meu tempo o máximo que posso antes de voltar para casa todos os dias. Quanto menos eu estiver aqui, melhor. Após o fim da aula de hoje, fui para a academia e depois para a biblioteca. Eram sete e quinze quando finalmente passei pela porta de entrada. Jon estava sentado no sofá me encarando.

Corri para a escada e para o meu quarto o mais rápido que pude, mas não antes de notar o rosto dele. Eu não sei o que aconteceu depois que eu me afastei dele e de Carter ontem à noite, mas está evidente que Carter não tinha terminado com ele, porque os dois lados de seu rosto estão preto e azul.

Fecho a porta do meu quarto. Não sei se Asa está ou não aqui, mas nunca darei a chance de ficar sozinha com Jon de novo.

Uma vez que estou em segurança dentro do quarto, jogo minha mochila no chão. Meus olhos

instantaneamente caem sobre o criado mudo.

Especificamente sobre a *caixa de joias*.

Ele comprou um anel para mim. Ele faz promessas quase que diariamente e nunca as cumpre. A única vez que quero que ele esqueça é a única vez que ele realmente lembra.

É apenas a minha sorte.

Caminho em direção ao criado mudo e abro a caixa. Eu nem mesmo a seguro. Eu apenas a abro com os dedos, sem querer vê-la, na verdade.

Imediatamente me encolho. É claro que ele me compraria este; era provavelmente o maior da joalheria. Três diamantes enormes compõem a maior parte do anel de platina, cada diamante ladeado por diamantes menores.

É feio pra cacete. É sério que vou ter que usar essa coisa?

Não tem como esconder isso. Eu sabia que devia ter contado para Carter hoje mais cedo. Eu simplesmente não sabia como contar para o cara por quem estou

desenvolvendo sentimentos que acabei de ficar noiva de alguém. Alguém que ele detesta. Ainda que esse compromisso signifique muito pouco para mim.

Eu escuto risadas do lado de fora, então sigo para a janela do quarto. Há coolers espalhados por todos os lados e Dalton está parado perto da churrasqueira, assando hambúrgueres. Várias pessoas estão descansando e de pé ao redor. Vinte talvez. Asa deve ter aquecido a piscina. Está 18 graus do lado de fora e a água estaria muito fria para nadar, mas já tem algumas pessoas nela.

Asa só aquece a piscina para grandes festas.

Merda.

Eu me viro com a batida na porta. "Sloan!"

Corro até a porta e a destranco, deixando Asa entrar. Ele está sorrindo antes de fazer contato visual comigo. "Ei, futura esposa."

Engraçado como o que ele considera um termo carinhoso soa como um insulto para mim.

"Ei... futuro marido."

Ele envolve os braços ao meu redor e beija meu
pescoço. "Espero que você tenha dormido bastante na
noite passada, porque você não vai dormir nada hoje."
Seus lábios se arrastam pelo meu pescoço e param no
canto da minha boca. "Você quer o seu anel agora ou
mais tarde?"

Eu falho ao lhe dizer que já o vi, e que aquele anel só
serve como prova de que ele não me conhece. Digo-
lhe que o quero agora, porque se eu disser mais tarde,
isso significa que ele criará uma grande produção para
isso. Essa é a última coisa que eu quero.

Ele vai até o criado mudo e pega a caixa. Ele a entrega
para mim, mas a pega de volta. "Espere. Vamos fazer
isso direito."

Ele se ajoelha e levanta a caixa, mostrando o anel
para mim. "Você me daria a honra de torná-la a Sra.
Asa Jackson?"

Sério? Esse tem que ser o pior pedido da história. Isso
se você não contar o pedido que ele fez nesta amanhã
logo após ter sua mão contra a minha garganta.

"Eu já disse que sim, bobo," digo para ele.

Ele sorri e desliza o anel sobre o meu dedo. Olho para ele, segurando-o contra a luz. *Não sabia que o inferno brilhava tanto.*

Asa levanta e caminha até o closet. Ele tira a camisa azul que está vestindo e começa a escolher uma diferente. "Nós deveríamos combinar hoje," ele diz. "Camisa preta, vestido preto." Ele pega uma camisa e joga um vestido em minha direção. Eu o agarro. "Estarei tão aliviado quando tivermos o nosso próprio lugar. Closets separados."

Minhas mãos se fecham em punhos ao redor do vestido. "Nosso próprio lugar?"

Ele ri. "Você não acha que vou casar com você e mantê-la *nesta* casa, acha?"

"*Manter-me?*"

Ele coloca a camisa preta e começa a rir consigo mesmo enquanto a abotoa. "Eu almocei com Carter hoje," ele diz casualmente sentando na cama.

Almoço? O que? A nossa aula juntos acabou na hora do almoço. Carter deixou a aula depois de me fazer sentir as coisas eu senti e saiu direto para almoçar com Asa?

Por que?

Sento do lado oposto da cama e tento parecer desinteressada. "Ah é?"

Asa começa a vestir um par de meias. "Ele não é tão ruim. Eu meio que gosto dele. Até pedi que ele fosse nosso padrinho de casamento."

Ele já está planejando o casamento?

Asa coloca os sapatos e se levanta, virando em direção ao espelho. Ele passa as duas mãos pelo cabelo. "Você já pensou sobre quem irá chamar para ser sua dama de honra? Você realmente não tem nenhuma amiga, né?"

Você faz com que seja difícil que eu tenha amigas.
Asa.

"Nós acabamos de ficar noivos nesta manhã," digo a ele. "Então tive aula o dia todo. Eu realmente não tive tempo para pensar sobre os detalhes do casamento."

"Você poderia pedir para Jess ser a dama de honra," ele diz.

Eu concordo, mas rio internamente. Jess me odeia. Não sei porquê, mas a garota não olha na minha cara há seis meses, não importa o quanto eu tente me aproximar. "Sim," digo. "Eu poderia pedir para Jess."

Asa abre a porta do quarto e indica o vestido ainda apertado em meus punhos. "Tome banho e fique pronta. Quero você linda hoje à noite para o grande anúncio."

A porta fecha atrás dele. Eu olho para o vestido. Eu olho para o meu anel.

Esse buraco que estou cavando para mim mesma está ficando mais e mais profundo. Se eu não descobrir como saltar para fora dele, Asa irá preenchê-lo com cimento.

Asa gosta mais do meu cabelo quando ele está liso. Sei disso porque houve algumas vezes em que eu o enrolei e ele pediu para eu refazê-lo.

A primeira vez foi assim que começamos a namorar, quando ele me apresentou para Jon e Jess. E uma vez em nosso primeiro aniversário quando fomos jantar em um restaurante que eu mesma reservei. O jantar de aniversário que eu tive que lembrá-lo pelo menos três vezes.

Ele disse que sua mãe tinha cabelos cacheados e que ele preferia que eu usasse o meu liso.

Eu não sei nada sobre a família dele, exceto que ele não tem uma. E essa frase sobre o cabelo de sua mãe foi a única vez que ele a mencionou em todos esses anos que o conheço.

No entanto... aqui estou eu, parada em frente ao espelho com o modelador, acrescentando cachos ao meu cabelo. Simplesmente porque sei que Carter gosta deles. Eu o surpreendo encarando meus cabelos algumas vezes quando faço cachos. Como se ele desejasse poder tocá-los – deslizar toda a sua mão pelo meu cabelo e puxar o meu rosto para perto do

seu. E ainda que ele esteja do lado oposto da sala, sem nem olhar em minha direção, eu faço cachos em meu cabelo. Para ele.

Não para o meu *noivo*.

A música está alta, a casa está cheia de gente e eu estou no banheiro há uma hora e meia me preparando. É claro que uma hora foi provavelmente gasta comigo encarando o espelho, me perguntando como eu cheguei a esse ponto na vida? Mas tenho que parar de me preocupar com todas as más decisões que tomei e descobrir como tomar boas decisões.

Vou visitar meu irmão domingo. Agora que seus cuidados são particulares, eu não preciso me encontrar com a assistente social para preencher formulários. Mas acho que irei agendar um encontro com ela enquanto estiver lá. Eu tenho que descobrir o que posso fazer para ter seus benefícios de volta sem que Asa descubra.

Alguém bate na porta no banheiro, então solto e desligo o modelador. Eu abro a porta e encontro Asa segurando o batente. Seus olhos me examinam de cima a baixo. "Putá merda," ele diz, entrando no

banheiro. Ele envolve o braço ao redor da minha cintura e sua outra mão segue para a minha coxa, levantando meu vestido com seus dedos. "Eu estava planejando esperar até você ir para a cama hoje à noite, mas não sei se consigo."

Sua respiração exala cheiro de uísque. Duvido que já sejam nove horas e ele já está a meio caminho do coma alcoólico.

Eu empurro seu peito. "Bem, você *terá* que esperar. Eu acabei de me arrumar. Quero ser capaz de torturá-lo por *algumas* horas com esse traje."

Ele geme e me empurra contra o balcão, pressionando a si mesmo entre minhas pernas. "Sloan, como um cara pode ser tão sortudo?"

Fecho os olhos enquanto ele beija meu ombro. Como uma garota pode ser tão *infeliz*?

Ele me segura pela cintura e me afasta do balcão. Ele não me coloca no chão. Ele me segura em seus braços e sou forçada a agarrá-lo ao redor do pescoço para me equilibrar. Ele me carrega para fora do banheiro e desce as escadas. Antes de chegarmos ao

fim dos degraus, ele para e me coloca no chão.
"Espere aqui," ele diz, desaparecendo dentro da
cozinha.

Eu olho ao redor da sala de estar, para todas as
pessoas. Tantas pessoas. Meus olhos encontram o
olhar de Jess e sorrio para ela. Ela afasta o olhar, mas
estou quase certa que ela se encolheu antes de fazer
isso.

Não tenho ideia do que fiz para ela ou do porquê ela
me odeia tanto. Mas honestamente, estou acostumada
a pessoas me tratando como ela me trata. Eu parei de
me preocupar com isso antes mesmo de chegar ao
ensino médio.

Levo os dedos da minha mão direita para a minha mão
esquerda e mexo no anel nervosamente. Acho que um
dos aspectos positivos desse anel ser tão grande é
que poderia usá-lo como autodefesa. Viria a calhar se
eu me visse sozinha com Jon novamente.

Posso sentir a ansiedade se arrastando pelo meu
estômago antes mesmo de notá-lo me encarando.
Carter está do outro lado da sala de estar. Ele está
encostado contra a parede, perto de Dalton. Seus

braços estão cruzados – fiel à sua palavra – ele não está olhando para mim. Tecnicamente. Ele está olhando para minha mão.

Eu paro de mexer no anel e quando o faço, seus olhos se movem rapidamente em direção aos meus. Mas assim como Carter disse mais cedo, ele não consegue ver mais nada – ele só consegue me ver. Sua expressão não vacila. Mesmo quando Asa retorna com duas taças de champanhe e empurra uma delas em minha mão, Carter não afasta o olhar. É como se ele estivesse torturando a si mesmo de propósito.

Eu tento poupá-lo um pouco da dor afastando o olhar primeiro. Provavelmente não ajuda que eu olhe para Asa. Ainda posso sentir os olhos de Carter em mim quando Asa ergue a taça.

"Seus merdas!" ele grita. "Desliguem a música."

Alguns segundos depois a música para. Todos na sala se viram para nós e eu de repente quero correr para as escadas e me esconder. Eu me obrigo a não olhar para Carter.

Uma vez que Asa consegue a atenção de todos, ele diz, "Muitos de vocês já sabem, porque eu não fiquei com a porra da boca fechada desde que ela disse sim." Ele segura minha mão. "Mas ela disse sim!"

Brindes coletivos e felicitações vêm da sala, mas eles rapidamente cessam quando se torna evidente que Asa ainda não terminou de falar.

"Eu tenho amado essa garota por muito tempo," ele diz. "Ela é o meu mundo. Então já está na hora de tornar isso oficial." Ele sorri para mim e eu estaria mentindo se dissesse que não há alguma coisa dentro de mim que ainda sente algo por ele - mesmo que seja apenas simpatia. Em algum lugar lá no fundo, eu sei que ele é desse jeito pelo modo como foi tratado quando criança. Uma parte de mim não pode culpá-lo por isso. Mas só porque grande parte de seu comportamento pode provavelmente ser justificado pelas pessoas terríveis que estiveram ao lado dele quando criança, não significa que eu precise me sujeitar a uma vida de infelicidade simplesmente porque ele me ama.

Porque ele me ama. Ele pode me amar de sua
maneira distorcida, mas ele me *ama*. Isso é óbvio.

Asa aponta para o outro lado da sala. "Carter! Meu
amigo! Ajude-nos a celebrar essa ocasião monumental
com um brinde!"

Eu fecho os olhos. Por que ele está metendo Carter
nisso? Eu não posso olhar. Eu não posso.

"Alguém pega uma taça de champanhe para esse filho
da mãe!" Asa grita.

Abro os olhos e os arrasto lentamente para o outro
lado da sala em direção a Carter, que ainda tem a
mesma expressão no rosto. Só que desta vez, estão
lhe entregando uma taça de champanhe.

E uma cadeira para que ele suba.

Foda-se a minha vida.

Asa me puxa contra ele e beija a lateral da minha
cabeça enquanto assistimos Carter subir na cadeira. A
sala está incrivelmente quieta. Ele está comandando a
sala de um jeito que Asa nunca comandou e Carter
ainda não disse uma palavra. Parece que eles se

importam mais com o que Carter tem a dizer do que com o que Asa tinha a dizer. Algo que eu espero que Asa não note.

Carter não olha para mim. Ele pisca para Asa e leva a taça de champanhe à boca. Ele bebe a taça inteira em um só gole antes mesmo de fazer o brinde. Quando a taça está vazia, ele a entrega para Dalton que está com a garrafa de champanhe. Dalton reabastece a taça de Carter e ele a puxa para o peito, olhando diretamente para Asa. Posso vê-lo soprar um rápido e reprimido suspiro antes de começar a falar.

"É difícil acreditar que nós chegamos à idade dos compromissos. Casamentos. Constituir famílias. Mas é ainda mais de difícil de acreditar que Asa Jackson está nos superando."

Algumas risadas surgem ao redor da sala.

"Eu nunca pensei em mim mesmo como o tipo de cara que sossegaria. Mas depois de passar um tempo com Asa e conhecê-lo melhor – testemunhando em primeira mão o quanto ele *valoriza* seu relacionamento com Sloan, pode ser que ele tenha me feito mudar de ideia. Porque se eu puder terminar com uma garota tão

bonita quanto ela, então talvez não seja tão tarde para o restante de nós."

As pessoas começam a erguer suas taças, mas ele balança a mão para silenciá-los. Posso sentir Asa ficar tenso ao meu lado, mas eu tenho estado tensa desde que Carter começou a falar.

"Eu ainda não terminei," Carter diz, seus olhos examinando a plateia. "Asa Jackson merece um brinde mais demorado do que esse, seus impacientes de merda."

Mais risadas.

Carter bebe sua segunda taça de champanhe e espera que Dalton vá reabastecê-la pela terceira vez. Minha pulsação está muito acelerada, estou rezando para que Asa não segure o meu pulso e a sinta.

"Enquanto Sloan é muito, *muito* bonita," Carter diz sem olhar para mim. "As aparências não têm absolutamente nada a ver com o amor. O amor não é encontrado na atração que você tem por outra pessoa. O amor não é encontrado na risada que vocês compartilham. O amor nem mesmo é encontrado em

todas as coisas que vocês têm em comum. O amor não é, de maneira alguma, um modelo ou forma definida por algo, ou encontrado na alegria em abundância que ele proporciona a duas pessoas." Ele bebe a terceira taça de champanhe e com a mesma rotina, Dalton reabastece a taça de Carter pela quarta vez. Eu tomo um gole de minha própria taça agora que minha boca e garganta ficaram completamente secas.

"O amor," Carter diz, sua voz um pouco mais titubeante e um pouco mais alta. "O amor não é encontrado. O amor encontra."

Os olhos de Carter se movem pela sala até pousarem sobre os meus. "O amor encontra você no perdão ao fim de uma briga. O amor encontra você na empatia que você sente por outra pessoa. O amor encontra você no abraço que procede uma tragédia. O amor encontra você na celebração após a conquista sobre uma doença. O amor encontra você na devastação após a *rendição* a uma doença."

Carter ergue sua taça. "A Asa e Sloan. Que o amor possa encontrar vocês em cada tragédia que enfrentarem."

A sala explode em aplausos.

Meu coração explode no peito.

A boca de Asa encontra a minha e ele me beija, então se afasta. Desaparece em meio à multidão de pessoas que clamam para dar tapinhas em suas costas, parabenizando e inflando seu ego.

Eu sou deixada de pé na escada, encarando o cara que ainda esta em pé sobre a cadeira me encarando de volta.

Ele me encara por vários segundos e eu não consigo olhar para longe. Então ele bebe a quarta taça de champanhe, limpa a boca e desce da cadeira, desaparecendo no meio da multidão.

Eu coloco a mão sobre meu estômago e libero o fôlego que tenho prendido desde que ele começou seu discurso.

O amor encontra você nas tragédias.

Esse é certamente o lugar onde Carter me encontrou. No meio de uma série de tragédias...

Meus olhos escaneiam a multidão até encontrar Asa do outro lado da sala, olhando diretamente para mim. Suspeita substituiu o sorriso que estava fixo em seu rosto a tarde inteira. Seus olhos estão focados nos meus com a mesma intensidade que os meus estavam focados nos de Carter.

Eu nem mesmo consigo encontrar forças para forçar um sorriso.

Asa vira uma dose inteira e bate o copo na mesa perto dele. Kevin o reabastece e ele vira mais uma. E então outra. Seu olhar em nenhum momento vacila contra o meu.

Capítulo 27

ASA

"Outra."

"Já foram cinco, Asa," Kevin diz. "Não são nem nove horas direito. Às dez você já estará ruim se continuar com isso."

Afasto meus olhos de Sloan e encaro Kevin. Ele concorda, coloca a sexta dose e eu a viro. Quando olho de volta para as escadas, ela já não está lá.

Olho ao redor da sala, mas não a vejo. Eu imediatamente sigo em direção à multidão e subo os degraus para o nosso quarto.

Quando abro a porta, a encontro sentada na cama encarando as mãos. Ela olha para mim e sorri, mas o sorriso parece forçado. *Muita coisa parece forçada aqui ultimamente.*

"Por que você está aqui em cima?" pergunto.

Ela dá de ombros. "Você sabe que não gosto de festas."

Ela costumava gostar. Assim como ela costumava dormir nua. De bruços.

Dou dois passos até estar de frente para ela, olhando-a.

"O que você achou do brinde de Carter?"

Ela umedece os lábios e dá de ombros novamente.
"Foi um pouco difícil de acompanhar. Meio confuso, na verdade."

Eu aceno, observando sua reação cuidadosamente.
"Foi? É por isso que você o encarava depois que me afastei?"

Ela inclina um pouco a cabeça, um movimento que as pessoas fazem quando estão confusas. Ou talvez seja um movimento que as pessoas fazem quando elas estão apenas *fingindo* estarem confusas.

A única coisa sobre Sloan que eu *não* gosto é que ela é esperta. Mais esperta do que a maioria das garotas.
Ainda mais esperta do que muitos homens que

conheço. Ela pode até ser uma boa mentirosa, mas eu ainda não a peguei mentindo. Levo minha mão para o lado de seu rosto e a faço erguer o olhar. "Eu já lhe perguntei isso uma vez. Esta será a última, Sloan."

Se eu não a conhecesse, diria que ela estava tremendo. No entanto, poderia ser as seis doses correndo pela minha corrente sanguínea. Corro meus dedos sobre sua maçã do rosto. Pauso sobre seus lábios e então traço meus dedos lentamente sobre eles. "Você quer transar com ele?"

Seu pescoço enrijece e ela se afasta. "Asa, não seja ridículo," ela diz, descartando a minha pergunta.

Eu balanço a cabeça. "Não sou estúpido, Sloan. Então não me trate como se eu fosse. Eu vi o jeito como você olhou para ele lá embaixo. E ainda não tenho certeza se estou convencido de que não foi o nome dele que você disse durante o sono ontem à noite. Então, me diga... você quer transar com ele? Você imagina a boca dele na sua?"

Ela balança a cabeça. "Não faça isso de novo, Asa. Você está bêbado. Isso faz você ficar paranoico." Ela levanta para ficar frente a frente comigo e minha mão

desliza sobre sua cintura. Ela me olha diretamente nos olhos. "Eu não dou a mínima para Carter. Eu nem o conheço. Não tenho ideia do porquê você continua mencionando ele, mas se isso incomoda tanto você, *demita-o*. Não permita que ele entre em nossa casa de novo. Eu não poderia me importar menos, Asa. E se você se sente ameaçado por ele, faça alguma coisa com relação a isso. Se eu quisesse outra pessoa não estaria usando este anel."

Ela levanta a mão esquerda e sorri. "Por falar nisso, é lindo," ela diz, admirando o anel. "Eu fiquei um pouco sem palavras mais cedo, por isso esqueci de dizer o quão perfeito ele é."

Ou eu sou um merda iludido ou ela é a melhor mentirosa que já conheci. Se eu for obrigado a escolher entre os dois, escolho a primeira opção.

Envolvo meus braços ao redor de sua cintura. "Vamos lá para baixo," digo a ela. "Quero meus olhos em você a noite toda."

Ela me dá um beijo na bochecha. "Irei em meia hora. Quero olhar para o meu anel mais um pouco antes de todas as garotas lá embaixo começarem a pedir para

experimentá-lo." Ela move o anel sobre o dedo,
admirando-o novamente.

Garotas. Elas são tão fáceis de agradar. Eu deveria
começar a comprar mais malditas joias para ela.

Eu a solto e sigo para a porta. "Não demore muito,
você tem muitas doses para pôr em dia." Abro a porta
para sair, mais paro quando ela chama o meu nome.
Eu me viro e ela está sentada na cama.

"Eu amo você," ela diz, seus doces lábios enfatizando
aquelas palavras. Isso me faz ficar doído de vontade
de estar dentro dela.

Eu estarei. Mais tarde.

"Eu sei que você ama, baby. Você seria estúpida se
não amasse."

Fecho a porta e desço. Eu provavelmente não deveria
ter dito aquilo para ela, mas ainda estou um pouco
azedo pelo modo como ela me fez sentir quando a vi
encarando Carter. Quando cruzo a sala, Kevin ainda
está parado perto da mesa de licor. Pego um copo de
sua mão. "Mais uma," digo, apontando para a garrafa e

virando o que está em minha mão. Terei que dobrar as doses que já bebi para superar o jeito como meu sangue ferveu diante do pensamento de Carter e Sloan.

Falando em Carter...

Vejo pelo canto dos olhos quando ele se inclina e sussurra no ouvido de uma morena baixinha. Ela ri e dá um tapa no peito dele. Meus olhos se movem para as mãos dele e elas estão segurando a cintura dela, pressionando-a contra a parede.

Sloan está certa. Estou ficando paranoico. Se algo estivesse acontecendo entre Carter e Sloan, ele estaria me encarando ou olhando ao redor a procura dela. E não deslizando a língua pelo pescoço de uma garota como ele está fazendo agora.

Bom para ele. Tenho certeza de que esta é a primeira vez que o vejo realmente relaxado. Deve ter sido a meia garrafa de champanhe que ele bebeu durante o brinde.

Viro outra dose e passo por eles em direção à porta dos fundos. Dou um tapinha nas costas de Carter, mas

acho que ele não nota. As pernas da garota estão agarradas ao redor da cintura dele. Ela tem umas pernas muito bacanas.

Babaca sortudo.

Eu ligeiramente passo meus dedos por uma das pernas dela ao passar por eles. Carter ainda está com a boca enterrada contra o pescoço dela, mas a garota faz contato visual comigo quando sente o meu toque. Pisco para ela e sigo para a porta.

Dou cinco minutos para que ela invente uma desculpa para me seguir.

Eu deveria me sentir mal por isso – por roubar a garota de Carter bem na cara dele. Mas o filho da mãe tem estado na minha cabeça o suficiente nas últimas vinte e quatro horas no que diz respeito à Sloan. Ele merece isso.

Capítulo 28

CARTER

"Ele já foi?" sussurro em seu ouvido.

Tillie acena e desenrosca as pernas da minha cintura.

"Sim," ela diz, limpando o pescoço. "Eu entendi que você tinha que fazer de forma convincente, mas, por favor, nunca mais coloque a sua língua em mim de novo. Nojento."

Eu rio. Ela arruma o cabelo passando os dedos por ele. "Agora, desapareça. Tenho trabalho a fazer. Isso pode ser até mais fácil do que eu pensava." Ela dá um tapa contra o meu peito e me empurra para o lado, seguindo em direção à porta dos fundos em busca de seu novo projeto. Asa.

Tillie já me ajudou em alguns trabalhos antes, mas ela é geralmente companheira de Dalton. Pensei que tê-la aqui esta noite não só serviria a mim, como também à investigação. Se há alguém que poderia tirar os olhos de Asa de Sloan por algum tempo, esse alguém é Tillie. Não só pela sua aparência, mas também porque

ela é igual a um camaleão. Ela pode se transformar em quem quer que ela precise ser para penetrar a mente de um cara e, Asa Jackson é o próximo de sua lista.

Quando ela desaparece do lado de fora, eu olho ao redor da sala para ter certeza de que ninguém está prestando atenção em mim. Quando estou livre, sigo direto para a escada.

Reconheço que me esgueirar para o quarto de Sloan não é o motivo pelo qual Tillie está aqui. Na verdade, Dalton ordenou que eu ficasse longe de Sloan esta noite e esperasse até domingo para lhe dar alguma atenção – quando Asa estiver longe de nós dois.

Por sorte, Dalton está do lado de fora. E Asa também.

E agora, Tillie também. Tenho, no mínimo, um espaço de dez minutos para verificar Sloan.

Ela provavelmente está confusa pelo brinde que fiz lá embaixo. Droga, eu ainda estou confuso sobre o porquê Asa me pediu para fazer isso em primeiro lugar. Ou ele está começando a confiar em mim, ou é

aquela situação de *mantenha seus inimigos próximos a você*.

Não perco tempo batendo à porta quando entro no quarto dela. Eu a abro e fecho rapidamente. Então a tranco por precaução. Ela está sentada na cama e assim que ela me olha e percebe que sou eu, levanta. "Carter," ela diz, enxugando uma lágrima. "Você não deveria estar aqui."

Deus, ela está linda. Eu fiquei tão mal quando vi Asa carregando-a escada a baixo mais cedo, que me recusei a apreciá-la. O modo como seus cachos escuros caem em cascata sobre os ombros nus, o modo como o vestido a abraça, assim como eu gostaria de fazer agora.*Merda*. Eu sei que tive que beber a metade de uma garrafa de champanhe para conseguir fazer o brinde, mas isso está realmente começando a me afetar agora.

Passo por ela de alguma maneira sem tocá-la e vou para a janela. Fico parado ao lado dela e olho para o quintal. Asa está em uma espreguiçadeira perto da piscina – Tillie está sentada em uma cadeira ao lado dele. Ela está inclinada para a frente, envolvendo-o na

conversa. As mãos dele estão relaxadas atrás da cabeça e daqui eu consigo dizer que ele está olhando para os peitos dela.

Dalton está conversando com Jon do outro lado da piscina.

Volto a olhar Sloan e ela está de pé atrás de mim, balançando a cabeça. "Por que você está aqui? Ele já está suspeitando, Carter. Você é *louco*?"

Eu concordo. "Aparentemente."

Ela está abraçando a si mesma nervosamente, olhando para mim. Parece que o meu coração está prestes a rasgar meu peito. Isso acontece algumas vezes quando faço coisas estúpidas como essa. "Você quer que eu saia?" pergunto a ela.

Ele puxa o lábio inferior e o morde por um segundo. "Ainda não," ela sussurra.

Eu me aproximo e puxo seu braço esquerdo para longe de seu peito. Deslizo meus dedos sobre o anel. "Não posso fazer isso enquanto você estiver usando

esse anel." Removo o anel de sua mão e o jogo em cima da cama.

"Fazer o quê?" ela sussurra, olhando para mim com uma quantidade considerável de expectativa.

Eu preencho o espaço entre nós. "Beijar você." Levo minhas mãos ao seu rosto, deslizando-as lentamente de seus cabelos até a base do pescoço. "Beijarei você até ficar sóbrio ou até que eu seja pego. O que vier primeiro."

Seu peito incha com um arquejo. "Depressa," ela diz sem ar.

Pressa é a *última* coisa que tenho quando se trata dela.

Inclino minha cabeça, sentindo seus punhos agarrarem a frente da minha camisa. Eu mal toco meus lábios nos seus, alisando minha boca contra a dela. Nós dois liberamos suspiros trêmulos no instante em que fazemos contato – suspiros que temos segurado desde o primeiro dia que nos vimos na aula.

Ela está na ponta dos pés agora, necessitando que eu a beije plenamente para finalmente lhe dar o que nós dois queremos. Mas eu me afasto e olho para ela. Quando ela percebe que estou fazendo exatamente o oposto do que ela quer, ela abre os olhos.

Olho para sua boca, querendo saboreá-la por mais um segundo antes de devorá-la. Levo minha mão direita de volta a sua bochecha, passando lentamente a ponta do meu polegar sobre seu lábio inferior.

"O que está fazendo você demorar tanto?" ela sussurra.

Olho para sua boca enquanto traço meu polegar sobre seu lábio superior. "Estou preocupado porque uma vez que começarmos, não seremos capazes de parar."

Ela desliza suas mãos sobre o meu pescoço, lançando arrepios pelas minhas costas. "Acho que você deveria ter pensado nisso antes de entrar no meu quarto. Agora é um pouco tarde para mudar de ideia."

Eu aceno, puxando-a para mim. Envolver uma mão ao redor de suas costas e mantenho a outra enroscada em seus cabelos. "Sim. Definitivamente muito tarde."

Pressiono meus lábios nos dela e minha pulsação começa a se descontrolar sob a minha pele. Seus lábios se separam, abrindo espaço para a minha língua e, quando finalmente a provo, ela é tão doce que gemo.

Sua boca é quente, seus lábios são frios e o modo como ela me beija de volta faz com que o quarto pareça mais quente do que o inferno. Eu tento puxá-la para mais perto, beijá-la mais profundamente, mas isso não é suficiente. Estamos agarrando um ao outro, tentando conseguir mais desse beijo do que sabemos que somos permitidos. Mas os seus lábios, seus arquejos, seus gemidos... Eu não consigo parar.

Eu não posso parar.

Acabamos com ela pressionada contra a parede e minhas mãos ao lado de sua cabeça. Nosso beijo desacelera, acelera, desacelera de novo.

Para.

Nós estamos praticamente ofegantes quando olho para ela. Ela está olhando para mim com a mais trágica das expressões. Eu a beijo suavemente nos

lábios e então, em suas bochechas. Eu me afasto e encosto minha testa na dela enquanto recuperamos o fôlego.

"Eu deveria ir para casa," sussurro. "Preciso ir antes que a minha estupidez mate você."

Ela concorda e então, desesperadamente, segura meus braços. "Leve-me com você."

Eu não me movo.

"Por favor," ela diz, seus olhos enchendo de lágrimas. "Vamos. Agora, antes que eu mude de ideia. Quero sair daqui e nunca mais voltar."

Merda.

Ela está realmente dizendo isso?

"Por favor, Carter." Suas palavras são desesperadas. "Podemos soltar meu irmão, assim Asa não o usará contra mim. E onde quer que a gente termine, encontrarei um jeito de conseguir os cuidados que ele precisa. Vamos embora."

Meu coração está murchando, assim como sua
esperança também murchará. Se ela soubesse como
eu desejo poder fazer isso. Começo a balançar minha
cabeça e ela move suas mãos dos meus braços para
as minhas bochechas. Uma lágrima enorme escorre
de seus olhos. "Carter, *por favor*. Você não deve nada
a ele. Você pode ir embora. Nós dois podemos.
Agora."

Eu aperto os olhos e encosto minha testa na lateral de
sua cabeça. Meus lábios estão diretamente sobre seu
ouvido quando eu sussurro, "Não é assim tão fácil,
Sloan."

Se estivesse tudo nas mãos de Luke e Carter não
existisse, nós já estaríamos a meio caminho para o
outro lado do estado. Mas se eu levá-la hoje à noite...
se nós simplesmente fugirmos e abandonarmos Ryan
em meio a tudo isso... comprometeria a investigação
inteira. Deixaria Asa ainda mais perigoso. E eu estaria
desapontando um monte de gente, sem mencionar
que estaria desistindo de toda minha carreira. Eu nem
teria como sustentá-la.

"Quero tirar você daqui, Sloan," sussurro. "Eu só não posso ir embora ainda. Não posso explicar porquê e não sei quando poderei, mas eu irei. Eu prometo. Eu juro."

Pressiono meus lábios contra a lateral de sua cabeça, assim que ela começa a chorar. E por mais que eu quisesse fazer de tudo para tê-la em meus braços até a devastação passar, eu não podia. Cada segundo que fico neste quarto com ela é mais um segundo que estou arriscando sua vida.

Pressiono minha boca contra a dela mais uma vez e então me afasto. Ela deixa a cabeça cair contra a parede e está muito mais triste neste momento do que quando entrei em seu quarto.

Ela ainda está agarrando o meu pulso quando tento me afastar. Quando ela se recusa a me deixar ir, eu levanto seus dedos, liberando-a. Observo enquanto seus braços caem fracos ao seu redor. Ter que me separar dele dessa maneira é nada menos do que devastador.

É trágico.

E é aí onde o amor encontra você... nas tragédias.

Capítulo 29

SLOAN

Eu nunca perdi um único domingo de visita ao meu irmão. E ainda que tenha estado na cama desde que Carter foi embora na sexta-feira à noite, fingindo estar doente, eu de alguma maneira abandono minha depressão hoje.

Asa e todos os seus amigos foram para o cassino. São três horas dirigindo para o norte e meu irmão está à uma hora de carro ao sul. É triste, mas sinto que quanto mais distância eu colocar entre Asa e eu hoje, melhor irei me sentir; mais eu serei capaz de respirar.

Antes de sair do meu quarto, eu paro na porta. Pego minha mão esquerda e retiro o anel, colocando-o sobre a cômoda. Estarei em casa muito antes de Asa voltar, então ele não irá notar que eu não o usei.

Mas a minha mão ficará mil vezes mais leve.

Eu paro na cozinha para preparar uma bebida para a viagem. Quando chego ao congelador para pegar gelo, minha mão se aperta em torno do puxador da porta. Meus olhos caem para as novas palavras escritas no quadro.

O pickles não se sente culpado quando as pessoas fazem o canto tirolês, então por que os lençóis nunca são dobrados às terças-feiras?

Eu não faço ideia de quando Carter escreveu isso, mas sei que ele escreveu para tentar me fazer sentir melhor pelo jeito que teve que sair na sexta à noite. Ele escreveu isso para tentar me fazer sorrir.

E funciona, porque estou sorrindo pela primeira vez em dois dias quando abro o freezer.

Encho meu copo com gelo e refrigerante, em seguida, pego um refrigerante extra para Stephen. Eles não deixam que ele tenha refrigerantes em seu quarto, devido às suas restrições de saúde, então eu sempre levo um extra aos domingos como um agrado. Com a permissão dos médicos, é claro. Eu só não conto isso a Stephen.

Pego minha bolsa, minhas chaves e as bebidas e começo a seguir em direção à porta quando recebo um SMS. Espero até chegar ao carro para pegar o telefone da bolsa e ler a mensagem.

Carter: Me pegue na esquina da Standard com a Wyatt. Eu quero ir com você.

Minhas bochechas esquentam com o texto inesperado. Pensei que hoje ele estivesse com Asa e os rapazes. Eu começo respondê-lo, mas outra mensagem chega.

Carter: Além disso, nunca responda as minhas mensagens. E exclua essas duas.

Eu faço o que ele pede e deixo a minha entrada de carros, seguindo para a esquina da Standard com a Wyatt. É apenas algumas ruas depois, e eu sei que ele quer que eu o pegue lá porque é mais seguro do que deixar o seu carro na garagem. Mas eu ainda estou confusa sobre como ele soube que eu estava indo a algum lugar.

Estou cheia de expectativa enquanto procuro por ele. Quando dobro a esquina da Standard, ele está exatamente onde disse que estaria, de pé sozinho no

meio-fio, com as mãos enfiadas nos bolsos de trás da calça jeans. Ele sorri quando me vê e isso dói. E parece incrível. Quando eu paro, ele abre a porta e entra no carro.

"O que você está fazendo?" pergunto.

"Indo com você visitar seu irmão."

"Mas... como? Como você se livrou do cassino? E como você soube quando eu estava saindo?"

Ele sorri para mim e se inclina sobre o banco, envolvendo sua mão em meu cabelo. Ele descansa seus lábios contra os meus e diz, "Tenho os meus meios." Ele me beija e volta para o seu lado do assento. Ele coloca o cinto de segurança. "Se você achar que é muito arriscado eu entrar no prédio com você, não me importo de esperar no carro. Eu realmente só precisava de algum tempo sozinho com você."

Eu tento sorrir, mas tê-lo tão perto me faz lembrar de sexta-feira à noite e o quão patética eu fui quando tentei implorá-lo para fugir comigo.

Eu não estava pensando com clareza. Não posso simplesmente levantar e sair, estou perto de conseguir o meu diploma. Não posso afastar Stephen de suas instalações e arrastá-lo para uma viagem de carro pelo país. Ele está feliz lá e eu estaria causando-lhe um transtorno.

Eu só quero tanto ir embora, e depois de sentir o que senti quando Carter me beijou, eu fiquei emotiva. E isso me fez desejar que ele estivesse errado, que ele realmente pudesse me salvar.

Carter se estica sobre o banco e pega minha mão. "Sloan. Você pode me fazer uma promessa hoje?"

Olho para ele. "Depende do que for."

"Posso ver pela sua expressão que você está pensando sobre sexta-feira à noite. Não vamos falar sobre Asa hoje. Ou sobre o que nós dois sabemos que precisa acontecer. Eu não quero nem discutir a possibilidade de ser pego, ou o quão estúpido eu sou por ter vindo com você. Vamos ser apenas Sloan e Luke hoje, ok?"

Eu levanto uma sobrancelha. "Luke? Quem é Luke? Estamos interpretando papéis?"

Seu maxilar se contrai e ele diz: "Quero dizer Carter. Eu costumava ser chamado pelo meu nome do meio quando era mais jovem. Hábito difícil de abandonar."

Balanço a cabeça e rio. "Eu o perturbo tanto que você nem lembra mais por qual nome chamam você?"

Ele segura minha mão com mais força e sorri. "Pare de fazer piada de mim. E nunca mais me chame de Luke, só o meu avô me chamava assim e é estranho."

"Ok, mas não vou mentir. Eu meio que gosto de Luke. Luke."

Ele se estica e aperta meu joelho. "Sloan e Carter. Vamos ser Sloan e Carter hoje," ele corrige novamente.

"Qual deles sou eu?" provoco. "Sloan ou Carter?"

Ele ri, então solta o cinto de segurança e se inclina sobre o assento. Ele pressiona a boca em meu ouvido e desliza a palma de sua mão sobre a minha coxa. Prendo a respiração e agarro o volante quando ele sussurra, "Você será Sloan. Eu serei Carter. E em

nosso caminho de volta para casa, iremos estacionar em algum lugar tranquilo e você poderá ser Sloan no banco traseiro *com* Carter. Parece bom?"

Solto a respiração com um aceno de cabeça. "Aham."

Capítulo 30

CARTER

"Quando foi a última vez que Asa o visitou?" pergunto para ela.

Ela desliga o carro e começa a recolher suas coisas. "Há dois anos. Ele só esteve aqui uma vez. Ele diz que o faz se sentir desconfortável."

É claro que ele diria isso.

"Então ninguém achará estranho que eu entre com você?"

Sloan balança a cabeça. "Acho que os funcionários estão tão acostumados em me ver sozinha, que eles só ficariam curiosos por eu finalmente aparecer com alguém. Mas eles não suspeitariam ou contariam a Asa, porque eles nem mesmo o conhece." Ela coloca as chaves e o telefone na bolsa e então segura o volante. Ela olha para o estacionamento à nossa frente. "Isso é realmente triste, não é? Que eu não tenha ninguém? *Literalmente* ninguém. Sempre foi só Stephen e eu contra todo o maldito mundo."

Eu estendo a mão e prendo uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. Quero confortá-la – dizer que ela tem a mim. Mas ela está sendo não honesta agora, não quero alimentar outra mentira. Ela nem mesmo sabe o meu verdadeiro nome. E quanto mais mentiras eu lhe contar em momentos como este, mais difícil será para ela me perdoar quando descobrir a verdade.

O que ela quase *fez* mais cedo. Juro por Deus, que algumas vezes me pergunto como eu me meti nisso. Eu sou o pior detetive disfarçado que já existiu. Sério, deveriam me chamar de A Pantera Cor de Rosa.

Algumas vezes penso que ela poderia lidar com a verdade se eu a contasse. Talvez ela fosse capaz de me ajudar de alguma maneira. Mas isso só a colocaria em mais perigo e eu já faço isso o suficiente.

Eventualmente, se eu conseguir fazê-la ganhar a confiança de Ryan, ele verá o benefício de tê-la conosco. Mas por enquanto, é melhor que ela não saiba.

Ela ainda está olhando distraidamente pela janela, então eu a puxo em minha direção. Ela envolve os braços ao meu redor e suspira contra o meu pescoço,

me fazendo desejar que Asa morresse no caminho de volta do cassino.

Merda. Isso foi muito desagradável.

Mas ele não consegue ver que a vida daqueles ao seu redor seria muito melhor se ele não existisse?

É claro que ele não consegue. Você não vê nada além de si mesmo quando você é um sádico narcisista.

"Você dá abraços muito bons," Sloan diz.

Eu a abraço mais forte. "Acho que não te deram abraços suficientes na vida."

"Isso também," ela diz com um suspiro.

Continuo envolvendo-a por mais um momento até ela sussurrar no meu pescoço. "Cinquenta e seis caranguejos comeram cadarços no jantar de Páscoa e depois vomitaram *Rainbow Brite* pelas narinas."

Eu rio e a beijo no topo da cabeça. "Você não pode comprar manteiga ilegalmente com roda de bicicleta ou uma corda boba."

Posso senti-la sorrir quando ela encontra minha boca e me beija.

Isso era tudo o que eu queria antes de sairmos do carro – que o seu sorriso retornasse.

"Você disse que ele não gostava de Asa," digo em nosso caminho pelo corredor em direção ao quarto de Stephen. "Então, se ele não se comunica, como você sabe se ele gosta ou não de alguém?"

Ela está me atualizando sobre a condição de seu irmão durante a caminhada para o quarto dele. Ela listou pelo menos cinco coisas com as quais ele foi diagnosticado, mas não consigo lembrar os nomes delas, então o mínimo que posso fazer é tentar entendê-las.

"Nós temos nossa própria maneira de nos comunicar," ela diz. "Eu praticamente o criei desde que ele era criança." Ela vira em uma esquina e aponta para um corredor. "Ele está aqui embaixo, no final."

Eu ainda tenho perguntas, então puxo sua mão até pararmos. "Mas você é apenas alguns anos mais velha do que ele. Como você o criou?"

Ela olha para mim e dá de ombros. "Eu fiz o que tinha que fazer, Carter. Ninguém mais estava por perto para fazê-lo."

Não sei se já conheci alguém como ela. Eu a beijo, primeiro porque quero receber quantos beijos eu puder hoje e depois porque ela merece um pouco mais de afeto em sua vida. Afeto *altruísta*. Não planejava que o beijo durasse mais de um segundo ou dois, mas nós não fomos capazes de nos beijar assim desde o nosso primeiro beijo. Sou instantaneamente arrastado para ele e todo o resto desaparece.

Até alguém pigarrear atrás de nós. Nos separamos e vemos uma enfermeira tentando passar por uma porta que estamos bloqueando. Sloan pede desculpas e então começa a rir quando nos apressamos em direção ao corredor para o quarto de Stephen.

Ela bate à porta e a abre. Eu a sigo, imediatamente impressionado com as instalações. Eu esperava mais uma casa de repouso ou um quarto de hospital, mas

elas são mais parecidas com apartamentos em miniatura. Uma pequena sala de estar anexada a uma área de dormir e uma mini cozinha. Noto que não há fogão ou micro-ondas, o que provavelmente significa que preparam as refeições para ele.

Ela caminha pela área de estar para cumprimentar seu irmão, mas eu espero na entrada, sem querer interrompê-los.

Stephen está sentado no sofá, assistindo televisão. Ele olha para Sloan e eu posso ver, imediatamente, a semelhança. Eles têm a mesma cor de cabelo, a mesma textura, os mesmos olhos.

Mas seu rosto é inexpressivo. Ele volta a olhar para a TV e meu coração instantaneamente dói por Sloan. A única pessoa nesse mundo que ela ama não possui a capacidade para expressar seu amor em retorno. Não é para menos que ela pareça tão solitária. Ela é provavelmente a pessoa mais solitária que já conheci.

"Stephen, há alguém que eu gostaria que você conhecesse," ela diz, apontando em minha direção.

"Este é o meu amigo, Carter. Nós vamos para a escola juntos."

Stephen olha para mim, mas então volta a olhar para a TV rapidamente.

Sloan dá um tapinha no sofá ao lado dela, pedindo que eu vá sentar ao seu lado. Eu caminho e sento, observando-a interagir com ele. Ela começa a tirar coisas de sua bolsa. Cortadores de unha, papel, uma caneta e um refrigerante. Ela conversa com ele o tempo inteiro, contando-lhe sobre a viagem e o que ela acha sobre o novo residente do quarto ao lado.

"Você quer gelo?" ela pergunta.

Olho para Stephen, mas ele não dá nenhuma indicação de que quer gelo. Sloan aponta para a cozinha. "Carter, você faria um copo de gelo para ele? E pegue o canudo azul da gaveta superior esquerda?"

Eu aceno e vou até a cozinha preparar o copo com gelo. Noto que ela pega uma caneta e começa a escrever algo. Ela desliza o papel para Stephen e ele olha no mesmo instante, segura a caneta e se inclina para escrever algo de volta.

Ele consegue ler e escrever? Ela não mencionou isso.

Quando termino com o copo de gelo, volto para a sala de estar e entrego a ela. Ela termina de escrever mais alguma coisa e devolve o papel para Stephen, em seguida, coloca o refrigerante no copo. Assim que ela arruma o canudo, Stephen o pega de sua mão e começa a beber. Ele lhe devolve o papel e ela o entrega para mim. Primeiro leio o que ela escreveu.

Livros feitos de jujubas ficam muito grudentos quando você veste luvas de pelúcia.

Em seguida leio o que Stephen escreveu. Sua caligrafia não é tão legível quanto à dela, mas consigo entender o que diz.

Cestas de lagartos em minha cabeça quebram o algodão ao meio para você.

Olho para Sloan e ela me lança um pequeno sorriso. Recordo o nosso primeiro dia de aula juntos quando a vi fazer isso pela primeira vez. Ela disse que era apenas um jogo que ela jogava algumas vezes. Acho que foi isso o que ela quis dizer. Ela joga aos domingos com Stephen.

"Ele pode ler qualquer coisa?" pergunto.

Ela balança a cabeça. "Ele realmente não compreende. Eu o ensinei a ler e escrever quando éramos mais jovens, mas expressar pensamentos completos é algo que nunca o vi fazer no papel. É o jogo favorito dele."

Eu olho para Stephen. "Posso escrever algo, Stephen?" Estendo a mão para a caneta e ele a entrega para mim, mas ainda sem me olhar. Eu a pressiono contra o papel.

Sua irmã é incrível e você é muito sortudo em tê-la.

Passo o papel para Sloan e ela o lê antes de entregar a Stephen. Ela cora e me cutuca no ombro, então passa a caneta e o papel para ele.

E isso é o que fazendo pelas próximas dez páginas. Stephen e Sloan escrevem palavras aleatórias e eu escrevo apenas um monte de elogios sobre Sloan.

Sua irmã tem cabelos longos. Eu amo quando ela os enrola.

Você sabia que a sua irmã limpa a sujeira de vários homens que não sabem como levantar um maldito

dedo? E ninguém provavelmente nunca lhe disse obrigado. Obrigado, Sloan.

O dedo anelar da sua irmã está bonito e despido hoje.

Eu gosto da sua irmã. Muito.

Após cerca de uma hora, uma enfermeira chega e interrompe o jogo para levar Stephen para a fisioterapia.

"A assistente social está trabalhando hoje?" Sloan pergunta.

A enfermeira balança a cabeça. "Aos domingos não. Mas deixarei um recado em sua caixa quando ele terminar a terapia, assim ela entrará em contato com você amanhã."

Sloan diz a ela que seria ótimo, então caminha para dar um abraço em Stephen. Quando ela termina de se despedir, eu honestamente não sei o que fazer. Não quero fingir que sou um especialista em interagir com pessoas como Stephen, mas também não quero fazer algo que não deva.

"Ele dá apertos de mão?" pergunto para Sloan.

Ela balança a cabeça. "Ele realmente não deixa ninguém tocá-lo além de mim." Ela desliza a mão sobre a minha.

"Foi um prazer conhecer você, Stephen," digo para ele. Sloan pega sua bolsa e começamos a caminhar para fora do quarto, assim a enfermeira poderá fazer o que precisa para prepará-lo para a terapia. Quando estamos quase na porta, sinto um tapinha no ombro. Eu me viro e encontro Stephen parado na minha frente, olhos no chão, os pés balançando para frente e para trás. Ele me entrega uma caneta e uma folha de papel em branco. Eu a pego, sem saber realmente como dizer a ele que estamos indo embora e que não podemos continuar jogando.

Olho para Sloan para saber o que ela quer que eu faça e fico confuso com sua expressão. Stephen caminha de volta para a sala de estar, para longe de nós. Eu olho para a folha de papel em branco e a caneta.

"Ele quer que você volte," ela sussurra. Quando a olho novamente, ela está sorrindo, balançando a cabeça para frente e para trás. "Eu nunca vi isso acontecer

antes, Carter." Ela cobre a boca com a mão e libera uma mistura do que poderia ser riso e choro. "Ele gosta de você."

Olho de volta para Stephen e ele está de costas para nós. Quando volto a olhar para Sloan, ela para na ponta dos pés e me beija, guiando-me para fora do quarto. Eu dobro papel e o deslizo junto com a caneta no bolso de trás.

Não sei o que eu estava esperando hoje, mas certamente não era isso.

Estou feliz por ter vindo, mas agora não é mais só por causa de Sloan.

Capítulo 31

ASA

Lembro disso sendo muito mais divertido no mês passado.

Eu dobro a aposta e passo a mão pelo cabelo, apertando a parte de trás do meu pescoço. Estou com fome. Olho para Kevin e Dalton que estão absortos conversando com alguma bartender que se parece mais com uma garota que Jon levaria para trás do edifício do que com uma que eles entreteriam.

A única razão pela qual Jon provavelmente *não* esta transando com ela atrás do prédio neste momento é porque ele saiu com duas vagabundas da parada de caminhões ao lado. Provavelmente as levou para o banheiro dos homens. O que me surpreende é que ele ainda seja capaz de fazer *isso*, do jeito que seu rosto está inchado igual a porra de um mirtilo.

Ele já deveria estar de volta, até porque, tenho certeza que ele não consegue durar mais de dois minutos com uma vagabunda. Havia duas delas. Isso dá apenas

quatro minutos, mas eu não o vejo faz mais de uma hora.

Onde diabos ele está?

Olho em volta e quando não o vejo pelas redondezas, eu descarto minhas fichas. Grito para o outro lado da mesa — *em meio ao barulho irritante dos sinos das máquinas* — e digo para Dalton e Kevin que eu estou indo procurar Jon. Dalton acena com a cabeça.

Chego ao outro lado do cassino sem encontrá-lo. Volto e passo por uma mesa de blackjack quando meus olhos caem sobre um cara menosprezando o crupiê. "Toda vez que venho neste maldito cassino, vejo os mesmos miseráveis filhos da mãe debruçados sobre estas mesas, entregando seus salários suados para vocês, filhos da puta, e vocês simplesmente continuam pegando. Pegando, pegando, pegando".

O crupiê recolhe as fichas da frente do cara. Um homem do outro lado da mesa diz: "E quase sempre esse miserável filho da puta é você."

Eu rio e faço contato visual com o homem que acabou de falar.

Eu paro de rir.

Ele olha para longe de mim sem nenhum lampejo de reconhecimento.

O cara que está reclamando empurra seu banco para longe da mesa e levanta. Ele aponta para o cara que estou encarando e diz: "Você teve sorte, Paul. Isso é tudo. Não vai durar."

Fecho meus punhos com tanta força, que estou tirando sangue. Posso senti-lo escorrer pela minha palma.

Eu nem sequer tenho que ouvir seu nome para saber quem ele é. Um filho não esquece de seu pai.

Não importa o quão fácil foi para este pai esquecer seu filho.

Eu me viro de costas para ele e limpo o sangue da minha mão sobre a perna do jeans. Puxo o meu telefone e faço uma rápida busca no Google. Depois de alguns minutos percorrendo os resultados e olhando dele para o meu telefone, eu finalmente encontro o que estou procurando.

O filho da puta recebeu condicional no ano passado.

Deslizo meu telefone no bolso e ando para a cadeira vazia à sua frente. Eu nunca estive assim tão tenso, mas não é porque tenho medo do que ele fará comigo. Estou tenso, porque estou com medo do que eu quero fazer com *e/e*. Faço a minha aposta e tento não parecer óbvio que o estou encarando, mas ele não está prestando atenção em mim. Ele está focado no crupiê.

Seu cabelo é tão ralo, ele poderia até ser considerado careca se não fosse pelos últimos fios que o faz seguir adiante pateticamente. Passo a mão pelo meu cabelo. É tão espesso como sempre foi.

Talvez ele tenha perdido o cabelo por causa do estresse e não é hereditário. Deus, espero que nada nesse homem seja hereditário, ele é um desperdício de espaço.

Lembro do meu pai sendo muito mais alto. De ombros mais largos. Muito mais intimidante. Estou um pouco desapontado.

Na verdade, estou *muito* desapontado. Eu sempre odiei o filho da puta, mas as lembranças que tenho dele me faziam pensar que ele era invencível. O que me fizeram pensar que eu talvez tivesse herdado um pouco disso dele. Mas ver o que ele se tornou faz meu orgulho se enrugam.

"Ei, garoto," ele diz, estalando dedos ossudos. "Você tem um cigarro?"

Meus olhos encontram os dele e ele está me encarando, tentando conseguir um cigarro do seu único filho e ele nem sequer me reconhece. Nem um pouco.

"Eu não fumo, imbecil."

Ele ri e levanta a mão. "Ei, calma, amigo. Manhã ruim?"

Ele acha *este* sou eu irritado? Movo uma ficha entre os dedos e me inclino para a frente. "Você poderia dizer isso."

Ele balança a cabeça e ficamos em silêncio pelas próximas rodadas de apostas. Uma mulher mais velha

com os peitos mais enrugados do que os nós dos dedos do meu velho, desliza ao seu lado e coloca o braço em volta dele. "Estou pronta para ir," ela resmunga.

Ele puxa o cotovelo para empurrá-la e diz: "Eu não estou. Eu disse que encontraria você quando estivesse pronto."

Ela choraminga um pouco mais, ele puxa uma nota de vinte do bolso e lhe diz para ir jogar nas máquinas caça-níqueis. Quando ela sai, movo minha cabeça em sua direção. "É a sua esposa?"

Ele ri novamente. "Não. Porra, não".

Viro minha primeira carta. É um dez de copas. "Você já foi casado?" pergunto.

Ele leva sua mão até o pescoço e o levanta, mas não olha para mim. "Uma vez. Não durou muito tempo."

Sim, eu sei. Eu estava lá.

"Ela era uma vadia?" pergunto a ele. "É por isso que você não está mais casado com ela?"

Ele ri e faz contato visual comigo de novo. "Sim. Sim, ela era."

Solto um suspiro lento, em seguida viro minha segunda carta. Um ás de paus.

Blackjack.

"Eu irei casar," digo. "Mas ela não é uma vadia".

Não acho que esteja fazendo algum sentido para ele, porque ele inclina a cabeça e seus olhos estreitam um pouco. Então ele se inclina e bate na borda da mesa. "Deixe-me lhe dar um conselho, filho."

"Não me chame de *filho*."

Ele pausa por um segundo e eu reconheço um lampejo do olhar condescendente que ele costumava me lançar. Então ele diz: "*Todas* elas são vadias. Você é jovem, não se acomode. Aproveite a sua vida."

"Eu *aproveito* a porra da minha vida. Eu aproveito tudo o que ela tem à oferecer."

Ele balança a cabeça e murmura, "Você é o filho da puta mais irritado que eu já conheci."

Ele tem razão. Eu sou.

Eu nunca estive tão irritado quanto neste momento.

Eu quero subir nesta mesa e enfiar minhas cartas na garganta dele, apesar de ser uma jogada vencedora.

O crupiê empurra meus lucros para mim, mas eu levanto e vou embora antes que eu faça algo estúpido dentro de um edifício cheio de câmeras e seguranças.

"Senhor!" O crupiê me chama. "Você não pode abandonar suas fichas!"

"Fique com a porra das fichas!"

Eu ando o mais rápido que posso de um lado de um lado para o outro do cassino. Finalmente encontro Jon, rodeado pelas duas vagabundas em um maldito jogo idiota de Roda da Fortuna.

"Vá encontrar Dalton e Kevin. Estamos indo embora."

Sigo em direção a saída e assim que empurro as portas, me inclino para frente, arfando.

Eu não sou como ele.

Eu não sou *nada* parecido com ele.

Ele é patético. Ele é fraco. Ele é *careca*, pelo amor de Deus!

Minhas mãos estão tremendo.

"Ei!" Eu chamo a atenção de um homem que acabou de sair. "Posso fumar um desses?"

Ele coloca o cigarro na boca para pegar outro dentro do bolso. Ele o entrega para mim e me oferece um isqueiro. Eu o acendo e murmuro um obrigado, então inalo uma longa tragada dele. Eu ainda estou andando de um lado para o outro quando os caras finalmente chegam.

Mas não tão longe deles, eu o vejo. A vagabunda de peitos enrugados agarrada em seu braço. Eles estão caminhando em direção à saída.

"Vamos," Jon diz, uma vez que eles estão do lado de fora.

Eu balanço a cabeça e não tiro os olhos do meu pai. "Iremos embora em um segundo."

Continuo encarando-os enquanto eles seguem para a saída. Assim que eles empurram as portas e estão do lado de fora, seus olhos pousam em mim. Ele nota o cigarro na minha boca quando ele passa.

"Pensei que você disse que não fumava."

"Eu não fumo," digo, soprando fumaça em sua direção.
"Este é o meu primeiro."

Novamente com os olhares condescendentes. Os mesmos olhares que ele costumava me dar quando eu era criança, só que desta vez eles não estão acompanhados de uma surra.

De *sua* parte, pelo menos.

Eles continuam andando e quando estão a um metro de distância, eu digo, "Tenha uma adorável tarde, Paul Jackson."

Meu pai para de andar, esperando alguns segundos antes de se virar. Quando ele finalmente o faz, eu vejo. O reconhecimento. Ele ergue a cabeça e diz: "Eu nunca lhe disse o meu nome."

Dou de ombros e jogo o cigarro no concreto, apagando-o com o calcanhar do meu sapato. "Foi mal. Acho que deveria ter dito *Pai*."

Não há dúvidas do reconhecimento em seu rosto agora. "Asa?" Ele dá um passo adiante, mas esse foi o seu segundo erro.

Seu *primeiro* foi não ter lembrado de mim para começar.

Caminho em sua direção e caio sobre ele com meus dois punhos. O patético bate no chão antes mesmo de eu persegui-lo com um balanço completo. Posso sentir um dos rapazes tentando me puxar para longe dele. A vadia está gritando no meu ouvido, arranhando o meu rosto, tentando me afastar dele.

Eu o soco novamente. Eu o soco por cada ano que ele me deixou sozinho. Eu o soco por cada vez que ele chamou minha mãe de vadia. Eu o soco por cada conselho de merda que ele me deu. Eu continuo socando até meus punhos estarem cobertos de sangue e já não poder ver o rosto do meu pai. Há tanto sangue que tenho certeza que confundi o concreto com sua cabeça, porque aquele soco foi o pior.

Quando os caras finalmente me tiram de cima dele e começam a me arrastar para o carro, sinto a merda molhada em meu rosto. A merda que meu pai disse que é o que faz a diferença entre homens e vadias.

Sim, estou falando de lágrimas. Posso senti-las e não consigo detê-las. Eu nunca me senti tão poderoso e tão fraco em toda a minha maldita vida.

Não faço ideia de como cheguei ao banco do carona, ou quem me colocou aqui, mas eu estou esmurrando o painel, batendo com tanta força que ele quebra. Kevin está saindo do estacionamento, tenho certeza que para tentar despistar os seguranças antes que eles encontrem a bagunça sangrenta que deixei na entrada.

Jon se estica sobre o meu assento e tenta prender meus braços atrás de mim, mas ele é mais estúpido do que eu pensei se acha que pode me segurar. Arranco meus braços de seu aperto e começo a esmurrar o painel novamente. Irei socá-lo até que minhas mãos fiquem dormentes ou que essa merda pare de sair dos meus malditos olhos.

Não irei me transformar nele. Não irei me transformar naquele bastardo patético.

Não quero mais sentir isso.

"Alguém me dá alguma coisa, porra!" eu grito.

Parece que meus ossos estão tentando rasgar minha pele. Puxo o meu cabelo, soco a porra da janela. "Eu não consigo respirar!"

Kevin abaixa o vidro, mas isso não ajuda.

"Me dê alguma coisa!" grito novamente. Eu me viro e tento agarrar Jon, mas ele se inclina para trás e levanta a porra da perna como se isso fosse protegê-lo de mim. "Agora!"

"Está no porta-malas!" Jon grita. "Cristo, Kevin! Encoste para que eu possa acalmá-lo!"

Eu me viro e soco o painel novamente. Vários socos depois, Jon retorna ao banco traseiro. "Me dê dois segundos," ele diz.

Ele é um mentiroso, porque leva mais dez segundos antes dele me entregar a agulha. Eu puxo a tampa com os dentes e a enfio em meu braço.

Eu me inclino contra o assento.

"Vá," digo para Kevin.

Fecho os olhos e sinto que o carro começa a se mover.

Eu não sou nada como ele.

E elas não são todas vadias. Sloan não é uma vadia.

"Ela é heroína," sussurro. "Heroína é bom."

Capítulo 32

CARTER

"Você está com fome de quê?" pergunto a ela.

Ela queria que eu dirigisse na volta, então procuro um restaurante pelo caminho.

"Eu não me importo," ela diz. "Qualquer coisa, menos grega."

"Você não gosta de comida grega?"

Ela dá de ombros. "Gosto. Mas não há um restaurante grego até a próxima cidade e eu estou com fome. Se você quisesse comida grega, eu teria que esperar muito tempo para comer."

Eu rio. Ela é tão adorável. Eu me aproximo para pegar sua mão, mas recebo uma mensagem de texto. Eu normalmente não envio mensagens enquanto dirijo, especialmente com Sloan no carro, mas Dalton disse que me avisaria se eles decidissem voltar cedo.

E com certeza, a mensagem é de Dalton.

Dalton: É hora de você voltar. Asa não está em boa forma.

Ah, merda. O meu desejo de morte o amaldiçoou mais cedo?

Eu: Vocês sofreram um acidente de carro?

Dalton: Não. Ele acabou de espancar o pai e está tendo um colapso do caralho.

Dalton: Ele continua divagando sobre como é melhor que Sloan esteja lá quando ele voltar. Nunca o vi assim, cara.

Deleto as mensagens e coloco meu telefone de volta no porta-copos. Seguro o volante. "Desculpe, mas não podemos parar para comer. Dalton disse que Asa teve um colapso e eles estão a caminho."

"Um colapso?" diz Sloan.

"Sim, algo sobre o pai dele? Aparentemente, ele o espancou no cassino."

Sloan olha pela janela. "O pai dele está *vivo*?"

Olho para ela. Ela não sabe que o pai dele foi condenado por assassinato? Acho que faz sentido que Asa não tenha lhe contado. Isso não é algo que você realmente queira que a sua namorada saiba.

"Ele não sabe que você está comigo. Não temos que voltar antes deles, eu estou com fome," ela diz.

Odeio ter que forçá-la a voltar para casa quando ela precisa ficar longe de lá. "Dalton disse que ele está determinado que você estará lá. Aparentemente ele está muito mal."

Ela suspira. "Isso não é problema meu. Por que Dalton sabe que você está comigo, afinal? Eu não confio em Dalton. Ou Jon. Ou Kevin."

"Não se preocupe. Confio em Dalton com a minha vida." Eu chego mais perto e pego sua mão, puxando-a para o meu colo. "Irei estacionar perto do meu carro e voltarei mais tarde hoje à noite. Acho que deveria haver alguma distância entre você chegar em casa e eu aparecer."

Ela concorda, mas não diz mais nada no caminho para casa. Nós dois estamos temendo o inevitável, que é

estar cara a cara com um instável Asa Jackson. Ele é ruim o suficiente quando está de *bom* humor. Não quero nem pensar em como ele irá tratar Sloan esta noite.

Quando nos aproximamos do meu carro, olho em volta para me certificar de que ninguém esteja olhando. Eu estacionei a alguns metros de sua casa e andei pelo resto do caminho nesta manhã.

Antes de sair do carro, eu a puxo em minha direção e a beijo. Ela me beija de volta com um suspiro de tristeza. Como se ela estivesse cansada de dizer adeus desta maneira.

"Por que cada vez que damos um passo à frente, somos obrigados a dar dez passos para trás?" ela pergunta.

Afasto uma mecha de cabelo de sua testa. "Teremos que começar a dar passos maiores para frente."

Ela força um sorriso e então diz: "Odeio que não vou conseguir falar com você quando voltar hoje à noite. Ou tocar você."

Beijo sua testa. "Eu também," digo. "Deveríamos ter um sinal que pudéssemos usar em vez de falar esta noite. Algo sutil que só nós notaremos."

"Como o quê?"

Levanto minha mão e esfrego o polegar sobre meu lábio inferior. "Este é o meu," digo a ela.

Ela torce o nariz enquanto tenta pensar em um.

"Você deveria enrolar uma mecha de cabelo no dedo," sugiro. "Eu gosto quando você faz isso."

Ela sorri. "Ok. Se você me vir fazendo isso significa que eu queria poder estar sozinha com você." Ela puxa uma mecha de seu cabelo e a enrola ao redor do dedo.

Eu me inclino e a beijo, então me obrigo a sair de seu carro. Espero até que ela vá embora antes de enviar uma mensagem para Dalton.

Eu: Não o deixe sozinho com ela antes de eu chegar aí. Estou com medo do que ele possa fazer.

Dalton: Anotado. Não tenho certeza do que está acontecendo com ele. Ele se drogou, dormiu por dez minutos, agora está falando sem parar. Ele continua dizendo que quer espaguete e que o cabelo dele é muito espesso. Ele não está fazendo nenhum sentido. Ele até fez Kevin passar a mão por seu cabelo.

Porra. Ele já está imprevisível. Isso não é bom.

Eu: Avise-me assim que vocês chegarem. Vou esperar uma hora e seguirei para lá.

Dalton: Boa ideia. Falando nisso, ele simplesmente olhou para mim e disse que você era LSD. O que acha que isso significa?

Eu: Não tenho ideia.

Dalton: Ele disse, "Carter causa as piores alucinações e ele é difícil de localizar. Ele é LSD."

Eu: Ele está fora de si.

Capítulo 33

SLOAN

Meu telefone toca assim que passo pela porta da frente. Olho para a tela e vejo que é Asa.

Ótimo.

Deslizo o polegar sobre a tela para atender. "Ei."

"Ei, baby," ele diz. Parece que ele acabou de acordar, mas posso afirmar que ele ainda está no carro. "Você está em casa?"

"Sim. Acabei de passar pela porta. Você ainda está no cassino?"

"Não," ele diz. "Estamos no caminho de volta."

Como me disseram.

"Estamos com fome. Queremos espaguete, você pode cozinhar um pouco?"

"Tenho um monte de trabalho para fazer. Não estava planejando cozinhar esta noite."

Ele suspira e diz: "Sim, bem, eu não estava planejando desejar espaguete."

"Parece que temos um dilema," digo, desinteressada.

"Não para mim. Faça a porra do espaguete, Sloan. *Por favor.* Estou tendo um dia ruim."

Fecho os olhos e caio sobre o sofá. Esta será uma noite longa. Eu deveria torná-la o mais fácil para mim quanto possível. "Ok. Vou fazer espaguete para você. Você quer almôndegas com ele, querido?"

"Eu adoraria almôndegas. Queremos almôndegas, certo, rapazes?"

Ouçõ os rapazes no carro murmurarem, "Claro."

Estico as pernas sobre o braço do sofá e coloco o telefone no viva-voz, descansando em meu peito. "Por que você está tendo um dia ruim?"

Há silêncio por um minuto, então Asa diz: "Eu já te contei sobre o meu pai, Sloan?"

"Não."

Ele suspira. "Exatamente. Não há porra nenhuma para contar."

Jesus. Que diabos esse homem fez com ele? Esfrego meus dedos contra as têmporas. "Quando você estará de volta?"

Asa não responde a minha pergunta. Em vez disso, ele diz, "Carter está aí?"

Eu imediatamente me sento no sofá. Culpe a paranoia, mas minha voz fica um pouco mais fraca. Tento disfarçar quando eu digo: "Não, Asa. Ele está com você."

Há uma pequena pausa. "Não, Sloan. Ele *não* está."

O telefone fica ainda mais silencioso, e quando eu olho para ele, percebo que Asa desligou. Pressiono o celular na minha testa. *O que ele sabe?*

Uma hora mais tarde, todos eles passam pela porta da frente. Eu ainda não terminei com o espaguete porque tive que ir ao mercado comprar o maldito macarrão. Asa entra na cozinha e eu arquejo quando olho para

ele. Sua camisa está coberta de sangue e seu punho está quase irreconhecível. Eu imediatamente corro para o kit de primeiros socorros na despensa. "Venha aqui," digo-lhe, levando-o em direção a pia.

Eu jogo água em sua mão, tentando descobrir de onde o sangue está vindo, mas parece que ele está vindo de todos os lugares. Todo o seu punho parece em carne viva. Meu estômago se revira, mas eu me forço a terminar de limpá-lo, assim poderei enfaixá-lo e não terei que olhar para ele.

"O que diabos você *fez*, Asa?"

Ele estremece e olha para sua mão. Então, dá de ombros. "O insuficiente."

Coloco pomada em toda sua mão e a enfaixo, mas isso dificilmente irá ajudar. Ele provavelmente precisa de pontos. Vários pontos.

Sinto sua mão se apertar ao redor da minha e meus olhos se movem para os dele.

"Onde está a porra do seu anel?"

Merda.

"Sobre a cômoda. Eu não queria sujá-lo enquanto cozinhas."

Ele levanta e puxa meu braço, me arrastando em direção à escada. Posso sentir a tensão por todo o pescoço. "Asa, pare!"

Ele não me solta, e quando ele me arrasta atrás de si pela sala de estar, Dalton se levanta. "Asa," ele diz.

Ainda assim, Asa não para. Eu tenho que correr para acompanhá-lo, enquanto ele sobe dois degraus por vez, assim eu não caio. Ele abre a porta do quarto e pega o anel da cômoda, colocando minha mão esquerda entre nós. "Mantenha a porra do seu anel na sua mão. É para isso que o comprei para você, para que as pessoas saibam que não podem mexer com você."

Ele bate a mão na cômoda e abre a gaveta de cima, segurando a minha mão sobre a dele.

"O que você está fazendo?" pergunto, temendo a resposta. Ele abre a segunda gaveta, vasculhando-a.

"Ajudando que você se lembre de nunca tirá-lo," ele diz, pegando um tubo e batendo a gaveta. Meus olhos pousam na embalagem de Super Bonder em sua mão.

O que ele está...

Tento puxar minha mão, mas ele usa ainda mais força para segurar meu pulso. Ele tira a tampa do Super Bonder e começa espirrá-lo no meu dedo, espalhando-o embaixo do meu anel.

As lágrimas começam a brotar de meus olhos. Eu nunca o tinha visto assim e não quero piorar as coisas ainda mais. Paro de lutar e fico o mais imóvel possível, com exceção do meu coração que está disparado no peito. Carter não está aqui e eu estou honestamente muito assustada para lutar, porque eu não sei se qualquer um dos caras lá embaixo viria em minha defesa.

Asa joga o Super Bonder sobre a cômoda e levanta minha mão, então assopra para secar a cola. Ele me encara o tempo inteiro enquanto está assoprando o meu dedo. Seus olhos estão negros. Enormes e negros e aterrorizantes.

"Terminou?" sussurro. "Não quero cozinhar demais seu espaguete."

Ele assopra minha mão por mais alguns segundos, depois se inclina e beija minha palma. "Pronto. Agora você não vai esquecer."

Ele é louco. Ele está louco. Eu achava que já sabia que ele não era uma ótima pessoa, mas eu não tinha ideia do quão louco ele era até olhar em seus olhos agora.

Asa me segue para fora do quarto e descemos a escada. Dalton está de pé e posso ver a preocupação em seus olhos.

Eu ainda não confio nele.

Volto para a cozinha e vou direto para o fogão. Tiro o macarrão do fogo e começo a despejar no escurridor quando um carro para na entrada.

Carter.

Eu termino de escorrer o macarrão, olhando para o meu anel o tempo todo.

Nem ao menos está direito. Será uma merda remover o Super Bonder, provavelmente vou levar dias. O mínimo que o idiota poderia ter feito era garantir de que o colou direito. Isso vai me deixar louca.

Certifico-me de não olhar para a porta da frente quando ela abre. Volto para o fogão e mexo o molho do espaguete, em seguida, verifico as almôndegas no forno. Asa está lavando o sangue de seus braços na pia quando Carter entra na cozinha e abre a geladeira.

"O que aconteceu com você?" diz Carter.

Não consigo entender o que Asa diz graças a minha pulsação ainda latejando em meus ouvidos, mas Carter ri. "Vocês ganharam alguma bolada?"

Eu me viro e ando até a pia, tendo um vislumbre de Carter com o canto do olho.

Asa balança a cabeça e diz: "Nenhuma maldita coisa. Não como aquela bolada que você tinha enroscada ao seu redor na sexta-feira à noite."

Sinto como se todo o sangue tivesse abandonado o meu coração. Eu não consigo olhar para Carter agora.

Eu não posso. Ou Asa está me testando para ver minha reação a essa declaração ou Carter não é quem eu pensava que ele era.

"Ela era uma filha da mãe explosiva," Asa acrescenta.

"Bom trabalho, cara. Eu fiquei definitivamente impressionado."

Vou até o forno verificar as almôndegas, só assim consigo ter um vislumbre do rosto de Carter. Ele toma um gole de sua cerveja, não faz contato visual comigo.

"Ela é apenas uma amiga," ele diz.

Eu tenho que segurar a porta do forno com toda minha força, porque parece que estou prestes a cair no chão.

Que garota? Quando? Sexta-feira à noite foi quando Carter veio ao meu quarto e me beijou. Como eu não soube que ele estava aqui com outra pessoa?

Sinto-me mais boba agora do que já me senti namorando Asa. Pelo menos eu sempre soube que Asa é um babaca.

Eu sinceramente pensei que Carter fosse diferente.

"Uma amiga meu rabo," diz Asa. "Você pressiona Dalton contra a parede da sala de estar daquele jeito? Jon? De onde eu venho, amigos não fazem isso com amigos, meu rapaz."

Tiro as almôndegas do forno e sou obrigada a andar pelo caminho mais longo em torno da ilha para o fogão, apenas para evitar que qualquer um deles veja as lágrimas em meus olhos. Alguns segundos depois, sinto o braço de Asa deslizar ao redor da minha cintura. Ele beija meu pescoço, e foda-se se eu não me virar e colocar minha boca na dele. Por mais que eu o odeie e por mais que eu queira arrancar seu pau fora pelo que ele fez comigo lá em cima, este beijo não é nada sobre ele.

Quero que Carter sinta o que acabei de sentir. Como se houvesse um enorme rasgo em meu peito.

Babaca do caralho. Eles são todos babacas.

Eu me afasto de Asa. "Você está fazendo com que seja difícil me concentrar. Vocês rapazes, saiam da cozinha para que eu possa terminar de cozinhar."

Não tenho ideia de como sou capaz de falar, porque cada palavra minha quer se transformar em soluços. Jogo as almôndegas no molho e quando estou colocando o macarrão, Dalton entra na cozinha.

"Cristo, Asa. Vá tomar um banho. Nós vamos perder nosso apetite se tivermos que olhar para todo esse sangue enquanto comemos."

Uso a distração de Dalton para olhar para Carter. Ele está olhando diretamente para mim, seus olhos cheios de preocupação. É como se ele estivesse tentando me dizer um milhão de coisas neste momento. Ele levanta a mão e passa o polegar sobre seu lábio inferior.

Eu não enrolo meu cabelo no dedo. Em vez disso, eu esfrego minha boca com o meu dedo do meio e me viro para encarar Asa. Ele afasta meu cabelo do ombro. "Você devia vir tomar banho comigo. Vai ser meio difícil fazê-lo com apenas uma mão."

Balanço minha cabeça. "Mais tarde. Tenho que terminar de cozinhar."

Asa corre os dedos pelo meu braço, deslizando-os sobre a minha mão e sobre meu anel. Ele se vira e sai

da cozinha. Dalton vai atrás. Assim que estou sozinha com Carter, ele atravessa a cozinha a passos rápidos em direção a mim. Ele para quando me alcança e chega o mais perto que pode sem levantar suspeitas. Eu aperto o balcão na minha frente e não olho para ele.

"Não foi desse jeito, Sloan. Eu juro. Você tem que acreditar em mim."

Suas palavras saem em um sussurro apressado, desesperado.

Eu não olho para ele quando digo, "Você estava ficando com outragarota?" Eu lentamente viro a cabeça, fazendo contato visual, e quase posso jurar que ele está prestes a arriscar ser pego para me puxar em sua direção.

Ele começa a balançar a cabeça. "Eu não faria isso com você. Não foi desse jeito."

Suas palavras são lentas e precisas desta vez. Tudo nele me faz querer confiar no que ele está dizendo, mas tudo sobre cada um dos homens do meu passado me diz para nunca confiar em ninguém com um pau.

Ele olha em volta para se certificar de que ninguém pode nos ver. Todos os caras na sala estão de costas para nós, encarando a TV. Carter se inclina e aperta meu pulso. "Eu nunca faria nada para machucá-la. Nunca. Juro pela vida do seu irmão, Sloan."

E é aí que fico *realmente* irritada. Eu reúno minhas forças e o esbofeteio tão forte, que todos os caras na sala de estar viram em seus assentos.

Estou mais ferida do que eu provavelmente já estive em minha vida, mas ainda sou esperta o suficiente para saber que preciso encobrir o fato de que acabei de lhe dar um tapa, assim não irá parecer pessoal. "Não fale de Asa desse jeito, imbecil! Ele está tendo um dia ruim!"

Carter imediatamente percebe o que estou fazendo. Ele força uma risada pelo bem das aparências e esfrega a bochecha, mas posso ver a devastação em seus olhos quando ele vira e caminha em direção à sala de estar.

Eu me viro e mexo a porra espaguete. Faço uma pausa para enxugar as lágrimas com a manga da camisa, então começo a mexer novamente. Um minuto

depois, Dalton aparece ao meu lado e passa por mim, mergulhando o dedo no molho. Ele prova o molho, então desliza o dedo para fora de sua boca. "Ele está contando a verdade, Sloan."

Ele se afasta, e é aí que eu não consigo mais controlar as lágrimas. Eu não sei no que acreditar. Em quem confiar. Quem odiar, quem amar. Vou para a pia e lavo o molho de espaguete das minhas mãos.

Eu preciso sair desta casa.

Caminho para a porta dos fundos e grito por cima do ombro. "A porra do espaguete de vocês está pronto, seus babacas filhos da puta!"

Capítulo 34

CARTER

Eu enxáguo as últimas tigelas e as coloco na lava louças.

Asa nunca apareceu para comer. Sloan nunca voltou para dentro. Enviei uma mensagem para Dalton há alguns minutos e pedi para ele subir e verificar Asa antes de eu me arriscar indo lá fora conversar com Sloan.

Seco o balcão e ligo a lava louças. Ouço Dalton descendo a escada ao mesmo tempo que recebo uma mensagem sua.

Dalton: Ele está nu, desmaiado no quarto. Parece que ele ficará desse jeito por um tempo, mas envio uma mensagem para você caso ele comece a descer. Certifique-se de que seu telefone esteja ligado.

Verifico em dobro, em triplo, as configurações de som e vibração do meu celular e o deslizo para dentro do bolso. Sigo para o lado de fora, para resolver as coisas com Sloan.

Ela está no meio da piscina, flutuando de costas, olhando para as estrelas. Ela não olha para mim quando ouve a porta se fechar.

Enquanto caminho em sua direção, noto que sua blusa e seu jeans estão jogados sobre a espreguiçadeira.

Putá merda.

Ela está nadando com roupa íntima.

Essa deve ser uma prática normal para ela, mas isso faz parecer com que eu esteja pisando em um campo minado ao vir aqui fora quando ela não está, tecnicamente, vestindo roupas de banho.

Alcanço a beirada da piscina e olho para ela, mas ela ainda não olha para mim. A água está cobrindo grande parte de seu rosto, mas mesmo com as luzes fracas vindas da casa, eu consigo ver a vermelhidão em seus olhos.

É meio foda se você pensar sobre isso. Ela está chateada que eu possa ter ficado com outras pessoas, mas todo esse tempo ela tem dormido na cama de outro homem à noite.

Droga, ela o *beijou* por ódio de mim mais cedo.

Mas eu entendo. Eu não a culpo, porque sei o quanto ela ficou triste. O quanto ela *está* triste.

E essa é a parte mais difícil disso. Não que eu esteja prestes a convencê-la de que realmente tenho sentimentos por ela. A parte mais difícil é saber o que ela está sentindo agora enquanto duvida deles.

Tornaria as coisas muito mais fáceis se eu pudesse apenas chegar e contar a verdade. Mas isso seria violar a minha missão. Seria desobedecer a uma ordem direta de Ryan. E com um instável Asa neste momento, quanto menos Sloan souber, melhor.

Quando Asa mencionou Tillie na cozinha, a cor se esvaiu completamente do rosto de Sloan. Eu poderia tê-lo matado naquele momento.

Sloan joga os braços para trás e bate as pernas, dando a si mesma um empurrão para trás em direção ao meio da piscina. "Ele esqueceu de desligar o aquecedor da piscina esta semana," ela diz calmamente. "Está muito boa. Acho que poderia ficar aqui para sempre."

Sua voz está triste. Quero arrancar os sapatos, mergulhar na água e ficar lá *com* ela para sempre. Mas não nesta piscina nem nesta casa.

"Qual é o nome dela?" ela pergunta, olhando para o céu noturno.

Eu aperto a parte de trás do pescoço, me perguntando quanto eu deveria revelar. "Tillie."

Ela ri, mas não porque acha engraçado. "Ela é sua namorada?"

Eu suspiro. "Ela é só uma amiga, Sloan. Às vezes ela faz favores para mim."

O corpo de Sloan afunda na água. Ela vai até o fundo. Quando emerge, ela está lançando punhais contra

mim. Eu não percebo o que sugeri até ver o olhar em seu rosto.

Levo minhas mãos para a parte de trás da cabeça.

"Não esses tipos de favores, Sloan. *Jesus*."

Ela afasta o cabelo molhado da testa e eu tento não olhar para nenhuma parte dela que não seja seu rosto, mas é realmente difícil quando ela está encharcada.

"Que favor ela estava fazendo na sexta à noite que exigia suas mãos sobre ela?"

Odeio a tranquilidade dela, porque sei que ela está furiosa por dentro. O que significa que ela está suscetível a explodir a qualquer minuto. Sinto como se a beirada dessa piscina fosse a beira de um vulcão.

"Responda-me. Que favor ela estava fazendo para você na sexta à noite?" ela repete.

Eu respondo honestamente. "Ela estava me ajudando a tentar convencer Asa que não estou querendo transar com você."

Não tenho que olhar para o seu peito para notar seu arquejo. No entanto, ela tenta disfarçá-lo. Ela olha para mim por um momento e então afunda na água de novo. Ela nada para a parte rasa, levanta e sai da piscina. Tanto o sutiã quando sua calcinha são de cores nude, completamente transparentes e me deixam paranoico. Estou meio receoso que Asa seja capaz de ouvir minha pulsação do quarto.

Sloan continua caminhando ao redor da piscina até estar parada na minha frente. Ainda assim, ela chega mais perto. Tão perto que posso sentir a umidade de seu sutiã pressionado contra o meu peito.

"Você *está*? Interessado em transar comigo?"

Jesus Cristo. O que ela está fazendo?

Luto contra minhas próprias mãos quando elas deslizam sobre seus quadris. "Na verdade, não," digo, minha voz rouca. "Estou muito mais interessado em fazer amor com você."

Ela respira pesadamente agora, mas nada comparado a mim. Eu quero tanto beijá-la, mas esse seria

definitivamente o beijo da morte, porque eu nunca iria parar.

Isso, ou ela me mataria se eu tentasse. Não consigo dizer se ela ainda está com raiva de mim ou não. Ela age como se quisesse que eu a tocassem – que eu a beijasse. Mas ela está olhando para mim como se quisesse me jogar na piscina e segurar minha cabeça embaixo d'água.

Ela desliza a mão sobre o quadril, cobrindo a minha mão com a dela. Ela envolve seus dedos nos meus e arrasta minha mão lentamente sobre seu estômago e sobre seu seio.

Engulo em seco e olho para a janela do quarto. "O que você está fazendo, Sloan?"

Ela se inclina e fica na ponta dos pés até seus seios estarem pressionados contra o meu peito. Fecho meus olhos e deslizo uma de minhas mãos por suas costas. A ponta de meus dedos se encaixam na parte de trás de sua calcinha e eu a puxo em minha direção.

Seus lábios encontram meu ouvido e ela sussurra,
"Você será promovido se chegar a terceira fase com a
noiva do seu subordinado?"

Meus olhos abrem.

Eu cuidadosamente enrosco meus dedos em seu
cabelo, puxando sua cabeça para trás, assim poderei
olhá-la. "Você não está fazendo nenhum sentido,
Sloan."

Ela sorri, mas a traição em seus olhos está volumes
mais alta. "Eu sei o que você é," ela diz. "Eu sei o que
você está fazendo aqui. E agora tudo faz sentido, o
porquê você está tão interessado em mim."

Ela se afasta de mim, dando um passo para trás até
que minhas mãos já não estejam mais sobre ela. Ela
lança punhais contra mim com os olhos. "Nunca mais
fale comigo de novo ou contarei até o último deles que
você está disfarçado. *Luke*."

Ela tenta passa por mim, mas eu imediatamente paro
na frente dela e cubro sua boca com a mão. Ela tenta
gritar e meus olhos voam para a porta dos fundos.
Ninguém nos viu ainda, mas eu preciso levá-la para

um lugar com mais privacidade antes que ela nos mate.

Ela tenta afastar minha mão, agarrando-a com a ponta das unhas. Eu envolvo meus braços ao seu redor e a faço andar para a lateral da casa comigo. Ela fica ainda mais irritada quando percebe o que estou fazendo, então ela começa a lutar com toda sua força. Eu odeio ter que usar tanta força contra ela, mas é para a nossa própria proteção. Quando finalmente a levo para o lado casa, atrás da proteção das árvores, eu a empurro contra a parede e mantenho a mão em sua boca.

"Pare com isso, Sloan," digo, olhando-a diretamente nos olhos. "Meescute. Fique quieta e me escute. *Por favor.*"

Ela respira pesadamente, agarrando meu pulso com as duas mãos. Quando ela finalmente para de lutar, eu pressiono uma mão contra a parede da casa, ao lado de sua cabeça e, lentamente começo a remover minha outra mão de sua boca.

Ela está arfando de medo quando coloco outra mão ao lado de sua cabeça. Pressiono minha testa contra a

dela. "Tudo o que eu já disse a você. Cada olhar que já lancei a você. Cada vez que eu toquei você. Nunca foi pela tarefa, Sloan. Em nenhum momento. Você entende isso?"

Ela não responde.

Eu me encolho, porque odeio tê-la colocado nessa situação. Odeio que ela duvide de mim. Odeio ter lhe dado todas as razões do mundo para que ela duvidasse. E odeio não saber uma única coisa para dizer que poderia fazê-la acreditar no que sinto por ela.

Eu me inclino e beijo a lateral de sua cabeça, depois abaixo meus braços e os envolvo ao redor dela.

Eu não tento convencê-la com mais palavras.

Eu não a alimento com desculpas tardias.

Eu apenas a abraço, porque não consigo suportar saber o que ela está sentindo.

Após vários momentos congelada e enrijecida em meus braços, ela lentamente começa a relaxar. Suas mãos se levantam, ela agarra minha camisa e começa a derreter contra mim. Ela pressiona o rosto contra

meu peito e começa a chorar, então eu a abraço o mais forte que consigo.

Aperto meus olhos e sussurro em seu cabelo encharcado. "Você é tudo o que vejo, Sloan. Além do trabalho. Além do certo e do errado. Você é tudo o que vejo."

Pressiono meus lábios contra sua cabeça e quando a sinto pressionar a bocar contra o meu pescoço, eu a puxo para mais perto. Ela ainda está arfando por ar, provavelmente uma combinação de medo, raiva e de nossa atual proximidade. Nós nos encontramos na escuridão e quando nossos lábios finalmente se encontram é como se ela estivesse silenciosamente me implorando para beijar suas dúvidas para longe.

Eu o faço. Nossas bocas colidem em desespero. Eu a empurro contra a parede da casa de novo e deslizo minhas mãos para os seus quadris. Cada segundo que passa é um segundo que nunca deveria ter acontecido, mas são mais dez segundos que eu gostaria de poder ter com ela hoje à noite.

Quando eu me pressiono contra ela, ela geme contra minha boca e o som afasta qualquer outra coisa. A

ansiedade, o senso comum. Minha necessidade por ela me invade por completo e, com base na maneira como suas mãos estão deslizando para dentro de minha casa, a dela também.

Eu estou na névoa e não me vejo encontrando o caminho para fora dela em nenhum momento.

Putá merda.

Minha boca faz seu caminho em direção ao seu pescoço. Levo uma de minhas mãos para o seu seio e a deslizo entre sua pele e o sutiã. Sou recebido por uma pele macia como seda. "Droga, Sloan," eu sussurro, arrastando minha boca sobre seu pescoço novamente. Quando alcanço seus lábios, ela afunda a língua na minha boca e suas mãos caem sobre o botão da minha calça.

Eu levanto uma de suas pernas. Depois a outra. "Meu carro," sussurro, envolvendo-a ao meu redor.

Está escuro o suficiente do lado de fora e a propriedade é rodeada com árvores suficientes que não me preocupo dos vizinhos nos verem quando subimos no banco traseiro. A única coisa com que

estou preocupado é com o fato de que o noivo dela está dentro da casa e ser pego significaria...

Eu não quero pensar nisso agora. Dalton ainda não me mandou uma mensagem de texto, então nós temos tempo.

Fecho a porta traseira e me estico em direção ao assento da frente, pegando uma camisinha do porta-luvas. Quando encosto no banco traseiro, ela desliza para cima de mim, sua boca sobre a minha, mãos sobre o meu peito.

Abaixo do meu peito.

Levanto seu sutiã sobre seus seios e passo minha boca sobre ela enquanto ela me liberta de minha calça jeans.

Assim que coloco a camisinha eu pego seus quadris e a posiciono sobre mim enquanto ela afasta a calcinha. Encosto minha cabeça no banco para que eu possa ver seu rosto ao penetrá-la.

Nós fazemos contato visual e eu começo a abaixá-la sobre mim, lentamente. Tudo fica mais quieto no carro

quando nós dois prendemos a respiração. Meus olhos nunca deixam os dela no momento em que ela me recebe. Quando estamos finalmente pele conta pele e eu estou completamente dentro dela, nós simultaneamente soltamos um suspiro.

"Meu Deus," eu sussurro.

É a melhor coisa que eu já senti – finalmente estar dentro dela.

É o mais *culpado* que já me senti – saber em quanto perigo a minha falta de força de vontade a está colocando.

Ela se inclina e envolve os braços em meu pescoço.

"Luke," ela respira contra os meus lábios.

Eu morro.

Ela me chamou de Luke.

Minha boca encontra a dela novamente e eu a beijo do jeito que ela merece ser beijada. Com convicção. Com respeito. Com sentimento.

Ela começa a se mover em cima de mim e ela é tudo o que eu vejo.

Fecho meus olhos e ela é tudo o que eu vejo.

Capítulo 35

SLOAN

Eu não tinha ideia de que seria assim.

Soa tão clichê quando penso nisso. Mas suas mãos, sua boca, o jeito como ele me toca – é como se minha resposta seja o motivo pelo qual ele vive.

Não sei como o estive odiando há duas horas na cozinha para ter mais sentimento por ele neste momento do que em todos os dias juntos.

Saber que ele não é como Asa... que ele é completamente o *oposto* de Asa... é tão... *atraente*.

Ele é bom. Ele é um *bom rapaz*. Eles realmente existem.

Tudo se encaixou como uma epifania enquanto eu flutuava na piscina. Ele chamando a si mesmo pelo nome errado. Ele tendo aulas de espanhol que estão anos abaixo de suas habilidades, apenas para está lá, convenientemente, comigo. O modo como ele continuava a assegurar de que eu precisava confia

nele, mas ele nunca diria *por quê*. Usar outra garota como isca.

Foi isso o que me surpreendeu. Eu já havia descoberto essa antes mesmo dele ir resolver as coisas na piscina.

Quando Dalton disse que Carter... ou melhor, *Luke*... estava contando a verdade, eu soube que havia algo mais nisso. Algo mais nela. Algo mais para ele intencionalmente ficar com outra pessoa quando estava dentro da mesma casa que eu. Disse a mim mesma que se ele fosse para o lado de fora e negasse ter ficado com ela, eu saberia então que ele é um mentiroso. Que ele é igual ao Asa.

Mas se ele fosse para fora e me dissesse a verdade – que ele a estava usando para despistar Asa – então eu saberia que estava certa. Saberria exatamente que tipo de pessoa ele é.

Eu apenas não sabia qual das duas eu preferia ouvir. Que ele era igual ao Asa... ou que ele tem me usado esse tempo todo.

Assim que ele percebeu que eu havia descoberto, eu esperava que fosse o fim de nós dois. Pensei que ele fosse temer por seu emprego e tentasse fazer algum acordo comigo para me manter calada. Porque caras como ele... caras com carreiras, que são bons, bem sucedidos e gentis... eles não se apaixonam por garotas como eu.

Ou pelo menos foi assim que me fizeram acreditar.

Mas eu estava errada, porque ele não está preocupado com a tarefa. Quando ele diz que tudo o que ele vê sou eu, eu acredito. Porque tudo o que eu vejo é ele.

Tudo o que eu *sinto* é ele.

E agora, a única coisa em que estou focada é na maneira como ele move sua mão contra mim – me tocando no lugar certo, me fazendo temer que eu possa não só acordar Asa, mas a vizinhança inteira.

Como se ele pudesse sentir isso, ele cobre minha boca com a dele, sufocando meus gemidos enquanto me choco contra ele. Minhas pernas começam a

tremar, meus braços, todo o meu corpo, quando a maior sensação que eu já senti me atinge.

"Luke," gemo contra seus lábios.

Tão fraca quanto estou neste momento, eu encontro força para me mover mais rápido... mais forte... até que eu tenha que sufocar os sons *dele*.

Sua boca é incrível. Ele tem sabor de fruta. Ele tem um sabor doce.

Nada como a amargura que eu engulo quando beijo Asa.

Quando nenhum de nós está mais tremendo e estou parada em cima dele, ele se inclina e encosta os lábios sobre o meu ombro.

"Você deveria voltar para dentro," ele diz.

Sei que ele está certo, mas queria que não estivesse. Dentro é o último lugar que quero estar depois disto. Corro meus dedos sobre o seu cabelo e posso sentir o fresco aroma de shampoo. Eu me curvo e cheiro o cabelo dele. "Você tomou banho? Antes de vir?"

Ele sorri, posso vê-lo até no escuro.

"Então você tomou banho e tinha camisinhas dentro do seu carro? Você esperava relaxar hoje?"

Ele encosta a cabeça no banco e um lento e satisfeito sorriso se estica em seus lábios. "Eu tomei banho porque gosto de ficar bonito para você. Tinha uma caminha no meu carro porque gosto de estar preparado. E ela estava lá há seis meses, caso você esteja curiosa."

Eu estava, mas não tinha o direito de estar. Ele sabe o que ainda acontece entre mim e Asa à noite. Se eu pudesse parar com isso, eu pararia, mas essa não é uma opção no momento. Não enquanto eu não estiver longe desta casa.

Mas nós não falamos disso. Sobre o fato de que ainda estou com Asa e sobre como o que aconteceu entre mim e Luke não foi correto, não importa o quão certo tenha parecido. Mas honestamente, eu não me importo que tenha acabado de trair Asa. Eu deveria me sentir culpada, mas não me sinto.

Carma é um saco, Asa Jackson.

Luke passa o polegar sobre o meu braço e abaixa o meu sutiã. Ele afunda o polegar sobre ele, esfregando-o para frente e para trás. "Sloan?"

Estou acariciando seu queixo. Ele tem um rosto bonito. Masculino nos lugares certos, mas com uma quantia suave de feminilidade nos lábios. "Sim?"

"Como você descobriu?"

Eu sorrio. "Você é tudo o que eu vejo, Luke. E eu sou muito esperta."

Ele concorda. "Sim, você é." Ele pressiona sua palma contra as minhas costas e me puxa para ele, mas antes de seus lábios encontrarem os meus, as minhas costas batem no assento e ele paira sobre mim, cobrindo minha boca com sua mão. "Fique quieta," ele sussurra, olhando pela janela.

Parece que meu coração está escalando a minha garganta.

Estamos mortos. Estamos mortos.

Estamos. Mortos.

Ouço uma pesada batida contra a janela, mas não estou certa de que não tenha sido o meu coração.

"Abra a porra da porta!"

Fecho meus olhos, mas sinto a boca de Luke pressionar contra o meu ouvido. "É apenas Dalton," ele sussurra. "Fique abaixada."

Eu concordo e me cubro com os braços enquanto Luke senta e abre a porta. Algo voa para o banco traseiro e Luke o agarra. "Que porra é essa!" Luke diz, recolhendo o que quer que Dalton tenha arremessado nele.

Dalton se inclina contra a porta e olha para mim. "Na próxima vez que vocês dois decidirem escapar e transar, certifique-se de levar as suas roupas com você."

Luke me entrega a blusa e o jeans que Dalton jogou nele. Passo minha blusa freneticamente pela cabeça, envergonhada por ter sido tão descuidada.

"Ele está acordado?" Luke pergunta para Dalton.

Dalton o olha seriamente, dizendo tantas coisas com aquele olhar que eu nem consigo compreender. "Não. Mas você precisa ir embora antes que nos mate. E você precisa voltar para casa antes que Carter a mate."

Ele levanta e antes de bater a porta do carro diz, "Precisamos conversar antes de você ir embora, Carter."

Estou lutando com meu jeans molhado e Luke se aproxima para me ajudar. Eu realmente deveria continuar lhe chamando de Carter em minha cabeça, caso contrário, eu provavelmente iria escorregar e acabar lhe chamando de Luke perto de Asa.

"Você está em apuros?" pergunto a ele. Abotoo o meu jeans e ajeito a blusa. Ele desliza a mão ao redor da minha nuca.

"Eu estou *sempre* em apuros, Sloan. Queria poder dizer a você que sou bom no meu trabalho, mas acho que a última hora provou que as minhas prioridades estão um pouco fora da linha."

Eu rio. "Eu particularmente acho que as suas prioridades na última meia hora foram perfeitamente precisas."

Ele me beija e diz, "Vá. Tome cuidado."

Eu o beijo de volta, com vontade. E quando me afasto dele desta vez, não dói nem um pouco. Porque agora eu tenho esperança.

Esperança de que ele tenha um plano para nos tirar dessa bagunça.

Sorrio o tempo inteiro que fico no chuveiro, porque quando abri a porta dos fundos e entrei na cozinha vazia, eu soube, sem sombra de dúvida, que Carter a havia limpado.

Ninguém – e eu quero dizer *ninguém* – nunca levantou um dedo para me ajudar nesta casa. Eu não tenho certeza se já ouvi dizerem que limpeza é o caminho para o coração de uma garota, mas com base na minha reação, eu diria que é o caminho para o meu. Porque eu quase chorei ao ouvir a lava louças ligada.

Isso é muito triste. Carregar uma lava louças significa mais para mim do que um anel de compromisso? Para quem olha de fora, parece que minhas prioridades estão fora da linha também.

Asa está desmaiado na cama quando entro no quarto. Ele está espalhado sobre o colchão, nu.

Ótimo. Terei que tentar acordá-lo ou rolá-lo para o seu lado da cama, mas ele é muito pesado para mim.

Caminho para o seu lado da cama, pego seu braço e tento puxá-lo pelo colchão. Ele não se move, mas resmunga entre roncoss.

E então... ele *vomita*.

Em cima do meu maldito edredom.

Fecho os olhos e tento manter a calma. É claro que ele iria arruinar essa noite linda.

Ele continua vomitando entre curtos gemidos, preenchendo o quarto com um cheiro ácido. Corro para a escrivaninha e pego a lata de lixo, em seguida me inclino para ele e levanto sua cabeça para que possa vomitar dentro da lixeira.

Ele vomita mais duas vezes e então, finalmente, após alguns minutos de silêncio, abre os olhos. Quando ele olha para mim, o aterrorizante olhar de mais cedo se foi, substituído por uma inocência infantil. "Obrigado, baby," ele murmura.

Coloco a lata de lixo de volta ao chão e ponho minha mão ao lado de sua cabeça. "Asa, preciso que você tente se levantar. Tenho que tirar o edredom da cama."

Ele rola para longe do vômito e coloca um travesseiro sobre o peito, voltando a dormir quase que imediatamente.

"Asa." Eu o balanço, mas ele está inconsciente de novo.

Eu levanto e olho ao redor do quarto, tentando descobrir como farei isso sem ter que ir lá embaixo pedir ajuda.

De jeito nenhum conseguirei fazer isso sozinha e eu não vou dormir lá embaixo no sofá. Não com Jon aqui. Estou rezando para que Dalton e Carter ainda estejam aqui, porque deixar Jon e Kevin saberem que Asa está

inconsciente não me fará favor algum no que diz respeito a minha segurança.

Para o meu alívio, Carter e Dalton estão parados na porta se preparando para saírem, quando desço a escada. Carter entra em alerta quando me vê.

"Preciso que alguém me ajude a levantar Asa para eu conseguir trocar meu edredom. Ele vomitou tudo."

Jon murmura do sofá, "Boa sorte com isso."

Carter olha na direção de Jon e imediatamente caminha em direção à escada. Posso ver reprovação nos olhos de Dalton, mas ele também o segue.

Quando chegamos ao quarto, o fedor está tão forte que sou obrigada a cobrir o nariz para não ter ânsia de vômito.

"Putá merda," Dalton murmura. Ele caminha direto para a janela e a abre. Todos nós olhamos para Asa e eu fico um pouco envergonha por ele estar pelado. Mas conhecendo Asa, ele não se importaria. E mesmo que se importasse, não é culpa de ninguém além dele próprio, por se colocar nessa situação.

Carter se aproxima e tenta acordá-lo. "Asa. Acorde."

Asa resmunga, mas não acorda.

"Que diabos ele tomou?" Carter pergunta, se virando em direção a Dalton.

Dalton dá de ombros. "Quem dera se eu soubesse. Eu o vi mastigar umas pílulas no caminho para o cassino. Heroína no caminho de volta."

Carter nem mesmo hesita quando ele se inclina e pega Asa pelos braços. Ele o levanta e o coloca de pé, tirando Asa da cama.

Eu imediatamente recolho o edredom e o enrolo. Nem tentarei lavá-lo. Eu o coloco no corredor e troco os lençóis por precaução.

"Em qual lado ele dorme?" Carter pergunta, ainda o segurando pelos braços. Eu aponto o lado de Asa na cama e Carter o arrasta para lá. Dalton ajuda a colocá-lo de volta na cama e eu pego outro cobertor do closet para cobri-lo.

Quando eu o estou arrumando ao redor dele, Asa abre os olhos e olha para mim. Ele passa a mão sobre o

rosto, franzindo o cenho. "Que cheiro é esse?" ele resmunga.

"Você vomitou na cama."

Ele faz careta. "Você limpou?"

Aceno com a cabeça e sussurro, "Sim. Troquei os lençóis. Volte a dormir."

Ele não fecha os olhos. Em vez disso, ele levanta a mão e prende uma mecha do meu cabelo atrás de minha orelha. "Você toma conta de mim tão bem, Sloan," ele diz.

Olho para ele por um segundo – para a versão vulnerável dele. E de algum jeito, mesmo com Carter de pé no quarto comigo, eu sinto por ele.

Eu não posso *não* sentir por ele.

Asa não é desse jeito porque ele *escolheu* ser. Sinto que ele é desse jeito porque ninguém nunca lhe mostrou como ser diferente.

Por isso, ele terá sempre a minha simpatia. Ele nunca terá o meu coração e provavelmente nunca terá o meu perdão.

Mas eu não consigo evitar lhe dar minha simpatia.

Começo a levantar, mas ele se estica e segura meu pulso, me puxando para baixo. Eu me ajoelho ao lado da cama e Asa envolve sua mão na minha. Seus olhos estão fechados quando ele sussurra, "Uma vez, quando eu tinha cinco anos... eu vomitei na minha cama. Meu pai me fez dormir em cima dela. Disse que isso me ensinaria a não vomitar novamente." Ele solta uma risada curta e fecha os olhos bem apertados. "Acho que o imbecil estava errado sobre isso também," ele murmura.

Ah, Deus.

Minha mão pousa sobre o meu coração que dói por aquele garotinho dentro dele.

Eu me viro e olho para Carter e Dalton. Eles olham para Asa com tanta pena quanto eu. Quando volto a olhar para Asa, ele está rolando sobre o estômago, enterrando o rosto no travesseiro.

"Asa," eu sussurro, passando uma mão sobre sua cabeça.

Ele se transforma em uma explosão de soluços. É o tipo de choro que é tão profundo e doloroso que não vem nem acompanhado de som.

Completamente silencioso.

Eu nunca vi Asa chorar. Eu nem sabia que ele era capaz de derramar lágrimas de verdade.

Ele não se lembrará de nada amanhã. Ele não saberá se o deixei aqui sozinho ou se engatinhei até a cama e o abracei. Continuo acariciando a cabeça de Asa quando olho para Carter. Dalton não está mais no quarto. Somos apenas nós três agora.

Carter caminha em minha direção e posso ver uma quantidade semelhante de simpatia em seus olhos. Ele ergue a mão e acaricia minha bochecha, depois se inclina e beija a minha testa.

Ele mantém os lábios lá por vários segundos antes de se afastar e andar em direção à porta. Quando ele chega à entrada, ele se vira e olha para mim por um

momento. Ele levanta a mão e lentamente passa o polegar sobre o lábio inferior. Meu coração quer tocá-lo, mas eu permaneço plantada no chão, tranquilizando Asa.

Eu levanto a mão e puxo uma mecha do meu cabelo, enrolando-a ao redor do dedo. Os lábios de Carter se esticam em um sorriso fraco enquanto ele me observa por mais alguns segundos, então, fecha a porta.

Eu subo na cama, para debaixo das cobertas e me enrosco em Asa, acalmando suas lágrimas até estar convencida de que ele finalmente dormiu.

Mas antes que eu caia no sono, o escuto sussurrar, "É melhor que você nunca me deixe, Sloan."

Capítulo 36

ASA

A primeira coisa que vejo quando abro a geladeira é uma tigela com sobras de espaguete. *Obrigado, Deus.*

"Está vendo, Pai?" sussurro para ninguém. "Ela é uma dádiva de Deus."

Coloco o espaguete no micro-ondas e vou até a pia jogar água no rosto. Parece que dormi com a cabeça dentro de uma maldita privada a noite toda. Droga, baseado no fedor do quarto esta manhã, eu provavelmente dormi.

Eu me apoio na bancada, esperando o espaguete terminar de esquentar. Olho para a tigela enquanto ela roda em círculos dentro do micro-ondas.

Será que eu o matei?

Duvido. Já faz quase um dia desde que deixei o cassino. Se ele morreu, a polícia já teria vindo aqui. E se ele sobreviveu, estou quase certo de que ele não

prestará queixas. Ele sabe que mereceu o que fiz com ele.

O micro-ondas apita.

Retiro o espaguete e pego um garfo, em seguida, empurro uma garfada na boca. Eu mal consigo engoli-lo antes de encontrar uma lata de lixo. Eu vomito duas vezes, enxágua a boca e forço outra garfada.

Serei forçado a aceitar essa abstinência como um filho da mãe, porque não me transformarei naquele homem.

Como um pouco mais do espaguete e o engulo junto com a minha bile.

Aceite, Asa.

A porta da frente abre e Sloan entra. Olho para o relógio e noto que mal são duas horas. Ela nunca chega da escola tão cedo. Ou ela não me viu de pé na cozinha, ou está naquele período do mês em que fica irritada, porque ela se apressa para a escada, em direção ao quarto.

Nem um minuto depois, ouço-lhe fazendo uma bagunça. Coisas caindo no chão. Seus pés se

movendo de um lado para o outro do quarto. Olho para o teto, me perguntando que porra ela está fazendo. Minha cabeça está doendo demais para ir ver. Mas, eu não tenho que subir, porque alguns minutos depois ela está descendo os degraus como um raio.

Quando ela dobra a esquina da cozinha, meu pau se contorce dentro da minha calça. Ela está irritada como nunca e isso é muito sexy. Sorrio para ela, enquanto ela marcha em minha direção.

Antes que eu possa falar algo, ela está na minha frente. Ela empurra um dedo no meu peito. "Onde está a papelada, Asa?"

Papelada?

De que porra ela está falando?

"De que porra você está falando?"

Seu peito se move pesadamente e se ela chegasse um pouco mais perto, eu seria capaz de senti-lo.

"A pasta com os papéis do meu irmão!" ela diz. "Onde está, Asa?"

Ah. *Aquela* papelada.

Eu cuidadosamente coloco a tigela de espaguete sobre a bancada, levanto meus braços e os cruzo contra o peito. "Não sei do que você está falando, Sloan."

Ela inspira meticulosamente, expira com ainda mais precisão e então se vira de costas, tentando encontrar forças para se manter calma.

Eu sabia que ela ficaria furiosa se descobrisse o que eu fiz. Ainda assim, eu não dei muita importância a isso já que evitei o assunto.

"Dois anos," ela diz, cerrando os dentes. Ela se vira de frente e seus olhos estão cheios de lágrimas.

Bem, merda. Eu não queria fazê-la chorar.

"Por dois anos pensei que você estivesse pagando pelos cuidados dele. Você me mostrou a papelada, Asa. As cartas que o estado enviou. Os comprovantes dos cheques." Ela começa a andar de um lado para o outro. "A assistente social pensou que eu fosse uma idiota hoje quando perguntei se os benefícios dele

poderiam ser renovados. Você sabe o que ela disse para mim, Asa?" Ela me encara novamente.

Dou de ombros.

Ela dá um passo à frente, cruzando os braços contra o peito. "Ela disse, '*Os benefícios nunca foram cancelados, Sloan. Os cuidados de Stephen nunca foram particulares.*'"

Lágrimas escorrem por suas bochechas agora. Pela primeira vez desde que ela entrou aqui, começo a me sentir um pouco desconfortável de que eu talvez tenha ido muito longe com essa mentira. Ela está mais irritada do que eu já vi.

Ela não pode me deixar.

"Sloan." Dou um passo para frente e coloco minhas mãos sobre os ombros dela. "Amor, escute. Eu tive que fazer o que fiz para tê-la de volta. Você me *deixou*. Sinto muito que esteja chateada." Movo minhas mãos para suas bochechas. "Mas você não deveria estar irritada com isso. Me deu um maldito trabalho e custou muito dinheiro da minha parte. Você

deveria se sentir lisonjeada por ser assim tão importante para mim."

Suas mãos se movem entre as minhas e ela me empurra para longe. "Seu maldito *babaca!*" ela grita. "Você forjou uma papelada inteira para alimentar suas mentiras, Asa! Meses de cartas do governo. Quem *faz* isso?"

Ela não faz ideia de quanto dinheiro eu tiver que pagar ao merda que as enviou, senão ela estaria me agradecendo agora.

Ela aponta para mim do outro lado da cozinha. "Você me prendeu. Esse tempo todo você me fez pensar que não havia uma saída."

Eu engulo a raiva. Dou um passo à frente. *Será que eu a ouvi direito?*

"Eu *prendi* você?"

Ela está tão agitada que inspira curtas lufadas de ar. Ela limpa as lágrimas com raiva e acena, abaixando a voz. "Sim, Asa. Você me prendeu. Tenho sido sua maldita prisioneira por dois anos, pensando que meu

irmão estivesse prestes a voltar para minha mãe miserável. Tudo porque você *sabia* que se eu não tivesse isso sobre as minhas costas, eu deixaria você."

Ela não está falando sério. Ela está irritada. Ela nunca me deixaria. Sim, eu menti para ela. Sim, eu paguei um monte de dinheiro para fazer parecer que os benefícios de seu irmão foram cancelados. Mas essa foi uma solução temporária. Ela teria rastejado de volta para mim se não fosse por isso. Eu só tornei isso mais fácil para ela.

"É isso o que você pensa? Que estive aprisionada aqui?" pergunto. "Eu não dou um lugar para você dormir? Compro sua comida? Dou coisas boas a você? Permito que você vá para a faculdade? Dirija os meus carros?" Caminho pela cozinha e não paro quando me aproximo dela. Faço com que ela ande para trás até que esteja pressionada contra a parede, minhas mãos prendendo-a. "Não ouse ficar aqui - *naminha* casa - sugerindo que você não teve toda a oportunidade do mundo para sair por aquela maldita porta!"

Eu me afasto da parede e aponto em direção à sala de estar. "Vá. Se você não me ama mais, *saia!*"

Ela nunca sairia. Sei disso, porque se ela o fizesse, isso significaria que ela esteve me usando pelo meu dinheiro nesses dois anos. Me usando como fonte exclusiva de sustento do desperdício de espaço de seu irmão. Se esse for o caso, isso a tornaria vadia por definição.

E eu não vou casar com uma maldita vadia.

Ela olha para a porta e depois olha de volta para mim. Ela balança a cabeça e eu juro que ela sorri. "Adeus, Asa. Curta a sua vida."

Ela começa a andar em direção à porta da frente. "Eu curto a minha vida, Sloan. Eu a curto muito!"

Permito que ela chegue até a porta antes de ir atrás dela. Ela não está nem na grama quando envolvo meus braços em sua cintura, minha mão sobre sua boca. Eu a viro e a levo de volta para a maldita casa, a qual ela é tão mal agradecida. Eu a carrego direto para o quarto e chuto a porta. Jogo-a na cama e ela tenta se mover e correr de mim.

Que fofa.

Agarro seu cabelo e a jogo de volta na cama. Ela grita, mas eu ponho um fim nisso com minha mão. Eu subo sobre ela, cobrindo sua boca com uma mão e segurando seu pulso com a outra. Não há muito que eu possa fazer com suas pernas, já que ela está dando o seu melhor para tirá-las debaixo de mim. Mas eu tenho mais força em um só dedo do que ela tem com o corpo inteiro. Parece que ela está fazendo mais cócegas do que tentando me machucar.

"Ouça, Babe," eu sussurro, olhando para ela. "Se você tentar insinuar que não me ama, eu vou ficar muito chateado. *Realmente* chateado. Porque isso significaria que você tem fingido para mim desde o dia em que passou por aquela porta ao voltar. Isso significaria que você tem fingido cada orgasmo, cada beijo, cada palavra que você já falou para mim – apenas por um cheque mensal. E se for verdade, isso faria de você uma vadia, Sloan. Você sabe o que homens como eu fazem com vadias?"

Seus olhos se arregalam de medo. Espero que isso signifique que eu esteja conseguindo mexer com ela.

Ela já não está mais tentando sair debaixo de mim e isso é um bom sinal.

"Aquela foi uma pergunta, Babe. Você *sabe* o que homens como eu fazem com *vadias*?"

Uma lágrima cai de seu olho enquanto ela balança a cabeça. Posso sentir sua respiração batendo contra minha mão; ela está lutando muito para respirar.

Levo minha boca até sua orelha. "Por favor, não me faça mostrar a você."

Nós ficamos assim por mais alguns segundos, nos certificando de que minhas palavras foram entendidas. Eu me afasto e olho para ela. Sua expressão não mudou, mas agora ela está chorando tanto contra minha mão, que está saindo coriza de seu nariz. E está em minha maldita mão agora. Eu a afasto de sua boca e a limpo na cama. Então seguro a manga de minha camisa e limpo o rosto dela.

Seus lábios estão tremendo. Não sei como nunca notei como isso é atraente. Eu a beijo suavemente, fechando meus olhos enquanto seus lábios tremem contra o meu. "Você me ama?" Eu sussurro as

palavras tranquilamente contra sua boca. "Ou você é uma vadia?"

Um suspiro entrecortado passa por seus lábios. "Eu amo você," ela sussurra. "Desculpe. Eu fiquei chateada, Asa. Não gosto quando você mente para mim."

Eu pressiono minha testa na lateral de sua cabeça e expiro. Por um lado ela está certa. Eu provavelmente não deveria nunca ter mentido para ela sobre seu irmão. Mas se ela estivesse no meu lugar, teria feito a mesma coisa.

"Nunca mais fique irritada comigo desse jeito, Sloan." Eu me afasto e movo seu cabelo para longe de seu rosto. Está suado e fica grudado em minha mão. Passo meus dedos sobre ele, arrumando-o junto aos outros fios. "Eu não gosto do que isso faz comigo," digo calmamente. "Do que isso me faz querer ter que fazer com *você*."

Ela concorda. "Eu também não gosto," ela diz.

Seus olhos estão cheios de arrependimento, mas eu não me sinto mal. A culpa é dela por ter vindo até mim

do jeito que ela veio. Pelo menos isso está fora do caminho. Já estava se tornando tedioso ter que continuar com essa mentira por tanto tempo. Eu estava começando a ficar descuidado.

Liberto seus pulsos e levo minha mão ao seu rosto, correndo os nós dos dedos sobre sua bochecha. "Deveríamos nos beijar e fazer as pazes a agora?"

Ela acena, e quando pressiono meus lábios nos dela, ela solta um suspiro de alívio. Porque por um curto segundo, quando ela caminhou em direção à porta da frente, eu pensei que talvez ela estivesse falando sério sobre ir embora. Eu pensei que nunca teria a chance de prová-la dessa maneira novamente.

Estou aliviado que tenha sido uma ameaça sem fundamento. Não sei o que eu faria se descobrisse que ela na verdade não me ama. Ela é a única que me ama.

Ela vira a cabeça para o lado, me dando acesso ao seu pescoço. Assim que beijo seu corpo, ela começa a relaxar.

Quando eu finalmente tiro todas as suas roupas, ela abre as pernas para mim. Eu me pressiono contra ela. "Você me ama, Sloan?"

Minha língua afunda dentro de sua boca ao mesmo tempo em que meu pau afunda dentro dela.

Dentro dela – onde sou o único homem que já estive. Onde sou o único homem que sempre *estará*.

"Você é minha, Sloan," eu sussurro, fodendo do jeito que ela gosta de ser fodida. Ela agarra meus braços e aperta os olhos.

Ela o sente tão profundamente que chora o tempo todo.

Capítulo 37

SLOAN

Fecho meus olhos e deixo o jato de água cair sobre o meu rosto.

O que eu estava pensando?

Confrontá-lo sozinha? Sem avisar a Carter o que estava prestes a acontecer? *Isso foi muito idiota.*

Mas em minha defesa, é difícil raciocinar quando você está cega de raiva.

Depois de sair da minha consulta com o médico nesta manhã, eu recebi uma ligação da assistente social. Eu estava dirigindo em direção ao campus e, quando ela revelou que os cuidados de meu irmão não eram particulares, eu perdi a cabeça. Perdi a cabeça *completamente*. Eu dei a volta e dirigi direto para as instalações do meu irmão para me encontrar com ela. Eu nunca estive tão irritada.

A única coisa sobre a qual eu conseguia pensar era Asa e no quanto eu queria matá-lo. A raiva realmente

cega você. Quando entrei na cozinha para confrontá-lo, eu não me importei que ele pudesse me machucar. Eu só queria saber se era verdade – se ele de alguma maneira esteve me enviando cartas forjadas do governo. Eu não queria acreditar, porque acreditar significaria que ele era comprovadamente insano. Mas o único tipo de pessoa que inventaria uma mentira como essa e a manteria por dois anos *tem* que ser certificadamente insana.

Lembro o dia que ele trouxe minhas correspondências depois que terminamos pela primeira vez. A carta do seguro estava no topo. Depois que a li, fiquei devastada. O desgraçado me consolou – me disse que se eu precisasse de qualquer coisa, que ele me ajudaria em um piscar de olhos. Ele disse: "É isso o que você faz pelas pessoas que você ama, Sloan. Você as ajuda."

Foi naquele momento que acreditei que ele realmente me amava e que aquele havia sido um gesto sincero. *Agora acho que é mais uma obsessão psicótica.*

Eu não tinha nenhum lugar para ir e graças ao que eu pensava que estava prestes a acontecer com Stephen, acabei sendo obrigada a pedir ajuda ao Asa. Este foi com certeza, o último recurso. Droga, naquele dia eu até liguei para o número do formulário para ver se eu tinha alguma outra opção. Agora percebo que era obviamente um número falso, com um dos amigos de Asa do outro lado da linha, mas eu não percebi isso a tempo.

A água quente se mistura com as lágrimas que escorrem por minhas bochechas.

Como eu pude cair nisso por tanto tempo? Todas as peças estão se encaixando agora, considerando o motivo pelo qual ele só me deixa usar seu carro aos domingos para visitar Stephen.

A assistente social não trabalha aos domingos. Não haveria chance de encontrá-la para conversar sobre o seguro dele.

Ainda não consigo encerrar o assunto e já faz horas desde que descobri. Tento dizer a mim mesma que levei tanto tempo para descobrir porque eu não tinha

razão para pensar que ele faria algo assim. Mas eu tinha *todas* as razões.

É isso o que Asa faz.

Ele é um mentiroso. Um traidor. Ele sabota as pessoas. Ele compromete as pessoas.

Eu estou tão irritada comigo mesma neste momento, que esfrego meu corpo ainda mais forte, querendo tirar o seu cheiro de mim. Estou esfregando meu pescoço quando a cortina do box abre. Eu arquejo e me movo, assim, com minhas costas contra a parede, poderei muito bem lutar caso seja necessário.

Asa está de pé na minha frente, completamente vestido agora. Jeans azul escuro e uma camiseta branca, limpa. Ela faz com que as tatuagens em seus braços pareçam mais brilhantes – mais irritadas. Mas sua expressão não está irritada no momento. Ele parece confuso.

E ele está realmente olhando para o meu rosto e não para os meus seios.

"Você acha estranho que ninguém mais venha aqui?"
ele pergunta.

Seus pensamentos estão se tornando mais e mais impreviáveis. Eu solto um suspiro e viro minhas costas para a água, enxaguando o condicionador do cabelo.

"Não sei o que você quer dizer, Asa."

Quando o condicionador foi enxaguado do meu cabelo, eu olho para ele. Ele está olhando para a banheira, para a água circulando o ralo. "Costumava haver tantas pessoas aqui, todos os dias de cada dia, toda noite. Agora são apenas quatro, cinco pessoas, a menos que eu faça uma festa."

É porque você é imprevisível e assusta as pessoas, Asa.

"Talvez elas estejam só ocupadas?"

Seus olhos voam para os meus. Eles ainda estão cheios de confusão. Um pouco de desapontamento. Eu não sei muito sobre drogas ou como é experimentá-las, mas paranoia deve ser um sintoma

de abstinência. Espero que sim, caso contrário, não estou certa do que fazer com essa versão de Asa.

"Sim," ele diz. "Talvez elas estejam apenas ocupadas. Ou elas não estão e querem que eu *pense* que elas estão. Porque todos *fingem* por aqui."

Suas palavras são severas, mas sua voz está calma, ainda com um pouco de confusão. Estou rezando para que ele não esteja se referindo a Carter quando ele diz que todos fingem.

Ou se referindo a mim.

Eu preciso avisar Carter. Alguma coisa não está certa com ele hoje. Eu nunca temi pela minha vida como quando Asa me puxou de volta para casa. Estou tentada a não contar para Carter sobre o que aconteceu, porque sei que ele ficará chateado por tê-lo confrontado sozinha.

"Deveríamos convidar algumas pessoas para jantar hoje à noite. Você cozinha?"

Eu concordo. "Quantas pessoas?"

Ele nem hesita com a resposta. Ele rapidamente diz: "Eu, você, Jon, Dalton, Kevin e Carter. Quero a comida pronta às sete horas. Vou enviar uma mensagem para eles agora."

Ele fecha a cortina do box.

Que diabos está errado com ele?

Solto um suspiro firme e pego a esponja. Estou esfregando os calcanhares quando ele abre a cortina de novo. Quando olho em seus olhos, ele ainda está surpreendentemente olhando para o meu rosto e nada mais. Ele abre a boca, fecha e então pausa por dois segundos. "Você está zangada comigo, Sloan?"

Esta é uma pergunta capciosa?

Eu detesto você, Asa.

Avalio sua expressão e então respondo, "Não estou muito feliz com você."

Ele suspira e acena como se não me culpasse. Agora eu tenho certeza que tem algo errado com ele. "Eu não deveria ter mentido para você sobre o seguro do seu irmão. Às vezes acho que deveria tratá-la melhor."

Engulo o nó em minha garganta. "Então por que você não o faz?"

Ele estreita os olhos e inclina a cabeça levemente, como se ele estivesse realmente analisando a minha pergunta. "Eu não sei."

Ele fecha a cortina de novo.

A porta do banheiro se fecha.

Meu braço aperta meu estômago, porque sinto que posso vomitar. Tudo o que ele faz me deixa tão nervosa. Após essa conversa estranha, esse nervoso duplicou.

Graças a Deus ele está convidando todos hoje, porque eu realmente não quero ficar sozinha com ele. Eu preciso que Carter esteja aqui.

Estou prestes a desligar o chuveiro quando a porta do banheiro reabre. Segundos depois, a cortina se abre do lado oposto ao meu. Minha mão congela sobre o registro quando o ouço entrar no box.

Não, não, não. Por favor, não me faça fazer sexo com você de novo. Inspiro calmamente pelo nariz, com a

esperança de que ele aguarde sua vez de tomar banho.

Alguns segundos se passam, mas eu não o sinto se mover atrás de mim. Ele não diz nada. Meu coração está batendo tão rápido que fico aturdida.

Eu me endireito e lentamente me viro. Sua camisa branca está encharcada e ele ainda está vestindo o jeans. Ele está encostado contra a parede de trás, pés descalços, olhando para a banheira.

Espero um momento para ver o que ele quer. Quando ele não se move ou fala – *apenas continua olhando para o nada* – eu finalmente digo algo.

O medo faz minha voz estalar quando digo, "O que você está fazendo, Asa?"

Minha pergunta o remove do transe. Seus olhos voam para os meus. Ele me encara por aproximadamente cinco longos e dolorosos segundos, em seguida, olha ao redor do chuveiro e de volta para suas roupas. Ele passa as mãos sobre elas como se não tivesse ideia do porquê estão molhadas. Ele balança a cabeça e diz, "Eu não sei."

Meus joelhos ficam fracos com sua reação. Eu nem mesmo fecho o chuveiro. Saio do box o mais rápido que posso e pego a toalha. Nem me preocupo em me vestir antes de abrir a porta e correr para o quarto. Só preciso ficar o mais longe dele possível até Carter chegar aqui e eu saber que estarei um pouco mais segura.

Assim que chego ao corredor, algo a minha direita chama minha atenção. Eu olho e vejo Jon prestes a entrar no quarto ao final do corredor. Sua mão está na porta e ele está me encarando – seus olhos rolando pelo meu corpo coberto com a toalha.

Quando vejo o sorriso nojento se esticar sobre o seu rosto, ando os centímetros que restam até a porta do meu quarto. "Nem pense nisso, seu monte de *merda*." Eu bato a porta e me tranco para longe de todos esses babacas loucos. Caminho em direção ao meu telefone e envio uma mensagem para Carter.

Sloan: Ele está perdendo a cabeça. Por favor, chegue mais cedo.

Eu deleto a mensagem e espero o barulho do chuveiro cessar.

Não cessa.

Depois de me vestir e estar prestes a ir à mercearia, decido dar uma olhada nele. Abro a porta do banheiro e ele já não está mais de pé. Ele está sentado na banheira, ainda completamente vestido, a água caindo sobre ele. Seus olhos estão arregalados e a água corre por eles.

Agarro a maçaneta e dou um pequeno passo para trás. "Estou indo à mercearia, Asa. O que você quer que eu cozinhe esta noite?"

Sua cabeça não se move, mas seus olhos passam pelo banheiro e se encontram com os meus. "Bolo de carne."

Eu aceno. "Ok. Quer mais alguma coisa?"

Ele me olha por alguns segundos, então sorri.

"Consiga uma sobremesa para a comemoração."

Comemoração? Minha garganta coça. "Okay," digo, minha voz fraca. "O que nós estamos comemorando?"

Seus olhos deixam os meus e se movem para frente.

"Você verá."

Capítulo 38

CARTER

Eu não tenho ideia do porquê Asa nos convidou para jantar. Ficamos nesta casa quase todas as noites ultimamente, hoje não seria diferente. Eu esperava que Sloan estivesse sendo paranoica em sua mensagem, quando ela disse que ele estava perdendo a cabeça, mas estou um pouco preocupado de que ela esteja certa.

Posso sentir o cheiro da comida antes mesmo de abrir a porta da frente. Quando entro e olho ao redor, Dalton é o único que ainda não está aqui. Jon e Asa estão ocupando poltronas reclináveis e Kevin está no sofá.

Asa está inclinado para frente com os cotovelos sobre os joelhos, controle remoto na mão, navegando pelos canais de notícia. Quando ele ouve a porta se fechar atrás de mim, ele se vira.

Aceno a cabeça em sua direção e ele volta para a TV. "Você assiste as notícias, Carter?"

Olho em direção à cozinha para ver Sloan de pé perto do bar, limpando-o com um pano. Posso vê-la de onde estou, mas Asa não.

"Algumas vezes," eu digo.

Sloan move seus olhos para os meus e leva um dedo ao cabelo. Eu passo o polegar sobre o meu lábio inferior. Ela leva a outra mão em direção à sua cabeça e enrola três de seus dedos no cabelo. Depois cinco. Depois todos os dez. Então ela zomba maravilhosamente dele com as duas mãos, rodopiando-o em todas as direções, me avisando que ela está indo a loucura.

Quero sorrir para ela, mas me obrigo a entrar na sala de estar e sentar perto de Kevin. "Por que você quer saber se eu assisto as notícias?" pergunto a Asa.

Ele muda para outro canal. "Não ouvi nada sobre o meu pai. Estou apenas me certificando que ele sobreviveu e que não estou prestes a ser preso por assassinato."

Ele diz isso com indiferença, como se a possibilidade de ser preso por assassinato fosse uma ocorrência

diária. Eu aceno, mas fracasso em lhe dizer que seu pai sobreviveu. Ele nem se machucou tanto, na verdade. O cassino chamou uma ambulância para ele, mas exceto pelo nariz e a mandíbula quebrada, não houve nenhum dano sério. O cara nem quis prestar queixa. Dalton me contou tudo isso depois de ter se informado sobre o caso.

Ele também me disse que o cara era um viciado, foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide e mais um monte de problemas. Odeio dizer isso, mas eu tenho um pouco de simpatia por Asa em algum lugar lá no fundo. Não dá para imaginar o que ele viveu quando criança com aquele homem como pai. Mas simpatia é o mais longe que isso vai. Você pode simpatizar com alguém e ainda desejar que eles estivessem mortos.

Eu guardo comigo a informação sobre a condição de seu pai. Acho bom que Asa esteja preocupado com as repercussões. Provavelmente não é algo que ele experimente com muita frequência.

Asa suspira depois de navegar por todos os canais duas vezes e não encontrar nada. Ele levanta e joga o controle na direção de Jon. "Certifiquem-se de lavar

suas mãos. Minha noiva trabalhou duro cozinhando o jantar e eu não quero que nenhum de vocês, seus merdas, sentem na minha mesa com as mãos sujas." Ele segue para a escada e corre para o quarto. A porta de seu quarto fecha e eu olho para Kevin, que está encarando os degraus vazios.

"Ele tem estado muito estranho," Kevin diz.

Jon começa a navegar pelos canais e diz, "Conte-me uma novidade!"

Nenhum dos dois se incomoda de ir à cozinha lavar as mãos, então uso a oportunidade para ir até lá. Sloan está tirando o bolo de carne do forno quando passo por ela. "Ei, Sloan," digo casualmente.

Ela olha para mim, mas não sorri. Ela me lança um olhar que diz que precisamos conversar. Só não há uma maneira de fazermos isso agora. Eu abro a torneira e ela leva o bolo de carne para a bancada perto de mim. Ela enfia uma faca entre o pão e a panela e começa a soltá-lo.

"Eu baguncei as coisas hoje," ela sussurra.

Eu diminuo a pressão da água para ouvi-la melhor.

"Descobri que ele tem mentido para mim sobre o seguro do meu irmão. Eu o confrontei. Disse a ele que estava indo embora. Ele ficou muito irritado."

"Sloan," digo em voz baixa. *Por que diabos ela faria isso?* "Você está bem?"

Ela dá de ombros. "Agora eu estou. Mas algo está errado com ele, Carter. Estou com medo. Ele sentou no chuveiro com roupa por meia hora. Então quando voltei da mercearia, olhei pela janela e o vi sentado na espreguiçadeira, encarando a piscina. Depois ele começou a bater a palma contra a testa. Ele fez isso trinta e seis vezes. Eu contei."

Jesus Cristo.

Ela olha para mim e eu odeio como ela aparenta estar assustada. Eu deveria levá-la agora. Pegar sua mão, puxá-la para fora enquanto ele está lá em cima e tirá-la daqui.

"Agora ele continua dizendo que tem uma surpresa para mim. Ele fala como se esse jantar fosse algum

tipo de comemoração," ela sussurra. "Estou com medo de descobrir o que estamos comemorando."

Os passos de Asa se movem no alto, como se ele estivesse prestes a descer. Sloan pega a panela com o bolo de carne e segue em direção à mesa.

Os outros dois rapazes devem ter ouvido Asa descendo também, porque eles estão na pia agora, se preparando para lavarem as mãos como lhes foi instruído.

Nós ajudamos Sloan a carregar o resto da comida para a mesa, quando Dalton entra pela porta da frente. É apenas 18:55, mas ele vê Asa descendo os degraus e se desculpa pelo atraso.

"Você não está atrasado," Asa diz. "Você chegou na hora."

Escolho uma cadeira e ela acaba sendo do lado oposto de Asa. Em diagonal com Sloan. Fica estranhamente quieto enquanto todos passam a comida de um para o outro, dividindo-a em seus pratos. Uma vez que toda a comida já circulou pela

mesa, Asa pega seu garfo e diz, "Devemos dar graças?"

Ninguém fala. Nós apenas o olhamos, nos perguntando se ele está brincando ou se alguém precisa começar a rezar antes que ele surte.

Ele ri alto e diz, "Seus idiotas." Ele enfia o garfo no purê de batata e engole um bocado.

Jon diz, "É a segunda vez seguida que jantamos aqui. Qual é o problema? É isso o que acontece quando você fica domesticado?"

Asa estreita os olhos na direção de Jon, então ingere o purê de batata com sua cerveja. "Onde está Jess hoje?"

Jon dá de ombros. "Não a tenho visto há alguns dias. Acho que terminamos."

Asa ri e olha para mim. "Onde está Tillie?"

Passo meu polegar contra o meu lábio inferior.

"Trabalhando. Ela deve passar aqui amanhã à noite."

Asa lambe os lábios, tomando outro gole de sua cerveja. "Seria legal," ele diz. Então olha para Dalton. "Por que você nunca trouxe uma garota?"

Dalton fala com a boca cheia de bolo de carne. "Ela mora em Nashville."

Asa acena e diz, "Qual é o nome dela?"

"Steph. Ela é cantora. Ela é o motivo pelo qual eu quase me atrasei, na verdade. Ela assinou um contrato hoje e me ligou para contar." Ele parece orgulhoso quando fala sobre ela.

Isso quase me faz rir, porque *não* existe Steph. Ele inventou toda essa merda na pressa, e Asa a engole como um copo de leite quente. "Que interessante," Asa diz.

Asa gosta de Dalton. Posso ver pelo jeito que ele olha para ele – sem nenhuma suspeita. Não do jeito que ele olha para mim.

"Algo errado com a sua maldita boca, Carter?"

Eu olho para ele e levanto a sobrancelha.

"Você está esfregando o seu maldito lábio."

Eu nem percebi que ainda estava esfregando o lábio. Afasto minha mão da boca. "Tudo certo," digo, pegando um pedaço do bolo de carne. A última coisa que eu quero é provocá-lo. Não do jeito que ele tem agido ultimamente.

Asa pega outro pedaço de seu bolo de carne, então descansa as mãos ao lado do prato. "Então," ele diz. "Tenho uma pequena surpresa." Ele sorri e olha para Sloan. Eu posso ver o movimento de sua garganta quando ela engole.

"O que é?" ela pergunta cautelosamente.

Asa abre a boca para falar, mas é interrompido por uma alta batida na porta da frente. Posso ver a irritação em seus olhos quando ele se vira para olhar em direção à sala de estar. Uma segunda batida ocorre.

Ele larga seus talheres sobre a mesa e olha para todos nós. "Algum de vocês esperando companhia? No meio da *porra* do jantar?"

Ninguém fala.

Ele se afasta rapidamente da mesa e bate com o guardanapo ao lado do prato. Quando ele se vira para andar em direção à sala de estar, Sloan olha para mim do outro lado da mesa. Ela parece assustada, mas também aliviada que sua grande surpresa foi interrompida. Eu me viro para Dalton e ele ergue uma sobrancelha.

Todos nós olhamos para Asa enquanto ele examina o olho mágico. Ele olha por vários segundos, então pressiona a testa contra a porta. "*Merda.*" Ele se vira e corre para a cozinha, agarrando Sloan pelo braço e puxando-a para fora da cadeira. Ele aperta seus ombros e diz, "Vá para o quarto e tranque a porta. Não a abra, não importa o que você faça."

Eu empurro minha cadeira para trás e levanto. Dalton faz o mesmo. Olhamos um para o outro e depois para Asa.

"Quem está na porta?" Jon pergunta, empurrando sua cadeira também. Acho que nós nunca vimos Asa assim tão preocupado.

Asa olha para os degraus e ao redor da sala como se tivesse tentando encontrar um jeito de escapar. "É a porra do FBI, Jon. É a porra do *maldito* FBI!"

O quê?

Eu imediatamente me viro para Dalton, mas ele balança a cabeça para me dizer que ele está tão alheio quanto eu. Eu também noto que seus punhos se fecham ao seu lado. "Merda!" ele diz. Tenho certeza que para Asa a reação de Dalton é esperada. Mas para mim, eu sei porquê ele está furioso. O FBI está prestes a entrar nesta casa e arruinar a investigação.

Mais batidas contra a porta.

Asa passa as mãos pelo cabelo. "Merda! *Merda!*"

Eu o vejo olhar em direção à porta dos fundos. Já posso vê-lo tentando planejar uma rota de fuga. Dou um passo à frente para chamar sua atenção.

"Se eles estão aqui para prender alguém, eles já estão com a casa cercada, Asa. Eles devem estar aqui para perguntar sobre o seu pai. Apenas abra a porta e aja

normalmente. Ficaremos todos sentados à mesa como se não tivéssemos nada a esconder."

Dalton concorda. "Ele está certo, Asa. Se correremos, eles terão uma razão para pensar que você está escondendo algo."

Asa acena, mas Jon balança a cabeça. "Que se foda. Nós temos maconha e heroína por toda a casa, se abrirmos a porta, estará acabado. Para todos nós."

Os olhos de Asa se arregalam enquanto ele tenta descobrir o que fazer. Todos nós olhamos para a porta quando as batidas recomeçam.

Posso ver as veias no pescoço de Dalton e sei que ele está com medo de que todo o trabalho que fizemos tenha sido basicamente por nada. A investigação inteira não significará merda nenhuma, porque ela agora estará na mão de outros.

Nós vimos isso acontecer algumas vezes – uma investigação ser assumida por uma força tarefa mais poderosa. Mas Dalton investiu tanto nisso que será impossível para ele ver tudo ser destruído.

"Vá para o seu quarto, Sloan," Asa ordena. "Você não precisa estar aqui quando eu abrir aquela porta."

Sloan olha para mim, preocupação em seus olhos. Ela quer saber se deve obedecer as ordens de Asa – se ela deve deixar a sala.

Mais batidas.

Eu aceno suavemente para que Sloan saiba que ela deve fazer o que Asa está pedindo. Pelo menos ela estará longe do que quer que esteja prestes a acontecer.

Asa de repente caminha a passos largos em direção à Sloan. Ele se aproxima de seu rosto. "Que porra você está olhando para *ele*?" ele grita, balançando sua mão em minha direção. "Que *porra* você está olhando para ele?"

Ah, Deus. Eu começo a andar ao redor da mesa, mas Dalton segura o meu braço. Asa envolve a mão na parte de trás do pescoço de Sloan e a empurra em direção à escada. "Suba a porra da escada!"

Ela não olha para trás quando sobre os degraus.

Asa está olhando para mim agora. Dalton pode não estar feliz pelo FBI ter aparecido, mas eu estou aliviado. As chances são de que Asa será preso pelo que quer que eles estejam aqui para confrontá-lo. O que significa que eu talvez sobreviva a esta noite, porque o olhar que ele está me lançando neste momento, está me dizendo o contrário.

Ele sabe, baseado naquele olhar que Sloan me lançou, que algo está acontecendo entre nós. Mas entre as batidas na porta da frente e a iminente possibilidade de que ele esteja prestes a ser preso, ele felizmente coloca isso de lado.

Ele aponta para nós quatro. "Sentem-se," ele diz. "Comam. Vou abrir a maldita porta." Nós nos sentamos. Asa corre para a cozinha e abre o armário, alcançando a parte de trás dele. Ele pega uma arma e a desliza dentro da calça. Enquanto passa pela mesa, ele diz, "Se eu descobrir que algum de vocês, seus merdas, é o responsável por isso, estão *todos* mortos." Asa segue em direção à porta e antes de abri-la, ele pressiona a testa contra ela como se estivesse fazendo uma rápida oração. Quando ele a abre, ele sorri. "Como posso ajudar os senhores?"

Ouço uma voz dizer, "Asa Jackson?"

Asa acena com a cabeça, mas então a porta abre e vários homens o empurram, jogando-o no chão.

Quando Jon vê o que está acontecendo, ele tropeça em direção à porta dos fundos no momento em que ela abre e três homens entram. Jon é rendido rapidamente e jogado no chão da cozinha.

Até este momento eu não tinha percebido que esses caras não faziam ideia de que Dalton e eu estávamos sob disfarce. Eu nem ao menos estou com o meu distintivo para provar. Eles irão pensar que estamos do lado de Asa.

Os próximos segundos são um completo caos.

Mais homens aparecem na porta, armas apontadas para nossas cabeças, nós estamos deitados sobre nossos estômagos, rostos pressionados contra o chão, as mãos sendo algemadas em nossas costas.

Estou perto de Dalton e antes deles o colocarem de pé, ele sussurra, "Fique calmo. Espere até você estar sozinho antes de dizer qualquer coisa."

Eu concordo, mas um dos agentes nota a nossa comunicação. Dalton é puxado bruscamente pelos braços.

Posso ouvir os direitos de Miranda de Asa serem lidos, enquanto dois homens me puxam do chão pelos braços. Eles estão vociferando ordens, nos separando em duas partes diferentes da casa. Sou levado para um quarto livre perto da cozinha.

Tudo o que eu consigo pensar é em Sloan e no quão surtada ela provavelmente está neste momento.

A porta bate atrás de mim e sou jogado em uma cadeira. Há dois homens no quarto comigo. Um é mais alto do que eu com cabelo louro e barba. O outro é mais baixo, gordinho. Cabelos ruivos e um bigode ainda mais ruivo. O de cabelo ruivo é o que fala primeiro. Eles puxam os distintivos dos bolsos das jaquetas e os mostram para mim. "Eu sou o agente Bowers," ele diz. "Este é o agente Thompson. Iremos fazer algumas perguntas e agradeceríamos se você cooperasse."

Eu concordo. O agente Bowers se aproxima de mim e diz, "Você mora aqui?"

Balanço minha cabeça. "Não." Começo a contar o que estou fazendo aqui e a dizer que eles estão cometendo um grande erro, mas o cara alto me interrompe e diz, "Qual é o seu nome?"

"Carter," digo. Não digo *Luke* ainda, porque não tenho certeza de que Asa foi mesmo preso. A última coisa que preciso é que o maldito FBI acabe com o meu disfarce.

"*Carter?*" o agente Bowers diz. "Você só tem um nome? Você é tipo Madonna? Cher?" ele se inclina, me encarando. "Qual é a porra do seu último nome, sabichão?"

Eu torço minhas mãos atrás das minhas costas, tentando aliviar a pressão que interrompe a circulação em meus pulsos. Minha pulsação está latejando em minhas têmporas, em parte por causa dos últimos minutos e em parte porque estou irritado que eles estão prestes a acabar com tudo e ganhar todo o crédito. Com certeza eles estão aqui para prender Asa. E sim, estou aliviado que Sloan esteja segura. Mas saber que os últimos meses foram para nada e que eu

coloquei Sloan em perigo mais de uma vez me deixa *realmente* chateado.

O silêncio cresce e posso ouvir Asa gritar, "Foda-se!" da outra sala.

O agente Thompson chuta minha cadeira, levando minha atenção de volta para ele. "Qual é o seu sobrenome, filho?"

Mal sabe ele que estou ciente de como conduzir uma investigação de forma apropriada e, esses babacas já quebraram pelo menos três regras. Mas o FBI, até mesmo a polícia, não são muito conhecidos por seguirem as regras em situações específicas como esta. Sei disso por experiência própria.

Abro minha boca para respondê-los, mas sou interrompido pelo som de Sloan gritando lá em cima. Eu imediatamente pulo da cadeira, mas eles me empurram de volta. "Prendam-me ou deixem-me ir!" eu grito.

Eu preciso chegar até Sloan. Ela deve estar extremamente assustada neste momento, sem saber que diabos está acontecendo. Eu preciso dar uma

olhada nela antes de perder a cabeça, mas eles não me deixarão sair do quarto. "Eu estou do lado de vocês," digo a eles, tentando manter minha voz calma, quando a minha vontade é gritar com eles. "Se vocês removerem as algemas, provarei e voltarei para a minha maldita tarefa!"

O detetive Thompson olha para mim por um momento e então olha de volta para o agente Bowers e ri. Ele aponta para mim. "Você ouviu isso?" ele diz. "Ele é policial."

O agente Bowers também ri e com uma pesada dose de sarcasmo, ele diz, "Erro nosso. Você está livre para sair," ele diz, apontando em direção à porta.

Eu poderia fazê-lo sem o sarcasmo. Também sei que ferrei tudo quebrando o disfarce, mas não ficarei sentado aqui nem mais um minuto com esses babacas. Me preocuparei com Ryan mais tarde. "Você encontrará o meu distintivo debaixo do meu banco do carona. É o Charger preto."

Os olhos do agente Thompson se estreitam e ele olha para mim com se tivesse realmente sendo entretido com a ideia de que não estou mentindo. Ele olha para

o agente Bowers e move a cabeça em direção à porta, dizendo silenciosamente que ele vá verificar.

Eu ainda consigo ouvir Asa na outra sala, gritando de volta para quem quer que o esteja interrogando. Ele agora está pedindo um advogado. Não acho que isso irá ajudá-lo a essa altura.

O agente Thompson não me faz mais perguntas enquanto estamos sozinhos. Aproveito a oportunidade para mencionar Sloan.

"Há uma garota no quarto lá em cima. Você poderia se certificar de que ela está bem quando o seu parceiro retornar?"

O agente Thompson concorda. "Sim, podemos fazer isso. Há mais alguém na casa que deveríamos saber?"

Balanço minha cabeça. Já estou me arrependendo de expor a mim mesmo; a última coisa que farei é expor Ryan. Ele poderá fazê-lo quando achar apropriado. Ele provavelmente irá esperar até que eles tenham Asa sob custódia.

Odeio que não tenha sido a nossa investigação que acabou com Asa, mas estou aliviado dela finalmente ter chegado ao fim. Pelo bem de Sloan. Ryan, porém, deve estar furioso neste momento.

Um momento depois, a porta do quarto abre. Olho para ver se o agente Bowers encontrou o meu envelope que contém o distintivo. Eu vejo o envelope aberto primeiro, mas assim que vejo quem o está segurando, o meu alívio se transforma em uma enorme mistura de confusão e medo.

Que diabos está acontecendo?

Os olhos de Asa encontram os meus.

Que porra é essa?

Ele olha para o envelope em suas mãos e o bate contra a palma duas vezes. Ele olha para o agente Thompson e diz, "Gostaria de privacidade com o meu amigo, por favor."

O agente concorda e sai do quarto. Antes que ele esteja do lado de fora, Asa aponta para a jaqueta azul do FBI de Thompson, com as três grandes letras

amarelas inscritas em suas costas. "Parece tão *real*, não é?" ele diz. Ele olha de volta para mim. "Eu as comprei na loja de figurinos no centro." Ele ri, então fecha a porta. "Os *atores* desonestos foram um pouco mais caros do que a jaqueta."

Não.

Merda.

Merda.

Não.

Eu caí naquilo.

Posso sentir o gosto da bile em minha garganta. Posso sentir o sangue se esvaindo de meus pulsos enquanto luto com tudo o que há em mim para soltar essas algemas.

Asa joga o envelope contendo o distintivo sobre o colchão, então puxa uma arma da parte de trás de sua calça. Ele senta na beirada da cama, sua boca tensa de raiva.

"Como você recebeu minha surpresa? *Luke?*"

Estou olhando diretamente para ele... de repente consciente de que cometi o maior erro da minha carreira. O maior erro da minha vida.

E tudo o que consigo pensar é em Sloan.

Aperto meus olhos e tudo o que vejo é Sloan.

Capítulo 39

ASA

"Você já assistiu o filme *Caçadores de Emoção*?"
pergunto a ele.

Luke me encara com firmeza – seu peito se movendo pesadamente – as narinas se expandindo. *Eu adoro isso.*

Ele não me responde. É engraçado que ele tenha aberto a boca tão rápido para se gabar que é um policial filho da puta e comigo ele nem se esforça em conversar.

"Não estou me referindo à merda do remake, Luke. Estou falando do filme original com Keanu Reeves e Patrick Swayze. Ah, e quem é aquele cara no Red Hot Chili Peppers? O cantor?"

Olho para Luke, esperando que ele me ajude com o nome do cara, mas ele não ajuda. Ele apenas me encara. Não sei porquê continuo esperando que ele responda. Deito na cama e continuo falando. "Há uma parte no filme onde Keanu Reeves e sua equipe

arruína uma casa de drogas. Mas o que eles não percebem é que um dos caras que vive lá é um policial disfarçado. E devido a sua impaciência e falta de planejamento, eles estragam a investigação inteira do pobre rapaz. Meses e meses de trabalho duro. Você lembra dessa parte?"

Naturalmente, ele não me responde. Ele simplesmente continua mexendo nas algemas em suas costas, tentando se libertar delas.

"Eu tinha provavelmente dez anos quando vi o filme pela primeira vez, mas não conseguia parar de pensar nessa parte. Estava obcecado por ela. Eu sempre me perguntei o que teria acontecido se a equipe de Keanu estivesse apenas *fingindo* ser do FBI. Eu me perguntava como teria sido a cena se o merda disfarçado se entregasse, apenas para descobrir que Keanu não estava com o FBI. Ele estava fingindo ser só para eliminá-lo. Seria uma reviravolta dupla."

Os olhos de Carter se movem para a porta como se alguém fosse entrar para resgatá-lo. Odeio ter que contar a ele, mas isso não irá acontecer.

"De qualquer modo," digo, me levantando. "Achei que valia a tentativa. Ver se algum de vocês era estúpido o suficiente para tentar me trair e, se fosse, talvez vocês fossem estúpidos o suficiente para caírem na dupla reviravolta." Inclino minha cabeça e sorrio para ele. "Você deve estar se sentindo *realmente* estúpido neste momento."

Seu maxilar enrijece, assim como o meu, porque eu não tenho ideia de como me referir a ele agora e isso me irrita. Carter? Luke? *Morto?*

Sim. Vou me referir a ele como *morto*.

"Quero dizer, *realmente* estúpido," eu digo, rindo. "Por que você seria tão rápido em revelar a si mesmo? Eu não sou policial, mas presumo que quebrar o disfarce não seja algo que o seu pessoal aceite de bom grado."

Ando de um lado para o outro do quarto várias vezes, tentando compreender isso em minha mente. Por que alguém estaria com tanta pressa em se livrar de uma situação? Era como se fosse questão de vida ou morte para ele. Se ele não se apressasse para chegar até alguém, seria muito tarde.

Eu lentamente sento de volta na cama. "A menos..." olho para ele. "A menos que você tenha quebrado o seu disfarce porque você é o tipo de cara que deixa suas emoções dominarem suas ações. Como eles chamam esses tipos de caras? Tenho certeza que você e eu tivemos uma conversa sobre isso durante o almoço recentemente." Olho para o teto com ironia. "Ah, sim," eu digo. "*Fracos*."

Ele não ri com a minha piada.

Isso é bom, porque deve tê-lo irritado que eu tenha rido.

Olho em direção à porta e não consigo lembrar se a tranquei ou não. Eu me levanto e vou verificar, então me viro e encaro Luke de novo. "Mas a verdadeira pergunta é, *por que* você estaria tão emotivo em um momento como esse? Quando você deveria estar no controle do seu jogo de agente secreto? O que poderia estar ocupando sua mente quando o treinamento e senso comum deveriam ter levado a melhor?"

Eu dou cinco passos em direção a ele, até que não haja mais passos a dar. Ele mantém o contato visual o tempo todo, levantando o queixo para segurar seu olhar. "Ah. Está certo. Você estava preocupado demais com a porra da minha *noiva* para fazer o seu maldito trabalho direito!" Eu bato minha arma contra a lateral de seu rosto. Sua cabeça balança para o lado. Tenho certeza que esse golpe foi forte o suficiente para arrancar um ou dois dentes, mas ele age como se não o tivesse abalado. Ele faz contato visual comigo novamente, parecendo um pouco mais calmo do que antes de eu bater nele.

Filho da puta.

Odeio ainda gostar desse lado dele. O lado calmo e introspectivo dele que nunca se abala de medo. É impressionante.

Uma pena que a única coisa que o faça quebrar sob pressão seja Sloan.

Eu me pergunto há quanto tempo ele tem feito lavagem cerebral nela. Usando-a para sua investigação. Ele provavelmente esteve colocando-a

contra mim lentamente desde o dia em que eles se conheceram.

Eu pensei que *ontem* foi ruim. Que violentar o meu pai tenha sido o mais irritado que eu já estive. Mas eu estava errado. *Cara, eu estava errado.*

Ver Sloan olhar para ele em busca de instrução mais cedo foi de longe o mais irritado que já estive. Eu nunca quis matar alguém como quis matar Carter naquele momento. Mas isso teria arruinado minha surpresa, então eu tinha que ser paciente.

Eu lentamente levanto minha arma e a aponto contra a lateral de sua cabeça, imaginando como seria quando eu finalmente puxasse o gatilho. Assistir o seu maldito cérebro se esparramar pelo chão. Eu me pergunto quanto dano isso causará a sua cabeça? Ele ainda ficará reconhecível? Quando eu trouxer Sloan até aqui para dar uma última olhada nele, ela será capaz de dizer se é mesmo ele? Ou toda a sua cabeça explodiria?

Eu me obrigo a afastar a arma de sua cabeça, porque ainda que eu esteja curioso para saber como será

quando eu o matar, há algumas perguntas as quais preciso de respostas antes disso acontecer.

Eu me agacho na frente dele e descanso os braços em minhas coxas. "Você fodeu ela?"

Sei que neste caso é uma pergunta retórica, porque ele seria estúpido de respondê-la. Mas ele não provou ser o inteligente hoje. "Onde vocês estavam quando você a fodeu pela primeira vez? Na minha casa? Na minha cama? Ela gozou?"

Ele aperta os lábios, umedecendo-os. Mas ele ainda não responde. O silêncio dele está começando a ficar irritante. Eu levanto e ando até a porta, checando em dobro se está trancada. Eu nem sei porquê a quero trancada. Os rapazes estão com a casa sob controle. Um deles foi enviado para ficar lá em cima e vigiar Sloan. Quatro deles se dividiram entre Jon e Kevin, embora eu não esteja preocupado com nenhum deles. Eles são estúpidos demais para serem policiais, mas gosto da ideia de fazê-los cagarem nas calças por mais dez minutos.

Ainda não tenho certeza quanto a Dalton. Mas ele está na sala de estar com duas armas apontadas para sua

cabeça, então acho que me preocuparei com ele depois que tiver terminado com Carter.

"Você quer saber como foi a primeira vez que *eu* transei com ela?" pergunto.

Desde o segundo em que entrei aqui, ele finalmente responde uma de minhas perguntas. Ele mal balança a cabeça para frente e para trás duas vezes. É tão imperceptível. Acho que ele nem percebeu que o fez. Ele deve *realmente* não querer saber como foi a primeira vez que transei com ela.

Bem, que pena, Carter. Vou contar a você de qualquer jeito.

Eu sento na cama de novo, mas desta vez vou até o final, até que eu esteja contra a cabeceira. Cruzo os meus pés e descanso a arma em minha coxa. "Ela tinha dezoito anos," conto para ele. "Inocente. Intocada. A pobre garota tomava conta de seu irmão por tanto tempo que nunca teve chance de ser uma criança. De sair, se divertir, experimentar rapazes. Você acreditaria se eu dissesse que sou o primeiro cara que ela beijou?"

Ele está olhando para frente agora, se recusando a olhar para mim. Posso ver as veias em seu pescoço ficando salientes. Eu sorrio e detalho ainda mais minha história, porque gosto de vê-lo se contorcer.

"Ela não era inexperiente porque era tímida, deixe-me esclarecer isso. Ela era inexperiente porque não confiava com facilidade. Cresceu com uma mãe patética e nem mesmo conheceu o pai. Não tinha nenhum ex para me comparar, então eu não tive que corresponder a algo. Nada para superar. Eu sabia que se eu fosse melhor para ela do que seus próprios pais foram, ela pensaria que era abençoada. E eu era, Carter. Eu era *tão* bom para ela."

"Felizmente, ela não era o tipo de garota que queria levar as coisas devagar. A primeira vez que a levei para um encontro, eu a beijei antes mesmo de chegarmos ao restaurante. Eu a empurrei contra uma parede de tijolos em algum beco e ela gostou tanto, era como se ela quisesse drenar minha maldita saliva."

Putá merda. Meu pau está duro só de pensar nisso.

"Eu já tinha ido àquele restaurante antes, então eu sabia o momento perfeito da noite para levá-la, assim

não estaria lotado. E eu conhecia a mesa perfeita para reservar, assim teríamos privacidade. Ela mal conseguia manter as mãos longe de mim depois que sentamos. Era como se eu criasse essa necessidade nela, que eu nem sabia que as garotas eram capazes de sentir. E isso me fez querer curvá-la sobre a mesa, levantar seu vestido e fodê-la em cima dos aperitivos."

"Nunca me esquecerei daquele vestido. Era um vestido branco, fofo e curto, com alças finas e flores amarelas sobre ele. Parecia seda em minhas mãos e eu não conseguia parar de tocá-lo. Ela vestiu umas sandálias brancas que mostravam seus dedos mindinhos e, ela as descalçou em algum momento durante o jantar. Eu amei isso. Você é um cara que gosta de pés, Luke?"

Ele está me encarando agora. Não sei quando isso aconteceu, mas ele não parece tão calmo quanto parecia depois que o bati.

Eu estava certo. Esse é o único assunto que o faz romper o silêncio. Eu sorrio e continuo.

"Todo o tempo em que comemos, eu demonstrei afeição. Disse o quão linda ela era, o quão especial ela era. Como o que ela estava fazendo pelo irmão era a

coisa mais prestativa que eu já havia testemunhado. E o tempo todo eu a alimentei exatamente com o que ela precisava ouvir, minha mão estava lentamente se movendo sobre sua coxa. No momento que eles levaram o cardápio de sobremesas, eu já havia escorregado minha mão sobre sua calcinha. O garçom mal havia desaparecido quando o meu dedo entrou dentro dela."

Solto um suspiro, tentando controlar minha pulsação. Eu nem consigo *pensar* nisso sem ficar excitado. "Será difícil descrever o que aconteceu depois, porque você tinha que estar lá. Mas irei tentar."

Sento na cama e passo a arma sobre minha bochecha. "A boceta dela... *puta merda*. Era a coisa mais quente, mais úmida, mais apertada que eu já tinha tocado. Eu queria engatinhar debaixo da mesa e enterrar minha boca nela. E ela era tão *receptiva*. Acho que nunca ter sido tocada por um cara antes... é natural. Mas houve algo mágico... algo espiritual que aconteceu dentro de mim quando as pontas dos meus dedos tocaram o hímen perfeitamente intacto."

"O primeiro orgasmo a atingiu naquele restaurante indiano, com o gosto de curry em sua boca, minha mão na parte de cima de seu vestido, meus dedos profundamente dentro dela. Foi lindo. Muito lindo."

Suspiro com a lembrança, então rio quando percebo que nem cheguei à melhor parte.

"Eu tinha que tê-la. Eu precisava foder aquele hímen até ela sangrar sobre mim, então dirigi direto para a minha casa. Mas é claro que depois de namorarmos por meia hora, ele me pediu para esperar. Disse que estávamos indo muito rápido. Mas eu tinha que tê-la, Luke. Eu não conseguia *respirar*. Então eu fiquei abraçado com ela por umas malditas duas horas. Esperei até o meio da noite e então comecei a beijá-la. Tocá-la. Passar minha língua em seu clitóris, excitando-a durante o sono, assim, quando finalmente acordou, ela estava implorando. E isso foi o que aconteceu exatamente. Ela acordou com a minha cabeça entre suas pernas e em questão de dez segundos estava implorando. A primeira *noite*, Luke. Ela tinha acabado de ir em seu primeiro encontro. Acabado de dar seu primeiro beijo. Seu primeiro orgasmo. E então, como um milagre, eu estava

deslizando dentro dela, observando-a se contorcer, sentindo-a se esticar ao meu redor. Eu coloquei minha mão sobre seu estômago, porque eu queria sentir o estalo quando eu empurrasse para dentro dela. Ela gritou quando isso aconteceu. Foi meio inesperado para ela o jeito como eu empurrei para dentro dela e a possuí enquanto ela ainda estava meio adormecida. Não acho que ela tivesse acordado até aquele momento. Então eu comecei a fodê-la. Com força. Com *tanta* força, Luke. Eu nunca senti vontade de querer ser parte de alguém; de estar dentro de alguém com mais do que apenas o meu pau. Eu simplesmente continuei penetrando, porque por alguma razão, não parecia que eu havia chegado fundo o suficiente. As marcas deixadas contra a parede pela cabeceira ainda estão lá, na verdade. Eu poderia mostrá-las a você antes de matá-lo."

Eu levanto e esfrego a mão sobre meu rosto. "Por dois anos eu ainda penso naquela hoje. Sobre como foi ser a primeira pessoa dentro dela. A primeira pessoa a fazê-la gozar. A primeira pessoa a fazê-la gritar um nome. E toda vez que olho para ela, eu a amo um pouquinho mais, sabendo que o que aconteceu entre nós será sagrado para sempre. Que eu terei todas as

primeiras e últimas vezes. Que ela nunca permitiria que outro homem a beijasse. Que outro homem a tocasse. Deslizasse seu pau dentro dela e a *arruinasse* para mim."

Caminho calmamente em direção a Luke e me agacho na frente dele de novo. "Se eu descobrir que você tirou tudo isso de mim, Luke, ela será desprezível para mim. Me dê licença enquanto vou lá em cima pegá-la. Acho que nós três precisamos ter uma conversa séria."

Envio dois merdas para ficarem de olho em Luke enquanto corro escada acima para pegar Sloan.

Capítulo 40

SLOAN

A primeira coisa que fiz depois de subir a escada para o meu quarto foi correr em direção à mesa de cabeceira para pegar meu telefone. Ele não estava lá. Olhei no chão, na cama, *debaixo* da cama.

E então, me lembro de Asa vindo aqui em cima antes do jantar.

O desgraçado escondeu meu telefone.

Assim que ouvi a gritaria lá embaixo, as brigas, os estrondos... Eu corri para me esconder no closet. Menos de dez segundo depois, alguém esmurrou a porta. Quando ouvi as palavras, "FBI, abra a porta!" fui preenchida pelo alívio.

Eu engatinhei para fora do closet e abri a porta, mas soube imediatamente que algo não estava certo. O agente me empurrou para dentro do quarto e bateu a porta atrás de mim, apontando uma arma. Ele me mandou ir para a cama e não permitiu que eu me movesse ou falasse desde que entrou aqui.

Já faz um tempo. Muito tempo. Algumas vezes consigo identificar os sons da voz de Dalton. Algumas vezes os sons da voz de Jon ou Kevin.

Mas não de Asa.

E nem de Luke.

Meu estômago se contorce diante da ideia de que Asa tenha alguma coisa a ver com isso. Mas essa não seria a primeira vez que ele trama um esquema ridiculamente elaborado. Está se tornando sua especialidade.

"Estou sob custódia?" pergunto ao agente.

Ele continua em frente à porta, mas não responde a minha pergunta.

"Se não estou sob custódia, gostaria de ir lá embaixo."

Ele balança a cabeça em sinal de negação.

Foda-se esse cara.

Eu levanto e tento passar por ele, mas ele agarra meu braço e me joga em direção à cama. É aí que sei com certeza que algo não está certo nessa situação. Eu me

levanto e tento novamente. "Socorro!" grito, esperando conseguir a atenção de alguém na casa.

Ele bate a mão sobre a minha boca e me empurra contra a parede. "Sugiro que você cale a boca e sente-se na cama."

Piso em seu pé, sabendo que estou piorando as coisas para mim. Mas estou cansada de não lutar. Suas mãos encontram meus ombros e ele me empurra contra a parede com tanta força que minha cabeça bate contra ela. Eu me encolho e tento levar uma mão à cabeça, mas ele agarra meus pulsos e os joga para os lados.

"Você é uma coisinha determinada," ele diz, sorrindo, como se isso fosse algo que o excitasse.

De onde esse cara veio? Do mesmo útero que Jon?

"Socorro!" eu grito de novo.

Desta vez ele balança a cabeça e diz, "Não sei como manter sua boca fechada, você sabe?" Ele pressiona os lábios contra os meus e eu odeio *homens*. Eu os odeio. Eu os odeio!

Meus olhos se arregalam enquanto tento manter minha boca fechada contra a pressão da língua dele. Estou olhando sobre o ombro do cara, lutando para me libertar, quando a porta do quarto abre.

Eu fico horrorizada e aliviada de ver que é Asa.

Que diabos está acontecendo?

Seus olhos examinam o quarto e pousam em nós – no cara que ainda está tentando penetrar minha boca com a língua. Há uma mão agora tentando levantar minha blusa. Eu me dou conta da merda de mundo em que vivo quando me pego rezando para que Asa venha me resgatar, mas temendo pelo momento em que eu estiver segura com ele.

Asa não leva nem dois segundos para processar o que está vendo. Seus olhos esquentam de raiva. "Eu dei a porra de uma tarefa a você, imbecil!" ele grita, caminhando a passos largos em nossa direção. Quando o cara me solta e começa a se virar, Asa ergue a arma e a pressiona contra a cabeça do cara. "A porra de *uma* tarefa!"

Zumbido.

Não consigo ouvir nada além do zumbido em meus ouvidos. A pontada de líquido em meus olhos – em meu rosto. Cubro meus ouvidos com as mãos e aperto os olhos.

Não, isso não aconteceu.

Não, não, não.

Ouçó o cara cair no chão e tenho que dar um passo para o lado para tirar o meu pé esquerdo debaixo dele. "Não, Asa. Não, não, não," eu repito, minhas mãos ainda sobre meus ouvidos, meus olhos ainda fechados.

"Ele provavelmente pensou que você fosse uma vadia, Sloan," ele diz, agarrando o meu braço. "Você poderia culpá-lo?"

Asa me puxa para frente e eu tropeço no cara. Asa não solta o meu braço enquanto ele me arrasta sobre os meus pés em direção à porta.

Meus olhos ainda estão fechados. Acho que devo estar gritando, porque minha garganta está ardendo,

mas não consigo dizer se sou eu ou o zumbido em meus ouvidos. De repente sou erguida no ar e jogada sobre o ombro dele.

Ele me carrega pelos degraus e os últimos dez minutos se repetem várias vezes em minha cabeça.

Isso não está acontecendo.

Segundos depois, ele me coloca sobre a cama. Eu ainda estou muito assustada para abrir os olhos. Vários minutos se passam e posso sentir meu peito implorando por ar. Eu arquejo entre as lágrimas enquanto a voz de Asa chega até mim.

"Sloan, olhe para mim."

Eu lentamente abro meus olhos e olho para ele. Ele está ajoelhado sobre mim na cama, tocando meu rosto, acariciando meu cabelo. Há manchas de sangue em seu rosto – em seu pescoço.

Olho em seus olhos e suas pupilas tomam conta de tudo. Duas enormes íris pretas me encaram de volta e isso faz o meu corpo já trêmulo, tremer.

"Sloan," ele sussurra, ainda passando sua mão sobre meu cabelo. Tento olhar ao redor do quarto, mas ele segura minha mandíbula e obriga meus olhos a retornarem para os dele. "Baby, tenho notícias muito ruins."

Não acho que meu coração consiga aguentar o que quer que ele tenha a dizer. Receio abrir a boca para respondê-lo e vomitar.

"Eu sei sobre você e Luke."

Meu coração para ao som daquele nome. Eu luto contra a enchente de lágrimas que tenta retornar. *Ele o chamou de Luke.*

Como ele sabe que o nome dele é Luke?

Eu reúno cada grama de força que consigo encontrar e me faço de desentendida. "Quem é Luke?"

Ele examina meu rosto. Suas pupilas se contraem e então se expandem de novo. Um lento sorriso se espalha sobre o seu rosto e ele pressiona os lábios em minha testa. "Foi o que eu pensei," ele sussurra, se afastando de mim. "Não é sua culpa, Sloan. Ele fez

lavagem cerebral em você. Tentou colocá-la contra mim. Mas o nome dele não é *Carter*, baby. É Luke. Pergunte a ele você mesma." Ele desliza sua mão debaixo de minhas costas e me puxa até que eu esteja sentada na cama.

De repente estou cara a cara com o meu pior pesadelo.

Luke está sentado em uma cadeira, as mãos algemadas em suas costas. A agonia em seu rosto deixa evidente o que ele pensa de nossa situação.

Não.

Asa está me observando, aguardando minha reação. Eu tento controlá-la – esconder meu medo, minha tristeza, minha própria agonia. Mas saber que estamos nas mãos de Asa deixa pouca força para fingir.

Não reaja. Não reaja. Não reaja.

Repito essas palavras em minha cabeça enquanto Luke fala as mesmas palavras com o olhar.

É isso o que Asa quer. Uma reação. Faço o que posso para não dar o que ele quer. Ele está se levantando

agora, então olho para ele com a expressão mais inocente que sou capaz. "Asa, do que você está falando? Por que Carter está algemado?"

Ele olha para mim como se estivesse desapontado. Como se esperasse que eu dissesse que sabia que Luke estava disfarçado, ou pelo menos, que eu estava dormindo com ele. Ele sorri pretensiosamente. "Você ainda acha que sou estúpido, Sloan?" Seus olhos se movem lentamente para Luke. "Então acho que está tudo bem se eu fizer isso, hein?" Ele levanta a arma e a aponta em direção a ele, assim como ele fez segundos antes de atirar no cara lá em cima.

Eu imediatamente pulo, seguro seu braço e grito, "Não! Asa, não."

Ele não atira.

Em vez disso, a mão que está segurando a arma gira e me atinge tão forte que voou de volta para a cama. *Ele nem precisa que eu admita o que estava acontecendo entre mim e Luke. A minha reação já disse tudo.*

Ele está em cima de mim agora, segurando meus pulsos, pressionando sua testa contra a lateral da minha cabeça. "Sloan,*não*," ele diz, sua voz instantaneamente tensa. "Não, *não*, baby." Ele se afasta e seus olhos estão cheios de tristeza. "Ele esteve dentro de você? Você o deixou *entrar*?"

Estou chorando muito para admitir. Estou chorando muito para negar.

Todo o seu rosto se contorce em uma careta, como se ele pensasse que essa é, absolutamente, a pior coisa que poderia estar acontecendo neste momento. *Ele acabou de atirar em um cara lá em cima e está mais chateado que eu possa tê-lo traído?*

Viro minha cabeça para o lado e aperto os olhos.

É isso.

É assim que irei morrer.

Ele enterra o rosto entre meu pescoço e meu ombro e murmura, "Não consigo lembrar se tranquei a porta."

Quando ele sai de cima de mim, eu tento processar o que ele acabou de dizer, mas foi tão aleatório e minha

pulsação está tão acelerada para processar pensamentos, que nem sei o que pensar. Enquanto ele anda para a porta, eu viro minha cabeça para encontrar Luke. Suas mãos estão algemadas em suas costas, ao redor da cadeira. Mas ele rapidamente se levanta, deslizando seus braços para cima, pela parte de trás da cadeira, então ele senta novamente, dessa vez com o braço diretamente atrás de suas costas, sem o obstáculo do encosto. Tudo acontece tão rápido, que levo um segundo para perceber que ele não está preso à cadeira.

Asa não deve ter percebido isso ou nunca teria se virado de costas para ele.

Meus olhos voam para a porta e Asa a está trancando. Meus olhos voam de volta para os de Luke e ele balança a cabeça, me avisando para ficar calma. Ele não pode levar o polegar ao lábio, mas ele o está mordendo, passando os dentes sobre ele.

Eu puxo uma mecha do meu cabelo, assim que Asa descansa as costas contra a porta do quarto. Ele move a arma contra a bochecha e olha diretamente para

Luke. "Já contei a você sobre a primeira vez que *eu* a fodi," ele diz. "É a sua vez."

Capítulo 41

ASA

VÁRIOS ANOS ANTES.

Meu pai está parado perto da janela, atento aos homens.

Ele os vigia o tempo todo. Ele diz que se descobrirem onde nós moramos, eles irão atirar nele. Então eles irão atirar em minha mãe e depois em mim. Ele diz que após atirarem em nós, os homens provavelmente nem contarão a polícia. Eles nos deixarão aqui e nossos corpos irão apodrecer nesta casa e os ratos e baratas os comerão.

"Asa!" ele grita da janela, apontando para a porta da frente. "Verifique a porta de novo!"

Eu já verifiquei a porta para ele duas vezes, mas ele nunca acredita que está trancada. Ele diz, "Verifique a porta de novo," toda vez que olha pela janela.

Não sei porquê em alguns dias ele pensa que os homens estão vindo pegá-lo e em outros dias ele não

se importa. Deslizo para fora do sofá e engatinho para a porta. As minhas pernas funcionam, então eu poderia muito bem andar até ela, mas às vezes fico com medo dos homens aparecerem, eles irão atirar em mim, por isso eu engatinho quando passo pela grande janela.

Verifico a porta. "Está trancada."

Papai olha para mim e sorri. "Obrigado, filho."

Eu odeio quando ele me chama de *filho*. A única vez que ele me chama de filho é quando está com medo dos homens que irão atirar nele, em minha mãe e em mim. Quando ele está assustado, ele é muito legal comigo e me faz ajudá-lo a fazer coisas, como empurrar o sofá contra a porta e tirar da tomada tudo o que tem eletricidade. Eu o ajudei muito hoje e ele continua me chamando de filho. Gosto mais quando ele não me chama de nada e apenas fica sentado em sua cadeira o dia todo.

Eu engatinho de volta para o sofá, mas antes que eu chegue lá, sinto meu pai apertar o meu braço. "Eles estão aqui, Asa!" ele sussurra. Ele me coloca de pé e diz, "Você tem que se esconder!"

Meu coração bate muito rápido dentro do peito e eu aceno com a cabeça.

Meu pai tem muito medo dos homens, mas eles nunca apareceram de verdade antes. Olho pela grande janela enquanto ele me puxa pela sala de estar, mas não vejo ninguém. Não vejo os homens.

Meu pai me puxa pelos degraus da porta dos fundos. Ele se ajoelha e segura meus ombros. "Asa, se esconda embaixo da casa e fique lá até eu buscar você."

Balanço minha cabeça. "Eu não quero." É escuro lá embaixo e uma vez eu vi um escorpião.

"Você não tem escolha!" ele sussurra alto. "Não saia até eu buscar você ou eles irão matar todos nós."

Ele me empurra em direção à abertura que leva para a parte subterrânea da casa. Caio sobre meus joelhos e minhas mãos afundam na lama. Não quero olhar para trás. Eu engatinho para o mais longe que posso, assim os homens não irão me ver.

Dobro os joelhos contra o peito e tento ficar quieto quando choro, assim os homens não irão me ouvir.

Eu fiquei com muito frio, fome e chorei até o sol nascer de novo. Mas papai disse para eu não me mover, então eu não me movi. Eu ainda não me movi. Espero que ele não fique irritado, mas eu fiz xixi enquanto dormia. Eu não faço xixi nas calças enquanto estou dormindo desde antes do meu último aniversário. Se os homens ainda não o mataram, ele ficará tão irritado comigo pelo que aconteceu.

Posso ouvi-los andando dentro da casa. Não sei se eles mantaram meu Pai. Minha mãe estava no quarto, onde ela fica a maior parte do tempo, então eles devem tê-la matado também, se eles a encontraram.

Mas eles não me mataram, porque eu fiz exatamente o que meu pai disse. Eu fiquei aqui e não me movi até ele vir me buscar.

Ou até que os homens tenham ido embora.

Eu fiquei com muito frio, fome e chorei até o sol se pôr de novo. Mas eu ainda não me movi. Papai disse para eu não me mover, então eu não me movi. Mas minhas pernas não parecem mais fazer parte do meu corpo. Meus olhos continuam fechando. Eu não estou mais com tanta sede porque havia um pouco de água saindo do cano próximo a mim e eu coloquei a boca nele e bebi um pouco.

Acho que os homens mataram minha mãe e meu pai, porque a minha casa está muito quieta agora. Eu não ouvi os homens andando desde que o sol nasceu, então eles talvez tenham saído.

Eu sei que meu pai disse para eu não me mover, mas se meu pai ainda estivesse vivo, ele teria voltado para me buscar.

Mas ele nunca voltou.

Eu engatinho para fora. Está realmente escuro agora, então isso significa que estive embaixo da casa por mais do que um dia inteiro. Não acho que os homens matariam minha mãe e meu pai e ficariam em nossa casa por mais de um dia. Acho que isso significa que

eles provavelmente foram embora e é seguro ir para dentro.

Quando tento levantar, eu caio. Minhas pernas estão formigando e meus dedos doem. Engatinho para os degraus e percebo que há lama por toda a minha roupa. Estou com medo de sujar o chão. Tento limpá-la sobre o tapete, mas eu só continuo espalhando-a pela minha roupa.

Seguro a maçaneta da porta e levanto. Eu ainda não consigo sentir minhas pernas muito bem, mas elas estão funcionando agora. Quando abro a porta e entro na casa, posso ver o corpo morto do meu pai. Está na cadeira reclinável na sala de estar.

Prendo minha respiração. Eu nunca tinha visto um corpo morto antes e eu realmente não quero vê-lo agora, mas sei que tenho que me certificar que é o meu pai e não os homens. Vou até a sala de estar na ponta dos pés, estou tão assustado, parece que meu coração está batendo em meu pescoço.

Quando alcanço sua cadeira, eu respiro fundo e dou um passo em direção a ela para olhá-lo. Fico um

pouco surpreso de ver que pessoas mortas não são tão diferentes das pessoas que ainda estão vivas.

Pensei que haveria sangue por todo lado, ou que ele estaria com uma cor diferente – como um fantasma. Mas ele ainda parece o mesmo.

Levanto o meu dedo para tocar sua bochecha. Ouvi dizer que pessoas mortas são mais frias do que as pessoas que ainda estão vivas, então eu pressiono a ponta do dedo em sua bochecha para ver como está sua pele.

Sua mão envolve o meu pulso e o aperta. Seus olhos se abrem e isso me assusta tanto que eu grito.

Os olhos do meu pai estão furiosos quando ele olha para minha roupa. "Onde diabos você esteve, garoto? Você está sujo!"

Pensei que ele estivesse morto.

Ele não está morto.

"Embaixo da casa, para onde você me mandou ir ontem. Vou disse que iria me buscar."

Ele aperta meu pulso muito forte, se inclina em minha direção e diz, "Nunca mais me acorde do meu cochilo, seu pequeno desgraçado! Agora vá para o chuveiro, você está cheirando a esgoto."

Ele me empurra para longe dele. Dou um passo para trás, ainda confuso por ele estar vivo.

Pensei que os homens tivessem vindo. Pensei que eles o tivessem matado.

Ele aperta a parte de trás do meu pescoço até eu tropeçar para fora da sala de estar. Ele disse que me buscaria, mas acho que ele nem lembra que eu estava embaixo da casa.

Posso sentir que meus olhos começam a ficar quentes, então corro da sala de estar. Eu não posso chorar na frente do meu pai, senão ele ficará muito irritado.

Caminho pelo corredor em direção ao banheiro, mas o que eu realmente quero fazer é comer alguma coisa. Meu estômago nunca ficou com tanta fome antes. Quando passo pelo quarto que minha mãe fica a maior parte do tempo, a porta está aberta. Ela está dormindo

em sua cama, então eu entro para perguntá-la se posso fazer algo para ela comer. Eu a balanço e tento acordá-la, mas ela apenas resmunga e se mexe.

"Deixe-me dormir, Asa," ela diz.

Eu não gosto do quanto ela dorme. Ela diz que não consegue dormir muito bem por conta própria, por isso ela toma muitas pílulas que a ajudam dormir melhor. Ela diz que as brancas são as noturnas, mas ela as toma quando o sol nasce. Já a vi fazendo isso.

Ela tem algumas amarelas, mas ela diz que aquelas são suas pílulas *especiais*. Ela diz que guarda aquelas para os dias quando ela quer ir a algum outro lugar em sua mente. Não quero mais que minha mente fique dentro desta casa.

Eu pego o seu frasco de pílulas amarelas, tento e tento, mas não consigo abri-lo. Não sou muito bom em leitura porque estou apenas na primeira série, mas eu finalmente descubro que a tampa diz que tenho que empurrar e girar.

Quando faço isso, ela abre. Olho para minha mãe, mas ela ainda está virada para o outro lado. Eu me apresso, pego uma de suas pílulas amarelas, coloco

na boca e a mastigo. Meu rosto se contorce, porque é a coisa mais nojenta que eu já comi. É realmente amarga e deixa minha boca seca. Tomo um gole da água de minha mãe para conseguir ingeri-la.

Espero que ela esteja certa. Espero que essas pílulas me levem para algum outro lugar em minha mente, porque estou ficando realmente cansado de ficar nesta família.

Coloco a tampa de volta no frasco e saio do quarto de minha mãe. No momento que chego ao banheiro para tomar banho, minhas pernas já não parecem ser as minhas de novo.

Assim como o meu braço. Eles parecem flutuar no ar.

Eu me olho no espelho depois que ligo o chuveiro, porque parece que meu cabelo está crescendo. No entanto, ele não parece maior. Parece o mesmo. *Mas posso senti-lo crescendo.*

Meus dedos começam a formigar, assim como minhas pernas. Sinto como se estivesse prestes a cair, então eu corro e sento na banheira. Eu esqueço de tirar minhas roupas, mas tudo bem, elas estão realmente

sujas. Acho que minhas roupas também precisam de água.

Eu me pergunto quanto tempo fiquei embaixo da casa. Eu provavelmente perdi um dia de escola. Na verdade não gosto muito de escola, mas eu realmente queria ter ido hoje, assim poderia ver o que a mãe do Brady preparou para o almoço dele.

Brady senta perto de mim na mesa do almoço e ele leva uma lancheira todos os dias. Uma vez a mãe dele colocou um pedaço de bolo de coco. Ele não gosta de bolo de coco, então ele me disse que eu poderia comê-lo. Estava tão bom. Fui para casa e contei a minha mãe como estava bom, mas ela ainda não preparou bolo de coco para mim.

Algumas vezes a mãe de Brady escreve bilhetes e os coloca dentro de sua lancheira. Ele lê todos para nós porque acha que eles são bobos. Mas eu nunca ri. Eu não acho que os bilhetes são bobos.

Uma vez vi um dos bilhetes que ele jogou no lixo e o peguei. Dizia, "Querido Brady. Eu amo você! Tenha um ótimo dia na escola!"

Eu rasguei a parte de cima do bilhete que continha o nome de Brady e o guardei. Eu fingi que minha mãe o havia escrito para mim e algumas vezes eu o lia. Mas isso foi há muito tempo e eu o perdi o recentemente. Por isso eu queria ir à escola hoje, porque se Brady recebesse outro bilhete de sua mãe, eu iria roubá-lo e fingiria que era para mim de novo.

Eu me pergunto como seria ter alguém dizendo aquelas palavras para mim.

Eu amo você!

Ninguém nunca disse isso para mim.

Eu me sinto tonto. Parece que minha cabeça está flutuando no teto e meus olhos estão olhando para o meu corpo sentado na banheira. Eu me pergunto se é por isso que minha mãe gosta das pílulas amarelas? Porque elas fazem com que ela sinta as partes mais importantes dela flutuando lá no alto, onde ninguém pode alcançá-la?

Fecho meus olhos e sussurro, "*Eu amo você*," para ninguém enquanto flutuo no ar. Algum dia encontrarei alguém e farei com que esse alguém goste de mim o

suficiente para querer dizer essas palavras para mim. Quero que seja uma garota. Uma *linda* garota. Uma que o meu pai não pense que é uma vadia.

Isso seria legal. Talvez ela me ame o suficiente para fazer bolo de coco para mim. Eu gosto muito de bolo de coco.

Se eu algum dia encontrar uma garota que diga essas palavras e faça bolo de coco para mim, eu a conservarei. Não a jogarei fora como Brady faz com os bilhetes de sua mãe.

Eu a conservarei para sempre e não a deixarei ir embora. Eu a farei dizer que me ama todos os dias.

"Eu amo você, Asa," ele me prometeria. "Eu nunca o deixarei."

Capítulo 42

ASA

Eu nunca matei ninguém antes. Não até alguns minutos atrás quando atirei no cara lá em cima por tentar pegar o que não era dele.

Ainda não sei ao certo como me sinto.

Eu provavelmente deveria estar preocupado, porque assassinato vem acompanhado de repercussões. Eu também deveria estar irritado, porque assim que atirei no cara e empurrei Sloan para dentro deste quarto, o restante daqueles merdas que eu contratei saiu correndo.

Acho que eles ficaram com medo que eu atirasse neles também.

Suponho que estou um *pouco* preocupado com as repercussões e toda essa merda. Normalmente quando uma arma é disparada, alguém chama os policiais. O que significa que eles provavelmente estão a caminho graças ao maldito vizinho enxerido.

E eu estou me referindo aos *verdadeiros* policiais. Não a esse patético sentado na minha frente.

Estou desapontado que isso não esteja acontecendo como eu planejei. Eu atirei em *um* cara em autodefesa e o restante deles simplesmente desistiu da tarefa e foi embora? Isso significa que Jon, Kevin e Dalton não estão sendo mais detidos por eles. O que significa que pelo menos um deles está prestes a bater nesta porta, se perguntando por que diabos eu os envolvi desse jeito.

O que significa... *estou meio que de mãos atadas no momento*. Estou ficando sem opções. Acho que a única opção que realmente me resta é atirar no maldito rosto arrogante de Luke e tirar Sloan daqui enquanto ainda posso. Com certeza ela ficará um pouco traumatizada. Mas nós poderemos ir à terapia ou algo do tipo assim que nos estabelecermos novamente. Ela irá precisar depois de passar por essa lavagem cerebral.

É meio triste que só me reste uma opção e que eu só tenha um minuto ou dois para executá-la, porque eu

realmente quero ouvir Luke me contar como foi quando ele fodeu Sloan.

Não porque eu ficaria excitado com isso. *Eu não sou mórbido.*

Eu quero ouvir porque preciso ter uma noção. Preciso saber o que ele disse que a fez se apaixonar. Preciso saber se ele teve que persuadi-la como eu fiz. Preciso saber se ela fez alguns dos ruídos que algumas vezes faz quando está comigo. Quero saber em que posição ele transou com ela. Ele ficou por cima? Ela ficou por cima? Ele ficou atrás dela?

Eu só preciso ter certeza, assim saberei que não posso fazer ou dizer nenhuma das coisas que ele disse para ela quando eu fizer amor com ela no futuro. Preciso me certificar de que eu nunca transe com ela nas mesmas posições que *ele*.

Mas agora eu estou sem tempo, porque alguém está batendo na porta e Luke ainda não abriu a boca.

"Asa!"

É Dalton.

Eu ainda não sei o que pensar sobre Dalton. Eu realmente gosto dele. Ele é coca, todo mundo gosta de coca. Mas todos sabem que cocaína é uma das drogas mais fraudulentas. Uma enorme quantidade de impostores. Traficantes vendendo aspirinas misturadas em esquinas de ruas para quase mortos viciados em crack que não conseguem nem dizer a diferença.

Dalton talvez nem *seja* cocaína. Ele é provavelmente a porra de um frasco de *Advil*, misturado e colocado dentro de um papelote.

"Asa, abra a porta!" Dalton grita.

Alcanço a parte de trás e me certifico de que a porta esteja trancada. "Para onde foi todo mundo?" grito para Dalton. "Está quieto aí fora!"

"Abra a porta, assim poderemos conversar." Ele está exatamente do outro lado da porta.

Eu rio e repito. "Onde *está* todo mundo, Dalton? Onde está Jon e Kevin?"

"Eles foram embora. Ficaram paranoicos e foram embora."

É claro que eles foram. Melhores amigos para sempre. *Babacas*.

Olho para Sloan. Ela está sentada na parte superior da cama, seus joelhos dobrados contra o peito. Ela está me observando, olhos arregalados.

Luke está me observando também. Não importa onde eu esteja ou o que eu esteja fazendo, a porra dos olhos dele estão sempre em mim. Sempre estiveram desde que o conheci. O dia que *Dalton* o apresentou para mim.

Eu inclino a cabeça até minha boca estar próxima da fissura da porta. "Por que você ainda está aqui, Dalton? Esperando o reforço chegar?"

Dalton não é tão rápido ao responder desta vez. Depois de uma pausa, ele diz, "Estou aqui porque o meu amigo está aí. Se você deixá-lo sair, nós iremos embora."

Não consigo acreditar que caí nisso. Meses praticamente morando com esses merdas e tudo o que eles faziam aqui era me destruir.

Parece a minha infância toda de novo.

Pelo menos Sloan me ama.

Pelo menos.

Passo meus olhos pela sala até eles pousarem nela.
"Lembra quando eu estava no chuveiro mais cedo e
você me perguntou se eu queria algo da mercearia?"

Ela mal acena com a cabeça.

"Eu disse que queria uma sobremesa para a
comemoração. Você comprou?"

Ela acena novamente. "A sua favorita," ela sussurra.

"Bolo de coco?"

Ela concorda.

Viu? Ela me ama.

"Dalton," eu digo, exigindo sua atenção. Não que ela
alguma vez tenha me deixado.

Eu provavelmente deveria me mover. Ele está do outro lado da porta. Não me surpreenderia se o merda atirasse em mim através dela.

Dou um passo contra a parede e me estico para verificar se a porta está trancada. "Faça-me um favor? Traga o bolo de coco."

Novamente, Dalton pausa por um momento antes de responder. "Você quer *bolo*?" ele diz, confuso. "Você quer a porra de um *bolo*?"

Por que isso soa tão ridículo?

"Sim, eu quero bolo! Traga a porra do bolo de coco, babaca!"

Ouçó os passos de Dalton sumirem quando ele entra na cozinha. Luke está olhando para mim como se eu tivesse ficado louco.

"Algum problema?"

Ele balança a cabeça e abre a boca para falar. *Finalmente.*

"Existem remédios que podem ajudar você, Asa," ele diz.

Remédios?

"De que porra você está falando?"

Luke olha para Sloan e então para mim. Eu odeio quando ele olha para ela. Isso me faz querer arrancar a porra de seus olhos e engoli-los como as pílulas amarelas da minha mãe.

"Você verificou a fechadura da porta quinze vezes nos últimos cinco minutos," ele diz. "Este não é um comportamento normal. Mas pode ser controlado. Assim como o comportamento de seu pai poderia ter sido controlado."

É aí onde eu interrompo o desgraçado. "Fale sobre o meu pai de novo, Luke. Eu *desafio* você."

Seus olhos encontram a arma que está apontada diretamente para ele agora, mas por alguma razão, ele não cala a porra da boca.

"Você sabia que ele foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide quando ele tinha apenas vinte

e sete anos? Eu li isso na ficha dele. Ele nunca tomou seus remédios, Asa, nem uma única vez. Essas coisas acontecem dentro da sua cabeça – elas podem parar. Tudo isso pode parar. Você não tem que ser igual a ele."

Caminho a passos largos pela sala e pressiono a maldita arma contra a cabeça dele. "Eu *não* sou como ele! Eu não sou *nada* como ele!"

Antes que eu puxe o gatilho, Dalton bate na porta.

"Como devo entregar o bolo a você?" Dalton grita.

Merda. Boa pergunta.

Começo a andar em direção à porta, mas a expectativa do bolo de coco é arrancada de mim quando ouço as sirenes. O som está longe – talvez a quatro ou cinco ruas além.

Eu ainda tenho tempo. Se houvesse a porra de uma janela neste quarto, eu pegaria Sloan, atiraria em Luke, sairia pela janela e iria para o carro antes deles chegarem aqui.

Mas o filho da mãe do Dalton está atrapalhando o meu caminho.

Se ele está de pé em frente a porta segurando um bolo, isso significa que ele está... exatamente... *lá*.

Miro minha arma e assim que a disparo, algo atinge minhas costas. Eu caio para frente, meus joelhos batem no chão e a arma voa de minhas mãos. Olho para trás e Luke está parado, puxando sua perna para chutar o meu rosto. Eu rolo para o lado e passo minha perna sobre o chão, tirando seu equilíbrio. Ele cai de costas.

Ele imediatamente começa a tentar passar as pernas pelos braços, assim suas mãos ficarão algemadas na frente dele e não nas costas. Eu sento e me estico em direção à arma, mas Sloan salta da cama e se joga no chão. Nossas mãos alcançam a arma ao mesmo tempo, mas a minha é mais experiente e sei onde segurá-la para ter uma aderência melhor. Suas mãos tateiam ao redor da minha até ela tomar consciência de que a arma está firmemente segura em minha mão. Eu a empurro para longe de mim, em direção ao canto do quarto.

Ela bate contra a parede e se move para o mais longe que ela pode. No momento que consigo apontar a arma para Luke, o merda de alguma maneira passou as mãos para frente. Ele está se colocando de pé, então fico um passo à frente e puxo a porra do gatilho. Observo enquanto a carne de sua coxa explode em pequenos pedaços.

Porra, parece que isso dói.

Ele está sobre os joelhos.

Suas costas batem contra a parede. Ele está se contorcendo, pressionando as mãos contra a ferida. Dalton está batendo na porta agora. "Asa, abra a maldita porta ou atirarei nela! Três... dois..."

"Se você abrir essa porta, os dois morrem!" eu grito.

Dalton nunca chega ao um.

Olho para Sloan, ela está encolhida contra a parede, as mãos sobre os ouvidos, lágrimas derramando de seus olhos. Ela está olhando para Luke, parece que está prestes a perder o controle. Preciso tirá-la daqui

antes que ela surte. Mas as sirenes estão mais perto agora. Muito provavelmente nesta rua.

Merda.

Pense, Asa. Pense.

Bato a arma contra minha testa três vezes. Eu não posso perdê-la. Não posso. Se eu for preso, não serei capaz de protegê-la. Não serei capaz de tocá-la. Ela irá se apaixonar pelas mentiras de outra pessoa. Talvez pelas de *Luke* de novo.

Ela é a única pessoa que já me amou. Eu não posso perdê-la. Não posso.

Eu engatinho em sua direção e tento segurar suas mãos, mas ela continua se esquivando. Eu tenho que apontar a arma para sua cabeça para fazê-la ficar quieta. Pressiono minha testa contra a lateral de sua cabeça. "Diga que me ama, Sloan." Ela está tremendo tanto que nem consegue falar. "*Por favor, baby.* Eu preciso ouvi-la dizendo isso."

Ela tenta fazer sua voz funcionar por três vezes, mas continua gaguejando. Seus lábios estão tremendo

mais do que eu já vi. Ela finalmente consegue falar uma frase. "Deixe Luke ir e eu direi."

Eu aperto minha mão ao redor da arma. Eu envolvo minha outra mão em seu cabelo e a aperto. Ela está tentando *negociar* por ele?

Libero um suspiro firme pelas narinas. Minhas mandíbulas estão muito apertadas para deixar que saia ar pela minha boca. Quando eu me acalmo o suficiente para falar, eu cerro os dentes e sussurro, "Você me ama, certo? Você não o ama. Você *me* ama."

Eu me afasto e encontro seus olhos petrificados. Ela levanta o queixo e diz, "Responderei quando você o deixar ir. Ele precisa de um médico, Asa."

Um médico? Ele não precisa de um *médico*. Ele precisa de um milagre filho da puta.

"Eu não preciso que você responda," digo. "Sinto que se eu o matar, você será capaz de dizer que o ama com base em sua reação."

Seus olhos se arregalam e ela imediatamente começa a balançar a cabeça. "Eu não o amo," ela diz rapidamente. "Por favor, não o mate. Isso deixará as coisas piores para você. Eu amo *você*, Asa. Por favor, não mate mais ninguém."

Estou olhando diretamente para ela, na direção de seus olhos. É difícil ver alguma verdade neles, porque tudo o que vejo é a preocupação que ela sente por Luke escrita contra o seu rosto. "Não se preocupe, Sloan. Ele provavelmente está vestindo um colete à prova de balas."

Viro minha cabeça e levanto a arma, apontando-a direto para o peito de Luke. Eu disparo o primeiro tiro. O corpo de Luke se sacode contra a parede. Suas mãos vão para o seu peito quando o sangue começa a escorrer pelos seus dedos. Ele imediatamente cai debilitado para o lado.

"Ah. Foi mal. Eu estava errado."

Sloan está gritando. Gritando a porra do *nome* dele, gritando *não*, gritando *o que você fez*, gritando o *nome* dele de novo, gritando, gritando, gritando.

Ela está *gritando*.

Ela está *chorando*.

Por *ele*.

Eu a seguro pelos braços e a levanto, jogando-a de volta na cama. Sento sobre ela enquanto ela cobre a cabeça e grita ainda mais alto, as lágrimas inundando seu rosto.

"Por que você está *gritando*, Sloan? POR QUÊ?"

Posso ouvir a voz do meu pai repetindo *vadia, vadia, vadia*. Bato em minha testa para fazê-lo parar.

Pare, pare, pare.

Ela não o ama. Ela ama a *mim*. Para sempre.

"Você não o ama, Sloan," digo, meu rosto se contorcendo de dor. "Você *não* o ama, ele fez lavagem cerebral em você." Seguro suas bochechas e pressiono meus lábios contra os dela. Ela está tentando se afastar de mim, tentando lutar contra mim.

"Sim, eu o amo!" ela grita. "Eu o amo, eu odeio você, eu o amo, eu *odeio* você!"

Ela irá se arrepender disso. Ela irá se arrepender disso mais do que qualquer coisa que ela já tenha se arrependido em toda sua vida desprezível. Se ela acha que está triste vendo o desgraçado morrer, espere até ela *me* ver morrer.

Ela mal conhecia o cara. Ela tem *me* amado por *dois malditos anos!* A minha morte irá *devastá-la*. Ela irá chorar tanto que não terá fôlego suficiente para dizer que odeia alguém.

Vadia, vadia, vadia.

Bato minha mão em minha testa de novo, em seguida a pressiono contra a testa dela. Ela já não está mais gritando. Está apenas soluçando incontrolavelmente.

"Você irá se arrepender disso, Sloan. Você acha que está chorando muito agora? Quando eu morrer, isso irá *matar* você. *Isso. Irá. Matar. Você.*"

Ela balança a cabeça para frente e para trás, soluçando através das palavras. "*É tarde demais* para me matar, Asa. Você já me matou há muito tempo."

Ela está delirando.

Ela está delirando muito.

Eu rio, sabendo o quanto isso irá chateá-la. Eu rio, sabendo o quanto ela irá se arrepender de tudo o que ela me disse. Eu gostaria de poder estar aqui quando ela finalmente perceber o quanto eu signifíco para ela. O quanto eu fiz por ela. O que seria a vida dela sem mim.

Pressiono minha boca contra seus lábios trêmulos.

Pressiono a arma na lateral de minha cabeça e puxo o maldito –

Capítulo 43

LUKE

Você sabe o que dizem sobre como é morrer?

Não. Você *não sabe*. Porque ninguém *diz* isso. As pessoas que morrem não estão ao nosso redor para dizer como foi quando isso aconteceu. Para começar, as pessoas que viveram nunca morreram, então, elas são incapazes de descrever.

Mas eu estou nessa. Então deixe-me contar a você enquanto ainda consigo.

Há um momento – um rápido segundo logo antes de você fechar os seus olhos pela última vez – que você consegue realmente sentir que está abraçando a morte.

Você consegue sentir o seu coração quando ele começa a desacelerar, se preparando para parar.

Você consegue sentir o seu cérebro se desligando, os circuitos fechando como portas.

Você consegue sentir os seus olhos fechando – não importa quanto você tente mantê-los abertos. E você percebe que o que quer que você esteja olhando no momento em que fecha seus olhos – é a última coisa que você verá.

Eu vejo Sloan. Ela é tudo o que eu vejo.

Eu a vejo gritando.

Eu vejo Asa levantando-a e jogando-a na cama.

Eu a vejo tentando lutar contra ele.

Eu a vejo *desistindo*.

É por isso que me recuso a fechar os olhos.

Eu olho para o sangue escorrendo do meu peito – a vida sendo sugada de mim e jogada no chão. Eu cometi erros suficientes para colocar Sloan na situação que ela está agora. Eu me recuso a morrer sem corrigir algum deles.

Isso exige tudo o que há em mim – eu estico os meus braços até ser capaz de alcançar a arma perto do meu tornozelo. Há sangue por toda minha mão, eu luto para

segurá-la, mas finalmente consigo. Eu posso não ser o melhor na minha profissão em vários aspectos, mas eu tenho uma boa mira.

Exatamente quando eu levanto minha arma, Asa aponta sua arma contra si mesmo.

De jeito nenhum ele se livrará disso assim tão fácil.

Eu me recuso a fechar os olhos enquanto envolvo meu dedo ao redor do gatilho e o aperto, observando enquanto a bala penetra seu pulso, lançando sua arma para o outro lado do quarto.

Eu me recuso a fechar os olhos quando o som de mais três disparos penetram meus ouvidos, dessa vez vindo da porta.

Eu me recuso a fechar os olhos enquanto Ryan chuta a porta e corre para dentro, seguido de vários outros homens.

Eu me recuso a fechar os olhos até que Asa esteja no chão – a centímetros longe de Sloan – sendo algemado.

Eu me recuso a fechar os olhos até que eles encontrem os olhos de Sloan.

Ela está fora da cama, atravessando o quarto, de joelhos, pressionando suas mãos em meu peito, fazendo tudo o que ela pode para conservar o resto de vida que está sendo sugado de mim.

Eu não tenho energia suficiente para lhe dizer que é tarde demais.

Fecho meus olhos pela última vez.

Mas está tudo bem, porque ela é tudo o que eu vejo.

Ela é a última coisa que verei.

Capítulo 44

SLOAN

Este sentimento não é nada novo para mim. Eu já passei pela experiência de lidar com a morte de alguém que eu amava antes. Insuportável, angustiante, desesperadora morte.

Foi um mês antes de eu completar treze anos.

Eu tinha irmãos gêmeos, Stephen e Drew. Desde cedo eu basicamente me tornei a cuidadora deles. Meus dois irmãos tinham muitos problemas de saúde, mas minha mãe costumava sair independente das necessidades deles. Ela passaria por períodos difíceis onde ela pudesse ser a mãe que eles precisavam. Ela os levaria às consultas com o médico para que eles recebessem os medicamentos que necessitavam, assim ela convenceria o estado de que era uma mãe decente. Mas então ela deixaria a maior parte dos cuidados diários deles sob minha responsabilidade enquanto ela saía e comemorava ou fazia o que quer que fosse até as primeiras horas da manhã.

Na noite em que Drew morreu, meus irmãos estavam sob meus cuidados. Não consigo lembrar todos os detalhes porque tento não pensar muito sobre aquela noite, mas lembro de ouvi-lo caindo em seu quarto. Ele tinha convulsões frequentemente e eu soube que ele teve mais do que uma provável convulsão, então eu corri para o seu quarto para checá-lo.

Quando eu abri a porta, ele estava no chão, todo o seu corpo sacudindo pela convulsão. Eu ajoelhei e o segurei o mais firme que pude, mas desde que ele completou dez anos, ficou mais e mais difícil para eu ajudá-lo devido ao fato de que ele e Stephen já estavam maiores do que eu. Eu fiz o meu melhor, segurando sua cabeça até que passasse.

Foi quando a convulsão parou completamente que notei o sangue. Ele estava por toda minha mão e em minhas roupas. Eu entrei em pânico quando vi o corte profundo na lateral de sua cabeça. O sangue estava por toda parte.

Quando ele caiu por causa da convulsão, ele bateu a cabeça na dobradiça da porta. Nós não tínhamos telefone, então fui obrigada a deixá-lo sozinho no

quarto enquanto corria para a casa do vizinho e ligava para o 911. Quando eu retornei, ele não estava mais respirando. Não tenho certeza se ele chegou a respirar novamente depois que o deixei. No momento eu não estava consciente de que ele havia morrido pela pancada na cabeça, mas agora percebo que ele tinha morrido antes mesmo de eu ligar para o 911.

Eu mudei depois daquela noite. Antes daquele momento, eu ainda tinha um pouco de esperança para minha vida. Eu sabia que ninguém podia ser amaldiçoado quando criança com pais tão horríveis apenas para ter uma adolescência e uma idade adulta igualmente horrível. Até aquele momento eu pensava que, talvez, a vida de todo mundo tinha um equilíbrio similar de bom e ruim e, a única diferença era que a boa e a má sorte eram distribuídas para cada pessoa diferentemente e em diferentes momentos de suas vidas. Eu tinha esperança que toda a minha má sorte tivesse sido distribuída mais cedo em minha vida e que as coisas ficassem apenas mais fáceis.

Mas aquela noite mudou a minha maneira de pensar.

Drew poderia ter caído em qualquer lugar daquele quarto, exceto onde ele caiu. Na verdade, o médico disse que a localização do ferimento foi muita falta de sorte, que ele poderia ter caído meros seis centímetros para a esquerda ou direita e ele teria ficado bem.

Seis centímetros. Isso foi tudo o que separou Drew da vida.

O impacto em sua têmpora o matou quase instantaneamente.

Eu fiquei obcecada com esses seis centímetros por meses. Muito depois de minha mãe ter parado de fingir que lamentava a morte dele.

Eu fiquei obcecada com isso porque eu sabia que se ele tivesse caído seis centímetros para a esquerda ou para a direita, sua sobrevivência teria sido chamada de "milagre."

Mas o que aconteceu com Drew foi o oposto de milagre. Foi um trágico acidente.

Um trágico acidente que fez com que eu perdesse completamente a minha crença em milagres. Depois que completei treze anos, tudo o que era rotulado de "milagre" me deixava extremamente irritada.

Essa é uma das principais razões pela qual eu nunca me envolvi muito com redes sociais. A quantidade de "milagres" vistos no meu *feed* de notícias no Facebook fariam meus olhos praticamente rolares para fora da minha cabeça. Tantas pessoas "curadas" do câncer graças às orações de todos os seus amigos do Facebook. *"É benigno. Aleluia! Deus é tão bom comigo!"*

Houve tantas vezes que eu quis atravessar a tela do laptop e agarrar aquelas pessoas pelos ombros e gritar, *"Ei! Adivinhe? Você não é especial!"*

Muitas pessoas morrem de câncer. Onde está o milagre *delas*? Os seus amigos do Facebook não rezaram o suficiente? Por que a quimioterapia delas não funcionou? Porque elas não postaram publicamente pedidos de orações suficientes em sua rede social? Por que elas não receberam *seu* milagre?

Deus respeita menos suas vidas do que aquelas cujas vidas ele poupa?

Não.

Algumas vezes o câncer é curado... algumas vezes não. Algumas vezes as pessoas batem suas cabeças e morrem, na maioria do tempo elas batem suas cabeças e sobrevivem. E cada vez que você ouve que uma pessoa está superando improbabilidades... isso é tudo o que ela está fazendo. *Superando improbabilidades.*

Porque as pessoas realmente nunca pensam sobre como, para conseguir superar as improbabilidades, muitas mortes infelizes têm que ocorrer para que aquele sobrevivente em particular seja considerado "fora dos padrões."

Talvez a morte de Drew tenha me fechado para a ideia de milagres, mas em minha mente, ou você sobrevive ou não. A jornada do suspiro para a morte não tem nada a ver com milagres, com o quanto você reza, coincidências ou intervenção divina.

Algumas vezes, a jornada de uma pessoa do suspiro para a morte não é sempre parte de um planejamento. Às vezes a única coisa que separa o seu último suspiro da morte são meros seis centímetros.

É por isso – quando o doutor entrou na sala de espera para me atualizar sobre o estado de Luke – que eu tive que sentar quando ele disse: *"Se a bala tivesse impactado apenas seis centímetros para a esquerda ou para a direita de onde ela atingiu, Luke teria morrido instantaneamente. Agora tudo o que podemos fazer é rezar por um milagre."*

Eu fracasso em dizer ao médico que não acredito em milagres.

Ou Luke irá sobreviver... ou *não*.

"Você deveria ir pegar um café," Ryan diz. "Esticar as pernas."

Luke saiu da cirurgia há mais de oito horas. Ele perdeu muito sangue e precisou de transfusão, e eu me recusei a sair do seu lado desde então.

Eu balanço minha cabeça. "Eu não vou sair até que ele acorde."

Ryan suspira, mas ele sabe que não há jeito de me fazer mudar de decisão. Ele caminha para a porta, "Vou lhe trazer café então."

Eu observo enquanto ele sai da sala. Ele tem estado neste hospital o mesmo tempo que eu, ainda que eu saiba que há coisas relacionadas ao trabalho que ele deveria estar resolvendo agora. Dando depoimento sobre o que aconteceu ontem à noite. *Tomando depoimentos*. Lidando com um assassinato, uma prisão, uma *tentativa* de assassinato.

Eu nunca os vi tirarem Asa do quarto ontem à noite porque estava preocupada demais com Luke para me importar com o que acontecia com ele. Mas eu pude ouvi-lo. Durante todo o tempo em que eu pressionava minhas mãos contra o peito de Luke, esperando os paramédicos chegarem, Asa estava atrás de mim gritando, "Deixe-o *morrer*, Sloan! Ele não ama você! *Eu amo você! Eu amo!*"

Eu nunca me virei para confirmar o recebimento de suas palavras. Eu continuei tentando ajudar Luke

enquanto eles tiravam Asa do quarto. A última coisa que o ouvi dizer foi, "Essa é a porra do *meu* bolo! Deixem-me levar a porra do meu *bolo* de coco!"

Eu não sei o que irá acontecer com Asa depois. Estou certa de que haverá algum tipo de julgamento, mas eu honestamente não quero testemunhar. Tenho medo de que se eu testemunhar, ele escapará mais facilmente do que deveria. Porque eu terei que ser honesta. Eu terei que contar todas as coisas que testemunhei em seu comportamento; especificamente as drásticas mudanças nas semanas mais recentes. É óbvio para todos que o conhece que é mais do que provável que ele esteja desenvolvendo sintomas de esquizofrenia – a mesma doença hereditária que seu pai teve. Mas se é esse o caso, seria mais do que esperado que ele fosse sentenciado à medida de segurança para pessoas com transtornos mentais do que à prisão.

E ainda que eu queira que ele receba ajuda pelo que quer que esteja acontecendo com ele, eu também quero que ele pague. Quero que ele pague por cada coisa que ele já fez e que ele pague para sempre. *Na cadeia*. Onde ele irá apodrecer com homens que são

provavelmente duas vezes mais cruéis do que ele poderia sonhar em ser.

Alguns chamariam isso de amargura. Eu chamo de carma.

Eu agarro os braços da cadeira e sussurro para ninguém. "Estou cansada de pensar em você, Asa Jackson."

E eu estou. Ele já tirou demais da minha vida e agora eu só quero focar no meu futuro. Em Stephen. *Em Luke.*

Há tubos e fios e intravenosa presa nele, mas eu de algum jeito ainda sou capaz de encontrar um espaço em sua cama onde eu consiga me encaixar se eu me enroscar do jeito certo. Eu engatinho para cima da cama e envolvo meu braço nele, descanso a cabeça em seu ombro e fecho os olhos.

Vários minutos depois, a voz de Ryan me arranca do meu sono.

"Café."

Eu abro meus olhos e ele está sentado na cadeira perto da cama, segurando o café para mim. É provavelmente o meu quinto copo desde que Luke deixou a cirurgia, mas estou certa de que estarei bem para tomar mais um milhão se isso demorar mais.

Ryan volta a sentar na cadeira e toma um gole de seu café, então o segura com as duas mãos e se inclina para frente.

"Ele já contou a você como nos conhecemos?" Ryan pergunta.

Eu balanço minha cabeça.

Posso ver um sorriso nostálgico se espalhando pelos lábios dele. "Fomos designados para uma tarefa juntos há algum tempo. Ele quebrou o disfarce na segunda noite que estávamos lá," Ryan diz, balançando a cabeça. "Eu fiquei tão irritado com ele, mas eu sabia porquê ele fez isso. Não posso entrar em todos os detalhes, mas se ele não tivesse exposto a si mesmo, uma criança teria perdido a vida. Luke não conseguiria viver consigo mesmo se aquilo tivesse acontecido. Eu soube naquele momento que ele tinha o pior tipo de coração para esse emprego. Mas tão furioso quanto

eu estava com ele, eu respeitei o que ele fez. Ele se preocupou mais com a vida de uma criança que ele nem conhecia do que com sua própria carreira. E isso não é um defeito, Sloan. É um aspecto do caráter. Tenho certeza de que chamam isso de compaixão," ele diz com uma piscadela.

A história de Ryan me faz sorrir pela primeira vez em muito tempo. "Essa é a coisa mais sexy nele," eu sussurro. "Sua compaixão."

Ele dá de ombros. "Não sei... ele tem um ótimo traseiro."

Eu rio. Eu realmente não saberia – Luke estava sentado quando tive minha única chance de vê-lo.

Coloco meu café sobre a mesinha de cabeceira, me inclino e dou um beijo na boca de Luke. Estive me certificando de beijá-lo em cada oportunidade que tenho, caso eu não tenha mais muitas chances.

Quando afasto meus lábios dos dele e começo a deitar minha cabeça em seu travesseiro, ouço um calmo ruído vindo de sua garganta. Ryan pula da cadeira ao mesmo tempo em que levanto minha cabeça.

"Ele acabou de fazer um ruído?" Ryan pergunta, sua voz cheia de incredulidade.

"Acho que sim," eu sussurro.

Ryan move o braço em direção a Luke. "Beije-o de novo! Acho que isso o acordou!"

Eu o faço. Eu o beijo levemente nos lábios de novo e não há dúvidas do ruído que Luke faz desta vez. Ele está definitivamente acordando.

Nós dois o encaramos por um momento enquanto seus cílios abrem e fecham várias vezes. "Luke? Você consegue me ouvir?" Ryan pergunta.

Luke finalmente força seus olhos a ficarem abertos, mas ele não olha diretamente para Ryan. Em vez disso, seus olhos se movem dolorosamente ao redor do quarto até que ele esteja olhando para mim, enroscada ao seu lado. Ele olha por um momento e então, com uma voz fraca, ele sussurra, "Fivelas de cinto de caleidoscópio veem duendes quando a névoa o deixa cair como se estivesse quente."

Lágrimas imediatamente se formam em meus olhos e eu tenho que bloquear meu choro.

"Ah, Deus," Ryan diz. "Ele não está fazendo nenhum sentido. Isso não é bom. Vou buscar o médico." Ele corre para fora do quarto antes que eu possa dizer que Luke está perfeitamente bem.

Levo minha mão para o rosto de Luke e toco seus lábios. Eu sussurro, "Baguetes depressivas desmoronam no *playground* comendo tigelas de cereal até a lesma murchar." Minha voz falha com meu alívio – minha felicidade – com minha gratidão. Meus lábios encontram os dele, e ainda que eu saiba que isso não é bom para ele e que ele provavelmente está com muita dor, eu o abraço sempre que posso e o beijo em todos os lugares que consigo alcançar em seu rosto e pescoço. Eu me envolvo contra ele, tomando cuidado para manter meus braços e mãos longe de seus ferimentos. Eu me deito silenciosamente com ele enquanto as lágrimas rolam pelas minhas bochechas.

"Sloan," ele diz, sua voz grave. "Eu não consigo lembrar o que aconteceu depois que eu ferrei tudo. Você acabou me salvando?"

Eu rio e me levanto sobre os cotovelos. "Na verdade, não," digo tranquilamente. "Você atirou em Asa e tirou a arma da mão dele, então eu corri em sua direção e pressionei seu ferimento até os paramédicos chegarem lá. Eu diria que foi uma salvação mútua."

Ele tenta forçar um sorriso. "Eu disse a você que eu não era bom no meu trabalho," ele diz.

Eu sorrio, concordando plenamente. "Não é tarde demais para deixá-lo. Você poderia voltar para a escola e se tornar um professor de Espanhol."

Ele se contorce com sua risada. "Essa não é uma má ideia, Sloan."

Ele luta ao se inclinar para frente para conseguir me beijar, mas isso exige tudo o que há nele. Ele está apenas seis centímetros mais longe.

Meros seis centímetros entre o suspiro e a vida.

Quando eu fecho aquele buraco de seis centímetros e o beijo, eu sei que estou finalizando um capítulo. Um capítulo realmente negro que estive esperando por mais de dois anos para concluir.

E esse beijo é apenas o começo de um novo livro. Um livro onde talvez os milagres não sejam assim tão improváveis.

Capítulo 45

ASA

Eu sento direito e abro meus olhos.

Não que eu estivesse dormindo. Ninguém poderia dormir neste maldito lugar.

Inspiro pelo nariz e expiro pela boca, me perguntando por que só agora a ficha está caindo?

Ela não disse *mais forte*.

Ela disse *Carter!*

"Maldita vadia!"

Epílogo

Nota da autora: Obrigada a todos pelas milhares de visualizações. Para aqueles que queriam, eu escrevi esse epílogo realmente longo. Para aqueles que amaram o último capítulo... vocês devem estar querendo terminar isso e fingir que ele nunca aconteceu. ;)

SLOAN

Bato levemente na porta de seu quarto no hospital, mas ninguém responde. Quando eu a abro e olho para dentro, Luke está dormindo. O volume da TV está baixo, mas audível. Olho para o sofá e Ryan está deitado de lado, um boné de beisebol cobrindo seus olhos. Ele está dormindo também.

Eu seguro a porta enquanto ela fecha, sem querer acordá-los, mas Ryan me ouve e senta no sofá. Ele estica os braços sobre a cabeça e boceja, então levanta.

"Ei," ele diz. "Vai ficar por aqui?"

Eu aceno. "Provavelmente ficarei aqui hoje à noite," sussurro. "Vá descansar."

Ele olha para Luke novamente e diz, "O médico passou por aqui mais cedo. Disse que ele deve ir para casa amanhã, mas que precisará de alguém para ficar com ele por um tempo. Ele está em repouso rigoroso. Eu me ofereceria, mas tenho certeza que ele preferiria que fosse você."

Coloco minha bolsa sobre o sofá. "Tudo bem. Posso ficar com ele se ele estiver de acordo."

"Estou perfeitamente de acordo," Luke diz de sua cama. Olho em sua direção e ele está sorrindo para mim preguiçosamente.

Ryan ri e diz, "Passarei por aqui de manhã depois da minha reunião com Young."

Luke acena e gesticula para mim. "Venha aqui."

Caminho em direção a ele enquanto Ryan deixa o quarto. Assim como em todas as outras vezes em que o visito, ele desliza para o lado e abre espaço para eu me deitar com ele.

Envolvo minhas pernas nas dele e o braço sobre o seu peito, descansando minha cabeça em seu ombro.

"Como está seu irmão?" ele pergunta.

"Bem," eu digo. "Muito bem. Você terá que ir comigo assim que puder. Ele continuava olhando para a porta como se você fosse aparecer. Sei que ele ficou desapontado que você não estava comigo."

Sinto a leve risada no peito de Luke. "Eu tentei escapar e ir com você hoje, mas alguém está sendo super protetora."

Eu balanço minha cabeça. "Você levou um tiro no peito, Luke. Você quase morreu. Eu não vou arriscar." Levanto a cabeça de seu ombro e a descanso em minha mão. "Falando em arriscar, o que exatamente o médico disse sobre a sua alta amanhã? Repouso? Sem atividades intensas?"

Ele corre a mão pelo cabelo e sorri para mim. "E se eu dissesse a você que ele disse muito repouso e muitas atividades intensas?"

"Eu chamaria você de mentiroso."

Ele faz uma careta. "De quatro a seis semanas," diz. "O médico disse que meu coração precisa pegar leve. Você sabe o quão difícil isso será com você cuidando de mim?"

Passo meus dedos sobre seu peito, sentindo os curativos embaixo da camisola hospitalar. "Quatro a seis semanas é nada quando se tem o sempre."

Ele ri um pouco. "É fácil para você dizer. Homens pensam em sexo a cada sete segundos."

"Isso é mito," digo. "Eu aprendi em ciências biológicas que são na verdade trinta e quatro vezes por dia apenas."

Luke me encara por alguns silenciosos segundos e diz, "Isso é quase mil vezes pelas próximas semanas que terei que me controlar."

Eu balanço minha cabeça com um sorriso. "Vou tentar facilitar isso para você. Não irei tomar banho ou pentear o cabelo ou me maquiar pelo próximo mês."

"Isso não vai ajudar," ele diz. "Isso pode piorar as coisas."

Abaixo minha cabeça e pressiono os lábios em seu pescoço. "Se isso é tão difícil para você, podemos contratar um enfermeiro para cuidar de você em vez de mim," eu provoco.

Luke aperta o braço ao meu redor e boceja. "Ninguém irá cuidar de mim além de você," ele sussurra.

Posso ouvir os medicamentos fazendo efeito pelo som de sua voz, então não o respondo. Nós ficamos deitados por um tempo, até eu estar quase certa de que ele está dormindo. Mas então, ele diz: "Sloan? Onde você está ficando?"

Eu estava esperando por essa pergunta. Ele está no hospital há duas semanas e toda vez que ele começa a se referir as minhas condições de vida, eu lhe digo que conversaremos sobre isso depois.

Sinto que ele não vai me deixar redirecionar a conversa desta vez.

"Em um hotel."

Ele imediatamente se enrijece, alcançando meu queixo para levantar meu rosto. "Você está brincando comigo?"

Dou de ombros. "Está tudo bem, Luke. Encontrarei um apartamento em breve."

"Qual hotel?"

"Aquele na Stratton."

Seu maxilar se contrai. "Você irá deixá-lo hoje. Você não deveria estar lá sozinha, não é um bairro seguro." Ele tenta se ajustar no lugar onde está sentado, levantando a cabeça da cama alguns centímetros. "Por que você não me contou isso?"

Balanço minha mão para ele. "Você quase morreu, Luke. A última coisa que você precisa agora é se estressar mais do que já se estressou com a minha situação."

Ele encosta a cabeça de volta no travesseiro, levando as mãos sobre o rosto. Ele olha para mim. "Você ficará comigo. Eu preciso de ajuda, de qualquer maneira. Não há motivo para você pagar um hotel."

"Eu não vou me mudar com você. Vou cuidar de você por quanto tempo você precisar, mas nós mal nos conhecemos. Isso é demais, cedo demais."

Ele abaixa o queixo e me encara com firmeza. "Você ficará comigo, Sloan. Não estou pedindo que seja permanente. Mas até que eu me recupere e você tenha seu próprio apartamento, você não voltará para aquele hotel."

Eu concordo. "Duas semanas, no máximo. Então terei o meu próprio apartamento."

Ele suspira, aliviado por eu não argumentar. Mas eu honestamente não tenho ideia de como irei pagar um apartamento em duas semanas. Terei que conseguir um emprego e um carro. Tive que pegar o de Luke emprestado para visitar Stephen hoje, mas eu não posso continuar fazendo isso.

Sinto a mão de Luke deslizar pelo meu cabelo e envolver a base do meu pescoço. Quando nossos olhos se encontram, há uma suavidade nos dele que não estava lá há alguns segundos atrás. "Pare de pensar duas vezes," ele diz calmamente. "Você não está mais sozinha nisso, Sloan. Okay?"

Solto um suspiro. "Okay," eu sussurro.

É a primeira vez em minha vida que sinto que meus fardos já não são todos meus. Eu nunca conheci alguém que trouxesse mais alívio para minha vida do que estresse. Até conhecer Luke.

O amor não deveria ser como peso agregado. Ele deveria ser tão leve quanto o ar.

Asa deixava tudo em minha vida pesado.

Luke me faz sentir como se eu estivesse flutuando.

Acho que essa é a diferença em ser amada da maneira certa e da maneira errada. Ou você se sente presa a uma âncora, ou você se sente como se estivesse voando.

"Precisa de mais alguma coisa?" pergunto a ele.

É a primeira vez que venho na casa de Luke e fiquei chocada em ver que é muito normal. Uma casa em um

bairro a cerca de uma hora de onde eu morava com Asa. É mais perto do que as instalações do meu irmão.

Luke diz que é alugada, ele não a possui. Ele nunca sabe quais serão suas tarefas, por isso ele ainda não está preparado para se comprometer com a hipoteca.

"Estou bem," ele diz. "Pare de se preocupar. Falo com você se eu precisar de alguma coisa, okay?"

Eu aceno. Olho ao redor de seu quarto sem realmente saber o que eu deveria fazer comigo mesma. Ele provavelmente quer dormir. É um pouco estranho com esta casa não sendo a minha.

"Quer vir para cama comigo e assistir um filme?" ele pergunta, levantando o cobertor.

"Parece o paraíso."

Entro na cama e me aconchego nele, assim como fiz todos os dias no hospital. Ele liga a TV e começa a navegar pelos canais. Depois de um minuto, mais ou menos, ele diz, "Obrigado, Sloan."

Olho para ele. "Pelo quê?"

Ele move os olhos pelo meu rosto, lentamente. "Por tudo," ele sussurra. "Por cuidar de mim. Por ser tão forte apesar de tudo o que você passou."

Eu sei que o médico disse sem atividades intensas, mas duvido que ele sabia que Luke poderia dizer coisas tão interessantes. Pressiono meus lábios aos dele, porque é muito bom ser agradecida. E elogiada. Droga, ter alguém sendo legal comigo, faz com que eu derreta toda vez que ele abre a boca.

Suas mãos se movem ao redor da minha cabeça e ele me beija intensamente.

Isso não é bom. Luke está certo. Quatro semanas disso e nós esperamos nos controlar? *Jesus Cristo. Estamos ferrados.*

Mas então somos poupados por uma alta batida na porta.

"Eu atendo," ele diz, afastando as cobertas. Eu puxo as cobertas de volta.

"Não, você não vai atender. Você vai descansar. Eu atendo a porta."

Ele segura minha mão enquanto eu deslizo para fora da cama. "Verifique no olho mágico primeiro," ele diz. "Se for Ryan, ele irá coçar o pescoço para que você saiba que é seguro abrir a porta. Se ele não coçar o pescoço, não abra."

Eu pauso, me perguntando por que seus códigos silenciosos ainda são necessários. Mas eu não pergunto. Vai levar um tempo para eu me acostumar com essa coisa de disfarce. Espero que Luke tenha falado sério quando ele comentou que estava mudando de profissão.

Quando me aproximo da porta de frente e verifico o olho mágico, Ryan está coçando o pescoço como esperado. Mas há outra pessoa com ele. Uma garota.

"Há uma garota com ele," eu sussurro audivelmente, enquanto corro de volta para o quarto de Luke.

"Longos cabelos loiros?" ele pergunta.

Eu concordo.

"Está tudo bem, é apenas Tillie."

Tillie. Ótimo.

Volto para a sala de estar e digito a senha do alarme, então abro a porta.

"Ei," Ryan diz, caminhando para dentro, seguido de Tillie. Ela sorri para mim, mas eu já estou intimidada. Ela é alguns centímetros mais alta do que eu, vestida em uma lustrosa calça preta e uma confortável blusa de gola branca. Ela está com os dois botões superiores abertos, revelando um brilhante colar de prata. Eu nunca vi o simples parecer tão bom.

"Tillie, essa é Sloan. Sloan, Tillie."

Ela se aproxima para apertar minha mão e isso quase dói, ela tem um bom aperto. Não consigo evitar pensar no fato de que ela ficou com Luke. Ainda que tenha sido apenas pelo trabalho, ainda faz meu estômago se sentir estranho saber esse fato sobre eles. Mas eu não deixo isso me perturbar demais. Eu entendo.

Como se pudesse ler minha mente, ela diz, "Sinto muito por ter ficado com Luke na sua casa. Foi necessário, mas não irá acontecer de novo. Acredite em mim. Foi quase tão ruim quanto ter que beijar esse aqui pelas aparências," ela diz, apontando para Ryan.

Ryan revira os olhos. "Tillie, Tillie, Tillie," ele diz. "Isso foi a mais de um ano e você não consegue parar de pensar na minha língua em sua boca."

Ela acena com a cabeça. "Pesadelos são difíceis de superar."

Eu rio. Imediatamente gosto dela. Fecho a porta atrás de mim e aponto para o quarto. "Ele está no quarto," digo aos dois.

Ryan olha em direção ao quarto e de volta para mim. Há algo em sua expressão que me preocupa, mas ele tenta esconder com um sorriso forçado. "Você se importa se conversarmos com Luke sozinhos?" ele pergunta.

Coloco um braço sobre o estômago e seguro meu outro braço. Olho para ele e para Tillie. "Isso tem a ver com Asa?"

Posso ver Tillie olhar brevemente na direção de Ryan, seus olhos revelando que Asa é exatamente sobre o que eles pretendem conversar com Luke.

"Eu quero saber," digo para eles. "Se vocês não me deixarem ouvir o que têm para dizer a ele, escutarei atrás da porta."

Ryan não ri. Ele aperta os lábios e acena. "Justo."

Os dois seguem em direção ao quarto de Luke e sou obrigada a respirar fundo.

Isso não parece bom.

LUKE

Posso ver Tillie e Ryan caminharem para o quarto, mas meus olhos estão em Sloan. Ela está de pé na sala de estar com os olhos fechados, parecendo prestes a passar mal.

"O que você disse para ela?" pergunto a Ryan.

Assim que faço a pergunta a ele, ela solta uma lufada de ar, abre os olhos, ajeita a postura e caminha em direção ao quarto.

Ryan balança a cabeça. "Nada. Ela insiste em estar aqui para ouvir o que tenho a lhe dizer."

Sloan está no quarto agora, encostada contra a porta, observando enquanto Ryan e Tillie andam em direção ao sofá. A última coisa que quero é que Sloan esteja envolvida. Se pudesse ser do meu jeito, ela nunca teria que ouvir o nome de Asa novamente. Mas eu sei que temos um longo caminho pela frente e muitas reuniões no tribunal. Possivelmente até testemunhas aguardando. Então até que Asa seja condenado e preso de uma vez por todas, sei que não serei capaz de protegê-la de tudo isso. Em vez disso, passo a mão sobre o lugar ao meu lado na cama e a encorajo a se sentar comigo.

Ela o faz. Assim que está acomodada ao meu lado e estamos encostados contra a cabeceira, olho para Ryan. "O que você não quer me contar?"

Ele balança a cabeça e se inclina para frente, apertando as mãos em sua frente. "Eu nem sei por onde começar," ele diz, seus olhos encontrando os meus. "Eu me encontrei com Young hoje."

"E?" pergunto.

"Não foi bom," Ryan diz. "Não sei nem como contar de um jeito mais aceitável, então irei apenas explicar de uma maneira que vocês dois entendam."

A mão de Sloan se envolve ao redor da minha e posso senti-la tremendo. Eu a aperto para tranquilizá-la.

Ryan costuma dramatizar as situações; gostaria que Sloan soubesse disso, assim não ficaria tão preocupada.

"Asa está alegando que atirou no cara em seu quarto por legítima defesa."

Sloan desaprova. "Não foi legítima defesa!" ela diz. "Eu estava lá!"

Ryan acena suavemente. "Não em defesa *dele próprio*," Ryan diz. "Ele alega que estava defendendo *você*. Que ele a ouviu gritar por socorro e quando ele entrou no quarto, o cara estava atacando você e segurava uma arma. Ele afirma que não tinha outra escolha além de pará-lo antes que ele matasse você."

Sloan está balançando a cabeça. "Não foi..." ela olha para mim. "Luke, ele não tinha que matá-lo."

Eu sabia que Asa ia tirar vantagem dessa merda. Envolver meu braço ao redor de Sloan e volto a focar em Ryan. "O que isso significa exatamente?" eu pergunto. "Quando for para julgamento, a defesa dele não irá confrontar o testemunho de Sloan?"

Ryan solta um rápido suspiro. "É isso que nós esperamos," ele diz. "Se for para julgamento."

"Se?" Sloan diz, vociferando meu pensamento.

Tillie fala desta vez. "A questão é..." ela diz. "É um sólido caso de legítima defesa. O cara tinha posse de uma arma sem autorização. Sloan estava gritando por socorro. Ele a estava atacando. Mesmo com o testemunho dela, a defesa de Asa está montada. E a arma que ele usava era uma arma de fogo legalizada, registrada em seu nome. Diferente da vítima. Asa está alegando também que não tinha conhecimento de quem era o cara que invadiu a casa. E a polícia não localizou nenhum dos homens que fugiram. Apenas a vítima que, de longe, não possui laços com Asa que possamos provar."

Passo minha mão sobre o rosto. Posso ouvir a respiração de Sloan acelerar quando ela começa a perceber o que Ryan e Tillie estão nos contando.

"Mas e quanto a nós três?" pergunto a Ryan. "É a nossa palavra contra a dele. Nós sabemos que ele orquestrou tudo. Ele admitiu isso em voz alta."

Ryan acena. "Ele admitiu para você, Luke," ele diz. "Eu nunca o vi dizendo isso, então não serei capaz de testemunhar contra ele. Eu não estava no quarto com vocês dois. E..." Ryan pausa.

Tillie se inclina e diz, "Ele está alegando que vocês dois o enganaram."

Eu ajeito minha postura. "Você está brincando comigo? Que júri irá acreditar nessa merda?"

Isso é ridículo. Eles estão aqui dizendo absurdos e chateando Sloan. Eu não deveria ter deixado Ryan falar comigo na frente dela.

"Eu sei que parece loucura," Ryan diz. "Todos nós sabemos o quão culpado ele é. Mas para um júri... o que você acha que eles vão pensar sobre a noiva de

Asa estar dormindo com o policial disfarçado que estava tentando prendê-lo? Como você acha que vai parecer para o júri quando é a palavra da noiva de Asa e do policial disfarçado contra a dele?"

A mão de Sloan solta a minha e cobre seu rosto. Meu peito está começando a doer com tudo isso.

"Você sabia que eu estava me dedicando a ela, Ryan. Se eu soubesse que isso prejudicaria o caso..." Eu estava prestes a dizer que não teria feito isso, mas fecho a minha boca. Porque eu *teria* feito. Eu *fiz*. Eu a persegui, independente das consequências, e agora isso está nos colocando em uma situação complicada.

"Dependendo do juiz," Tillie diz, "ele pode encerrar o caso antes que ele seja levado ao tribunal. A maioria dos casos de legítima defesa é julgada justificável se houver uma testemunha para validar a história do réu."

"Não há ninguém para validar a história dele," eu digo.

Ryan e Tillie olham para Sloan. Ryan move a cabeça em direção a ela. "A história de Sloan irá mais do que validar sua alegação de legítima defesa."

"Como?" Sloan pergunta, chocada.

Ryan levanta e caminha ao redor da cama, se encostando contra a parede próxima a Sloan.

"A vítima estava atacando você?" ele pergunta.

Sloan concorda.

"Ele estava segurando uma arma?"

Ela concorda de novo.

"Ele estava imitando um policial?"

Outro aceno.

"Você gritou por socorro?"

Ela não acena desta vez. Uma lágrima escorre por sua bochecha. "Duas vezes," ela sussurra.

"E como você se sentiu quando Asa entrou no quarto?" Ryan pergunta. "O júri irá fazer essas perguntas sob juramento."

Um soluço escapa de seu peito. "Aliviada," ela sussurra através das lágrimas. "Assustada. E aliviada."

Ryan acena. "Isso é o suficiente para confirmar as alegações dele, Sloan. Ele salvou você de um agressor. Isso dificilmente é assassinato aos olhos do júri, não importa o quão cruel saibamos que ele seja. Não é o caráter dele que será julgado. Apenas essa ação."

"Mas..." Sloan afasta as lágrimas de seus olhos. "Mas ele não tinha que atirar nele. Ele poderia tê-lo parado sem ter que matá-lo."

Ryan acena, concordando. "Eu sei que ele poderia. Todos nós sabemos. Mas o júri não conhece Asa como nós. E eles irão colocá-la no tribunal e criticarão você, Sloan. Eles farão com que Asa pareça a vítima, porque você é a noiva dele. Além disso você estava, conscientemente, tendo um caso com o policial disfarçado que estava construindo um caso contra ele. Isso trará simpatia ao caso de Asa e o seu testemunho perderá toda e qualquer credibilidade aos olhos do júri."

"Mas," ela levanta, limpando os olhos. "E quanto ao *seu* caso contra Asa? Isso não irá apoiar as minhas

alegações? Isso não sustenta a potencial acusação de assassinato?"

Os olhos de Ryan encontram os meus. Ele solta uma lufada de ar e então caminha de volta para o sofá. "Esse é o outro motivo pelo qual estamos aqui," ele diz. "Young não quer ir adiante com qualquer acusação de nossa investigação. Nenhum de nossos relatórios estava completo porque a nossa investigação ainda estava em andamento. Young está com medo de formalizar acusações e elas irem a julgamento, o departamento será destruído na imprensa. Não é bom que um de nossos policiais estivesse envolvido em um caso com a noiva do nosso principal suspeito. O fato de que quebramos nossos disfarces para agentes falsos. Eles têm receio das chances de Asa de ser acusado por tudo serem menores do que as chances de nós arruinarmos a reputação do departamento. Young está pedindo que o caso seja concluído e nenhuma acusação seja apresentada. Ele diz que não vale a pena o risco."

"Ah meu Deus," Sloan diz, sentando na cama. Ela apoia os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos. "É tudo culpa minha," ela sussurra.

Eu me aproximo e pego sua mão. "Sloan, não é culpa sua. É culpa minha. Eu era o responsável." Olho para Ryan. "E quanto ao fato de que ele tentou me matar? Ele atirou no meu peito e isso não foi legítima defesa. Ele será acusado por isso, certo?"

Posso ver o nó na garganta de Ryan enquanto ele engole.

"Você só pode estar brincando comigo," eu sussurro, encostando a cabeça contra a cabeceira.

"Ele está alegando legítima defesa nesse caso também," Ryan diz. "Ambos atiraram um no outro. Sloan era a única testemunha no quarto. Eu só posso testemunhar pelo que eu ouvi do lado de fora."

"Ele quase me matou, Ryan!"

Ryan e Tillie se entreolham. Tillie pigarreja e diz, "A questão é, Luke... com a tempestade de merda daquele dia, se o defensor acusá-lo de alguma coisa, as chances são de que você também seja acusado. E vocês dois irão a julgamento."

"Eu serei acusado? Por que porra *eu* serei acusado?"

"Isso depende do juiz. Violação... tentativa de assassinato. E com o departamento não levando o caso ao tribunal... vai parecer que você e Asa tiveram apenas um desentendimento dentro do quarto. Um triângulo amoroso que não deu certo."

Posso ouvir Sloan chorando agora.

Não consigo nem fazer outra pergunta; minha mente está indo em todas as direções. "Então você está me dizendo que o filho da mãe não só tem uma chance de escapar por tudo o que ele fez... eu estou prestes a enfrentar acusações?"

Ryan concorda, lentamente. "A menos... que trabalhemos em algum tipo de acordo. Os advogados dele estão insistindo nisso. Eles querem que a gente concorde em remover as acusações em troca de informações sobre Jon, Kevin e algumas outras pessoas envolvidas na investigação. É como eu disse, Luke. Depende do juiz. E da defensoria, é claro. Isso é bom, porque o defensor gosta de você. Eu não o vejo insistindo em algo quando isso pode resultar em acusações contra você, mas se insistirmos que acusações sejam feitas contra Asa, os advogados dele

também irão insitir. Então você precisa pensar muito sobre isso."

Não consigo acreditar no que estou ouvindo.

"E quanto a todas as outras coisas que ele fez?" Sloan pergunta. "Todas as vezes que ele me obrigou? Eu não posso acusá-lo por isso?"

Tillie acena. "Você pode, mas o que exatamente você está alegando? Estupro? Ele estuprou você?"

Sloan olha para mim e depois para Tillie. Ela dá de ombros. "Eu nem sei," ela diz baixinho. "Houve várias vezes em que eu... eu fiquei com medo que ele pudesse me machucar, então... eu simplesmente deixava."

Tillie levanta, caminha em direção à cama e senta perto de Sloan. "Você alguma vez disse não? Você alguma vez pediu para ele parar e ele se recusou?"

Sloan pausa em pensamentos, então balança a cabeça. "Não, eu estava muito assustada para dizer não. Eu fingia estar bem todas as vezes."

Tillie inclina a cabeça em simpatia e aperta a mão de Sloan. "Receio que isso não se sustentará no tribunal," ela diz. "Tudo o que ele tem a fazer é alegar que não estava ciente de que você não queria fazer sexo com ele. Se nunca foi dito não ao acusado e ele presume que você está querendo com base em suas ações..."

A cabeça de Sloan cai sobre suas mãos. Então ela se inclina em minha direção e desmorona em meu peito. Envolver meus braços a seu redor e pressiono meus lábios em sua cabeça.

"Sinto muito," Tillie diz. "Havia várias coisas que poderiam ter sido tratadas diferentemente para preparar um sólido caso contra ele. Várias coisas que nos impediu de perseguir Asa como desejávamos."

"Você quer dizer várias coisas que *eu* estraguei," eu exclamo.

Ryan se levanta. "Não seja tão duro consigo mesmo, Luke. Eu encorajei vários daqueles erros. Às vezes falta originalidade a alguns casos. Algumas vezes nós conseguimos tudo o que precisamos antes do fim da investigação. Infelizmente, esse não é um deles. Esse foi bagunçado do início ao fim e não há muito que

possamos fazer neste momento. Eles não encontraram nada na casa dele depois que Jon e Kevin fizeram a limpa no que quer que pudesse nos permitir acusá-lo formalmente. Tudo o que eles encontraram foi uma quantia em dinheiro sem explicação e um lugar para armazenamento de pílulas adquiridas sob prescrição médica. Não é o suficiente para tentarmos pegá-lo – não com a maneira como Asa e seus advogados irão reagir contra nós. Algumas vezes simplesmente não vale a luta."

Sinto Sloan ficar tensa contra mim. Ela levanta e olha para Ryan. "Não vale a luta?" ela diz. "Ele matou alguém! E ele teria matado Luke se não fosse pela porra de seis centímetros! Agora você está dizendo que ele provavelmente ficará livre? Ele será capaz de me encontrar? De encontrar Luke? Porque ele não vai desistir, Ryan! Ele não vai desistir até que Luke esteja morto e você *sabe* disso!"

"Sloan," eu digo, puxando-a de volta para mim. "Pare. Nós ainda não sabemos se ele não será condenado por algo. Tente ficar calma."

Ela chora contra o meu peito e eu a abraço enquanto Ryan olha para ela, arrependimento e simpatia evidentes em sua expressão. Ele apenas acena levemente e diz, "Eu sinto muito, Sloan. De verdade." Ele olha para mim e seus olhos dizem o mesmo. Eu aceno para que ele saiba que entendi. Isso não é culpa de Ryan. Isso não é culpa de ninguém além de minha.

Ryan e Tillie caminham em direção à porta. Eu puxo Sloan contra mim e a abraço, tentando acalmar seus medos. Mas todo o seu corpo está explodindo em tremores. Eu nunca soube o quão assustada ela estava com Asa até este momento.

Dou um beijo na lateral de sua cabeça e sussurro, "Vai ficar tudo bem, Sloan. Você não está sozinha desta vez. Eu estou aqui e não o deixarei machucá-la. Eu juro."

Eu a abraço, até ela cair no sono em meus braços de pura exaustão.

ASA

"Você tem alguma pergunta?" meu advogado questiona.

Seu nome é Paul. O mesmo nome do meu pai. Eu quase o recusei quando descobri isso, mas ele tem a melhor reputação do estado. Não irei desmerecê-lo só porque ele compartilha um nome com a segunda pessoa que mais odeio no mundo.

Luke é o primeiro.

"Não," eu digo. "Nós entramos no tribunal, eu alego legítima defesa e o juiz decide se vai ou não a julgamento."

Paul acena. "Isso mesmo."

Eu levanto, as algemas pressionando meus pulsos. Odeio saber que Sloan irá me ver com elas. É um pouco broxante e eu odeio que ela me veja de uma maneira diferente do que ela sempre viu. Pelo menos eles me deixaram usar um terno hoje e eu não terei que andar com aquele macacão laranja ridículo.

Laranja não é a minha cor e eu sei que este terno é o favorito de Sloan.

"Vamos lá," digo para Paul. "Partir a porra do bolo."

Paul acena rapidamente e levanta. Eu sei que ele não gosta da minha confiança. Não gosta desde o momento em que nos conhecemos. Também não estou tão certo de que ele goste de *mim*, mas eu não poderia me importar menos com o que ele pensa. Contanto que ele me livre das acusações, ele será a minha pessoa favorita no mundo.

Bem... a *segunda* favorita. Sloan ainda está na posição mais alta.

Claro, ela tem feito um monte de merda para me irritar, mas eu sei que é tudo graças a Luke e as mentiras que ele contou para ela. Tenho certeza que ela passou tempo suficiente com ele e tempo suficiente longe de mim para recobrar os sentidos.

Eu sigo Paul para fora da sala, rapidamente rodeado por quatro guardas. Dois na frente e dois atrás de mim. Um quinto guarda abre a porta do tribunal e assim que passamos, eu examino a multidão à procura dela.

Eu o vejo primeiro. O desgraçado convencido, sentado na segunda fileira ao lado de seu amigo filho da mãe, Dalton. Ou Ryan. Tanto faz qual é a porra do nome dele.

Mas, Sloan não está sentada perto dele. Ela está sentada no canto mais distante, na fileira de trás, sozinha. Eu sorrio para ela, mas ela desvia o olhar assim que seus olhos pousam nos meus.

De duas razões, uma é o motivo pelo qual ela não está sentada com Luke. Ou ela descobriu o seu papo furado e já não quer nada com ele, ou eles foram aconselhados a não sentarem juntos dentro do tribunal, graças a sua pequena indiscrição na porra das minhas costas.

Ficarei com a primeira opção.

Sigo para o meu assento, mas mantenho meus olhos presos aos de Sloan. Posso ouvir as portas se abrindo e passos sendo dados, mas não olharei para aquele homem até que Sloan faça contato visual comigo. Ela está usando um vestido novo. Um vestido preto. Parece que está indo para a porra de um funeral. Seu cabelo está preso em um coque. Ela parece

sofisticada. Muito sexy. Meu pau se contorce dentro da minha calça e eu queria poder pedir um intervalo para ir ao banheiro, levantar seu vestido ao redor da cintura e pressionar meu rosto entre suas pernas.

Sinto falta de seu cheio. Sinto falta do quão macias são suas coxas contra minhas bochechas. Sinto falta do jeito como todo o seu corpo enrijece quando eu empurro meu pau dentro dela.

"Você deve se sentar."

Eu sento.

Putá merda, está quente aqui.

Ouçó o juiz começar a falar ao mesmo tempo em que Paul desliza um papel para mim. Olho para ele tempo suficiente para ler.

"Você precisa olhar para frente em sinal de respeito ao juiz."

Rio baixinho e pego a caneta.

"*Foda-se o juiz e foda-se você, Paul,*" escrevo. Eu deslizo o bilhete de volta para ele e volto meu olhar para Sloan.

Ela está olhando para mim agora. Seus olhos estão presos aos meus e se seus lábios estão apertados com firmeza, como se ela estivesse nervosa. Eu gosto disso. Eu amo isso, na verdade. Ela está sentindo algo enquanto olha para mim e posso afirmar que ela não está pensando em Luke neste momento.

"Eu amo você," eu sussurro.

Os olhos de Sloan se movem para a minha boca e eu sorrio para ela. Então aquele merda estúpido – *aquele merda ridículo babaca filho da puta estúpido* – levanta e caminha para a parte de trás do tribunal, exatamente onde ela está sentada. Ele envolve seus braços ao redor da porra da minha noiva, aperta seus olhos e encosta o rosto dela contra seu pescoço, como se ela estivesse aliviada por ele ter ido sentar perto dela. Meus olhos encontram os dele – *a porra do merda filho da puta babaca enganador* – e ele se inclina para frente, bloqueando minha visão. Ele me encara com

firmeza, como se estivesse me ameaçando caso eu não me virasse.

Quero matá-lo. Por alguns segundos eu tento pensar em maneiras de como posso fazer isso.

Pegar as armas dos guardas e atirar nele.

Correr para a parte de trás do tribunal e quebrar seu maldito pescoço.

Pegar a caneta que acabei de usar para escrever o bilhete para Paul e enfiá-la em sua artéria carótida.

Mas não o faço. Eu me controlo, porque sei que este caso seguirá a meu favor e eu estarei solto sob fiança até a próxima audiência.

Eu decido me virar. Não porque Luke me ameaçou com aquele olhar – mas porque preciso convencer esse juiz de que ele estará tomando a decisão certa quando encerrar este caso por ter sido em legítima defesa.

Eu tento acompanhar enquanto os dois advogados se levantam e falam. Tento acompanhar enquanto o juiz responde cada um deles. Eu sorrio quando o juiz olha

para mim. Mas por dentro, meu sangue está fervendo. Saber que Luke está lá atrás, sentado perto dela, abraçando-a. Os dedos dele, seu pau, sua maldita língua. Provando e tomando o que é meu. O que deveria ser só meu.

Minha pulsação acelera quando o martelo do juiz vem abaixo. "A sessão desta corte está suspensa."

Eu respiro lentamente pelo nariz. Eu suspiro quando olho para Paul. "Que porra aconteceu?"

Ele faz uma careta como se eu devesse manter a minha voz baixa. Meus olhos voam para trás da sala quando ouço Sloan chorar. Luke a está ajudando a se levantar, mas os braços dela estão ao redor dele e ela está chorando. Soluçando.

Ela está chateada. Não pode ser boa notícia para mim. Ela está chateada por mim.

"O caso irá a julgamento?" pergunto para Paul. "Você disse que não iria a julgamento!"

Paul balança a cabeça. "O juiz decidiu não levá-lo a julgamento," Paul diz. "O que significa que suas

alegações de legítima defesa foram mantidas. Você terá que voltar para sua cela, mas apenas até que eu consiga livrá-lo das outras acusações pendentes. Deve levar quatro ou cinco horas, mas buscarei você assim que a sua fiança for ordenada."

Olho de volta para Sloan, observando enquanto Luke a ajuda a deixar o tribunal. *Por que ela chorando então? Se as acusações contra mim foram destituídas, por que ela está chorando?*

"Quanto tempo você acha que alguém leva para se recuperar completamente de uma lavagem cerebral?" pergunto para Paul.

Ele olha para mim e dá de ombros. "Do que você está falando, Asa?"

"Quanta terapia você acha que uma pessoa irá precisar para superar uma lavagem cerebral? Algumas semanas? Meses? Mais de um ano?"

Paul me encara por um momento e então balança cabeça. "Vejo você em algumas horas, Asa."

Ele levanta, eu também. Os mesmos quatro guardas me escoltam para fora do tribunal.

Eu provavelmente deveria estar extasiado por esse caso ter sido descartado. O próximo deve ser ainda mais fácil, porque Paul disse que o departamento de Luke não formalizou acusações. Então, contanto que eu lide com o acordo, me submeta a tratamento psiquiátrico e dê as informações que eles querem sobre Jon e Kevin, eu muito provavelmente não serei acusado por atirar no maldito peito de Luke.

Isso diz muito sobre o nosso sistema penal. Eu fico a seis centímetros de matar um cara a sangue frio e continuo livre porque tagarelo e alego doença mental?

Eu amo você EUA.

Isso faz parecer que todo o meu esforço não serviu para nada. Estive tramando esse elaborado esquema desde o momento em que comecei a suspeitar de que alguém estava fazendo lavagem cerebral em Sloan e não estou nem ganhando os créditos por isso. Eu tive que negar ter alguma coisa a ver com a falsa invasão, o que foi muito difícil para o meu ego. Estou tão

orgulhoso disso que quero me gabar para o mundo que eu realizei tudo isso com perfeição.

Sem mencionar a merda da maldita esquizofrenia. *Tome banho com suas roupas, verifique a fechadura da porta algumas vezes e as pessoas pensam que você está perdendo a cabeça.* Eu precisei fazer isso. Eu conheço a mim mesmo e sabia que se descobrisse que minhas suspeitas eram verdadeiras e Sloan estava fodendo outro, eu provavelmente ficaria louco e assassinaria o cara. Posso muito bem matar alguém e correr o risco de ser constatado como um adulto mentalmente competente. Eu tinha que ter um plano B, assim não apodreceria na maldita prisão como meu pai apodreceu a maior parte de sua vida.

Talvez não tenha sido um completo desperdício. Eu pelo menos tenho como recorrer a "esquizofrenia" se eu precisar. Algo que eu provavelmente farei, porque Luke ainda está respirando.

Quando chego à minha cela, eu caio sobre a cama enquanto as barras se fecham atrás de mim. Não consigo evitar o sorriso.

Tudo isso está ficando lindo. Vai levar algum tempo para que Sloan volte novamente, mas eu sei que ela voltará. Especialmente quando Luke estiver fora de cena de uma vez por todas. Eu de alguma maneira terei que superar o fato de que Luke tem estado dentro dela. Mas eu posso tirá-lo de Sloan. Só terei que fodê-la mais um monte de vezes e em todas as posições até que eu não pense mais nele quando estiver dentro dela.

"Por que você está tão feliz?" diz uma voz.

Eu viro minha cabeça e olho para o meu companheiro de cela. Não consigo lembrar o seu nome. Ele me pergunta mil coisas desde que fui jogado nesta cela com ele, mas essa é a primeira vez que eu realmente o respondo.

"Estou prestes a ser um homem livre," conto para ele, olhando para o teto com um enorme sorriso no rosto. "O que significa que finalmente irei casar com a minha noiva. Em um casamento de verdade. Com um bolo de coco de três andares."

Não consigo deixar de rir só de pensar nisso.

Estou chegando, Sloan. Ainda que você pense que me quer ou não.

Você prometeu me amar.

Para sempre.

E você irá.

Fim

Epílogo do epílogo

Nota da autora: Ei, pessoal. Vocês não acharam que eu faria aquilo com vocês, né? ;)

Feliz 20/4!

SLOAN

Levo a xícara de café até a boca. Minhas mãos estão tremendo tanto que fazem pequenas ondas negras de café colidirem contra a lateral da xícara.

Olho para o relógio na parede distante. *Três da manhã.*

Tem dois dias que o caso de Asa foi rejeitado. Ele foi liberado naquela tarde. Luke e eu fomos trazidos para este apartamento na cidade por proteção até a próxima audiência.

Este é um bom apartamento, mas quando estou muito assustada para sair ou olhar pela janela, ele parece mais como uma prisão. Luke me assegurou várias e

várias vezes que Asa não nos encontrará aqui de jeito nenhum. Mas o que Luke provavelmente não entende é que mesmo que Asa fique trancado na prisão pelo resto de sua vida, eu estarei constantemente olhando sobre meu ombro. Se o próprio Asa não puder machucar a mim ou a Luke, eu não me surpreenderia se ele contratasse alguém para fazê-lo.

Viro minha cabeça quando ouço a porta do quarto abrir. Luke sai, esfregando o sono de seus olhos. Ele está usando uma calça preta de corrida que flui por seus quadris, sem camisa. Os curativos de seu ferimento cobrem a maior parte de seu peito. Ele está descalço, arrastando seus pés contra o chão de madeira em minha direção.

Ele se aproxima da parte de trás do sofá e eu inclino a cabeça para olhar para ele. Ele se inclina e beija minha testa de cabeça para baixo. "Você está bem?"

Dou de ombros. "Não consigo dormir. De novo."

Seus olhos são simpáticos e ele levanta uma mão e afasta o cabelo de minha testa. "Sloan," ele diz baixinho. "Você não precisa se preocupar aqui. Ele não

pode nos encontrar. Estamos seguros até a próxima audiência, eu prometo."

Eu aceno novamente, mas suas palavras pouco me confortam. Eu nunca vou confiar em Asa, não importa o quão segura eu deva me sentir.

Ele caminha ao redor do sofá e senta, me puxando para seu colo até que eu esteja com uma perna de cada lado dele. Ele envolve suas mãos em minhas costas e diz, "O que posso fazer para ajudá-la a dormir?"

Eu sorrio. Gosto dos seus métodos de distração. "Faz apenas duas semanas desde que você foi liberado. Ainda tem mais duas semanas pela frente."

Ele segura minha bunda por baixo de sua enorme camisa que estou usando. Ele desliza os dedos pela borda da minha calcinha, enviando arrepios e me obrigando a tirar Asa da cabeça por alguns segundos. "Eu não estava pensando sobre sexo com você," ele diz. "Eu estava pensando em algo similar ao que eu poderia fazer *por* você."

Uma de suas mãos desliza sobre o meu estômago e sobre o meu seio. Seu polegar toca meu mamilo ao mesmo tempo em que sua língua desliza pelos meus lábios. Ele me beija, profundamente, então se afasta quando eu começo a ficar zozua.

"Serei cuidadoso," ele diz. "Minhas mãos e boca farão todo o trabalho, mas vou me certificar de que o restante de mim pegue leve. Okay?"

Eu sei que deveria encorajar sua recuperação, mas cada vez que ele me toca eu fico mais calma. Isso me deixa menos nervosa.

Eu preciso disso agora.

"Okay," eu sussurro.

Ele sorri e então tira minha camisa. Sua boca cobre meu seio direito e após dar atenção a este, ele move a boca para o esquerdo. Ele me empurra até que minhas costas estejam contra o sofá e paira sobre mim. Seus lábios se arrastam sobre minha boca, pescoço, sobre meus seios. Sua respiração esquenta cada parte de mim enquanto sua mão segue para dentro de minha calcinha.

Ele me acomoda até que eu esteja com uma perna erguida sobre o encosto do sofá e a outra no chão. Ele descansa os lábios sobre os meus e sussurra, "Observe-me."

Eu abro os olhos assim que seus dedos deslizam para dentro de mim. Eu gemo, lutando para mantê-los abertos, ele gosta do contato visual.

Eu também gosto. É novidade para mim.

No passado, com Asa, eu sempre mantive meus olhos apertados porque nunca quis olhar para ele.

Com Luke, tenho medo de perder algo. Não quero perder o jeito como ele olha para mim, o jeito como ele responde aos meus ruídos. Eu amo o contato visual.

Ele pressiona o polegar, enquanto seus dedos continuam dentro de mim e, nós só temos que manter contato visual por nada mais do que trinta segundos, porque isso é tudo o que o seu toque precisa para me deixar completamente fora de controle. Assim que eu começo tremer embaixo dele, ele reivindica minha boca com a sua, engolindo seu nome quando ele flui

dos meus lábios. Ele me beija até que tenha terminado, e então se abaixa até estar pressionado contra mim. Posso sentir o volume através de sua calça de moletom e isso produz outra necessidade em mim.

"Acho que estou melhor," ele diz, movendo seus quadris contra mim. "Tenho certeza que é seguro estar dentro de você agora."

Sua voz está rouca – necessitada – e seria tão fácil apenas tirar sua calça e deixá-lo me preencher. Mas eu me sentiria terrível se algo de ruim acontecesse porque fomos impacientes demais para esperar o tempo recomendado. Seu coração pode não ser forte o suficiente para isso ainda.

"E se fizermos um acordo?" eu sussurro. "Mais uma semana e então pegaremos leve."

Luke geme contra o meu pescoço, mas se afasta. "Mais uma semana," ele concorda. "Mas esteja preparada para múltiplas vezes por dia. Tenho muito que pôr em dia." Eu rio enquanto ele se move ao meu lado, me puxando para ele. Eu o estou encarando,

minhas mãos em seu peito. Passo meu dedo ao redor do curativo.

"Fico me perguntando como ficará a sua cicatriz," sussurro.

Sua mão encontra meu cabelo e ele corre seus dedos sobre ele, pelas minhas costas, sobre meu braço. "Não sei," ele diz. "Só espero que você a beije muito."

Eu rio. "Não se preocupe, uma vez que estivermos liberados, você terá dificuldade para manter minha boca longe de você. Eu gosto muito do seu corpo." Olho para ele. "É muito bobo que eu goste de olhar para você sem camisa?"

Ele balança a cabeça com um sorriso. "Não. A primeira coisa que me atraiu em você foi a sua bunda."

"Pensei que tivesse sido a baba em meu queixo quando você me acordou na aula naquele primeiro dia."

Ele acena. "Sim. Você está certa. Foi definitivamente a baba."

Eu rio. Amo que ele seja capaz de me fazer rir em um momento como este. Nossos lábios se encontram e nós nos beijamos por sólidos cinco minutos. Até ele começar a se pressionar contra mim de novo. Eu me sinto terrível por ele estar sendo tão torturado, mas de jeito nenhum eu irei permitir que ele aja contra as ordens médicas. Preciso que ele fique saudável o mais *rápido* que puder. Eu o afasto e tento mudar o assunto para algo que o ajude a se recompor.

"Você acha que irá ver sua mãe em breve?" eu o pergunto.

Ele fala muito sobre sua mãe. Eu odeio que estejamos nos escondendo neste momento, porque isso significa que ele não poderá vê-la até a próxima audiência ser concluída e Asa estar atrás das grades novamente.

É claro, há uma chance de que ele fique livre de novo. Mas nós não falamos sobre essa possibilidade.

"Nós a veremos quando tudo isso terminar. Ela vai amar você."

Eu sorrio, me perguntando como deve ser ter uma mãe que ama você. Começo a pensar sobre a minha única família – Stephen – e meu sorriso some.

Luke nota, porque ele corre as costas de seus dedos sobre minha bochecha. "O que há de errado?"

Tento afastar sua preocupação. "Apenas pensando em Stephen," eu digo. "Espero que ele fique seguro durante tudo isso."

A mão de Luke encontra a minha e ele desliza seus dedos entre os meus. "Ele está seguro, Sloan. Ele tem segurança vinte e quatro horas por dia. Você não tem que se preocupar com ele, eu me certifiquei disso."

Odeio que Asa tenha nos colocado nesta situação. Uma situação onde eu nem posso ver meu irmão. Luke não pode ver sua mãe. Nós não podemos sair deste apartamento. E tem que haver segurança para todos que amamos.

Isso não está certo.

Eu odeio Asa Jackson. Eu odeio tê-lo conhecido.

"Eu quero que Asa pague, Luke," sussurro, olhando para o seu peito. Não consigo olhar nos olhos dele quando estou cheia de tanto ódio. "Eu quero que ele sofra da pior maneira. E isso faz com que eu me sinta uma pessoa terrível."

Seus lábios beijam minha testa, suave e gentilmente. "Ele merece ir para a prisão pelo resto da vida, Sloan. Você não deveria se sentir culpada por querer isso."

Eu me afasto e faço contato visual com ele. "Não, não esse tipo de vingança. A prisão não o afetaria como afeta a maioria das pessoas. Quero que ele sofra *de verdade*. Quero que ele veja o quanto eu amo você. Quero que ele seja obrigado a perceber que eu amo você e o escolheria em vez dele. Isso o mataria por dentro."

Contemplação lampeja pelos olhos de Luke enquanto ele me encara. "Se isso faz de você uma má pessoa, então nós dois somos ruins. Porque eu faria tudo para fazê-lo sofrer desse jeito."

É distorcido, mas suas palavras me fazem sorrir. Acho que quando você vive sob pressão o suficiente, vingança se torna a única coisa que ajudaria você a

seguir em frente. Isso não é saudável. Sei disso e estou certa de que Luke também sabe. Mas saber a diferença entre o certo e o errado não muda o modo como você se sente. Isso só faz com que você se sinta mais culpado.

Eu me aconchego nele e pressiono minha cabeça contra seu peito. "Algumas vezes," sussurro. "Tenho esses pensamentos horríveis..."

Eu paro de falar, porque não tenho certeza de que deveria estar dizendo isso em voz alta.

Os lábios de Luke beijam o topo da minha cabeça, sua mão envolve minha nuca e ele diz, "Conte-me, Sloan."

"Você vai pensar mal de mim."

"Eu nunca poderia."

Fecho meus olhos, sem saber o que Luke pensará de minha confissão. Mas faz bem apenas colocá-la para fora – deixar mais alguém saber o quanto eu estou guardando. "Algumas vezes... eu gostaria que por apenas uma vez Asa assistisse você me foder. Essa é a única coisa que mataria o que restou da alma dele.

Algumas vezes eu gostaria que ele pudesse ser forçado a assistir você tirando o que ele acha que pertence a ele..."

Luke não responde por um longo tempo. Eu começo a ficar envergonhada por ter admitido isso em voz alta. Eu não quero que ele pense que tenho essa fantasia, que envolve Asa nos assistindo, por prazer. Está longe disso. Com tudo o que Asa me fez passar, eu sei que isso o machucaria mais do que qualquer coisa. Isso é tudo o que essa fantasia é – uma maneira de me vingar dele definitivamente.

"Sloan," Luke finalmente diz. "Ele fez muita coisa que você não merecia. Muito mais do que qualquer pessoa deveria suportar. É perfeitamente normal que você queira que ele sofra. Não se sinta culpada por isso. *Jamais.*"

Eu suspiro, aliviada com suas palavras. Ele me abraça ainda mais forte. "Qual seria a sua vingança final?"

Luke ri um pouco. "Minha única vingança seria assistir você alcançando *sua* vingança final. Só quero vê-la legitimada. Validada. Então eu quero o que quer que seja que faça você conseguir."

Eu o amo. De verdade. Tanto. Afasto meu rosto de seu peito e digo, "Eu amo você, Luke."

Ele segura meu rosto e diz, "Eu também amo você, baby." Em seguida, ele me beija.

Mas então ele para.

Batidas.

Altas batidas no meio da porta do apartamento. Eu imediatamente sinto o terror, o arrepio por toda minha pele, a tremedeira retornando às minhas mãos.

Luke está de pé. Nem sei quando ele pulou para fora do sofá. Ele joga a camisa para mim e me avisa para vesti-la. Ele está do outro lado da sala de estar, pegando sua arma do balcão.

Mais batidas na porta.

Ele gesticula para que eu levante e fique perto dele. Eu o faço.

"Quem sabe que nós estamos aqui?" pergunto para ele.

"Apenas Ryan," ele diz, andando para a porta da frente. Eu o sigo. Ele se inclina e olha pelo olho mágico. Ele se afasta e pressiona as costas contra a parede perto da porta.

"É Ryan," ele sussurra.

Eu solto um suspiro preso e profundo. "Graças a Deus," sussurro.

Luke não se mexe. Sua arma ainda está apontada e seus olhos perfuram os meus.

"O que há de errado?" eu sussurro.

Luke inspira rapidamente, então expira. "Ele não está coçando o pescoço."

LUKE

O rosto de Sloan murcha por completo. Ela conhece o sinal não verbal meu e de Ryan para quando está tudo

em segurança. E agora ela percebe que não está tudo seguro.

Olho pelo olho mágico de novo, esperando que eu só tenha perdido o sinal. Mas ele ainda não está coçando o pescoço. E são quatro horas da manhã. Por que ele estaria aqui?

"Abra a porta, Luke," Ryan diz. "Eu sei que você está aí."

Ryan está olhando direto no olho mágico. Mas eu o conheço bem o suficiente para saber que ele espera que eu não abra a porta.

Se Asa está por trás disso, por que Ryan o traria aqui?

Olho pelo olho mágico novamente e consigo ver que Ryan está olhando para sua esquerda, como se estivesse ouvindo alguém lhe dando ordens. Ele inspira, então olha para a porta de novo. "Ele pegou Tillie. Se você não abrir a porta, ele os deixarão matá-la. Ele é o único que sabe onde ela está."

"Merda," eu sussurro, encostando minha cabeça contra a parede. "Merda."

Não acredito que Ryan colocaria Sloan nessa situação. Não posso acreditar que ele o traria aqui. Tem que haver algo mais. Ryan colocaria sua própria vida em perigo antes de arriscar a vida de outra pessoa.

Eu olho para Sloan e lágrimas estão escorrendo por suas bochechas. Seus olhos estão arregalados de medo.

Olho para fora de novo, no momento em que Asa entra em foco, apontando uma arma contra a cabeça de Ryan. "Não esqueça de dizer a ele quem mais eu tenho," Asa diz, alto o suficiente para eu ouvir através da porta.

Ryan fecha os olhos, cheio de remorso. "Luke," ele diz. "Ele colocou alguém estacionado do lado de fora da casa da minha irmã caçula. Eu sinto muito, Luke. Eu sinto muito."

Eu fecho meus olhos. A irmã caçula de Ryan é a única coisa que ele protegeria mais do que qualquer um no mundo. Agora está fazendo sentido. E o fato de que Asa foi esperto o suficiente para planejar isso me faz temer pela vida de Sloan. Pego o meu telefone para discar 9-1-1.

"Se você ligar para a polícia e eu for preso, eles estão mortos," Asa diz. "Tillie. A irmã de Ryan. E Ryan. Os meus rapazes receberam ordens rigorosas. Vou dar três segundos para você abrir esta porta."

Sloan está chorando muito, balançando a cabeça, me implorando para não abri-la. Dou dois passos até estar parado na frente dela. Passo meu polegar em seu lábio inferior e sussurro, "Eu sinto muito, Sloan."

Então eu a seguro pelo braço e a puxo para mim, pressionando a arma contra a lateral de sua cabeça ao abrir a porta.

Asa olha para Sloan primeiro. Depois seus olhos se movem para a arma que estou segurando contra a cabeça dela. "Filho da puta," ele diz.

Eu nos movo de volta para a sala de estar quando Asa entra, segurando a arma contra a cabeça de Ryan. "Parece que estamos em uma situação complicada."

Eu dou de ombros. "Na verdade, não. O que você tem de mim é descartável. O que eu tenho de você, não."

Sloan está tremendo tanto contra mim, que me mata estar fazendo isso com ela. Mas ela sabe que é a única ferramenta de barganha que tenho para trabalhar. Ele nunca gostaria de vê-la morta, por isso espero que ela perceba que este pode ser o nosso único caminho para fora disso.

É um risco, mas estamos sem opções.

Os olhos de Asa me encaram com firmeza. "Deixe-a ir, Luke. Soltarei Ryan. Sloan e eu vamos embora e as coisas podem voltar a ser como deveriam."

Eu nunca a empurraria para os braços de Asa. Jamais. Mesmo que ele tenha que me matar primeiro.

"Asa," eu digo, afastando Sloan dele. "Você lembra da última vez em que ficamos trancados juntos em um quarto? Você estava muito curioso para saber os detalhes da minha primeira vez com Sloan."

Seu pomo-de-adão rola garganta abaixo.

"Você ainda está interessado em ouvir sobre isso?"

Asa aponta a arma em um gesto ameaçador, empurrando-a embaixo do queixo de Ryan, forçando sua cabeça para cima.

Eu faço o mesmo com Sloan. Isso a faz chorar ainda mais.

"A primeira vez que eu a beijei foi no seu quarto," digo. "Exatamente perto da sua cama."

"Cale a sua maldita boca suja, Luke," Asa grita. "Eu vou explodir a porra do cérebro dele por todo este apartamento."

Eu aceno. "Se fizer isso, você verá exatamente como Sloan é por dentro."

Ele se encolhe. Estou conseguindo afetá-lo.

"Você acha que eu me importo se ela morrer?" digo. "Há mais um milhão de garotas iguais a ela, Asa. Ela não significa merda nenhuma para mim. Ela estava mais perto de você e isso era tudo o que me importava. Ela é uma insignificante que usou você pelo seu dinheiro. Você realmente acha que eu levaria uma garota como esta para conhecer a minha mãe?"

Asa abaixa a cabeça e estreita os olhos em minha direção. "Você acha que eu acredito nisso? Boa tentativa, Luke. Mas eu sei que você quer pegá-la toda para você, caso contrário você não estaria aqui com ela. Agora me diga o que fará você entregá-la para mim. Viva."

"Eu não posso fazer isso ainda, Asa. Você está certo, eu não quero desistir dela. Só fui capaz de fodê-la uma vez. Ela me deve uma boa foda ou duas."

Asa levanta o pescoço. Isso realmente o afetou. Posso ver seu foco mudando mais para mim e menos para Ryan. Eu o pressiono um pouco mais.

"Você quer saber como foi a primeira vez em que eu a fodi?"

Asa balança a cabeça. "Particularmente, não. O que eu gostaria é não ter que matar você e o seu parceiro. O que eu gostaria é que você me entregasse Sloan, assim poderemos seguir em frente com nossas vidas."

"Você estava desmaiado em sua cama no andar de cima," conto para ele. Eu pressiono minha bochecha contra a de Sloan, esfregando meu rosto contra o dela.

Posso sentir suas lágrimas e meu coração lamenta cada segundo em que a coloco nisso, mas eu não tenho outra escolha.

"Sloan tinha acabado de sair da piscina," digo para ele. "Seu sutiã e calcinha estavam encharcados. Os mamilos estavam rígidos como malditas pedras. Você sabe o que ela fez, Asa?"

Ele não responde, então eu continuo.

"Ela caminhou em minha direção, pressionou aqueles mamilos rígidos contra o meu peito, então ela apontou a minha mentira. Disse que sabia que eu estava disfarçado. Ela ameaçou contar a você. Então eu fiz o que qualquer cara faria nessa situação. Eu a levei para a lateral da casa, a empurrei contra a parede e a beijei para fazê-la calar a boca." Forço um sorriso. "Ela adorou, Asa. Gemeu tão alto que eu fiquei com medo que ela pudesse acordar você. Então ela enroscou as pernas ao meu redor, me mostrando o quanto ela queria aquilo. Eu a carreguei para o meu carro e ela sentou sobre o meu colo. Ela deslizou sobre o meu pau e me fodeu no banco traseiro do meu carro enquanto você estava dormindo no andar de cima.

Ela *me* fodeu, Asa. Ela não fodeu Carter. Ela fodeu *Luke*. O policial. Ela me fodeu sabendo que eu estava lá para acabar com você." Eu empurro Sloan um passo à frente, chegando um pouquinho mais perto de Asa, enterrando a faca um pouco mais fundo. "Como isso faz você se sentir? Saber que a excitou mais perceber que eu era um policial disfarçado construindo um caso contra você, do que quando ela pensava que eu era apenas outro traficante como você?"

As narinas de Asa se expandem. Ele está encarando Sloan, ódio em seus olhos. "Isso é verdade, baby?" ele diz, sua voz cheia de medo pela resposta dela. *Sloan está certa. Ela é a única coisa que o destruiria.* "Você sabia que ele era um policial quando fodeu com ele?"

Sloan está olhando para Asa, o medo obrigando seu peito a se mover pesadamente. Ela acena. "É verdade, Asa," ela sussurra. "E foi o melhor orgasmo da minha *vida*."

Há um breve segundo em que consigo ver suas palavras quebrando o coração dele. Quebrando toda a sua alma ao meio. Suas sobrancelhas se erguem e ele

solta um rápido suspiro, se recusando a acreditar nas palavras que ela acabou de lhe dizer.

Aquele breve segundo é tudo o que eu preciso para mirar minha arma em sua direção. Eu puxo o gatilho, atingindo-o no braço que está segurando o revólver.

No momento em que a bala faz contato, Ryan se liberta e pega a arma de Asa, acertando-o uma vez em cada perna e uma vez no outro braço.

Sloan está enroscada ao meu redor, um de meus braços a está segurando com firmeza, enquanto o outro está apontando direto para a cabeça de Asa. Meu dedo está sobre o gatilho e isso exige tudo o que há em mim para não atirar nele. Acabar com a porra de sua maldita vida desprezível de uma vez por todas.

Ryan consegue enxergar isso no meu rosto. "Não faça isso, Luke," ele diz.

Asa cai no chão e Ryan está em cima dele, prendendo seus braços em suas costas. "Onde está Tillie?" Ryan exige saber.

Asa faz contato visual com ele. Ele tem quatro ferimentos de bala em seu corpo – nenhum deles necessariamente ameaçadores – mas ele tem um olhar solene em seu rosto, como se nem pudesse sentir a dor física.

"Foda-se se eu souber," ele diz.

Ryan se afasta e bate com o cano da arma contra o rosto de Asa. Sangue se espalha pela parede. Ele pega o telefone de Asa em seu bolso e diz, "Você vai ligar para eles e cancelar tudo! Agora! Você vai libertar Tillie e a minha irmã, seu pedaço de merda!"

Asa está olhando para ele, rindo. "Sua irmã foi pura sorte," ele diz. "Eu a encontrei online. Procurei seu endereço. Eu não tenho ninguém na casa dela, seu pedaço de merda ingênuo."

Ryan o encara com firmeza por um longo tempo. Ele pega seu telefone e disca um número.

"Você está bem?"

Ele pausa. Em seguida, "Tillie, você está bem? Isso não é brincadeira! Onde você está?"

Ryan fecha os olhos e em um rápido segundo sua arma colide contra a cabeça de Asa novamente. "Seu patético desgraçado!"

Ele desliga o telefone e liga para sua irmã. "Ei," ele diz. "Estou mandando a polícia para sua casa. Não surte, eu só preciso me certificar de que você está bem."

Quando desliga o telefone, ele olha para mim. Ele balança a cabeça, "Eu sinto muito, Luke," ele diz. "Não tinha como eu saber se ele estava mentindo ou não. Eu não podia arriscar."

"Eu teria feito a mesma coisa."

Ryan verifica se os punhos de Asa estão presos à prateleira e caminha em direção à porta. "Vou ligar para o distrito vir buscar esse merda. Estarei lá embaixo. Mantenha sua arma apontada para ele até que eles cheguem."

Assim que a porta é fechada, eu puxo Sloan para mim, apertando-a. "Eu sinto muito. Sinto muito por ter feito aquilo. Sinto muito por apontar uma arma na sua cabeça e dizer aquelas coisas."

Ela fica na ponta dos pés e me beija. "Você salvou a minha vida, Luke. Não se desculpe, eu sabia o que você estava fazendo."

"Saia de perto dela," Asa resmunga.

Nós dois olhamos para ele. Ele está preso ao casaco, seu jeans coberto com o sangue que sai de suas pernas. Mas ele ainda parece não se importar por ter sido atingido quatro vezes. Ele está encarando Sloan, raiva nos olhos.

Tudo o que consigo pensar é em Sloan e no quão aliviado eu estou que aquele filho da mãe esteja definitivamente indo para a prisão.

Ela se sentirá mais segura, pelo menos.

Mas ela não se sentirá vingada.

ASA

Imbecil filho da mãe. Suas mãos estão nela, seus lábios no cabelo dela. Parece que alguém tentou entrar

no meu estômago com a porra de um facão. Toda vez que ele a toca, eu sinto o gosto de vômito.

"Tire a sua mão de cima dela," eu sussurro.

Os olhos de Sloan encontram os meus e ela desliza na frente de Luke, pressionando suas costas no peito dele. Ela puxa seus braços ao redor de sua cintura.

"Não quero que ele tire as mãos de mim," ela sussurra.

"Ele me faz sentir coisas, Asa. Coisas que você nunca poderia me fazer sentir."

Ela levanta a camisa e desliza uma das mãos dele dentro dela.

Que porra ela está fazendo?

Está ficando realmente difícil de controlar a minha respiração neste momento. Eu nunca odiei tanto alguma coisa. Se eu tivesse que ir à igreja para poder acreditar em um inferno onde Luke apodreceria, eu nunca perderia nenhuma maldita cerimônia.

Os olhos de Luke estão presos aos meus quando ele move sua boca para o pescoço dela. Posso ver sua

mão se movendo dentro da camisa dela, direto para os seus seios. Ele os aperta e eu engasgo.

"Sloan," eu digo, minha voz desesperada. "Baby, *pare*. Pare de deixá-lo tocar você assim, você não gosta."

Estou puxando meus pulsos tão forte, tentando me libertar, que eles começam a sangrar.

Ela inclina a cabeça para trás até descansá-la no ombro de Luke, mas ela ainda está olhando para mim.

"Lembra a primeira vez em que nós fizemos sexo, Asa? A noite em que você tirou a minha virgindade?"

Eu balanço minha cabeça, querendo que ela cale a boca. Aquilo foi especial. Luke não precisa ouvir isso dela, isso é meu. *Aquela noite é minha para compartilhar. Boas garotas não falam como ela está falando agora.*

A outra mão dele pressiona o estômago dela e começa a deslizar para baixo lentamente. Ela geme na minha frente.

Maldito filho da puta.

"Eu disse a você que não estava pronta," ela diz para mim. "Mas quando eu acordei, você estava em cima de mim."

Eu balanço minha cabeça. "Pare, Sloan. Não fale assim comigo, baby. Não é isso o que você quer dizer."

"Cada vez que penso naquela noite, eu vomito," ela sussurra. "Queima a minha garganta toda vez que penso em como você tirou algo tão especial de mim e o tratou como se fosse seu enquanto você se satisfazia."

Meus olhos observam a mão de Luke quando ele desaparece dentro da calcinha de Sloan.

Eu sinto algo no meu rosto. Merda molhada. Lágrimas. Eu o matarei tão lentamente que ele irá me implorar para tirar sua vida.

"O dia em que eu descobri que você mentiu sobre os cuidados de Stephen?" ela está gemendo entre as frases. "Eu fiquei com tanto medo de você que o deixei fazer sexo comigo naquela noite. E eu chorei o tempo inteiro porque aquele era o último lugar que eu queria

estar. Você era a última pessoa do mundo que eu queria que me tocasse."

Ela começa a se enrijecer sobre a mão de Luke.

Seu braço se ergue atrás dela enquanto ela os envolve ao redor do pescoço dele. "Eu odeio você, Asa. Eu o odeio *tanto*."

Ela vira e se inclina contra o sofá, puxando Luke para ela. Ela o deixa beijá-la enquanto sua mão ainda está dentro dela.

Eu não consigo assistir isso.

Eu viro minha cabeça.

"Abra os seus olhos, Asa," Luke diz.

"Foda-se."

Eu o ouço marchar pelo chão e o sinto segurar meu cabelo. Ele bate minha cabeça na prateleira atrás de mim e me segura até eu olhar para ele.

"Você irá assistir ou eu irei grampear os seus malditos olhos para que eles fiquem abertos," ele diz.

Ele caminha de volta para Sloan e tira sua calcinha, passando-a pelos tornozelos. Ela a chuta para longe.

Eu viraria o meu rosto, mas ainda não acredito que ela irá fazer isso. De jeito nenhum ela faria isso comigo. Isso não pertence ao seu caráter.

Luke ergue sua camisa, até que seu seio esteja exposto, então ele o cobre com boca.

Ah, Deus.

Ela não fará isso.

Ela não deixará que ele entre nela.

Ela nunca faria isso comigo.

Ela segura o cabelo dele com as duas mãos e diz, "Me fode, Luke. Coma o que agora é seu."

Eu não consigo respirar.

Ela alcança a calça dele.

Colocando-o dentro dela.

Deus. Não.

"Luke," ela arqueja.

Não.

Baby, não.

O meu peito dói.

Porra.

Porra.

Não.

"Deus, Luke. Sim. Sim."

Não, não, não.

Estou arfando por ar, tentando conseguir o suficiente para implorar que ela pare, mas eu não consigo falar.

Eu bato a minha cabeça contra a prateleira.

Uma vez.

Faça-a parar.

Duas.

Faça-o parar.

"Ah, Deus," ela diz. Seus olhos encontram os meus.

"Não sabia que seria assim tão bom."

Três vezes.

Quatro vezes.

A dor física não se compara ao que ela está fazendo comigo.

Ela envolve seus braços ao redor do pescoço de Luke.

"Eu amo você, Luke," ela mente para ele.

Seus dentes se movem para o ombro dele quando ele diz, "Eu também amo você, baby."

Eu bato minha cabeça de novo pela quinta vez.

Sexta vez.

Ela diz, "Amarei você para sempre, Luke. Só você."

E assim, ela arranca o coração do meu peito. Ela joga a cabeça para trás e geme. Todo o seu corpo treme como eu nunca tinha visto.

Eu quero morrer.

Eu o ouço gemendo. Gemendo contra o pescoço dela, enterrado dentro dela, sem nem usar a porra de uma camisinha. Ele a está destruindo. *Arruinando.*

Eu quero tanto morrer.

Fecho meus olhos, assim não tenho que ver o desfecho. "Mate-me," eu sussurro. "Apenas mate-me."

Ouço as sirenes.

Droga! A última coisa que eu quero é viver com essas visões na maldita prisão.

Abro os meus olhos e eles já terminaram. Sloan está colocando sua calcinha de volta. "Maldita vadia," eu digo para ela. "Sua maldita vadia, apenas me mate."

Ela pressiona seus lábios aos de Luke mais uma vez, então se levanta e caminha em minha direção. Ela se curva na minha frente. Eu me esticaria e a estrangularia, mas estou razoavelmente certo de que perdi muito sangue para conseguir levantar os braços agora.

"Ninguém irá matar você, Asa. Pelo resto da sua vida, cada vez que você fechar os seus olhos na cela da cadeia, eu quero que você me veja. Com Luke. Sendo *fodida* por Luke. *Casando* com Luke. Tendo *osbebês* de Luke."

Ela se aproxima mais, até que eu consigo sentir o cheiro de sexo nela. Ela está sussurrando quando olha dentro dos meus olhos e diz, "E em 20 de abril de todos os anos, a minha linda família irá celebrar o seu aniversário com um grande, enorme, delicioso bolo de coco, seu desgraçado filho da mãe."

Ela levanta e pega a mão de Luke. Ele envolve seus braços ao redor dela e a abraça quando a porta abre.

Armas são apontadas.

Apontadas para mim.

Mas tudo o que eu vejo é Sloan.

A vadia está sorrindo para mim e isso é tudo o que eu vejo.

Fim.

De verdade dessa vez.

Undefined

Prólogo

Nota da autora: Este é um prólogo... mas ele está na parte final do livro. Eu sei. Está de trás para frente.

Fazemos as nossas próprias regras na vida, okay?

A propósito, este é o maior capítulo de todo o livro!

Aproveite!

SLOAN

Dois anos antes...

Faz duas semanas desde que Stephen começou a receber o financiamento para o seu grupo de apoio. Isso poderia ter acontecido em um momento melhor – quando o meu semestre na faculdade começasse.

Eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei preocupada com ele vivendo longe de mim, mas é muito mais do que um alívio saber que ele está lá em vez de estar em casa com minha mãe. O meu objetivo

final, claro, é me mudar com ele eventualmente, mas é difícil fazer isso quando eu nem mesmo tenho um lugar para ficar.

Fui a cuidadora de Stephen durante toda a minha vida. Então, eu nem pensei que a faculdade seria uma opção para mim quando eu crescesse. E não foi até um mês antes de eu me formar no ensino médio que descobri, através do conselheiro da escola, sobre o auxílio financeiro, e de que poderia receber assistência financeira do governo para Stephen. Aparentemente isso sempre esteve disponível para que minha mãe se inscrevesse, mas por que ela precisaria quando isso exigiria esforço de sua parte? Além disso, ela tinha a mim para cuidar dele.

Eu presumi, desde que minha mãe era sua guardiã legal e ele só tinha dezesseis anos, que ele ficaria preso morando com ela até que fosse adulto o suficiente para receber algum tipo de assistência para adultos.

Mas agora, aqui estamos. Eu descobri o auxílio financeiro e agora sou uma caloura oficial na faculdade. O meu único problema foi que não consegui

cobertura de custos para viver nos dormitórios, então, ainda estou em casa no momento.

Mais ou menos.

Eu fico com meus amigos (okay, conhecidos) algumas vezes, porque a minha casa é a uma hora do campus. Eu geralmente pego ônibus para ir à faculdade, mas isso é só quando tenho dinheiro. Mas em dias que tenho duas aulas uma atrás a outra, eu tento encontrar algum lugar para ficar. Isso tem acontecido com cada vez mais frequência, porque toda vez que estou no mesmo lugar que minha mãe, tudo acaba em briga. Eu a tenho evitado o máximo que posso, e agora que Stephen não mora mais com ela, é muito difícil eu ficar lá.

É estressante quando penso demais na minha vida. O fato de que não estou ficando nos dormitórios, que não tenho auxílio suficiente para alugar um apartamento, que acabo ficando nos sofás das pessoas com esperanças de que eu possa circular nesses lugares o suficiente, sem que elas percebam que estou pulando de galho em galho com a minha mochila apenas para evitar ir para casa, para minha mãe.

Mas sinto que o carma irá se encostar ao meu lado eventualmente. E talvez ele já esteja começando. Eu não tenho que me preocupar com Stephen tanto quanto eu me preocupava, agora que ele está em uma casa de apoio. O que significa... eu possivelmente tenho tempo para viver agora. A rotina tem sido a mesma a cada dia. Acordar, me vestir, vestir Stephen, pegar o ônibus e deixá-lo na escola, ir para minha escola, buscá-lo em sua escola, pegar o ônibus de volta para casa, preparar o jantar, ajudá-lo a comer o jantar, dar seus remédios, dar banho, prepará-lo para dormir, fazer minha tarefa de casa, dormir, repetir.

Mas agora... eu de alguma maneira me sinto livre. Não que Stephen fosse um fardo para mim. Eu o amo e faria qualquer coisa por ele, mas é legal ter finalmente algum tempo para mim. Eu só gostaria de saber o que fazer com isso. Eu me sinto perdida depois da aula e passo a maior parte do tempo na biblioteca. Eu me candidatei a vagas de emprego no campus e estou na lista de espera de dois deles. Eu também me inscrevi para trabalhar no McDonald's que fica no final da rua da faculdade, mas aparentemente todos os outros pobres estudantes também querem trabalhar lá.

Enquanto isso, até que eu consiga um desses empregos e comece a economizar dinheiro para conseguir um lugar para Stephen e eu, apenas continuarei tentando lidar com a situação. E continuar esperando que as novas instalações de Stephen seja algo que ele comece a amar. O meu maior sonho é que o auxílio que ele recebe nunca seja cancelado, que ele ame o lugar e que cuidem bem dele. Porque eu de jeito nenhum conseguiria providenciar o que ele precisa se ele morasse comigo enquanto eu ainda estivesse tentando ir para a faculdade e arrumar um emprego.

Considerando tudo isso, minha vida não é ideal neste momento, mas está ficando melhor. Lenta, mas constantemente.

E sentar perto desse cara que aparece na aula de História ocasionalmente é um dos poucos prazeres que tenho na vida.

Eu sempre fico muito nervosa quando ele parece para a aula, esperando que ele nunca olhe em minha direção. Eu realmente nunca tive dinheiro para comprar roupas legais ou para fazer o cabelo ou as

unhas. Não sou nada igual as garotas que flertam com ele na aula. Meu cabelo é preto e liso e desde que nunca pude gastar para cortá-lo e deixá-lo na moda, eu simplesmente o deixo crescer o máximo que posso para que seja fácil para eu cortar as pontas.

Às vezes sinto que me destaco nessa faculdade, e não de um jeito bom. Eu preferiria apenas me misturar. Desaparecer na multidão.

Eu quero ser exatamente o oposto desse cara. Asa, acho que é esse o nome dele. Ele é provavelmente um dos caras mais bonitos que já vi na minha vida. E não é inteiramente por causa de sua aparência – é por causa de sua confiança. Eu nunca vi nada parecido. Ele entra na sala de aula com tanta confiança, mantendo seus ombros massivos eretos, sua cabeça erguida, seus olhos examinando a sala como se ele estivesse desafiando alguém a dizer alguma coisa sobre como ele raramente aparece uma vez na semana. Até o professor fracassa ao reprimi-lo e parece nervoso em fazê-lo.

Quando todos os outros estudantes entram na sala de aula, suas cabeças estão baixas, olhando para o chão,

os pés se movendo rapidamente para suas cadeiras, assim eles não notam ninguém os encarando. Mas parece que Asa quer que todos o encarem. Como se ele fosse ficar chateado se não recebesse atenção de cada pessoa na sala de aula.

Até onde eu posso dizer, ele não tem nada com que se preocupar. Ele recebe essa atenção e muito mais.

Estou olhando para ele enquanto o professor fala sobre a Guerra Civil. Asa tem um cabelo ótimo. Não posso evitar pensar em como ele ficaria molhado. Como ficaria com as minhas mãos sobre ele. Como seria se ele estivesse me encarando – olhando para mim como se ele também quisesse tocar o *meu* cabelo.

Não estou certa de que ele já tenha pousado seus olhos em mim, mas gosto de imaginar que ele o faz algumas vezes. Imagino como realmente seria ser o centro da atenção de *alguém*. Eu nunca tive tempo para garotos devido à minha preocupação com Stephen. É como um trabalho de babá que nunca termina – nem mesmo nos finais de semana ou feriados. Os rapazes teriam me chamado para sair no

ensino médio, mas eu nunca fui capaz de encontrar uma maneira de incluir Stephen. Mas eu queria namorar. Queria todas as coisas normais que garotas do ensino médio queriam. Um namorado, seu primeiro beijo e tudo o que vem acompanhado disso.

Uma vez, eu estava tão desesperadamente esperançosa em ganhar o meu primeiro beijo que, quando o cara por quem eu tinha uma queda finalmente me chamou para sair, eu sugeri que fôssemos para a minha casa. Dessa maneira eu poderia conhecer o rapaz e ficar de olho em Stephen ao mesmo tempo. Minha mãe não estava em casa naquela noite, então antes do garoto aparecer, eu passei um tempão me arrumando para ele. Mas no momento antes dele tocar a campainha, Stephen começou a ter um surto na mesa de jantar. Isso exigiu tudo o que eu tinha para finalmente controlá-lo, mas no momento em que consegui, estávamos os dois uma bagunça. Comida sobre nós, meu cabelo coberto de batata doce, minha blusa rasgada na manga.

Eu abri a porta assim – arfando de exaustão. O rapaz deu uma olhada em mim e em Stephen, na bagunça

que ele fez na cozinha e se afastou da casa. "Talvez em um outro momento," ele sugeriu.

Mas ele nunca me chamou para sair de novo. E tenho certeza que ele contou para todos os garotos da escola o que aconteceu, porque ninguém jamais me chamou para sair novamente.

Garotos podem ser verdadeiros babacas, às vezes.

Eu afasto o olhar de Asa e olho para frente, tentando me atualizar em toda a explicação que perdi enquanto estava perdida em pensamentos. Estou fazendo anotações no meu caderno quando minha caneta fica sem tinta.

Eu a balanço e tento escrever novamente, mas não funciona.

Eu não trouxe minha bolsa para a aula, então não tenho uma caneta extra. Eu continuo tentando fazê-la funcionar, apenas notando que estou fazendo barulho com a caneta arranhando o papel quando sinto o olhar de Asa.

Eu não levanto o olhar. Posso sentir seus olhos em mim enquanto ele repara em minhas roupas desprezíveis, minhas unhas desprezíveis, meu cabelo desprezível, minha falta de maquiagem. Eu quero me arrastar para debaixo da mesa e me esconder de seu olhar atento, mas é tarde demais.

"Aqui."

Merda.

Eu não quero olhar para ele, mas ele está se esticando com uma caneta em sua mão, tentando entregá-la para mim. Eu imediatamente sinto o calor se espalhando em mim – da ponta de minha pele ao âmago do meu estômago.

Quando olho para ele e encontro seus olhos pela primeira vez, eu arquejo. Seu rosto é a perfeição. Maxilar forte, dois lábios carnudos que são úmidos e convidativos. Quando ele sorri para mim, covinhas se formam no canto de sua boca, dando o toque certo de charme infantil às suas características firmes e severas.

Eu poderia continuar falando sobre a perfeição de sua aparência física, mas não sou esse tipo de pessoa. Não sou assim tão fútil.

Certo?

Para mim não importa que seu cabelo seja espesso o suficiente para encher os punhos. Não importa que seus braços definidos pareçam ser capazes de me levantar sem esforço. Não importa que a camiseta azul acinzentada que ele está usando se ajuste nele em todos os lugares corretos e eu nem tenho que deslizar minha mão para dentro de sua camiseta para saber onde está cada contorno de seu abdômen.

Nada disso importa. Eu não sou esse tipo de pessoa.

Então por que estou achando tão difícil respirar?

Ele ainda está esticando a mão, tentando me entregar a caneta. Ele dá uma risada pela minha falta de resposta, em seguida se levanta o suficiente de sua cadeira para colocar a caneta sobre a minha mesa. Ele pisca para mim e olha para frente novamente.

Eu olho para a caneta. Olho de volta para ele e ele não está mais fazendo anotações.

Ele me deu sua única caneta?

Eu a seguro e me obrigo a finalizar minhas anotações, ainda que eu esteja consumida pelo fato de que terei que devolvê-la e agradecê-lo. O que significa que terei que falar com ele de verdade.

Assim que o professor termina sua explicação, minhas mãos estão tremendo. Estou completamente ridícula. Eu arrumo minha mochila e antes mesmo dele se levantar, eu passo por ele e murmuro um "obrigada" enquanto pouso a caneta sobre sua mesa e me afasto rapidamente.

Saio da sala em dois frágeis projetos de pernas. Quando me afasto uns trinta centímetros da porta, sinto uma mão em meu cotovelo.

"Ei."

Fecho meus olhos porque aquela voz é ainda mais sexy quando lançada em minha direção assim tão perto. Quando me viro e olho para ele, ele está me

encarando, suas covinhas absorvendo seu sorriso. Seus olhos escaneiam os traços do meu rosto, um por um, e eu daria tudo para ser capaz de saber o que ele está pensando enquanto me observa. Ele se inclina contra o armário ao meu lado e diz, "Qual é o seu nome?"

Ah, Deus.

Ele vai me chamar para sair.

O cara que eu nunca pensei que me notaria, notou. E por alguma razão, ele quer me chamar para sair. Eu achava que diria sim, mas não digo. Não depois de vê-lo assim tão de perto. Não depois de sentir o que sua voz faz dentro de mim. Eu não sou páreo para sua experiência. Posso afirmar pelo olhar em seus olhos que ele me comeria viva.

Preciso estar à vontade para cogitar alguém como ele. Eu não posso mergulhar no mundo dos encontros com ele como minha primeira tentativa, sem nunca ter *beijado* um cara.

Eu imediatamente me viro e caminho na outra direção. Alguns passos depois, sinto uma mão sobre o meu cotovelo de novo. "Ei," ele diz, rindo desta vez.

Eu paro novamente e olho para ele. "Eu já agradeço você pela caneta."

Por que estou sendo tão difícil?

Aquele estúpido, adorável sorriso ainda está fixado em seu rosto. Até os seus dentes são sexy. *Quem diabos tem dentes sexy?*

"Eu percebi," ele diz. "De nada. Mas agora eu preciso de um favor."

Eu posso não saber nada sobre encontros, mas sei o que significa quando caras como ele pedem favores. "Você me emprestou uma caneta," eu digo. "Esse dificilmente é um favor que valha a pena ser pago."

Ele ergue uma sobrancelha. "Eu deixei você pegar minha caneta emprestada. Agora eu preciso de uma cópia de suas anotações."

Ah. Talvez ele não queira me chamar para sair. "Você aparece uma vez a cada quatro aulas e agora está

preocupado de perder dez minutos de anotação?" eu digo. "Sério?"

Seus olhos estreitam um pouco. "Na verdade," ele diz, se inclinando para frente. "Eu estou tentando flertar com você, mas você está tornando isso um pouco difícil."

Ah.

Eu mordo o canto do meu lábio por um momento, tentando esconder qualquer reação àquele comentário que ele acabou de fazer. Mas ele está provavelmente acostumado com essa reação, porque tenho certeza que sou a única garota da escola inteira que ele ainda não flertou. "O meu nome é Sloan e não estou interessada em ser o flerte de alguém."

"Sloan," ele repete com um sorriso. "Muito legal."

Sério? Como aquelas três palavras fazem meus braços arrepiarem?

Ele se aproxima. Ele cheira a hortelã. "Sloan... você deveria jantar comigo hoje à noite. Eu prometo ser um cavalheiro o tempo que você precisar que eu seja."

Seu comentário me causa repulsa e me excita ao mesmo tempo. Não faço ideia de como. Sinto como se meu corpo e minha consciência estivessem em guerra. Especialmente agora que estou olhando para sua boca, me perguntando se ele será o primeiro garoto que já beijei. Imagino que beijar um cara seja tipo, quando você come um abacaxi. Satisfatório e grudento, mas você consegue senti-lo em sua língua horas depois de comê-lo.

Esse rapaz me deixou pegar uma caneta emprestada e agora eu estou sonhando em beijá-lo? Meus pensamentos não são seguros perto desse cara.

Eu balanço minha cabeça e me afasto.

Eu não tenho ideia do porquê eu o rejeitei. Não é como se eu tivesse algo melhor para fazer hoje à noite. Mas algo nele me diz que estarei indo muito longe. Ele não é seguro. Ele não é água rasa onde as pessoas normalmente andam sobre as pontas dos dedos, tornozelos no fundo. Ele é o profundo extremo do mar infestado de tubarões e, se eu concordar em sair com ele, estarei caminhando sobre a prancha, sem hesitação, em direção à sua profundidade obscura.

Por que eu deveria fazer isso quando não sei se posso nadar?

Ele está na minha frente agora, me fazendo parar repentinamente. Ele dá um passo à frente e eu dou um passo para trás.

"Nós não precisamos chamar de encontro," ele diz.
"Eu só estou muito atraído por você e gostaria de comer uma refeição e ser capaz de olhar para você enquanto o faço. Você irá me deixar buscá-la hoje à noite, assim poderei olhar para você enquanto como?"

Um sorriso brincalhão surge em seu rosto e eu não consigo evitar sorrir para ele. Droga. Ele tem uma boca adorável. *Por que eu acho isso excitante?* Deve ser o meu corpo e não minha consciência.

Ele sussurra as palavras, "Por favor," enquanto olha para mim desesperadamente. Eu não sei porquê amo o fato dele ter sussurrado a palavra e não vociferado.

Levo um momento para pensar em todas as coisas que estava dizendo a mim mesma na aula mais cedo. Eu sou jovem. É minha primeira vez experimentando a vida agora que Stephen possui cuidados em período

integral. Se eu não começar a experimentar as coisas em breve, eu ficarei tão para trás que será difícil colocá-las em dia.

Solto um suspiro e aceno. "Tudo bem. Deixarei que me observe enquanto você come. Esquisitão. Busque-me em frente ao edifício dos estudantes às sete."

Ele balança a cabeça. "Vou buscar você às oito e meia. Estarei livre daí em diante."

"Este é um encontro realmente tardio," eu digo.

Ele sorri e diz, "Então este é um encontro." Ele se inclina para frente, seus lábios se aproximando da minha orelha. "Coloque o vestido que você usou na aula da última terça-feira, por favor," ele sussurra. "Aquele com flores amarelas."

Ele passa por mim e se afasta, e eu nem consigo ver sua expressão após aquelas palavras. Sinto como se elas tivessem enviado uma carga de eletricidade que percorre meu corpo.

Ele reparou o que eu estava vestindo na semana passada?

Eu cubro o meu sorriso com minha mão e vou para a próxima aula.

Eu me arrumei na Laundromat.

O quão triste é isso?

O vestido que Asa me pediu para usar estava sujo e eu não tenho acesso a uma máquina de lavar ou secadora na minha casa ou na casa das garotas que tenho ficado nos últimos dias. Então peguei minhas roupas sujas, fui a Laundromat e fiz meu cabelo e maquiagem no banheiro da lavanderia enquanto minhas roupas eram lavadas.

Eu me pergunto se ele ainda ficaria atraído por mim se soubesse disso?

Eu notei o nome da marca de roupas que ele veste. Os novos pares de sapatos que ele está sempre usando quando decide aparecer na aula. Até a caneta que ele me emprestou parecia mais cara do que este vestido.

Eu ainda não descobri porquê ele quer me levar para sair. Não me entenda mal, eu não tenho grandes problemas de autoestima. Eu apenas me pergunto por que, entre todas as garotas que o vejo flertar, ele me chamou para um encontro.

Eu não sou uma pessoa ruidosa, não busco atenção, não me visto para impressionar. Eu faço o que posso para evitar caras como ele por essa razão. Porque eu odeio o desconhecido.

Quando você passa a sua vida inteira sem interagir com rapazes de um jeito assanhado e sexual, você simplesmente chega a um ponto onde você se sente tão atrasada que não será capaz de acompanhar as pessoas da sua idade.

Eu sinto que estou em uma corrida completamente diferente da delas. Olho para todas as pessoas que passam por mim enquanto elas entram e saem da residência estudantil. Algumas olham para mim, outras não. Dois garotos perguntaram se eu precisava de ajuda.

Não sei se eles estavam flertando comigo ou se é porque já estou de pé aqui há meia hora. Uma das

coisas que eu menos gosto em uma pessoa é o atraso. Nós nem começamos o encontro ainda e eu já deduzi isso. Eu darei mais dez minutos a ele e se ele não estiver aqui, irei embora.

Um minuto passa.

Três.

Sete.

Oito.

Nove.

O tempo acabou, babaca.

Coloco a bolsa sobre o ombro e viro a cabeça em direção ao ponto de ônibus. Assim que estou virando a esquina, escuto um carro guinchar no estacionamento e parar.

Ouçó a porta bater, mas eu não me viro. Eu continuo andando.

"Sloan!"

Posso ouvi-lo correndo em minha direção. Estou aliviada por ele estar aqui. Isso significa que ele não me deu bolo. Mas ainda assim está quase quarenta e cinco minutos atrasado.

Eu paro quando ele aparece na minha frente.

"Ei," ele diz, seus olhos examinando o meu corpo com um sorriso. "Você está pronta?"

Eu rio, incrédula. *Ele está falando sério? Ele não vai nem se desculpar por estar atrasado?*

"Eu esperei quarenta minutos por você," digo, irritada.

"Eu fiquei com tanta fome que passei desse ponto e agora estou pronta para dormir. Boa noite, Asa."

Seus olhos imediatamente se enchem de arrependimento e ele segura meus ombros. "Não. Não, não diga isso. Desculpe, tive um imprevisto. Eu teria ligado, mas não tenho o seu número."

"Eu não tenho telefone," digo.

Ele ergue uma sobrancelha. "Por que não? Quem não tem um celular nos dias de hoje?"

"Pessoas *pobres*, Asa. Pessoas que não podem gastar com luxos modernos. Pessoas que gastam seus últimos três dólares na Laundromat, lavando o vestido que o cara que chegou atrasado as pediu para usar. Pessoas que não têm tempo para levar bolo a essa hora da noite, porque seu único meio de transporte é o ônibus, e o último sai em dez minutos. Então, se você me dá licença, eu preciso chegar ao ponto de ônibus."

Eu tento passar por ele, mas ele desliza uma mão para o meu rosto. "Por favor, não vá embora. Eu estive esperando por esse encontro o dia todo. Eu fiz tudo o que pude para chegar na hora e sei que estou atrasado, mas estou aqui. Então, será que podemos começar de novo? Podemos fingir que eu disse que o encontro começaria às 21:10 e que estou perfeitamente na hora e você está muito animada para ver onde a estou levando?"

Ele está olhando desesperadamente para os meus olhos. Ele é realmente amável apesar de toda aquela ousadia. Que combinação mortal.

Merda.

Forço um sorriso. "Onde você está me levando?"

Ele sorri. "*Obrigado*," ele diz, todo o seu rosto irrompendo em um sorriso. "É surpresa. E iremos andar até lá, tudo bem?"

Eu concordo e tento esquecer o fato de que ele está muito atrasado. Para ele é provavelmente uma atitude muito casual com cada garota que ele leva para sair. Mas comigo, isso é mais do que casual. É monumental. É a segunda vez que dou a mão para um rapaz. A primeira foi quando eu tinha doze anos, então eu nem sei se isso conta.

"Você está incrível," ele diz, trocando a mão, assim ele pode andar de costas e admirar o meu vestido. Seus olhos percorrem o meu corpo, parando na bainha contra as minhas coxas e se arrastando de volta para cima até ele estar olhando nos meus olhos. Ele sorri e troca de mão novamente, me acompanhando passo a passo.

"Quando eu a vi pela primeira vez neste vestido, eu mal consegui ficar imóvel na aula. Eu tentei alcançá-la depois da aula, mas a perdi no corredor."

Eu sorrio. "Não notei que você havia me notado."

Ele ri um pouco. "Você não repara em muitas coisas, Sloan. Acredite em mim."

"Tipo o quê?"

Ele me olha de soslaio. "Ah, apenas o fato de que todo maldito macho na aula de História não consegue tirar os olhos de você. Incluindo eu."

Eu definitivamente teria percebido se ele alguma vez tivesse olhado para mim. "Você está delirante."

Ele dá de ombros. "Eu preferiria ser louco e ir a um encontro com você do que ser sensato e ir a um encontro com qualquer outra garota no mundo."

Isso me cala.

Eu não sei se estou lisonjeada pelas coisas que ele está dizendo ou ofendida. Ele é tão confiante perto das pessoas; tenho certeza de que ele usou cada frase de seu livro com mais de uma garota, mais de uma vez. Eu não sou especial para ele.

Então por que as coisas que ele está dizendo me afetam tanto?

O meu estômago está em nó e está ficando muito quente, apesar do fato de que está frio e eu estou com um vestido sem mangas.

Mas sério. Atração é o que coloca garotas em apuros com caras como ele, obviamente. Eu sei que suas palavras são tão genuínas quanto dinheiro, mas eu estaria mentindo se dissesse que não gosto dos elogios. Ainda que isso não vá a lugar algum, é divertido ouvi-las por algumas horas.

Eu deveria tentar curtir isso. Passei tanto tempo sem fazer as coisas que as garotas na minha idade fazem, que eu deveria apenas curtir esta noite, ainda que eu saiba que dentro da minha cabeça isso tudo é apenas atração. Ele não me conhece – ele apenas sabe que gosta do jeito como esse vestido fica em mim.

Ele finalmente diz, "É no final desta rua."

Tenho frequentado a faculdade por mais de um semestre e nunca estive nesta rua antes. É fofa. Luzes de Natal nas árvores, embora não esteja perto do Natal. Tem música tocando, vindo dos alto falantes presos aos postes de luz. Posso ver o restaurante no final da rua e estou um pouco desapontada que

estamos quase terminando a caminhada. Faz algum tempo desde que tirei uma folga para aproveitar o ar fresco.

Eu me pergunto o que iremos conversar enquanto comemos? E se isso é tudo o que iremos fazer, comer e ir embora? Eu nunca estive em um encontro, então não conheço todo o processo.

"Qual é a sua parte favorita nos encontros?" eu o pergunto, tentando conseguir alguma informação enquanto não pareço tão desinformada quanto estou.

Ele olha para mim e sorri. "O beijo, Sloan. Definitivamente o beijo."

Então isso irá acontecer hoje à noite?

Eu repentinamente não tenho mais apetite, porque o perdi para os nervos. Ele ficará tão desapontado quando a minha língua não tiver ideia do que fazer dentro da boca dele.

Eu pigarreio. "Isso sempre acontece no final do encontro?"

"Depende do casal. Algumas vezes acontece durante. Algumas vezes não acontece. Algumas vezes acontece no início."

Não seria legal? Acabar com isso?

"Quando você prevê que o nosso irá acontecer?" eu sorrio e me pergunto se está óbvio que estou flertando com ele. Ele puxa minha mão e vira abruptamente para a esquerda, entre dois prédios. Nós ainda estamos a uns dez metros do restaurante, por isso sou pega de surpresa que estejamos desviando do caminho.

Nós estamos em um beco agora. Um beco muito estreito e vazio. Ele se vira para me olhar e eu arfo quando vejo o olhar em seus olhos. Suas mãos encontram meus quadris e então minhas costas estão contra a parede do edifício.

"Acho que agora é um bom momento," ele diz, logo antes de sua boca se conectar com a minha.

Meu coração pula no peito. Minhas mãos agarram sua camisa em dois punhos apertados e nervosos.

Sua língua desliza contra meus lábios apertados e ela praticamente me faz derreter contra ele. Meus lábios se separam e eu suspiro, exatamente quando sua língua toca a minha.

Eu nem me sinto mais nervosa. Um instinto que eu nem sabia que existia começa a fazer efeito e eu apenas vou para onde o seu beijo me leva. Carícia por carícia, respiração por respiração, eu faço tudo o que ele faz.

Estou certa de que pego o jeito da coisa após trinta segundos, mas assim que fico confiante, sua boca deixa a minha.

Ele pressiona suas mãos na parede atrás de mim e a lateral de sua cabeça contra a minha. Eu posso sentir sua rápida respiração colidindo contra o meu ouvido. Fico feliz por ele não estar olhando para mim, porque eu estou sorrindo.

Isso foi bom. Não foi nem um pouco intimidador quanto eu pensei que seria. Estou me sentindo tão confiante que não tenho ideia do porquê digo, "Este foi o meu primeiro beijo," porque eu instantaneamente o sinto ficar tenso contra mim e me arrependo de ter dito isso.

Ele se afasta, seus olhos negros ainda mais negros depois de nosso beijo. "Você está brincando, certo?"

Eu deveria rir e dizer, "é claro." Em vez disso, eu balanço minha cabeça.

"Você nunca esteve com um cara?"

Eu balanço minha cabeça de novo. "Não."

Ele inclina sua cabeça enquanto olha para mim. "Isso é uma daquelas coisas religiosas e estranhas?"

Eu rio. "Não. De jeito nenhum. Não sou puritana e não estou guardando a mim mesma até o casamento por alguma razão em particular. Eu só estive... ocupada. Por toda a minha vida estive ocupada da manhã até a noite. Eu nunca tive um segundo livre para namorar."

Ele olha para mim, incrédulo. "Então... você nunca foi tocada por um cara? Ou beijada? *Nenhum* cara?"

De novo, eu balanço minha cabeça. "Nunca. Esta foi a primeira vez. Você... me beijando. Essa foi a maior experiência que já tive. Então não me julgue severamente se eu fui desagradável."

Ele solta um suspiro lento e ponderado. "Putá merda," ele sussurra. Em seguida sua boca está imediatamente de volta à minha, muito mais forte desta vez. Isso me pega de surpresa por um momento, mas não levo muito tempo para acompanhá-lo.

Ele está me devorando agora, me beijando desesperadamente, pressionando a si mesmo contra mim. Jogo os meus braços ao redor de seu pescoço porque a intensidade desse beijo está me fazendo sentir menos estável. O meu corpo está ficando fraco, nem posso mais confiar nele para me dar suporte.

Eu não consigo continuar na mesma velocidade que ele. Estou arfando por ar enquanto ele beija meu queixo, meu pescoço e volta para minha boca. Suas mãos estão em meu cabelo, em seguida as minhas estão no dele. Ele geme enquanto solta o meu cabelo e se curva ligeiramente, segurando minhas pernas e levantando-as, me deslizando alguns centímetros para cima da parede.

É incrível como o nosso segundo beijo é diferente do primeiro.

Eu me pergunto como será o terceiro.

Ele envolve minhas pernas ao seu redor e desliza suas mãos sobre a minha coxa até que ele esteja me segurando por baixo do meu vestido, se certificando de que estou estável contra a parede.

Quando seus lábios se movem para o meu pescoço novamente, eu encosto minha cabeça contra o edifício. "Asa," eu sussurro. "Nós provavelmente precisamos comer em algum momento."

Eu o sinto rir contra o meu pescoço. "Eu sei," ele murmura. "Não consigo evitar. Saber que você é... que você... *porra*, Sloan. Eu não consigo parar de beijar você. Estou tentando." Sua boca está sobre o meu pescoço de novo e minha atenção não está mais na comida ou no beijo. O meu foco está no modo como minhas pernas estão enroscadas nele, na maneira como nossos corpos de fundem, no jeito como eu comecei a me mover contra ele para sentir coisas que nunca senti antes.

"Jesus Cristo," eu sussurro, me apertando ao redor dele.

"Pensei que não fosse uma coisa religiosa," ele sussurra.

Seu comentário me faz rir em meio ao seu beijo. O meu riso o faz gemer e ele me afasta da parede, me colocando de pé. Ele me beija na testa, então se afasta e pressiona sua testa na minha, me encarando. Ele envolve sua mão na minha e sem dizer mais nada, me puxa do beco e me leva em direção ao restaurante.

Não sei se é porque está muito tarde ou se o restaurante não é muito bom, mas ao passarmos pela porta, somos as únicas pessoas lá dentro. O recepcionista vem de uma sala aos fundos e pega dois cardápios. Ele é mais velho do que nós, uns trinta e poucos anos. "Pensei que você não viria," ele diz para Asa.

Asa dá de ombros. "Tivemos um imprevisto."

O cara acena e aponta para uma sala que leva para fora da sala de jantar principal. "Por aqui," ele diz.

Somos levados para outra sala vazia do lado esquerdo. Há uma cabine circular privativa no canto, arrumada com uma garrafa de vinho já no gelo e duas taças.

Já estou impressionada.

Asa deixa que eu me sente primeiro, em seguida senta ao meu lado, sua mão sobre meu joelho. O rapaz coloca os cardápios em nossa frente, abre a garrafa de vinho e nos serve uma taça.

Eu dificilmente bebo, mas hoje parece uma boa ocasião. Asa segura sua taça como se quisesse fazer um brinde, então eu pego a minha quando ele diz, "Aos primeiros beijos. Primeiros encontros. E primeiros... o que quer que você me permita ter."

Eu rio. "Sobremesa, pelo menos." Nós encostamos nossas taças e eu provo o vinho. Não é tão doce quanto estou acostumada, mas eu gosto. Quando abaixo minha taça, Asa se inclina e me beija no canto da boca.

"Talvez eu devesse ter esperado até o fim do encontro para beijar você."

Olho para ele. "Por que?"

"Porque agora é tudo o que eu consigo pensar. Mas há tanto que eu não sei sobre você e eu deveria ser um bom acompanhante e lhe fazer um milhão de perguntas."

Acho que não há muito sobre a minha vida que valha a pena ser mencionado. Nada.

"Eu tenho dezoito anos," digo. "O meu aniversário é no mês que vem. Tenho uma mãe que deveria ter sido submetida a um teste antes de colocar crianças no mundo. Tenho um irmão que amo muito. Agora você já sabe mais sobre mim do que qualquer outro cara em toda a existência. Como você se sente?"

Ele me observa por um momento, seu olhar preso ao meu. Então ele simplesmente diz, "Eu gosto de você." Em seguida, estamos de volta ao beijo.

Um beijo lento desta vez, enquanto seus dedos exploram a parte externa da minha coxa. Em meio ao beijo, nós de alguma maneira nos movemos em direção ao outro na cabine. A única coisa que nos separa é a presença do garçom pigarreando.

"Vocês já sabem o que gostariam de comer?" ele pergunta.

Asa ri antes de se afastar de mim. "Sim," ele diz. "Queremos o prato especial."

O garçom acena e sai.

Eu tomo mais alguns goles do meu vinho enquanto Asa faz o mesmo. "Você acabou de fazer o pedido por mim?" eu pergunto. "E se eu não gostar do prato especial?"

Ele sorri. "Então eu pedirei outra coisa." Sua boca volta para a minha e nós começamos a nos beijar de novo. Desta vez, suas mãos se tornam mais ousadas. Ou talvez o vinho tenha me feito ficar menos resistente.

Nós nos beijamos por tanto tempo que eu nem noto suas mãos se movendo para a parte de dentro da minha coxa. Seus dedos me acariciam lentamente, em círculos, ficando mais e mais ousados. Acho que ele está fazendo isso porque eu arquejo cada vez que ele chega à parte superior da minha coxa, perto da minha calcinha.

"Asa," eu sussurro.

Ele balança a cabeça. "Eu sei. Eu sei o que você está prestes a dizer. Irei devagar."

E ele pega leve por um tempo, mas só porque a nossa comida chega.

É sushi. Foi uma escolha confiante da parte dele, porque nem todo mundo gosta de sushi. Sorte a dele, eu gosto. Tentamos comer sem interrupções, mas ele se inclina de vez em quando para passar os lábios sobre o meu maxilar e ouvido. Toda vez que ele faz isso, eu tenho que beber mais vinho.

Estou na terceira taça quando terminamos de comer e ele pede a sobremesa. Mas ele pede que ela não seja servida por pelo menos quinze minutos.

Eu poderia estar na minha quarta taça neste momento. Não tenho certeza.

Tudo o que sei é que beijar é bom. Ótimo. Muito mais do que eu imaginei que fosse, especialmente sendo minha primeira experiência.

Eu congelo com o pensamento. E se eu o tive deixando ir longe demais? Eu não sei. Não faço ideia do que garotas de dezoito anos fazem nessa idade em um restaurante com um cara que parece saber as

palavras certas e a maneira certa de mover sua boca contra a minha.

"O que há de errado?" ele pergunta, se afastando. Tento voltar minha atenção para os seus olhos, mais o meu foco está em sua mão que está sobre a minha coxa de novo, e no fato de que ele está tão perto da minha calcinha que quase posso senti-lo.

"Eu..." solto um rápido suspiro. "Eu não sei. Acho que deveríamos ir mais devagar."

Seus dedos traçam um lento círculo sobre a minha coxa e eu o sinto tanto, que não sei como eu poderia pedir que ele fosse devagar neste momento. Mas eu deveria. Eu não deveria permitir que ele me tocasse desse jeito ainda.

Deveria?

"Sloan," ele diz, passando seu polegar sobre minha bochecha com a outra mão. "Você não gosta do jeito como está se sentindo neste momento? Isso não parece bom para você?"

Eu aceno. "Sim, mas... nós nos beijamos pela primeira vez há uma hora. Sinto como se estivesse deixando ir longe demais."

Seu nariz toca o meu e ele se afasta novamente.

"Engraçado, porque sinto como se não estivesse indo tão longe."

"Mas..." fecho meus olhos. "Eu me sinto estúpida por ter que perguntar isso." Abro os olhos de novo. "Isso é normal? Tipo... estou sendo... vulgar demais?"

Consigo sentir a risada em seu peito. Ele pressiona sua boca contra a minha e se afasta. Seus olhos estão divertidos e sua expressão é amável. "Você é uma mulher adulta, Sloan. Se for bom para você, isso é tudo o que importa. Este é o nosso encontro, de mais ninguém. O que você e eu fazemos neste encontro só diz respeito a nós dois." Ele beija meu queixo. "Você quer que eu pare de beijá-la?"

Eu balanço minha cabeça. "Na verdade, não. Não."

Sua boca se aproxima do meu ouvido. "Ótimo. Eu não quero parar. E isso não faz de você uma vadia, Sloan.

É difícil ser uma vadia quando você só beijou um cara, certo?"

Sua lógica faz sentido. Mais ou menos. Acho. Eu me sinto tonta.

Seus dedos começam a se mover sobre a minha coxa novamente. Ele se afasta e morde o lábio inferior. Meus olhos estão focados em sua boca. Seus dentes aliviam a pressão sobre seu lábio e ele sorri para mim.

"A única coisa que você precisa se preocupar é se você se sente bem com a maneira como toco você. Okay?"

Eu expiro e concordo, no momento em que seus dedos começam a rastejar pelo resto de minha coxa. "Você se sente bem neste momento?" ele sussurra.

Eu encosto minha cabeça contra a cabine. "Sim," eu sussurro, minha respiração pesada. Todo o meu corpo estremece quando seus dedos encontram minha calcinha. Ele não está me beijando. Ele está me observando, seus olhos focados em minha boca enquanto arrasta seu dedo para cima, no meio, na parte de fora da minha calcinha. Isso me faz tremer.

"E quanto a isso?" ele sussurra. "Isso faz você se sentir bem?"

Eu quero dizer que sim, mas só consigo resmungar.

Penso no fato de que estamos em público. Penso no fato de que nosso garçom trará a sobremesa em alguns minutos. Penso no fato de que eu não deveria agir desse jeito, aqui, neste momento.

Mas então eu penso, *por que não?*

Seus lábios mal tocam os meus quando ele diz, "Preciso que você reafirme isso para mim. Nenhum cara jamais tocou você dessa maneira?" Seus dedos encontram a borda da minha calcinha enquanto ele os encaixa nela e puxa o tecido. Eu arfo quando ele diz, "Ninguém sabe como você é?"

Meu coração está batendo em cada parte de mim, mas a minha pulsação está latejando entre minhas pernas, querendo que ele seja o primeiro a me tocar, mas lutando contra minha consciência que diz que isso não deveria acontecer aqui. Mas estou tão aliviada que ele não tenha perdido o entusiasmo pela minha inexperiência. Pelo contrário, ele pode até

estar *excitado* com isso. Isso não é algo que eu esperava.

"Ninguém, Asa," eu sussurro. "Ninguém nunca me tocou assim. Você foi o único."

Ele suspira pesadamente, e eu percebo que estou certa. Ele gosta de ser o primeiro. É provável que ele até ame.

Sua língua mergulha dentro da minha boca no momento em que sinto a pressão entre minhas pernas. Seus dedos deslizam para dentro de mim inesperadamente, mas eu não faço nada para pará-lo. Sua boca engole meus gemidos e arquejos enquanto tento relaxar contra sua mão. Eu tento me familiarizar com isso – com o modo como ela se move contra mim.

"É isso," ele diz, sussurrando contra meus lábios.

"Relaxe. Deixe-me fazê-la se sentir bem."

Seu polegar faz pressão dentro de mim e a sensação faz com que minhas pernas fiquem tão tensas que me esquivo dele. Isso não o detém. Ele simplesmente se aproxima mais. Pressiona sua boca ainda mais forte contra a minha.

Estou chocada com a maneira instintiva que meu corpo começa a se mover contra a mão dele. Quando faço isso pela primeira vez, ele geme, então eu continuo fazendo.

Posso sentir a pressão de dois de seus dedos dentro de mim enquanto ele os pressiona o mais fundo que ele consegue alcançar. "Porra," ele grunhe. "Você é tão *apertada*, Sloan."

Sua voz causa coisas em mim quando está assim tão profunda e cheia de desejo.

"Mal posso esperar para estar dentro de você." Seus lábios se arrastam pelo meu pescoço. "Está me matando não poder foder você aqui. Agora."

Jesus. Acho que eu poderia gostar de falar sacanagens. Isso me surpreende, mas ouvi-lo falar que me quer, me faz querer dar isso a ele.

Mas não agora. Definitivamente não esta noite. Nós já fomos rápido demais, mas ele faz com que isso pareça perfeitamente okay.

"Eu quero provar você," ele sussurra. "Eu quero subir nesta maldita mesa e devorar você."

"Asa," eu sussurro.

Isso é tudo o que consigo dizer, porque tenho medo de arruinar o clima se disser algo além disso. Não acho que consigo falar como ele. O jeito como ele está falando...

"Você gosta disso?" ele pergunta.

"Sim."

Essa foi fácil. Eu posso responder perguntas.

"Fale para mim," ele diz. "Diga, *'Eu gosto, Asa.'*"

Eu intensifico meu aperto ao redor dele e levo minha boca ao seu ouvido. "Eu *amo*, Asa."

Minhas palavras devem ser exatamente o que ele queria ouvir, porque os próximos trinta segundos passam em um borrão. Sua língua está devorando a minha, sua mão está me tocando nos lugares certos, seus dedos se movem no ângulo exato e eu começo a tremer. Tremores tomam conta de mim e eu tento me

afastar dele porque a sensação é demais, mas ele se aproxima de mim com ainda mais força, bebendo meus gemidos como se fossem vinho.

Seus dedos ficam dentro de mim, mas sua mão está parada agora que ele está se afastando para me observar enquanto me recupero do que ele acabou de fazer.

Seu peito está se movendo contra o meu e ele de alguma maneira está pressionado contra mim com tanta força, que consigo sentir o quão duro ele está através de seu jeans.

Espero até que eu tenha recuperado o fôlego antes de ser capaz de encontrar minha voz. E então, qualquer que seja a razão, eu escolho dizer, "Não sei o que acontece depois."

Eu digo isso mais pelo fato de que não sei se devo fazer algo por ele. Olho por olho. Devolver o favor. Eu me sinto uma idiota. Uma idiota rejuvenescida.

Ele sorri. "Agora... nós comemos a porra da sobremesa."

Assim que as palavras saem de sua boca, sua mão se afasta e o garçom entra. Eu me sento ereta, tentando esconder o fato de que meu cabelo está um bagunça e de que ainda estou arfando.

O garçom finge não notar que há algo de errado. Eu me sinto agradecida por isso. Ele coloca um prato com um grande pedaço de bolo de coco em nossa frente, então põe dois garfos no prato. "Apreciem a sobremesa," ele diz.

Asa enfia o seu dedo... aquele que estava dentro de mim... dentro do bolo de coco. Eu observo enquanto ele o desliza para dentro da boca e o chupa. Ele lentamente o tira de dentro da boca. "Esse é o meu novo sabor favorito," ele diz, sorrindo. "Bolo de coco misturado com você."

Eu corro.

Ele pega seu garfo e eu pego o meu. Eu como um pedaço e sorrio.

Eu gosto dele. Ele me faz sentir... não sei. Boa e perigosa. Essa pode não ser uma boa combinação no futuro, mas é boa neste momento. Aqui. Esta noite.

"Passe a noite comigo," ele diz, após engolir um pedaço.

Eu não o respondo. Estou pensando sobre o seu pedido.

Eu realmente não tenho um lugar para ficar hoje à noite. Já está tarde demais para pegar um ônibus para casa e eu me sentiria mal em aparecer na casa de algum de meus amigos tão tarde.

"Sob uma condição," digo.

Ele concorda. "Eu prometo que não pedirei que você faça o que não quer."

Eu não tenho nem que falar qual é a condição. Ele acabou de estabelecê-la para mim. "Okay," eu digo.

Ele abaixa o garfo e grita, "A conta, por favor!"

Nós nos beijamos enquanto passávamos por toda a casa. Eu não dei uma boa olhada nela, mas examinei os arredores o suficiente para saber que não estou

nem um pouco chocada. Com base no jeito que ele se veste e no carro que ele dirige, esta casa não é tão diferente de sua carteira. A única coisa que parece estranho é o fato de que ele é o dono dela. Ele me contou isso no caminho para cá.

Ele me levanta e me carrega pela escada, me beijando todo o caminho em direção ao quarto. Eu lhe disse no caminho que não acho que esteja preparada para fazer sexo ainda. Que eu já experimentei mais hoje à noite do que consigo compreender.

Ele me assegurou que não aconteceria – que apenas no beijaríamos até cairmos no sono. Mas tenho o pressentimento de que ele irá precisar de algo mais do que simplesmente carícias.

Eu não sei o que. Eu nunca fiz sexo oral em um cara antes, então sinto que isso é ir muito mais rápido do que planejei para o próximo ano. Mas eu me sinto culpada. Eu recebi mais do que dei esta noite.

Estamos em seu quarto agora. Sua porta fecha e então estou contra ela, ele pressionado contra mim. Suas mãos sobre o meu vestido, passando-o pela minha cabeça.

Putá merda.

Não esperava ficar parcialmente nua assim tão rápido.

Naturalmente, eu me cubro, envolvendo meus braços na frente do meu sutiã. Assim que o faço, me sinto estúpida. Mas eu simplesmente não esperava isso.

Ele segura meus pulsos e os afasta. "Eu quero ver você, Sloan," ele diz, sua voz gentil. Ele dá um passo para trás e me encara. Felizmente eu lavei um conjunto de sutiã e calcinha que combinam antes do encontro.

"Porra," ele sussurra, seus olhos se movendo lentamente pelas minhas pernas. "Você tem certeza que não me quer dentro de você esta noite?" Ele se aproxima até que suas mãos estão sobre minha calcinha, puxando-a por meus quadris, descendo pelas minhas pernas.

É rápido demais.

"Asa," eu sussurro. "Pare."

Minha mente ainda está turva por causa do vinho, mas mesmo embriagada eu sei que a calcinha deveria ficar

no lugar por um pouco mais de tempo. Até que eu esteja absolutamente pronta para tirá-la.

O que pode nem acontecer esta noite.

Ele desliza meu corpo para cima, parando para me beijar em vários lugares diferentes. Quando alcança minha boca, ele sussurra, "O que há de errado?"

Eu expiro e minha respiração sai instável. Nervosa.

"É demais," digo para ele, afastando-o. "A noite inteira... eu não estava preparada para tudo isso. Sinto que..."

Eu seguro minhas palavras até que consiga ordená-las e encontrar as corretas. Asa ainda está encarando a porta quando solta um lento e aparentemente frustrado suspiro.

"Sinto que você acha que sou um tipo diferente de garota," digo. "Mas não estou acostumada a fazer essas coisas, Asa. Não tenho experiência; não estou confortável como você está neste momento. Você me deixa nervosa. E não é culpa sua; acho que você

simplesmente presumiu que eu era diferente do que sou. Talvez... talvez você devesse me levar para casa."

Ele está me olhando de novo, então, vejo quando ele se encolhe, como se eu talvez não tivesse escolhido as palavras certas. Droga, talvez eu não tenha. Não sei o que estou fazendo – o que estou dizendo. Toda esta noite tem sido um grande lembrete do quão diferente eu sou dele. De quanto mais experiência de vida ele tem. E só porque eu já o deixei ir longe demais não significa que ele tenha permissão para seguir em frente.

Eu preciso puxar os freios, não importa se isso o chateia ou não. Isso é egoísta da minha parte, acho. Mas eu não consigo deixar de me sentir desconfortável, de repente. Estar na casa de um cara que eu mal conheço. Passar a noite com ele.

Suspeito que há uma chance maior dele pegar as chaves e me levar para casa do que dele se empenhar em uma conversa madura sobre como ter meu primeiro beijo e perder minha virgindade na mesma noite pode ser demais, muito rápido.

Ele corre uma mão sobre seu cabelo, em seguida segura a parte de trás de seu pescoço enquanto me olha do outro lado do quarto. Então, em uma demonstração de determinação, ele caminha rapidamente em minha direção, segurando meu rosto e me forçando a olhar para ele.

"Você acha que não sei que tipo de garota você é?" Asa diz em voz baixa, seu olhar examinando meu rosto. "Tenho observado você na aula por semanas, Sloan. Sei *exatamente* que tipo de garota você é. Eu estudei você. Eu admirei você. E tenho pensado demais em você. E ultimamente – desenvolvi essa ideia de que você é exatamente o que faltava na minha vida. Você é o tipo de garota com a qual eu sonhei. Você é o tipo de garota que eu fracassei em acreditar que existia por grande parte da minha vida. Mas você é real e... você já é tão especial para mim. Na minha vida... coisas especiais são difíceis de aparecer.*Realmente* difíceis. Você deve ser a primeira coisa especial que já tive assim tão perto de mim por completo. Então, se estou sendo persistente demais ou rápido demais, esse é o motivo. Não tem nada a ver com minhas expectativas para hoje à noite. Não tem nada a ver com a sua inexperiência. Não consigo

manter minhas mãos longe de você porque estou tão assustado de que se eu for devagar demais... se eu não levar as coisas rápido demais... será tarde demais."

Eu não permito que o ar saia ou entre em meus pulmões.

Espero até que eu tenha tempo para absorver cada palavra que ele acabou de dizer para mim.

Antes que eu consiga terminar de absorver tudo, ele continua falando. "Passe a noite comigo. Por favor. Você pode colocar sua calcinha de volta, seu vestido de volta. Droga, você pode tirar o sutiã e dormir completamente nua. Eu não me importo. Só quero você na minha casa, só isso. Eu juro, Sloan. Eu só preciso dormir perto de você."

Sua expressão é sincera. Suas palavras são ainda mais. É por isso que estou concordando... porque seja qual for a razão, eu confio nele agora. E eu nunca confiei nas pessoas com facilidade.

"Okay," digo.

Em vez de encontrar meu vestido, ele se aproxima das minhas costas e solta o meu sutiã. Eu o deixo cair no chão. Seus olhos estão sobre mim enquanto fico parada na frente dele, completamente nua.

"Vamos dormir," ele sussurra, sua voz rouca.

Eu caminho para a cama e entro debaixo das cobertas. Quando olho de volta para ele, sua camisa foi removida e ele está tirando o jeans. Ele continua vestindo a cueca quando se junta a mim na cama. Ele se move para o meu lado. "Vire-se para que eu possa deitar de conchinha com você."

Eu rio e me viro. Nunca esperei que esta noite fosse terminar em conchinha, mas amo que termine.

Ele envolve seus braços ao meu redor com firmeza e dá um beijo em minha cabeça. "Bons sonhos," ele sussurra.

"Você também."

Não sei se gosto de estar embriagada. É a primeira

vez que tomei mais do que uma taça de vinho em uma única noite. Droga, acho que tomei cinco taças sozinha no jantar. Acho que bebi tanto porque isso acalmou meus nervos – me fez sentir mais confortável comigo mesma. Confortável demais, talvez. Porque agora estou sobre aquela linha entre estar morta e estar agitada demais para dormir de verdade.

Tudo parece mais pesado quando você está bêbada. Sua cabeça pesa mais, seu corpo fica pesado demais para controlar, suas emoções de alguma maneira parecem ainda mais pesadas. E agora, o ar parece pesado – como se o mundo inteiro estivesse balançando sobre mim enquanto luto para abrir meus olhos.

Mas, ficar bêbada também tem suas vantagens. De algum modo – em meio a toda sensação de peso – há uma leveza na parte interior. É similar a uma pena, fazendo cócegas no interior do meu estômago. Fazendo cócegas em meus lábios. Isso me faz desejar pressão... toque. Foi bom quando Asa me tocou hoje à noite. O álcool me fez gostar disso, ainda que minha consciência estivesse lutando para me avisar que eu não deveria.

Até mesmo agora... na luta contra o sono... eu o sinto.
Seu calor, a força de suas mãos, o som de sua voz.

Estou suspensa em algum lugar entre a realidade e os sonhos, e não consigo descobrir em qual deles já estou. E eu realmente não quero acordar, mas parece tão real. Suas mãos em meus seios – sua boca entre minhas pernas. Parece tão real; eu me encolho com sua barba deslizando pela carne suave de minhas coxas.

Eu arquejo.

Meu coração está espancando meu peito. Minhas mãos estão agarrando os lençóis ao meu lado.

Eu não estou sonhando.

Isso parece tão real.

Tão cedo.

Tão rápido.

"Asa," eu sussurro.

Estou confusa sobre onde ele está exatamente. Sinto suas mãos em mim... elas se movem dos meus seios para minha cintura.

Ele está... *Ah Deus.*

"Asa," eu sussurro novamente, todo o meu corpo ficando tenso. Como isso aconteceu? Quando chegamos a esse ponto?

Apesar do jeito como sua língua me faz sentir, o fato de que estou acordando com isso parece ser errado. Certo e muito errado. Eu pedi isso a ele? Enquanto eu dormia?

Ou ele simplesmente se apropriou?

Eu tento fechar minhas penas – forçar sua boca para longe de mim. Mas ele segura a minha cintura mais forte e desliza a língua para cima, para a parte central de mim – lentamente.

Eu gemo.

Eu quero chorar, mas gemo em vez disso. Minha voz é uma traidora.

"Por favor," eu sussurro, a palavra sendo dita em meio a pesados arquejos.

Sinto sua língua se afastar. Seus lábios pressionam suavemente contra a parte superior da minha coxa. Agora estou muito ciente de cada movimento seu, porque não consigo entender como posso querer tanto afastá-lo enquanto ao mesmo tempo, quero sua boca de volta em mim.

"Relaxe," ele sussurra, sua respiração quente contra minha coxa. "Você merece isso. Você merece tudo o que há de bom, Sloan."

O quarto está girando. Suas mãos estão correndo sobre meu estômago, me acariciando, fazendo com que eu pense que achar que isso é errado é, de alguma maneira, errado.

Suas palmas deslizam sobre meus quadris, minhas coxas e sobre meus joelhos. Ele faz pressão no interior de minhas pernas, abrindo-as totalmente. "Apenas feche seus olhos e relaxe. Deixe-me fazer isso por você."

Antes que eu possa concordar ou discordar, sua boca volta para mim, sua língua mergulhando em mim, acariciando, para cima, para baixo. Minhas costas arqueiam e ainda estou segurando os lençóis pelo bem da minha vida.

Sua língua começa a fazer jornadas menores até que ele esteja circulando meu clitóris.

Eu nunca senti algo assim.

Fecho meus olhos bem apertados e sinto quando começo a aceitá-la. Deixo que o peso e a leveza do álcool me levem para todos os lugares certos, e segundos depois, permito que minha voz me traia ainda mais alto.

"Asa," estou gemendo.

Estou arfando.

Minha mão abandona os lençóis, encontra seu cabelo e eu o agarro, puxo, preciso dele mais perto.

"Não pare," minha voz diz, ainda que minha consciência esteja gritando PARE!

Não pare.

Pare.

Não.

Sim.

Não.

"Sim." Minha cabeça cai novamente contra o travesseiro de Asa.

Meu corpo sucumbe completamente a ele, enquanto minha consciência está muito devagar para acompanhar.

Começo a ficar tensa de um jeito diferente dessa vez. As minhas duas mãos estão em seu cabelo enquanto meu corpo começa a responder de maneiras novas.

Ele está certo. Isso é bom. É tão bom. Tão bom que não permito que eu pense o que isso irá me custar quando tiver acabado.

Eu não recebo coisas boas na vida. Eu preciso disso. Preciso sentir algo bom.

Estou tremendo agora. Todo meu corpo. Sua língua e seus lábios estão se movendo contra mim com avidez, como se seu único desejo no mundo fosse me satisfazer neste momento. A sensação começa a se intensificar... minha respiração fica mais irregular, meus gemidos mais desesperados.

E então, acontece.

Eu sinto tão profundamente que me pergunto se estou realmente acordada. Tenho que estar sonhando. Nada na vida é parecido com isso.

É tão intenso; congelo enquanto a sensação passa por mim. Eu paro de gemer, paro de tremer, paro de respirar. Segundos passam enquanto a sensação me segura. Mais segundos passam enquanto ela me solta, me liberta, me fazendo despencar.

Estou tremendo novamente, arfando. Sua boca se afasta e ele engatinha sobre meu corpo até que sua boca esteja na minha. Sinto o meu gosto nele... sua língua em minha boca, seus lábios molhados contra os meus.

"Porra," ele murmura dentro de minha boca. "Eu estava errado. *Esse é o meu novo sabor favorito.*"

Sua língua mergulha mais fundo dentro da minha boca e eu engulo seu gemido enquanto ele se ajusta em cima de mim.

Estou lutando por ar. Perdi tudo logo antes dele me beijar e, agora, não posso recuperar a respiração porque ele está me beijando com tanta ferocidade que não consigo respirar. Minha cabeça está pesada, mas meus pensamentos estão leves, e quero dizer a ele para ir mais devagar. Quero dizer a ele para deixar eu me recuperar. Quero dizer tantas coisas, mas o quarto está girando e estou afundando em culpa por permitir que o que acabou de acontecer acontecesse quando eu nem tinha certeza de que queria.

Ele finalmente separa sua boca da minha e eu arquejo em busca de ar enquanto ele pressiona nossas bochechas.

"Prenda sua respiração," ele sussurra. "Isso pode doer."

Sinto sua palma fazer pressão contra o meu estômago e não tenho ideia do que ele está fazendo ou que está prestes a doer. "O que pode doer?" consigo respirar.

Ouçõ minha pergunta em meu próprio grito.

A dor irrompe em mim enquanto ele faz força em uma estocada rápida e indesejada.

E então outra.

"Asa!" eu grito.

Sua boca encontra a minha de novo, assim que as lágrimas encontram seu caminho para fora de meus olhos.

"Sloan," ele murmura, fechando seus lábios sobre os meus, empurrando contra mim pela terceira vez. Pela quarta. Tento fechar as penas, tento forçá-lo para fora de mim e uso minhas mãos para empurrá-lo nos ombros.

Suas mãos encontram as minhas, uma de cada vez, e ele as coloca acima de minha cabeça, pressionando-as contra o colchão.

Isso não é bom. Tê-lo dentro de mim é muito mais diferente do que quando ele estava com a boca em mim.

"Você é incrível, Sloan," ele sussurra. "Obrigado. Muito obrigado por me dar isso."

Por me dar isso?

Eu dei isso a ele? Não me lembro dele perguntando se eu estava preparada. Se eu *queria* isso. Ele simplesmente se apropriou.

Acho.

Quem faria isso? Tudo o que ele disse mais cedo me fez acreditar que ele queria esperar.

Fecho meus olhos e tento pensar. Tudo o que sinto é a pressão dentro de mim. Minhas coxas estão queimando por serem forçadas a se separarem enquanto eu tentava fechá-las.

Eu acordei com isso. Com ele me tocando... me beijando. E eu não o parei.

Eu disse *sim*.

Eu disse essa palavra em voz alta.

Eu disse *não pare*.

Ele interpretou mal o que eu estava pedindo dele. O que eu estava querendo fazer.

Eu fui descuidada com minhas palavras, e isso não é culpa dele. É *minha* culpa.

Eu não sou mais virgem, e não tenho ninguém a quem culpar além de mim mesma.

Seus lábios voam para minha bochecha e sinto sua língua enquanto ela segue a trilha de minhas lágrimas. "Você não irá sentir dor na próxima vez," ele sussurra, movendo sua boca para o outro lado do meu rosto. "Eu prometo."

Se ele pensou por um segundo que tirou minha virgindade sem permissão, ele não está agindo dessa forma. Ele está me agradecendo por dá-la a ele. Ele está totalmente ciente do que está acontecendo entre nós e eu ainda me sinto sonolenta e confusa, sem ter certeza se foi consensual ou não. *Tem que ter sido*.

Ele não estaria fazendo isso se fosse diferente. Se eu não queria que acontecesse, o que eu estava fazendo dormindo perto dele? Nua? Eu mal o conheço.

Eu deveria ter me preparado mais.

Preparado.

Eu arfo. *Nós não estamos preparados.*

Ele não está usando proteção. Tento mover minhas mãos de seu aperto acima de minha cabeça, mas ele não se mexe. "Asa," eu imploro. "Camisinha."

Ele grunhe contra meu pescoço. "Está aqui, baby. Não se preocupe." Ele aperta minhas mãos e se afasta, olhando para mim. "Você é tão apertada," ele diz. "É um sonho."

Ou um pesadelo.

Ele solta minhas mãos.

O tempo inteiro em que ele esteve fazendo sexo comigo, eu, nenhuma vez, lhe disse não.

Nenhuma vez.

E não tenho certeza de que quero dizer agora. O que está feito, está feito. Não sou mais uma virgem e deveria me sentir mal por fazê-lo parar. Não quando ele pensa que eu queria. Isso me faria parecer ainda mais imatura e inexperiente quando comparada a ele. Receber egoistamente dele... duas vezes esta noite... e pará-lo quando é a sua vez?

Uma de suas mãos está atrás de meu joelho agora, levantando minha perna, envolvendo-a em sua cintura.

Eu me encolho, porque a nova posição faz com que ele mergulhe ainda mais fundo.

"Isso dói?" ele sussurra.

Eu aceno. "Sim."

Ele sorri um pouco e sinto aquele sorriso me rasgar por dentro. *Por que ele sorriu?*

"Vai doer mais se eu parar," ele diz. "Não será assim da próxima vez. Eu prometo. Apenas respire, okay?"

Vai doer mais se ele parar? Ah, Deus. Não sabia que primeiras vezes eram assim. Por que eu me sentia patética por esperar tanto tempo? Eu poderia ter

esperado alegremente uma vida inteira se soubesse que as primeiras vezes eram tão dolorosas.

"Coloque sua outra perna ao meu redor," ele diz. "Você se sentirá melhor se parar de resistir."

Faço o que ele diz e tento relaxar. Qualquer coisa para fazer não doer tanto.

Seus lábios se movem sobre os meus, e então, seus dentes puxam gentilmente meu lábio inferior. Fecho meus olhos e faço o que posso para impedir o meu corpo de resistir. Como pude querê-lo tanto antes disso começar e, de repente, sinto completamente o oposto? Isso não é justo com ele. Receber de forma egoísta tudo o que parece ser bom para mim e então, negar o que é bom para ele.

"Você é tão doce, Sloan. Tão doce." Suas estocadas ficam mais rápidas. Mais fortes. Espero que isso signifique que está quase acabando.

Uma de suas mãos encontra a cabeceira e ele se apóia nela. Seu peso sendo pressionado contra cabeceira faz com que ela bata na parede toda vez que ele empurra dentro de mim. É quase como se ele

tivesse ficado excitado com o som – pelo fato das marcas serem deixadas na parede – porque ele empurra mais forte a cada estocada.

"Puta merda," ele geme.

Não consigo fechar os olhos. Assiti-lo sobre mim – ver a maneira como ele está estusiasmado em estar dentro de mim – quase faz com que a dor suma.

Quase.

Tento encontrar prazer nisso. Acho que uma parte de mim encontra. O modo como ele está me observando – grunhindo – me tocando com sua mão livre. Ele coloca a palma em meu seio e diz, "Você já está gostando?"

Eu resmungo, porque estou gostando. Uma pequena parte de mim está começando a gostar do jeito que ele olha para mim.

"Diga que você gosta," ele diz.

Mordo meu lábio. Seu polegar se move sobre meu mamilo e sua outra mão deixa a cabeceira. Ele se

abaixa até que seus lábios estejam sobre meus seios, chupando gentilmente. Ele não está mais me fodendo.

Ele está sendo gentil agora. Mal se movendo dentro de mim.

Assim é melhor.

Assim não dói tanto.

Sua boca se move para o meu outro seio e ele levanta os olhos para mim enquanto sua língua circula meu mamilo em lentas carícias. "Você gosta, Sloan?"

Eu finalmente concordo. Ele sorri, ainda me provocando com sua boca. Ele fecha a boca sobre meu mamilo e chupa uma vez, com força, mordendo gentilmente com seus dentes. Então ele liberta meu seio e seus lábios tocam os meus levemente.

"Obrigado," ele diz com uma lenta estocada dentro de mim. "Obrigado por confiar em mim. Obrigado por me dar o que você nunca quis dar a nenhum outro homem." Sua língua desliza suavemente sobre meu lábio inferior. Sua mão se move acima do meu peito e envolve minha garganta.

Apesar do pulo que isso faz meu coração dar quando o sinto apertar meu pescoço, é um aperto gentil.

Ele deve ter visto o medo preencher meus olhos, porque ele sussurra, "Seu pescoço é muito sexy. Preciso tocá-lo. Não vou machucar você, mas quero minha mão aqui. Tudo bem?"

Não tenho ideia do que é normal e do que não é durante o sexo. Só tive dez minutos de experiência nisso.

Engulo em seco, então aceno suavemente.

Ele fecha os olhos e pressiona sua testa contra a minha. Seus lábios mal tocam os meus, mas ele não me beija. Ele simplesmente começa a se mover lentamente, todo o caminho para dentro, parte do caminho para fora, todo o caminho de volta para dentro. Cada movimento contra mim se torna um pouco mais rápido. Um pouco mais intencional. Ele está respirando com dificuldade contra minha boca, sua mão ainda em minha garganta. Gentil, porém. E ainda que isso não seja nada parecido com sua boca entre minhas pernas, é um tipo diferente de sensação.

Um sentimento de desejo em querer que ele goste disso. Goste de como eu sou para ele.

Mantenho meus olhos abertos o tempo inteiro, fascinada pela intensidade dele. Ele continua com a cabeça pressionada contra a minha, seus lábios ainda sem se apropriar dos meus completamente, suas mãos começam a me apertar com força.

"Porra," ele sussurra contra minha boca. "*Porra*," ele diz de novo. Ele começa a tremer enquanto goza e minha respiração combina com a dele em desespero. Estou arfando com ele enquanto os tremores assumem o controle e ele empurra dentro de mim novamente. Ele fica parado, seus lábios descansando entre os meus, sua respiração colidindo com a minha.

Ele desaba sobre mim e enterra o rosto em meu pescoço por um minuto completo antes de sua boca encontrar minha pele. "Obrigado," ele sussurra.

Eu não digo de nada.

Olho para o teto, me perguntando por que me sinto tão contrariada. Gostei de fazê-lo se sentir bem. Gostei quando ele me fez sentir bem.

Mas não gostei do restante.

Acho que porque li que sexo na vida real é diferente de sexo nos livros e na TV.

Na vida real, é desconfortável. Esquisito. Parece até errado e indesejado às vezes.

Felizmente não será assim todas as vezes. Felizmente ficará apenas melhor.

Sua mão encontra a lateral de minha cabeça e ele pressiona a boca em meu ouvido. "Agora será difícil para você se livrar de mim."

Eu sorrio. Pelo menos ele me convenceu que isso realmente significou algo para ele. Que ele não me viu apenas como uma coisa do passado.

Isso tem que ser algo positivo. Ainda acho difícil dizer algo sobre ele. Algumas vezes as coisas positivas parecem negativas e as coisas negativas, parecem positivas.

Ele é um nevoeiro de confusão para mim. Mas não tenho nada para comparar com isso. Ninguém para comparar a *ele*.

"Já volto," ele diz, saindo da cama. Ele levanta e é a primeira vez que o vejo nu. Cada músculo é modelado e definido. Ele abaixa a mão e cuidadosamente tira a camisinha e a joga na lixeira.

Não me lembro de vê-lo colocando-a. Isso deve ter acontecido quando disse que faria sexo com ele. É isso o que acontece certo? Você discute sobre sexo e então, pega a camisinha. Eu deveria estar sonolenta.

Odeio que tenha havido momentos em que duvidei dele esta noite. Ele não tem sido nada além de legal comigo. Honesto comigo. Eu o estou punindo por meus sentimentos não ditos de indecisão. Como ele poderia parar quando eu nem mesmo encontrei minha voz para dizer não?

Asa deixa o quarto, mas volta em menos de um minuto. Ele fecha a porta e caminha até a cama, deitando ao meu lado. Ele está segurando algo.

Ele se inclina e coloca uma mão sobre o meu joelho, separando minhas pernas. Então ele pressiona algo quente contra mim. Algo úmido.

"Quero ajudar com a dor," ele diz, seus olhos cheios de preocupação. "Deixe-me segurar isso aqui por um minuto ou dois."

Eu concordo e relaxo minhas pernas enquanto ele segura a toalha quente contra mim. Eu não falo. A coisa toda é meio estranha e surreal, e não quero tornar isso ainda mais esquisito com palavras. Não tenho nem ideia do que dizer agora.

Ele beija meu joelho e usa o pano para me limpar. "Você sangrou um pouco," ele diz. "Está tudo bem, já parou."

Ele joga o pano no cesto e deita perto de mim. Ele puxa as cobertas sobre nós e estamos nos olhando.

"Você gostou?" ele diz, tirando uma mecha de cabelo do meu rosto.

Não quero ferir seus sentimentos, então eu minto. "Sim," sussurro. "Doeu. Mas gostei."

Ele beija minha bochecha. "Bem, eu *amei*." Ele envolve seus braços ao meu redor, sua mão sobre minha bunda. Ele me puxa contra ele. "Levarei você

para casa amanhã," ele diz, se envolvendo em mim.

"Mas espero que você fique longe o suficiente para eu fazê-la amar isso. Prometo que você vai amar. A primeira vez é sempre mais difícil."

Pelos próximos minutos, seus lábios pousam em cada parte do meu pescoço e ombro. Mas, nunca com a língua. Apenas os lábios – suave e gentilmente contra minha pele. Nunca senti tanta delicadeza. Toda vez que penso que ele está dormindo e estou prestes a dormir, seus lábios encontram minha pele novamente.

Acho que ele está com medo de dormir e ao acordar, perceber que foi tudo um sonho.

Estou quase dormindo de novo quando sua boca pressiona meu pescoço, me acordando.

"Asa," eu sussurro. "Vá dormir. Não vou embora."

Eu o sinto se mover repentinamente, então meus olhos se abrem. Ele está apoiado sobre o cotovelo, olhando para mim com ferocidade.

Não sei o que eu acabei de dizer, mas isso o aborreceu. Ou talvez teve o efeito completamente oposto. Não tenho certeza.

"Você jura?" ele diz, seus olhos olhando diretamente nos meus. "Você não vai embora?"

Eu aceno, porque parece que ele precisa de confirmação. "Eu juro."

Ele solta um suspiro, sua testa caindo sobre a minha de novo.

E então, ele está me beijando.

"Não quero que você vá embora," ele diz entre beijos. "Não me deixe, Sloan."

Não gosto do tom de sua voz. O medo em sua súplica. Não tenho ideia do porquê ele está dizendo isso e se ele está apenas falando sobre este momento – esta noite – ou para sempre.

Certamente não para sempre.

O que quer que seja, isso me faz perguntar que tipo de coisas deve ter acontecido com ele para torná-lo tão

intenso. Ou ele foi muito amado ou muito odiado. Espero que tenha sido a primeira opção.

"Prometa," ele diz, me beijando novamente. "Diga que você não vai embora."

Pego seu rosto em minhas mãos e sussurro, "Não vou, Asa. Eu prometo. Estarei aqui quando você acordar."

Ele me puxa em sua direção e me abraça apertado por muito tempo, o único momento que ele alivia a pressão é quando ele finalmente adormece.

Olho para ele por um momento. Ele parece menos com um homem quando ele está dormindo e mais com um jovem e vulnerável garoto. Seus traços estão mais suaves, sua boca não está mais apertada. Ele está relaxado no sono. Relaxado comigo em seus braços.

Eu me ajusto lentamente até estar sobre meu estômago. Seu braço ainda está ao meu redor, mas eu viro para a outra direção e encaro a parede, permitindo que meu braço fique pendendo ao lado da cama.

Fecho meus olhos e penso sobre hoje.

Fui beijada pela primeira vez.

Fiz sexo pela primeira vez.

E ainda que não tenha sido nada como eu pensei que minha primeira vez seria ou deveria ter sido, Asa já me trata melhor do que qualquer outra pessoa me tratou a minha vida toda. Eu o conheço faz um dia e já me sinto mais importante para ele do que já me senti para minha própria mãe.

Eu me vejo apreciando o modo como ele está me abraçando. É bom ser desejada. É ainda melhor quando necessitam de você. Estou quase dormindo quando o sinto se mover perto de mim. Seus lábios estão no centro de minhas costas e ele a beija gentilmente.

"Você dorme de bruços?" ele sussurra. "Não sei porquê, mas eu adoro isso."

Sua cabeça descança sobre minhas costas, sua bochecha pressionada contra minha pele.

E é assim que caímos no sono.

Eu de bruços.

*Ele com parte de seu corpo sobre mim, se certificando
que eu não vá embora, até mesmo em seu sono.*

- ***Laundromat*** - nome de uma rede de lavanderias.

Epílogo Estendido para o prólogo do epílogo do epílogo - Parte 50

ASA

Houve um caso recente no noticiário sobre um cara que estuprou uma garota. Ele pegou alguns meses de prisão porque era branco, ou porque ganhou algumas medalhas, ou alguma combinação de merda assim.

A porra da nação inteira ficou louca com isso. Onde quer que alguém olhasse, sua sentença branda era tudo o que todos viam. Isso inundou os noticiários por semanas. Eu não sei todos os detalhes disso, mas não é como se o cara fosse um estuprador em série. Com certeza foi apenas seu primeiro ou segundo delito, mas todos agiram como se ele fosse o filho da mãe do Hitler.

Não que o estúpido não merecesse qualquer que fosse o tempo de cadeia que ele tenha recebido, ou uma sentença ainda mais longa. Eu não estou defendendo o miserável. Eu só estou um pouco irritado

que o meu caso não tenha recebido um único maldito segundo da cobertura do noticiário nacional.

Eu *assassinei* um cara e nem mesmo fui acusado. Eu comandeí o maior esquema de tráfico de drogas no campus desde que a universidade foi *inventada* e não fui acusado. Mesmo depois de ter apontado uma arma para Ryan, o juiz me liberou sob prisão domiciliar até o meu julgamento.

Prisão domiciliar. Seis gloriosos meses inteiros disso.

É uma piada. Essa nação inteira e os malditos racistas hipócritas que a comandam são uma piada, e caras como eu são beneficiados com isso. Eu ficaria envergonhado deste país se eu não amasse tanto a sua falta de repercussão.

E enquanto estamos falando de caras brancos, tendo relações não consensuais com garotas sem repercussões... Tenho certeza de que não tenho dedos suficientes em ambas as mãos para contar quantas vezes eu estive dentro de uma garota sem permissão. Droga, eu não consigo nem contar as vezes que estive dentro de Jess sem que ela realmente me quisesse lá. Com toda a honestidade, essa era uma das únicas

razões pela qual eu nem me importava com ela. Eu gostava do quanto ela me odiava.

Eu só não entendo porquê eu consigo me livrar de toda essa merda e ninguém faz um grande estardalhaço sobre isso. Eu tenho uma aparência muito melhor do que a maioria dos caras que aparecem na cobertura da imprensa nacional. Eu também não sou medroso... algo que a maioria deles parece ser. O que há nesses medrosos desprezíveis, caras brancos e feios conseguindo todo o maldito tempo na televisão?

Isso é porque eu não nasci rico?

Provavelmente. Eu cresci órfão com dois pedaços de merda como pais. A imprensa sabe que as pessoas não engolem histórias como a minha, simplesmente porque eu não tenho dois pais brancos e privilegiados ao meu lado me dando apoio.

Vai entender. Minha única chance de notoriedade e meus pais ainda estão ferrando as coisas para mim.

Paul, meu advogado imbecil, diz ser algo bom que a imprensa não tenha escolhido essa história. Ele diz

que quando a mídia se interessa, eles distorcem de uma certa maneira que o juiz se sente mais compelido a anunciar uma sentença mais firme. *Para se tornar um exemplo.* Faz sentido, eu acho, mas não tenho certeza de que Paul percebe o efeito que eu causo nas pessoas. Eu sou muito carismático. A imprensa me amaria. E então Sloan seria forçada a acompanhar a história, porque ela estaria em todos os canais de notícia todas as vezes que ela ligasse a TV.

Porra, eu fiz isso de novo. Deixei que pensamentos dela entrassem em minha cabeça. Eu tenho tentado ouvir meu psiquiatra... tentando não pensar sobre ela. Toda vez que eu penso nela, parece que sou um cara velho acima do peso com colesterol pela hora da morte, morrendo repentinamente de ataque cardíaco. A mão aperta meu coração, os joelhos querem encontrar o chão.

Eu sufoco em meus próprios nervos só de pensar no que ela fez comigo.

Minha Sloan.

É tudo minha culpa. Eu deveria saber não amar algo tanto quanto eu a amava. Mas eu não conseguia

evitar. Era como se ela fosse feita para mim. Era como se ela tivesse sido colocada na Terra para compensar todas as merdas que suportei ao crescer. Por um tempo, eu pensei que ela fosse a desculpa de Deus para mim. Como se ele a tivesse empurrado direto dos céus, dizendo, "Aqui, Asa. Eu criei este raio de luz para compensar toda a escuridão lançada sobre você por seus pais. Ela é o meu presente para você, filho. Com ela, sua dor irá desaparecer."

E desapareceu. Por mais de dois anos eu tive o meu próprio pedaço do céu sempre que eu queria. Sloan era como Eva antes da maldita serpente corrompe-la. Ela era doce e inocente. Intocável. O meu próprio anjo em forma humana.

Até Luke.

Luke é Satanás para minha Eva. A serpente. Tentando-a com sua maçã, apresentando-a ao seu pecado. Corrompendo-a.

Quando penso em Sloan – a cada maldito segundo de cada maldito dia – eu penso na Sloan pré-Luke. A

Sloan que eu amava. A Sloan que se iluminava como uma árvore de Natal sempre que eu lhe dava as menores quantidades de atenção. A Sloan que fazia bolo de coco e macarrão e almôndegas simplesmente porque sabia que isso me faria sorrir. A Sloan que dormiria em minha cama todas as noites, esperando que eu a acordasse, fazendo amor com ela. A Sloan que expressaria seu amor por mim cuidando da minha casa como boas mulheres fazem. As mulheres que não são vadias. Eu amava vê-la fazendo faxina. Ela nunca reclamou dos porcos que não respeitavam minha casa. Ela limparia a bagunça deles, porque ela sabia o quanto eu amava uma casa apresentável.

Eu sinto falta dela. Sinto falta do quanto ela amava me amar. Sinto falta de quando ela era inocente... meu anjo... meu pedido de desculpas de Deus.

Mas agora... depois de se apaixonar por aquela maldita serpente... eu a quero morta. Eu quero os dois mortos. Se ela estiver morta, eu não tenho que pensar em como ela não é a mesma pessoa por quem me apaixonei. Se ela estiver morta, eu não tenho que pensar nos sons que ela faz quando está sendo fodida por Luke. Se ela estiver morta, eu poderei superar o

ódio que tenho por essa versão de Sloan *pós-Luke* que tomou conta de todas as partes dela que eu uma vez amei.

Tenho me perguntado... se eu matar Luke – se ele estiver fora de cena – ela poderá voltar a ser a Sloan que eu sei que ainda está lá? Às vezes penso em dar uma última chance a ela. Talvez se eu matasse Luke primeiro e lhe desse tempo para se readaptar a vida comigo novamente, eu poderia aprender a amá-la do jeito que eu costumava.

É um anseio. Ele tem estado dentro dela. Não só dentro de seu corpo, mas de sua cabeça. Ele a fez pensar que ele é melhor do que eu, que ele pode lhe oferecer mais do que eu. Não tenho certeza de que quero perdoá-la por ser assim tão estúpida.

Seu brilho se esgotou. Ela agora é um brinquedo sem graça. Crianças demais brincaram com ela.

Que pena.

Mas não vai demorar muito. Eu já descobri onde encontrá-los. É só uma questão de como.

Eu me deito no sofá e fecho os olhos. Eu deslizo minhas mãos em minha cueca, imaginando quando vou parar de ter que pensar em Sloan para simplesmente ter um orgasmo. Mesmo odiando-a tanto quanto eu a odeio, ela é o único pensamento que consegue deixar meu pau duro.

Eu penso sobre a Sloan pré-Luke. Eu penso sobre a primeira vez que eu a beijei naquele beco. Eu penso sobre o fato de que meus lábios foram os primeiros a tocarem os dela. Eu penso no quão pura e inocente ela era. No quão fascinada ela estava comigo. Em como ela olhava para mim, como se ela não tivesse o suficiente. Como se eu fosse Deus em pessoa.

Eu sinto falta da Sloan por quem eu me apaixonei.

Assim que começo a ficar bom e duro, alguém bate à minha porta.

"Droga." Eu resmungo e puxo minhas mãos para fora de minha calça. Esse cara tem um timing desprezível. Eu levanto, me perguntando se em algum momento o peso da minha tornozleira vai parar de parecer estranho para mim. Três meses disso e estou prestes a enlouquecer. De jeito nenhum eu consigo mais três. Eu

poderia investir em um estoque de NyQuil e dormir pelos próximos três meses.

Eu olho pelo olho mágico e então destranco a porta para deixar Anthony entrar. Ele já sabe que não é para falar muito alto. Eu não sou estúpido, sei que aqueles merdas provavelmente grampearam a minha casa.

"Ei, cara," eu digo, pegando a mochila dele.

"Ei," ele diz, olhando ao redor como um bobo paranoico. "Encontrei aquele bolo de coco que você estava procurando."

Bolo de coco é um código para computador. *Padaria* é um código para Sloan.

Eu me recuso a usar qualquer um dos dois computadores que ainda restam em minha casa. Quando o Procuradoria está tentando construir um caso contra alguém, eles simplesmente não deixam seus computadores em suas casas. Eles os confiscam. O fato de que meus dois computadores ainda estão aqui prova que eles querem que eu pesquise coisas porque eles estão me observando.

Só para irritá-los, eu passei umas boas horas todos os dias usando os computadores para pesquisar coisas como, *"Como encontrar redenção através de Jesus Cristo."*

Eu até cliquei em podcasts de igrejas e os deixei tocando, assim eles vão pensar que estou realmente mudando para melhor. Droga, ontem à noite eu fui tão longe que criei uma conta no Pinterest. Isso mesmo. *Asa Jackson tem uma conta no Pinterest.* Eu adicionei receitas e frases inspiracionais por três horas apenas para confundi-los.

Que mundo ridículo.

Eu puxo uma cadeira na mesa de jantar e abro a mochila. Eu levei um mês para finalmente encontrar um cara que eu sabia que não me entregaria. Eu tenho informação demais sobre ele. Ele iria para a cadeira para o resto da vida se ele me entregasse. Além disso, Anthony está desesperado o suficiente por dinheiro fácil, ele provavelmente concordaria em matar Sloan e Luke por menos do que eu o paguei para conseguir esse laptop. A única coisa ruim de Anthony é que ele levou uma eternidade para finalmente conseguir

informações sobre Sloan e Luke. Ele de alguma forma encontrou um cara que foi capaz de localizar o endereço deles. Eu não fiz muitas perguntas, porque quanto menos eu souber sobre seus métodos, melhor, caso eles voltem para me punir. Mas tenho quase certeza de que há um babaca desonesto no departamento de Luke que dedurou por muito menos do que Anthony está exigindo de mim.

Esse é o problema dos humanos. *Todos* nós faremos coisas desprezíveis por dinheiro.

"Você encontrou a padaria?" Eu lhe pergunto. Ele acena.

Put a merda.

Ele encontrou a maldita padaria.

"Eu mesmo fui e verifiquei." Ele sorri com desdém.

"Você estava certo. Essa é uma boa padaria."

Eu ignoro o fato de que parece que minhas entranhas estão alojadas em minha garganta porque ele está dizendo que viu Sloan, e eu foco no fato de que tenho

certeza que ele acabou de dizer que Sloan era sexy. *Quem esse merda pensa que é?*

"O que tem de tão especial nessa padaria?" ele pergunta, chutando sua cadeira. Ele está querendo saber porquê eu paguei dez mil por um computador e pelo endereço dela. Outros cinco mil foram prometidos se ele fosse capaz de obter imagens reais do sistema de vigilância, provando que ela realmente mora naquele endereço.

"Aquela padaria é única, Anthony," eu digo, enquanto puxo o laptop da bolsa. Anthony escreveu todas as instruções de como acessar o sistema de vigilância que ele vai enviar para mim. Na bolsa também tem um roteador wi-fi configurado em seu nome, assim eu não serei rastreável de maneira alguma.

"Você conseguiu alguns cupcakes na padaria?" Eu o pergunto. *Cupcake* é um código para imagens do sistema de vigilância.

Nós parecemos duas máquinas com toda essa conversa de padaria, motivo pelo qual eu mudo toda vez que ele vem. Na semana passada foram séries de TV.

Ele sorri de novo. "Sim, estão na bolsa," ele diz, puxando mais papéis da mochila. Ele desdobra um e aponta para um endereço de e-mail e uma senha, explicando que é onde eu posso encontrar todas as imagens.

Minha pulsação está enfurecida dentro de mim e eu estou tentando acamá-la, mas parece que meu coração está no meio de uma maldita roda punk.

Eu quero que Anthony saia para que eu possa ver as imagens. Eu preciso vê-la. Faz três meses desde que fui capaz de colocar os olhos nela. Eu preciso muito vê-la.

Eu levanto e caminho até o corredor para pegar o dinheiro que devo a ele. Eu o jogo sobre a mesa e aponto para a porta, indicando que ele não é mais necessário hoje. Ele desliza o envelope em seu bolso traseiro. "Você precisa de algo mais? Eu posso passar aqui amanhã."

Eu balanço minha cabeça. "Não. Falarei com você quando eu ficar sem bolo."

Ele ri e segue em direção à porta.

Eu instalo o wi-fi e acesso a conta. Há uma mensagem junto com o e-mail que conecta com o Dropbox. A mensagem é de Anthony.

Gravado cerca de oito horas de imagens ontem e editado para visualizações reais do casal. Obtive alguns minutos de um cara saindo e retornando. Na metade das imagens, você verá a garota tirar o lixo. O final da gravação mostra os dois. Gravarei mais esta semana. Se você quiser, podemos configurar para uma transmissão ao vivo que você pode acessar a partir deste computador. Leva dois segundos. Apenas me avise.

Eu envio um e-mail de volta antes mesmo de baixar as imagens.

É claro que eu quero transmissão ao vivo. Por que você só está me falando isso agora?

Eu envio e então faço o download. Leva quase cinco malditos minutos para baixar o vídeo do Dropbox. Assim que está completo, eu me levanto e tranco a porta da frente. Eu não quero nenhuma interrupção.

Eu também preparo algo para beber porque minha boca está seca. Eu sinto vontade de vomitar só de pensar em vê-la pela primeira vez em três meses.

Eu sento de volta à mesa e aperto play. O vídeo tem a duração de treze minutos. Três minutos são de Anthony focando a câmera na porta da frente do apartamento deles. O ângulo é alto, como se ele estivesse filmando do segundo andar de um complexo de apartamentos.

Eu sabia que onde quer que Luke e Sloan estivessem, Luke estaria extra paranoico. Ele provavelmente contratou alguém para se certificar que ninguém esteja vigiando o apartamento enquanto ele não está lá. Eu fiz Anthony alugar um apartamento vazio no complexo com visão para a porta da frente deles, assim ele conseguiria boas imagens sem ser óbvio ao ficar em um carro estacionado.

Aos três minutos e trinta e um segundos do vídeo, a porta da frente do apartamento deles se abre. Luke sai, olhando para a esquerda, em seguida para a direita. Eu gosto que ele esteja paranoico. Gosto que cada vez que ele abre a porta de seu apartamento, ele

esteja pensando em mim. Imaginando se eu estou lá, pronto para me vingar.

O filme para e depois volta.

É quando eu vejo. A porta da frente começa a abrir.

Eu vejo seu braço enquanto ela balança um saco de lixo e o deposita no chão próximo a porta da frente. Eu mal consigo ter um vislumbre de seu cabelo quando ela fecha a porta de novo. Parecia que ela estava tentando se esconder. Como se ela tivesse medo de estar sendo observada. Ela está com medo de ficar lá sozinha.

Maldito *Luke*, simplesmente a deixa lá, sozinha, provavelmente por várias horas do dia. Eu não ligo se ele precisa trabalhar para pagar suas contas. Se fosse eu e eu estivesse com Sloan, eu encontraria um jeito de protegê-la. Se eu soubesse que havia um cara lá fora que apresentasse perigo para ela, ela nunca sairia da minha vista.

Esse é meu primeiro sinal de que ele não a ama como eu.

Como eu *amei*.

Eu não a amo mais.

Amo?

Droga.

Eu rebobino o clipe nada menos do que vinte vezes, assistindo aquele braço enquanto ela leva o lixo para fora. Assistindo seu cabelo balançar sobre seu ombro enquanto ela fecha a porta. Meu coração acelera cada vez que assisto e bate com força cada vez que a porta se fecha.

Putá merda. Eu amo. *Eu ainda a amo.*

Eu a amo e me mata que ela esteja sozinha naquele apartamento, assustada demais para abrir a porta toda. Aquele maldito desgraçado deixa minha Sloan sozinha e assustada enquanto estou preso nessa casa estúpida sem poder me aproximar dela, graças a ele.

"Eu vejo você, baby," eu sussurro para a tela do computador. "Não fique assustada."

Após mais alguns replays, eu finalmente deixo o vídeo continuar. Ele adianta para algumas horas depois. O carro de Luke estaciona em frente ao complexo. Ele sai e abre o porta malas.

Ele começa a tirar mantimentos do porta malas. Que fofo. O filho da mãe foi ao mercado fazer compras para sua pequena falsa família.

Ele caminha até a porta e usa sua chave para destrancá-la. Ele tenta abri-la, mas ainda está trancada por dentro.

Garota esperta. Nunca confie em uma única fechadura.

Sloan abre a porta para deixá-lo entrar. Luke desaparece pela porta enquanto Sloan caminha – *não, ela praticamente salta* – para o carro. Ela está sorrindo. Ela se aproxima do porta malas para pegar alguns mantimentos quando Luke retorna, erguendo suas mãos. Parece que ele está dizendo que ela pare, que ele pegará os mantimentos. Ele aponta para ela, em direção ao seu estômago, e diz algo que a faz rir. Ele pressiona suas mãos contra seu estômago e é quando eu vejo.

É quando eu *vejo*.

Eu pauso a tela.

Eu olho para suas mãos, pressionadas contra seu estômago. Eu olho para o sorriso em seu rosto enquanto ela olha para suas mãos, segurando sua barriga. É pouco perceptível sob sua blusa. Pouco.

"Filho da mãe."

Eu estou congelado. Contando dias, meses, tentando entender isso.

"Filho da mãe."

Eu não sei muito sobre o círculo da vida. A única vez em que engravidei uma garota, eu a obriguei a fazer um aborto porque ela não era Sloan. Mas uma coisa eu sei com certeza... leva-se pelo menos alguns meses para alguém do tamanho de Sloan começar a mostrar.

Alguns meses atrás... era *eu* que estava dentro dela. Era eu que estava fazendo amor com ela à noite.

Luke a teve *uma vez* durante aquele tempo.

Eu a tinha diariamente.

"Filho da mãe," eu digo novamente, sorrindo. Eu não consigo evitar. Meu rosto inteiro se rasga em um enorme sorriso. Eu levanto, precisando de um momento para respirar. Para me recuperar. Pela primeira vez em minha vida sinto como se pudesse desmaiar.

"Putá merda," digo, olhando para o laptop pausado em minha Sloan. "Eu vou ser pai."

Eu sento de novo e passo minhas mãos por meu cabelo. Eu olho para a tela por tanto tempo que ela começa a ficar embaçada.

Eu estou chorando?

Eu limpo meus olhos e é certo, há lágrimas em minhas mãos.

Eu não consigo parar de sorrir. Eu dou zoom em seu estômago e então ergo minha mão em direção à tela. Eu coloco minha mão exatamente sobre a dela, em cima do seu estômago. "Papai ama você," eu sussurro para o nosso bebê. "Papai está chegando."

**NyQuil: Remédio noturno para gripe. Sua fama é de sossega leão. Haha*

Capítulo 51

Dois meses antes

LUKE

Eu destranco a porta do nosso apartamento e espero que Sloan destrave as trancas.

Todas as cinco.

Eu odeio que tenhamos que ser paranoicos. Odeio ligar toda hora para checá-la, mesmo sabendo que ela tem vigilância 24 horas, 7 dias por semana, estacionada do outro lado da rua. Eu odeio que sejamos forçados a nos enconder, ainda que Asa seja monitorado e esteja em prisão domiciliar até o seu julgamento, que irá, sem dúvida, colocá-lo atrás das grades por um tempo.

Eu não sei como os últimos meses afetaram Sloan. Eu tentei convencê-la a procurar um terapeuta, mas ela insiste que está bem. Ou diz que ficará quando Asa estiver atrás das grades.

Não existe possibilidade de que alguém remova um monitor de tornozelo sem notificar a polícia, esse é um pequeno conforto que temos. Se Asa fizer algo estúpido e decidir deixar sua casa, nós saberemos em 90 segundos. Mas não é com Asa que estou preocupado – é com as pessoas que ele tem ao seu lado que farão o trabalho *para* ele.

O sistema judicial neste país é uma merda, para dizer o mínimo. Parece que Sloan é a única sendo punida, simplesmente porque pessoas como Asa são consideradas inocentes até que se prove o contrário em um tribunal. Eu continuo dizendo a mim mesmo que temos sorte que ele esteja em prisão domiciliar. O juiz poderia ter permitido que ele pagasse fiança e ficasse livre até o dia do julgamento.

Nós temos isso ao nosso lado, pelo menos.

Não tinha sido tão ruim até alguns dias atrás, porque ele estava se recuperando de ferimentos à bala no hospital. Mas agora que ele está curado e em casa, com visitantes livres para chegarem e saírem quando quiserem, nós não nos sentimos tão seguros quanto

antes. Eu acrescentei quatro trancas extras na porta ontem para aumentar a proteção.

Nós estamos há duas horas de distância dele agora e ninguém fora do apartamento sabe onde estamos ficando. Eu levo mais de uma hora todos os dias para dirigir de volta para casa, porque pego muitas estradas secundárias, apenas para me certificar de que não estou sendo seguido. É exaustivo. Mas farei o que quer que seja para mantê-la segura, até mesmo andar até a porta da frente de Asa e colocar uma bala em sua testa.

Eu ouço as trancas se abrirem e assim que ela começa a abrir a porta, eu deslizo para dentro e a fecho. Sloan sorri e para na ponta dos dedos para me beijar. Eu envolvo um braço ao redor de sua cintura e a beijo de volta, girando-a para onde eu possa alcançar as trancas e fechá-las. Eu tento não aparentar, porque quanto mais eu me preocupo, mais *ela* se preocupa.

Ela se afasta enquanto fecho a última tranca. Posso ver a faísca de preocupação em seus olhos, então eu a redireciono.

"Cheira bem," eu digo, olhando para a cozinha. "O que você está cozinhando?" Sloan é uma cozinheira incrível. Melhor do que a minha própria mãe, mas não direi isso para ela.

Ela sorri e segura minha mão, puxando-me em direção à cozinha. "Não tenho certeza, para ser honesta," ela diz. "Sopa, mas eu só joguei o que parecia bom." Ela abre a panela e mergulha uma colher dentro, trazendo-a até a minha boca. "Experimente."

Eu provo da colher. "Putá merda. Isso é delicioso."

Ela sorri e coloca a tampa de volta na sopa. "Eu quero que cozinhe por um tempo, portanto, você não pode comê-la ainda."

Eu tiro minhas chaves e celular do bolso e as jogo sobre o balcão. Então me aproximo de Sloan e a seguro, erguendo-a em meus braços. "Eu posso esperar para comer," eu digo enquanto a carrego para o quarto. Eu a coloco gentilmente na cama e engatinho sobre seu corpo. "Você teve um bom dia?" eu pergunto, plantando um beijo em seu pescoço.

Ela acena. "Eu tive uma ideia hoje. No entanto, pode parecer idiota. Eu não sei."

Eu me viro para o meu lado e a olho. "O que é?" Eu coloco minha mão sobre seu estômago e levanto um pouco sua blusa, assim posso tocar sua pele. Eu não me canso dela. Eu não lembro de nenhum momento em minha vida que estivesse com uma garota e não conseguisse parar de tocá-la. Mesmo quando estamos apenas deitados aqui, tendo uma simples conversa, eu estou sempre traçando padrões em seu estômago ou mais acima ou mais abaixo em seus braços, ou tocando seus lábios com meus dedos. Ela parece gostar disso, porque ela está do mesmo jeito e eu *definitivamente* não me importo.

"Você sabe que eu posso muito bem cozinhar qualquer coisa?"

Eu aceno. Ela realmente pode.

"Eu pensei em compilar algumas das minhas melhores receitas e fazer um livro de culinária."

"Sloan, essa é uma ótima ideia."

Ela balança a cabeça. "Eu não terminei." Ela se ergue sobre os cotovelos. "Há tantos livros de culinária inundando o mercado, então quero fazer algo notável. Quero que seja diferente dos outros. Então pensei sobre o fato de que eu aprendi a cozinhar tão bem quando eu era praticamente obrigada a cozinhar todas as noites para Asa. Então pensei que o título poderia ser algo divertido, como, *'Receitas que aprendi a cozinhar enquanto vivia com meu ex-namorado estúpido e controlador.'* E então eu poderia doar metade do lucro para vítimas de violência doméstica."

Eu lhe dou um momento para ter certeza de que ela terminou de compartilhar sua ideia.

Eu honestamente não sei o que pensar. Uma parte de mim quer rir, porque ela está certa, um título como esse seria atraente de um jeito estranho. Mas outra parte de mim encolhe-se por Asa ser a razão pela qual ela cozinha tão bem. Porque ele *era* controlador e ela não tinha escolha. Isso me lembra da primeira vez que eu a levei para almoçar e ela agiu como se nunca tivesse ido a um restaurante antes.

"Você acha que é estupidez," ela diz, deitando novamente sobre seu travesseiro.

Eu balanço minha cabeça. "Sloan, não. Eu não acho." Eu encosto minha mão em sua bochecha, assim ela olhará para mim. "É um título atraente. Faria as pessoas pensarem duas vezes, com certeza. Eu só odeio que seja tão... *preciso*. Seria divertido para mim se fosse uma piada, mas não é. É realmente por causa disso que você cozinha tão bem, e eu odeio aquele filho da puta."

Ela força um sorriso. "Graças a você, essa não é mais a minha vida."

Eu constantemente tenho que lembrá-la de que eu não a salvei. "Graças a *você*, essa não é mais a sua vida."

Ela sorri novamente, mas desde o momento em que eu entrei pela porta, seu sorriso parece forçado. Algo maior a incomoda e eu não sei o que é. Poderia ser apenas o estresse de ficar trancada no apartamento o dia todo. "Você está bem, Sloan?"

Ela espera um momento longo demais para acenar, o que me faz pensar que ela não está bem.

"O que é?"

Ela senta na cama e começa a esquivar-se. "Eu estou bem, Luke. Preciso mexer a sopa."

Eu seguro seu braço para pará-la. Ela fica de pé perto da cama, mas não se vira para olhar para mim.

"Sloan."

Ela suspira com seu corpo inteiro. Eu solto seu braço e me junto a ela perto da cama. "Sloan, ele não pode sair da casa dele, se é isso o que está incomodando você. Nós saberemos se ele o fizer. Sem mencionar a vigilância do lado de fora. Você está segura."

Ela balança a cabeça, indicando que não é isso que a está chateando. Ela não está chorando, mas posso afirmar, pelo pequeno tremor em seu lábio, que ela está prestes a fazê-lo.

"É o seu irmão? Iremos vê-lo este fim de semana. Iremos com uma escolta para garantir que estejamos seguros, e ele ainda tem segurança do lado de fora do quarto." Eu prendo uma mexa de cabelo atrás de sua orelha, querendo que ela saiba que estou aqui. Que ela está segura. Que seu irmão está seguro.

Ela abaixa a cabeça e de algum modo se encolhe ainda mais, segurando seus braços com as mãos.

"Eu acho que posso estar grávida."

Ela não quis ficar no banheiro enquanto esperamos dois minutos pelos resultados. Eu fiquei parado aqui, olhando para a fita do teste. Esperando.

Assim que ela me contou que poderia estar grávida, pareceu que eu tinha fracassado com ela. Como se tudo o que eu fiz para protegê-la tivesse sido por nada. Ela sentou lá, com lágrimas escorrendo pelas bochechas, sua cabeça abaixada e sua voz mal acima de um sussurro, e não havia o que eu pudesse dizer para afastar seu medo. Eu não podia lhe dizer para não se preocupar, porque isso é definitivamente algo com que se preocupar. Nós sabemos fazer conta. Ela esteve com Asa e comigo nos últimos dois meses. As chances de ser meu são ainda menores do que as chances de ser dele, portanto, se eu lhe dissesse para não se preocupar, eu estaria mentindo.

A última coisa que ela precisa neste momento é o estresse de carregar uma parte daquele homem dentro dela. Algo que os ligaria para o resto da vida. A última coisa que ela precisa neste momento é o estresse de cuidar de um bebê, não importa de *quem* ele seja. Os próximos meses são cruciais para a segurança dela. Ela ficará trancada dentro deste apartamento, aguardando o julgamento. Sem mencionar que uma vez que o julgamento comece – se ela estiver grávida – ela terá que testemunhar perante o tribunal perto da época de dar à luz.

Eu inspiro lentamente enquanto olho para o teste. É do tipo que não mostra uma linha. Ele mostra, na realidade, as palavras "não grávida" ou "grávida." Eu fui à farmácia assim que ela me contou. A última coisa que eu quero que ela faça é imaginar. Quanto antes ela souber, mais rápido ela pode decidir o que quer fazer.

Eu espero, minhas mãos passando pelo meu cabelo, meus pés andando de um lado para o outro do pequeno banheiro. Estou olhando na outra direção quando toca o cronômetro do meu telefone, indicando que acabou o tempo.

Eu solto um calmo suspiro e quando me viro e vejo a palavra grávida, eu faço um punho, preparado para socar a parede. A porta. Qualquer coisa. Em vez disso, eu soco o ar e xingo sob a respiração, porque eu sei que terei de sair deste banheiro e partir o coração da garota.

Eu não sei se posso fazer isso.

Eu debato em ficar aqui por mais alguns minutos, até que eu consiga liberar a raiva. Mas eu sei que ela está lá fora, assustada e provavelmente ainda mais nervosa do que eu. Eu abro a porta, mas ela não está no quarto. Eu caminho até a sala de estar e ela está na cozinha, mexendo a sopa de novo. Ela está no fogo por mais de uma hora, então sei que está apenas desperdiçando tempo. Ela me ouve, mas não se vira. Eu entro na cozinha, mas ela não olha para mim. Ela continua mexendo a sopa, esperando que eu dê a notícia para ela.

Eu não consigo. Eu abro minha boca três vezes, mas não consigo encontrar as palavras para lhe contar. Eu seguro a parte de trás do meu pescoço e a observo por um momento, esperando que ela olhe para mim.

Quando ela se recusa a olhar e eu não consigo encontrar as palavras para falar, eu diminuo a distância entre nós. Eu envolvo meus braços ao seu redor e a puxo para o meu peito. Ela para de mexer e segura os meus braços envolvidos ao redor dela. Posso sentir todo o seu corpo começar a tremer com seu soluço baixo. O meu silêncio é toda a confirmação que ela precisava. Tudo o que eu posso fazer é abraçá-la mais forte e beijar seu cabelo.

"Eu amo você, Sloan," eu sussurro.

Ela se vira e pressiona o rosto contra o meu peito enquanto chora. Eu fecho meus olhos e a abraço.

Não é assim que isso deveria ser. *Não* é assim que uma garota deveria se sentir quando descobre que será mãe. E eu me sinto parcialmente responsável por sua tristeza.

Eu sei que teremos tempo para conversar sobre isso mais tarde. Teremos tempo para discutir todas as opções, mas neste momento eu apenas foco nela, porque eu não tenho ideia do quão incrivelmente difícil isso deve ser para ela.

"Eu sinto muito, Luke," ela diz contra o meu peito.

Eu a abraço mais forte, confuso com o porquê ela está se desculpando. "Por que você está dizendo isso? Você não tem nada que pedir desculpas."

Ela levanta a cabeça, balançando-a, olhando para mim. "Você não precisa desse estresse. Você está fazendo tudo o que pode para nos manter seguros e agora eu tornei isso ainda pior." Ela se afasta de mim, pega a maldita colher e começa a mexer novamente. "Eu não vou colocar você nisso," ela diz. "Eu não vou fazer você me assistir carregando um bebê que você nem sabe se é seu ou não. Não é justo com você." Ela larga a colher e pega um guardanapo, passando-o sob seus olhos. Ela se vira e olha para mim, seu rosto cheio de vergonha. "Eu sinto muito. Eu posso..." Ela engole como se as próximas palavras fossem difíceis demais para serem ditas. "Eu posso ligar amanhã e ver o que preciso para... para fazer um aborto."

Eu apenas a encaro, tentando absorver tudo isso.

Ela está se desculpando *comigo*?

Ela acha que eu *sou* o único que ficará estressado com isso?

Eu dou um passo à frente e deslizo minhas mãos em seu cabelo, erguendo seu olhar para o meu. Outra lágrima rola por sua bochecha, então eu a afasto com meu polegar. "Se houvesse uma maneira de descobrir se esse bebê é meu, você ficaria com ele?"

Ela estremece, em seguida dá de ombros. E então ela acena. "É claro que ficaria, Luke. O momento não é dos melhores, mas isso não é culpa do bebê."

Por mais que eu queira envolver meus braços ao redor dela neste segundo, eu continuo segurando seu rosto em minhas mãos. "E se você soubesse agora que esse bebê é do Asa, você ficaria com ele?"

Por um momento, ela não responde. Mas então ela balança a cabeça. "Eu não faria isso com você, Luke. Não seria justo."

"Eu não estou falando de *mim*," eu digo, minha voz firme. "Eu estou falando de *você*. Se você soubesse que esse bebê é do Asa, você iria querer ficar com ele?"

Outra lágrima cai e eu deixo que ela escorra por sua bochecha. "É um bebê, Luke," ela diz baixinho. "É um bebê inocente. Mas como eu disse, eu não faria isso com você."

Eu a puxo para mim e beijo a lateral de sua cabeça, abraçando-a por um momento. Quando eu encontro as palavras que quero dizer para ela, eu me afasto e a forço a olhar para mim de novo. "Eu sou apaixonado por você, Sloan. *Loucamente* apaixonado por você. E esse bebê crescendo aí dentro é *metade* de você. Você tem noção do quão sortudo eu me sentiria se você permitisse que eu amasse algo que é parte de você?" Eu levo minha palma para seu estômago e a descanso lá. "Esse bebê é meu, Sloan. Ele é seu. Ele é *nosso*. E se a sua decisão é criar esse bebê, então eu serei o melhor pai que já passou pela Terra. Eu prometo."

Ela imediatamente leva as mãos ao rosto e começa a chorar. Ela chora mais do que eu já a vi chorar. Eu a seguro e a levo para o nosso quarto, onde a deito sobre a cama novamente. Eu a puxo para mim e espero que suas lágrimas diminuam. Após vários minutos, o quarto está silencioso de novo.

Ela está descansando a cabeça contra o meu peito, seu braço envolvido ao meu redor. "Luke?" Ela ergue a cabeça e olha para mim. "Você é o melhor ser humano que existe. E eu *também* amo você, tanto."

Eu a beijo. Duas vezes. Então viro o rosto para o seu estômago, levanto sua blusa e beijo sua pele. E eu sorrio, porque ela está me dando algo que eu nunca soube que queria. E por mais que eu espere que esse bebê seja meu e não de Asa, pelo bem de Sloan, isso realmente não importa. Isso não irá importar porque esse bebê é parte da única pessoa que amo mais do que qualquer coisa. Quão sortudo eu sou?

Eu me movo para o seu lado de novo e beijo sua bochecha. Ela não está mais chorando. Eu afasto o cabelo de sua testa. "Sloan? Você sabia que pilares de concreto se dissolvem em donuts toda vez que um relógio cai na cabeça de uma tartaruga?"

Ela ri, muito, e seu sorriso é enorme. "Bem, uma vitória não é uma vitória se a sala vazia ficar cheia de meias sujas quando o panetone de Natal estiver estragado."

O nosso bebê terá os pais mais estranhos do mundo inteiro.

Capítulo 52

Dias atuais

ASA

Não tenho certeza se herdei minha inteligência de minha mãe ou meu pai, porque se você me perguntar, eles eram dois imbecis ignorantes.

Eu não conheci meus avós, mas às vezes gosto de imaginar que meu avô por parte de pai, *que descanse em paz*, era muito parecido comigo. Dizem que as coisas passam por gerações, então eu provavelmente pareço muito com ele. Eu provavelmente ajo muito igual a ele. E assim como eu, ele provavelmente está desapontado para caralho que o seu filho – *meu pai* – se transformou em um maldito imbecil.

Ele, no entanto, provavelmente está mais do que orgulhoso de mim, e ele provavelmente é um dos poucos seres humanos, morto ou vivo, que aprecia o quão *genial* eu sou.

Deixe-me explicar.

Tornoeleiras eletrônicas. Elas são impossíveis de serem batidas. Se você as corta, você é preso imediatamente. Os sensores de fibra ótica dentro delas enviarão um sinal imediato assim que elas forem movidas e a polícia aparecerá à sua porta dentro de segundos.

Você não pode deixar a bateria descarregar, ou então a polícia será notificada. Você não pode possivelmente deslizar-las pelo seu pé, porque os pés não se inclinam do jeito que os pulsos fazem, e Deus não levou as tornoeleiras eletrônicas em consideração quando projetou o esqueleto humano, *desgraçado maldito e egoísta*. Você não pode sair do perímetro onde está confinado ou a polícia será notificada. Diabos, você não pode nem ficar bêbado. A maioria dos monitores de tornozelo vem com sensores que testam periodicamente o nível de álcool na sua pele. Não que eu esteja chateado com isso. Eu nunca fui muito necessitado de álcool. Eu gosto, mas consigo viver sem ele.

A menos que você seja um nerd em tecnologia com mais conhecimento do que o nerd em tecnologia que inventou esse monitor filho da mãe, não há,

absolutamente, sem dúvidas, nenhuma maneira de circular por aí sem que a polícia esteja imediatamente no seu pé.

Isso é uma merda, porque conhecendo Luke, ele o preparou para que ele fosse notificado assim que meu monitor indicar que eu deixei minha casa ou assim que ele for movimentado de alguma maneira. De jeito nenhum eu conseguiria sair daqui e ir para a casa deles sem que eles não recebam um monte de avisos prévios. E sim, eu poderia enviar alguém ao apartamento deles para fazer o trabalho para mim, mas onde ficaria a diversão nisso? Que diversão há em assistir uma bala parando no coração de Luke quando eu não estou de pé na frente dele, sentindo o cheiro de pólvora? Que diversão há em fazer Sloan perceber que escolha de vida patética ela fez quando eu não sou a pessoa provando de suas lágrimas enquanto ela chora por misericórdia?

O bom é que eu sou um bom planejador. Eu planejo tudo. Eu levo em conta todos os possíveis cenários e desenvolvo métodos antes mesmo dos eventos ocorrerem. Isso porque sou um gênio filho da mãe. *Assim como o meu velho avô.*

Lembro que quando eu era criança, houve um momento em que pensei que fosse morrer. Eu entrei sorrateiramente no quarto de minha mãe e roubei algumas de suas pílulas. Droga, eu era tão pequeno que ainda não conseguia ler. Eu não tinha ideia do que estava pegando, eu só sabia que queria sentir o que quer que ela sentia. Eu queria sentir qualquer que fosse a sensação que ela amava mais do que seu próprio filho.

Eu acordei algumas horas após tomá-las e os meus tornozelos pareciam malditas bolas de beisebol. As minhas duas pernas estavam inchadas. Antes eu pensava que era porque eu estava morrendo e todo o meu sangue estava se agrupando em meus pés. Mas agora eu sei que era por causa da medicação.

Antidepressivos, comprimidos para dor, bloqueadores dos canais de cálcio. Todos eles causam graves edemas, que foi o que aconteceu comigo quando criança. Eu só não percebia isso naquela época.

Há uns meses atrás, o bicha do Paul me contou que havia uma chance de que eu pudesse ser preso enquanto aguardava pelo julgamento. A maioria dos réus na minha situação receberiam ofertas de fianças,

assim poderiam andar livres por aí, mas com os meus antecedentes criminais, ele estava quase certo de que eu ficaria confinado em minha casa até que o veredicto fosse anunciado no julgamento. Essa é uma das coisas pela qual fico agradecido com o bicha do Paul. O aviso prévio. Isso me deu uma semana inteira para obter e consumir tantas malditas pílulas quanto eu pudesse para garantir alguns bons centímetros em cada tornozelo. Não foi difícil de fazer já que eu estava no hospital, graças àqueles dois merdas que pensaram que seria uma boa ideia *atirar* em mim. Babacas.

Uma vez que a tornozeleira foi anexada, eu tive que continuar com as medicações, assim, as visitas de acompanhamento do oficial de Justiça não levantaria nenhuma bandeira vermelha. O maldito estúpido nunca nem pensou duas vezes sobre o fato de que meus tornozelos e panturrilhas estavam do tamanho de três troncos. Seu nome é Stewart. *Quem na vida real se chama realmente Stewart?* Stewart acha que eu tenho apenas "ossos grandes." Eu me divirto com sua estupidez em cada visita. Eu meio que gosto do cara também, porque ele se sente mal por mim. Ele acha que sou um bom rapaz porque eu rio com suas piadas

sem graça e converso com ele sobre Jesus. Stewart ama Jesus. Eu até fiz que Anthony me trouxesse um crucifixo. Antes da visita de Stewart nesta manhã, eu o pendurei na parede da minha sala de estar, acima da TV de tela plana onde eu assisto horas e mais horas de pornô. Irônico, hein? Quando Stewart viu o Jeus no pauzinho, ele falou sobre isso. Eu lhe disse que foi do meu avô. Disse que ele era um pastor da igreja Batista e que isso ajudava, olhar para aquele crucifixo e saber que vovô estava olhando por mim.

É claro que é mentira. Eu duvido que meu avô alguma vez colocou os pés em uma igreja. E se ele realmente possuiu um crucifixo, ele provavelmente o usou para derrotar pessoas.

Mas Stewart gostou. Disse que ele tinha um quase idêntico a esse, mas não tão grande. Ele também verificou o meu monitor e disse que tudo parecia ótimo e que ele me veria em uma semana. Eu lhe dei um pedaço de bolo de coco antes dele sair.

Agora estou aqui, olhando para a garrafa de hidroclorotiazida em minhas mãos. Eu tenho que ser esperto com isso, porque tomar muito pode baixar

minha pressão sanguínea como uma filha da puta. Mas eu preciso tomar o suficiente para me livrar do edema. O suficiente para criar uma abertura razoável entre mim e a tornozeleira, assim poderei removê-la e colocá-la no pulso de Anthony.

É aí que o gênio aparece. Se uma pessoa realmente consegue remover um monitor sem movimentar as fibras óticas, as chances dele captar são de pequenas a nenhuma. Tornozeleiras eletrônicas são monitoradas periodicamente durante o dia. Configuradas com temporizadores e essas merdas. Então a mudança do meu pé para o pulso de Anthony passará completamente despercebida, desde que a parte real do equipamento não seja adulterada. Eles pensavam que as tornozeleiras eram infalíveis porque elas não são removidas do tornozelo de pessoas com inteligência média.

São com gênios como eu que eles deveriam se preocupar mais. Agora, eu só tenho que ser capaz de confiar que Anthony não vai deixar minha maldita casa ou ingerir qualquer bebida alcoólica até que eu lhe diga que está feito.

Enquanto isso, eu ainda tenho mais planejamento a fazer. Eu abro a garrafa e detono quatro comprimidos. Eu abro o meu laptop e começo a procurar obstetras enquanto faço ligações por duas horas. No momento em que finalmente descubro em qual obstetra Sloan está indo, eu já mijei quatro vezes. A tornozeleira já está começando a ficar frouxa. Eu pensei que isso levaria alguns dias, mas acho que pode acontecer o mais tardar, amanhã de manhã.

A pessoa que atende o telefone me coloca em espera enquanto procura o arquivo que presumo, é um acordo de confidencialidade. Mobilidade de Seguro de Saúde e Lei de Responsabilidade e essas merdas.

"Senhor?" ele pergunta para ver se ainda estou na linha.

"Aqui," eu digo.

"Como você disse que se chamava?"

"Luke," eu digo a ela. "Eu sou o pai."

Rá! Eu rio internamente de todas as piadas de Guerra nas Estrelas que aquele pobre imbecil deve ter aguentado a vida toda.

"Você pode confirmar o seu endereço e data de nascimento?" ela pergunta.

Eu os confirmo. Porque sei as duas coisas. Porque eu sou um gênio. Assim que a minha "identidade" é confirmada, ela diz, "E o que é que você está querendo saber?"

"A data do parto. Estou fazendo um vídeo para a nossa família para anunciar a gravidez e não quero perguntar a Sloan, porque ela vai ficar irritada por eu ter esquecido a data exata do parto. Então espero que você possa me ajudar compartilhando essa informação comigo para me livrar de problemas."

A mulher ri. *Ela gosta que eu seja um homem carinhoso e atencioso, animado com o nascimento do meu filho.* "Parece que a concepção ocorreu em março. A data do parto é... no Natal! Não sei como você pôde esquecer isso, Pai," ela disse com uma risada.

Eu rio também. "É isso mesmo. No Natal. Nosso pequeno milagre. Obrigado por verificar," eu digo a ela.

"Sem problema!"

Eu desligo o telefone e olho o calendário. Sloan ainda estava morando comigo em março.

Luke estava por perto em março. *Muito perto.*

Eu não tenho certeza de quando a lavagem cerebral começou, ou quando ela se entregou para ele. O meu corpo inteiro enrijece com o pensamento. Não posso acreditar que ele transou com ela. *Minha Sloan.*

Não consigo acreditar que ela deixou. Eu não faço ideia se eles usaram camisinha. Eu sei com certeza que aquele desgraçado não usou preservativo quando ele decidiu comê-la na bem na frente de...

Não vou pensar nisso.

Eu não vou permitir que aquelas visões se repitam em minha cabeça. O pior momento da minha vida. Eu continuo dizendo para mim mesmo que foi um pesadelo, que tudo o que eu vi – as palavras que saíram da boca dela, os barulhos que eles fizeram –

foi um pesadelo. Eu fui baleado quatro malditas vezes, eu perdi muito sangue. Isso não pode ter sido real. De jeito nenhum aquela vadia parou na minha frente e permitiu que outro homem enfiasse seu...

Não. Vou. Pensar. Nisso.

Eu me levanto, cheio de raiva renovada. Eu pego a cadeira onde estava sentado e a jogo do outro lado da sala, observando-a colidir contra a parede. Eu corro até a sala de estar e puxo o maldito crucifixo da parede. Eu o espanco contra a TV, rachando a tela.

Isso é bom. Sloan estava comigo quando eu comprei aquela TV. É bom destruí-la. Eu procuro mais alguma coisa para quebrar. Um espelho. Eu corro em sua direção e bato o crucifixo contra ele três vezes até que todo o vidro esteja estilhaçado no chão.

Maldita vadia. Não posso acreditar que você teve a coragem de fazer aquilo na minha frente.

Eu levo o meu crucifixo até o banheiro. Olho para mim mesmo no espelho, me perguntando se aquele bebê dentro dela é meu. Só de saber que existe uma chance de que ele possa nascer parecendo com Luke, me faz

odiá-lo. Saber que podia estar dentro dela quando ele a fodeu bem na minha frente me faz *odiá-lo*.

Eu lanço o crucifixo contra o espelho e o estilhaço mais e mais.

Maldita vadia.

Eu subo as escadas e faço o mesmo com aquele espelho.

Eu nem quero esse maldito bebê. Ele está dentro dela desde março, e não tem como afirmar quantas vezes Luke esteve dentro dela desde então. Ainda que ele *seja* meu bebê, ele já está contaminado. Com certeza os fetos possuem orelhas, e toda vez que Luke fala em voz alta perto de Sloan, aquele bebê provavelmente pensa que a voz nojenta de Luke é de seu pai.

Enquanto Sloan estiver gerando o meu bebê dentro dela, Luke não estará por perto para corromper o meu filho.

Eu vou até cada quarto, encontrando mais coisas para que o meu pequeno Jesus no pauzinho possa destruir.

Lâmpadas? Feito. Vasos? Esmagados. Jesus no pauzinho está com uma raiva da porra.

Maldita vadia.

Maldito bebê.

Maldito *Luke*.

Cada porra de coisa agradável que eu já tive na vida foi destruída por aquele homem. Meu império. O amor da minha vida. Meu possível filho. Tudo o que já significou para mim, agora não significa absolutamente nada por causa dele.

Quando eu volto para a cozinha, eu abro a garrafa e engulo outro comprimido. Quanto mais rápido eu for capaz de tirar esse monitor, mais rápido poderei destruir o que ele está lentamente corrompendo.

Eu serei um bom pai quando eu estiver pronto para ser pai, e será uma criança que não tenha uma única parte daquele pedaço de merda patético.

Essa coisa crescendo dentro de Sloan neste momento, não foi feita com amor. Ainda que seja meu, não foi criado inocentemente. Ela estava permitindo que outro

homem a corrompesse enquanto eu fazia amor com ela à noite. Se eu soubesse disso, meu pau nunca teria estado dentro dela. Eu teria acabado com ela antes que ela tomasse essas decisões estúpidas. Ela não teria um maldito útero capaz de gerar vida se eu soubesse o que ela estava fazendo por trás da porra das minhas costas.

Agora eu só preciso colocar um fim nisso. Eu olho para a proteção de tela do meu computador. É uma captura de tela do momento em que ela colocou suas mãos sobre sua barriga e sorriu para aquela maldita abominação. Eu puxo a cadeira, sento e mudo a proteção de tela. Eu encontro uma foto de Sloan de quando ela ainda era doce. Eu faço dela minha proteção de tela e a encaro, imaginando como ela deixou isso acontecer. Como ela ainda tem a audácia de sorrir quando a vadia nem mesmo sabe de quem é o bebê que está dentro dela?

"Maldita vadia," eu sussurro. Eu olho para o crucifixo em minha mão. "Jesus no pauzinho," eu digo para Ele. "Quer pegar a estrada comigo amanhã? Eu conheço uma garota que tem muito o que se arrepender."

Capítulo 53

SLOAN

Nas duas últimas semanas, eu cozinhei e fotografei vinte e sete refeições. Talvez porque esteja tentando manter minha mente longe do fato de que não posso deixar o apartamento, mas essa ideia do livro de culinária tem dominado completamente os meus pensamentos.

Quando eu não estou pensando sobre a gravidez, é claro. Que é em todos os outros momentos.

Eu não sei o que faria sem Luke. Uma parte de mim acha que ele é bom demais para ser verdade. Que homens como ele não existem realmente e que tudo isso é ilusão da minha parte. Eu vivo com medo constante de que ele só tenha sido colocado em minha vida para que assim eu tenha que aguentar a dor de vê-lo sendo tirado dela. Eu odeio esses pensamentos e tento não pensar neles, mas eu penso.

Constantemente. Eu tenho medo de perdê-lo mais do que tenho medo da morte.

Mas toda tarde quando Luke chega em casa e me envolve em seus braços e pergunta como "nós" estamos, isso reforça completamente sua reivindicação de que esse bebê é dele. Não importa quem é biologicamente responsável pela concepção, Luke o ama, simplesmente por estar dentro de mim. Isso é o suficiente para ele. E de alguma maneira, ele me faz pensar que é o suficiente para mim. Quando eu realmente estou na presença de Luke, eu sinto um senso de dignidade. Eu sinto todas as coisas que Asa arrancou de mim.

Eu não sei se sou tão boa quanto Luke parece ser em perdoar. Ele nem mesmo me fez sentir envergonhada, nem por um segundo. E ele continua a me lembrar do quão sortudo ele é, ainda que eu saiba que é o contrário. Ele sempre redireciona os meus pensamentos quando eu começo a me preocupar com Asa descobrindo sobre a gravidez, ou quanto eu me preocupo com o julgamento que está por vir. Mas quando ele não está aqui, como agora, a única coisa

que consegue redirecionar os meus pensamentos é esse livro de culinária.

Eu estou fazendo lasanha esta noite. Não estou seguindo um tipo de comida específico, como Italiana ou Asiática. Eu estou incluindo todas as minhas comidas favoritas. Estou até incluindo algumas das comidas favoritas de Asa, como seu maldito bolo de coco. Eu gosto que suas receitas favoritas estejam no livro de culinária que vai contra tudo o que ele é como pessoa. Isso soa como uma pequena vingança. Cada dois dólares que esse livro fizer, é um dólar que irá ajudar mulheres que sofreram nas mãos de homens como Asa.

Então, sim, eu estou incluindo seu bolo de coco e seu espaguete estúpido e almôndegas e até seu milk shake estúpido de proteína, que ele costumava me acordar de manhã cedo para preparar para ele. Tanto quanto eu odeio todas as vezes que ele exigiu que eu cozinhasse, pelo menos algo bom resultou disso. Toda essa coisa de livro de culinária é como um enorme dedo do meio para Asa Jackson.

Essa é uma ótima ideia, na verdade. Acho que vou incorporar de algum modo uma pequena mão levantando o dedo do meio em todas as páginas. Um fofo emoji do dedo do meio.

Quando eu termino com as camadas de macarrão e molho, eu ajeito a panela para tirar outra foto. Eu tiro algumas e então a coloco no forno.

"O que está cheirando tão bem?"

Eu agarro o balcão ao som de sua voz.

Bem atrás de mim.

Não. *Não, não, não, não, não, não, não.*

É impossível. A porta ainda está trancada. Todas as janelas estão fechadas por dentro. *Eu estou sonhando, eu estou sonhando, eu estou sonhando.*

Posso sentir que estou lentamente afundando no chão da cozinha quando o meu corpo começa a falhar. Estou ficando em choque. Eu posso senti-lo, *não, não, não.*

Eu estou no chão. Eu deslizo minhas mãos pelo cabelo e contra minhas orelhas, minhas palmas tremendo. Eu tento cobri-las do som de sua voz. Se eu não ouvi-la, não estará lá. Ele não está aqui. *Não está.*

"Jesus, Sloan." Ele está mais perto agora. "Eu pensei que você fosse ficar um pouco mais animada em me ver."

Eu fecho meus olhos bem apertados, mas posso ouvi-lo enquanto ele sobe na bancada próximo a mim. Eu abro meus olhos e vejo seus pés balançando perto do chão enquanto suas pernas pendem ao meu lado. Não há nenhuma tornozeleira eletrônica. Ele quer que eu veja isso. Eu sei como sua mente ferrada funciona.

Como isso está acontecendo?

Onde está o meu telefone?

Eu estou passando mal. Eu me obrigo a respirar para não desmaiar de medo.

"Lasanha, hein?" Ele joga algo em cima do balcão.

"Nunca gostei muito da sua lasanha," ele diz. "Você sempre usou muito molho de tomate."

Eu estou chorando agora. Eu me afasto dele, incapaz de encontrar forças para levantar. Eu continuo me afastando, sabendo que não vou chegar a lugar nenhum, mas esperando chegar de alguma maneira.

"Onde você está indo, baby?" ele pergunta.

Eu tento levantar do chão, mas assim que eu fico de pé pela metade, ele pula da bancada e passa seus braços por trás ao redor de mim. "Vamos ter uma conversinha," ele diz, me levantando sem esforço do chão.

Eu grito de medo e uma mão imediatamente cobre minha boca. "Eu vou precisar que você fique quieta enquanto conversamos," ele diz, me carregando pela sala de estar e seguindo para o quarto. Eu ainda não olhei para ele.

Eu não vou olhar.

Eu me recuso a olhar para ele.

Luke. *Por favor, Luke. Venha para casa, venha para casa, venha para casa.*

Asa me joga na cama e eu imediatamente começo a engatinhar para o outro lado, mas sua mão agarra o meu tornozelo e ele me puxa de volta. Estou de bruços. Eu tento tirar suas mãos de mim. Eu seguro o cobertor, o travesseiro, tudo o que minha mão consegue tocar, mas minha força pouco faz para me defender dele. No que parece câmera lenta, ele me vira de costas e imobiliza minhas mãos com seus joelhos enquanto monta em mim. Ele está sentado em cima de mim, colocando pressão contra o meu estômago, e é aí que sei que ele sabe. Não é algo que eu possa esconder a essa altura.

É por isso que ele está aqui.

Eu sinto seus dedos pressionarem contra minhas pálpebras e ele as obriga a se abrir. Quando eu vejo seu rosto, ele está sorrindo. "Ei, linda," ele diz. "É grosseiro não fazer contato visual com alguém quando eles estão tendo uma conversa séria com você."

Ele é insano. E não há nada que eu possa fazer para me proteger. Nada que eu possa fazer para proteger o meu bebê.

Eu tenho ânsia de vômito com minhas lágrimas. Apesar do fato dele ter me imobilizado na cama, completamente à sua mercê, eu de algum jeito ainda tenho pensamentos lúcidos que passam pela minha cabeça. Neste momento, neste segundo, estou pensando em como minha vida pode significar tanto para mim. Como o pensamento de morte me enche de tanto medo, quando, há alguns meses, eu honestamente não teria me importado. Eu costumava orar para que Asa simplesmente me matasse e me tirasse da minha miséria. Isso foi quando eu não tinha nada pelo que viver.

Agora eu tenho tudo pelo que viver.

Tudo.

As lágrimas descem dos meus olhos para o meu cabelo. Ele olha as lágrimas escorrendo pelo meu rosto e então se inclina, trazendo o seu rosto para o meu. Ele move sua boca para a minha têmpora e eu

sinto sua língua enquanto ela traça algumas lágrimas. Quando ele se afasta, seu sorriso some.

"Eu pensei que elas tivessem um gosto diferente," ele sussurra.

Eu começo a soluçar. Minha pulsação ficou tão rápida, é uma batida constante agora. Ou talvez tenha parado completamente. Eu fecho meus olhos novamente.

"Esqueça isso, Asa," eu sussurro. "Por favor."

Um pouco da pressão no meu estômago diminui, como se ele tivesse se reajustando em cima de mim. Então eu o sinto levantar minha blusa e pressionar a mão sobre o meu estômago. "Parabéns," ele diz. "É meu?"

Eu mantenho meus olhos fechados e me recuso a respondê-lo. Ele esfrega sua mão sobre o meu estômago por vários segundos. Eu sinto ele se aproximar de novo e sua boca está em minha orelha. "Você está se perguntando como *diabos* eu entrei no seu apartamento?"

Eu estava, mas agora estou me perguntando como diabos posso colocá-lo para fora.

"Você lembra nesta manhã quando o seu bom amigo, Luke, deixou o cara da manutenção entrar para trocar o filtro do ar condicionado?

O cara da manutenção? O quê? Não, isso não é possível. Luke pediu sua identificação. Verificou sua identidade com o gerente. Nós conhecemos todos que trabalham nesta propriedade, e aquele homem tem trabalhado aqui por mais de dois anos.

"Ele me fez um pequeno favor e destrancou a janela enquanto Luke estava de costas. Você sabe por quanto ele fez isso? Dois mil. Nenhuma pergunta feita. Ele sabia que você estava aqui, sabia que você estava grávida, e sabia que eu tinha algo terrível planejado, senão, por que eu lhe pagaria dois mil para fingir que ele estava fazendo mudanças habituais no filtro? Ele não se *importou*, Sloan. Dois mil é tudo o que ele precisava e então ele foi embora, sem fazer perguntas."

Eu estou passando mal.

Doente.

Humanos são doentes.

Se aquele homem soubesse do que Asa é capaz, ele nunca teria feito isso. Ele nunca teria destrancado a janela. Ele provavelmente pensou que Asa estava entrando para roubar a TV.

É possível que eu esteja chorando ainda mais agora, desapontada que a humanidade não consiga viver com o mínimo de moral.

"O seu amiguinho da vigilância lá fora nunca nem me viu, porque, infelizmente, Luke não acha que você seja digna de dinheiro para contratar segurança para cada ponto da entrada deste apartamento. Ele realmente acha que eu sou estúpido o suficiente para entrar pela porra da porta da frente?"

Quanto mais ele fala, menos eu ouço. De alguma maneira, meu medo está me entorpecendo. Eu não consigo mais sentir o meu corpo. Eu não consigo mais sentir Asa em cima de mim.

Eu lentamente paro de sentir qualquer coisa.

Mas minha mente não está me ajudando. Eu ainda estou consciente.

Estou consciente do fato de que ele está removendo minhas roupas. Peça por peça.

Estou consciente do fato de que sua língua está na minha boca.

Estou consciente do fato de que ele está fazendo essas coisas comigo, na cama que divido com Luke, no apartamento que eu, ingenuamente, pensei que fosse seguro.

Estou consciente do fato de que ele está dentro de mim agora.

Eu não posso senti-lo.

Eu não posso vê-lo.

Mas eu sei.

Eu estou consciente.

Eu estou consciente de que essa é a minha morte. É assim como a minha merda, desprezível piada de vida vai terminar. É assim como a vida do meu bebê vai terminar, porque eu não conseguiria fazer o suficiente para nos proteger.

Eu não merecia Luke. Se eu merecesse, isso não estaria acontecendo. Luke foi colocado em minha vida para que assim, quando eu passasse por essa experiência, ela machucasse infinitamente mais para eu saber o que estava perdendo.

Não tenho certeza do que fiz a Deus para merecer isso. Mas para Asa estar aqui, neste momento, fazendo essas coisas comigo, eu devo ter feito algo terrível nesta vida. Ou na vida passada.

Eu mereço isso. Tenho certeza que mereço.

Eu sufoco com minhas lágrimas, eu sufoco com sua língua.

Eu estou consciente, e essa é a última coisa que quero estar neste momento. *Eu preferiria estar morta.*

Capítulo 54

ASA

"Isso foi diferente."

Eu ainda estou arfando, me recuperando daquele momento não planejado entre nós. Eu saio de dentro dela e desabo.

Ela nunca nem tentou me parar. Ela simplesmente me deixou fodê-la e nunca nem disse não.

Maldita vadia.

Era melhor quando eu sabia que eu era o único que já tinha estado dentro dela. Mas, a esta altura, toda vez que eu empurrava dentro dela eu sentia que a compartilhava. Saber que Luke sabe como é ser uma parte dela me fez querer colocar minhas mãos ao redor de sua garganta e tirar as duas vidas de dentro dela. Eu provavelmente o teria feito se ela tivesse começado uma briga, mas ela não o fez.

Ela sente falta de mim. Qualquer outra mulher no mundo teria feito o que quer que pudesse para me

afastar dela, mas Sloan não. Ela sabe o lugar a que ela pertence. Debaixo de mim. Ao meu redor.

Eu deito perto dela e me apoio sobre o meu cotovelo. Ela ainda está com os olhos fechados e está tremendo. Eu não sei se é porque ela está assustada ou porque eu a deixei perto de um orgasmo. Provavelmente as duas coisas.

Eu odeio que ela ainda seja tão bonita quanto ela era quando era inocente. Aquele mesmo cabelo escuro brilhante, longo o suficiente para cobrir os seus seios. Aqueles mesmos lábios doces e macios que costumavam pertencer unicamente a mim e ao meu corpo. Eu arrasto meu dedo pelo seu estômago, sobre a pequena protuberância e então coloco minha mão entre as suas pernas. Eu suspiro enquanto olho para ela. Eu sinto tanta falta dela. Eu a odeio tanto, mas eu sinto sua falta.

"Olhe para mim, Sloan."

Ela resmunga e tenta sufocar outro soluço.

"Sloan, *olhe* para mim."

Ela olha, lentamente. Ela abre seus olhos cheios de lágrimas e inclina sua cabeça o suficiente para fazer contato visual comigo.

"Eu sinto a sua falta, baby." Eu esfrego minha mão entre as suas pernas enquanto falo com ela, lembrando-a de como eu costumava fazê-la se sentir. Talvez se ela se lembrar de como éramos bons juntos, nós poderíamos de alguma forma voltar àquilo. "Eu sinto falta de me envolver ao seu redor à noite enquanto você dormia. Você tem noção do quão solitária está a nossa casa, Sloan? Está uma solidão da porra sem você lá. Eu *odeio* isso."

Ela fecha seus olhos novamente. Eu sorrio, porque sei o quão difícil é para ela mantê-los abertos quando eu a faço sentir coisas com minhas mãos. Eu amava assisti-la se erguendo até que seus olhos se fechassem e ela gritasse o meu nome. Eu deslizo um dedo dentro dela e assim como eu esperava, ela fecha os olhos ainda mais apertados.

Eu dou um beijo suave em seus lábios. "Eu pensei que tinha superado você," eu digo, pensando no ontem. Na

fúria de raiva que descontei no Jesus no pauzinho. "Eu odiei você, Sloan. Eu não gosto de odiar você, baby."

Ela suga uma longa lufada de ar, e minha boca está tão perto da dela que ela rouba um pouco da minha respiração. Eu lhe dou mais. Eu pressiono minha boca na dela e a beijo, preenchendo sua boca com a minha língua. Assim como quando eu estava dentro dela momentos antes, ela se recusa a me beijar de volta.

"Sloan," eu sussurro, arrastando meus lábios contra os dela. "Baby, eu preciso que você me beije de volta. Eu preciso saber se eu ainda significo alguma coisa para você." Eu continuo paciente, ainda tocando-a, observando-a. Ela finalmente abre seus olhos. Uma lágrima enorme, maior do que as outras, rola por seu rosto.

E então ela se lembra. Ela levanta a cabeça, partindo os seus lábios para mim.

Ela lembra o quanto eu já fiz por ela. Ela lembra o quanto eu a amei. Do quão *forte* eu a amei. Quando sua língua desliza contra a minha, eu quero chorar. Meu peito se enche de fogo e se eu não estiver dentro

dela de novo, receio que entrarei em uma maldita combustão espontânea.

"Baby, eu senti tanto a sua falta," eu digo a ela. Mas então eu me calo, porque ela está me beijando como ela costumava me beijar antes de se corrompida. Ela está me beijando do jeito que ela me beijou naquela primeira noite no beco quando minha boca foi a primeira que lhe apresentou o beijo.

Ela está se movendo agora, erguendo seus braços, esfregando suas mãos em meu pescoço. Seus dedos deslizam pelo meu cabelo e eu precisava tanto disso. O risco de remover a tornozeleira valeu a pena. Valeu tanto. Eu sei que vim até aqui com diferentes intenções, mas isso porque eu estava com raiva. Luke me faz sentir tanto ódio, faz com que eu confunda o que eu sinto por ele e o que eu sinto por Sloan. Isso me fez pensar que ela era má, mas ela não é.

Ela é uma vítima.

Ela é simplesmente vítima de Luke e só precisava de mim para lembrá-la o quão diferente é ser abraçada

por mim. Ela precisava me sentir dentro dela para lembrá-la que ela está sofrendo lavagem cerebral para esquecer-se de mim. Mas ela não esqueceu.

Ela lembra.

"Asa," ela sussurra, dizendo meu nome com desejo.

"Asa, eu sinto muito."

Eu me afasto, chocado de que ainda consiga falar quando eu preciso tanto dela que mal posso respirar. "Baby, não sinta," eu digo, afastando o cabelo de seu rosto. "Está tudo bem. Nós vamos superar isso. Ele fez você me odiar, e por um momento ele me fez odiar você. Mas nós não somos assim, Sloan. Você não me odeia, Sloan."

Ela balança a cabeça. "Eu não odeio, Asa. Eu não odeio você."

Eu posso ver o pedido de desculpa por todo o seu rosto. Eu posso sentir o arrependimento em suas palavras e nas lágrimas que ainda estão caindo.

"Eu amo você," ela diz, me matando completamente com a porra daquelas três palavras. "Me desculpe por tudo. Eu sinto tanto a sua falta"

Eu a beijo novamente, e então deslizo sobre ela, porque aquelas três palavras já deixaram o meu pau tão duro que não consigo pensar direito. Eu empurro dentro dela e ela arfa por mais ar. Eu vou devagar desta vez. Eu não fodo como fiz minutos atrás, porque isso foi quando eu pensei que a odiava.

Eu a beijo, e sou gentil com ela, porque ela tem passado por tanta coisa. Eu faço amor com ela e observo seu rosto o tempo inteiro porque eu a amo. Ela é a única coisa boa que já aconteceu comigo e de alguma forma, eu quase me esqueci disso. "Eu estava errado, baby," eu digo para ela. "Não é diferente. É exatamente como costumava ser. Você é perfeita."

Ela força um sorriso, mas é difícil para ela porque isso é intenso para caralho. Estar reunido com ela desse jeito, sentir suas mãos nas minhas e o modo como suas pernas se envolvem ao meu redor, me querendo mais profundamente dentro dela. É o sentimento mais

intenso que eu já tive. Quase faz com que os últimos meses tenham valido a pena.

Isso é o céu. Esse é o pedido de desculpa de Deus.

"Eu perdoo você," eu sussurro, e não tenho certeza se estou perdooando Sloan ou se estou perdooando Deus. Talvez esteja perdooando os dois, porque isso vale todo o perdão do mundo. Ela está tão boa neste momento, que posso considerar perdoar Luke.

Okay, isso não é verdade. Eu nunca vou perdoar aquele pedaço de merda. Mas vou me preocupar com ele mais tarde. Neste momento, estou preocupado com o amor da minha vida, lembrando cada curva do seu corpo, cada curva *dentro* do seu corpo.

Eu tento fazer com que dure, fazer amor com ela do jeito que ela merece, mas eu senti tanta falta de estar dentro dela, que mal consigo me segurar pela segunda vez. Eu pressiono meu rosto contra seu pescoço e espero por seus gemidos. Ela sempre geme quando eu me descarrego dentro dela.

Assim que aquele som precioso desliza até sua garganta, eu perco o controle.

"Porra," eu digo, penetrando forte uma vez. Duas vezes. "Eu amo você, Sloan. Eu *amo* você para caralho, baby, *puta que pariu*."

São os melhores malditos trinta segundos da minha vida.

Ela ainda está segurando em mim quando eu termino. Ela está tremendo. Eu amo fazer todo o seu corpo tremer com o meu. Eu amo isso. Eu *a* amo.

"Não me deixe de novo, Sloan," eu digo baixinho. Eu rolo para o meu lado e a puxo contra mim. Eu mal consigo descrever isso. Eu pensei que a amava antes, mas nada se compara a esse momento, a intensidade correndo pelas minhas malditas veias. Meu coração bate por ela. Ela é o motivo pelo qual meu coração ainda bate, e eu não sei se percebia isso como percebo agora. "Não me deixe de novo. Se você quebrar sua promessa novamente eu não sei se posso ser capaz de perdoar."

Talvez pareça tão diferente porque eu amo mais do que apenas Sloan agora. Eu amo o que está crescendo dentro dela. A sensação que tive quando eu estive dentro dela foi mais do que eu sabia que fosse

capaz de sentir, e acho que não percebi, até este momento, que há mais dela para amar. Existe ela e o pequenino pedaço de céu que nós criamos juntos, crescendo dentro de seu corpo. E *foda-se* Luke. Luke não seria capaz de criar uma vida que vai nascer na porra do *dia* do Natal.

Eu sei que criei esse bebê com ela porque eu não me sentiria dessa maneira se ele fosse filho de Luke. Essa sensação é Deus, me avisando que uma parte de mim está dentro de Sloan, e que eu preciso fazer o que puder para protegê-los de Luke.

Eu pressiono minha bochecha sobre o estômago de Sloan. Eu descanso minha palma contra sua pele e fecho meus olhos, mas as lágrimas ainda vêm. Não consigo acreditar que estou chorando neste momento. *Que porra é essa?* Perceber que você é pai instantaneamente transforma homens e bichas?

Eu a aperto forte e beijo o meu bebê. Eu a beijo de novo e de novo. Seu estômago está tão lindo, e eu sei que a vida que criamos juntos será linda, assim como Sloan. Ela passa sua mão pelo meu cabelo, e as

próximas palavras que ela sussurra para mim nunca deixarão a minha alma. Nunca.

"Você vai ser Papai, Asa."

Eu choro e continuo chorando, em seguida estou em cima dela novamente, beijado-a. Eu não consigo me cansar dela. "Você é tão linda, baby. Você é tão linda. Se eu soubesse o quão linda a gravidez deixaria você, eu teria mexido nos seus anticoncepcionais muito antes."

Eu a sinto congelar por um segundo e isso me faz rir. Eu me afasto e olho para ela, mas ela me lança um sorriso sem entusiasmo. "O quê?" Ela diz. Sua voz falha um pouco. Isso é tão fofo.

Eu rio e a beijo de novo. "Você não pode ficar irritada comigo, Sloan." Eu coloco uma mão sobre seu estômago e olho para ela. "Eu fiz isso por nós. Assim você não me deixaria." Por alguma razão, ela ainda está chorando. Mas eu também estou. Eu rio novamente, afastando algumas de suas lágrimas. "E agora, olhe para nós. Nós passamos por um maldito inferno, mas olhe para nós. Vamos ter um bebê." Eu me inclino em cima dela de novo. Eu a beijo. Lenta,

profunda, promissivamente. Quando eu me afasto, eu deixo meus lábios pressionados levemente contra os dela. "Você não vai me deixar de novo, Sloan. Não com esse bebê dentro de você. Certo?"

Ela imediatamente balança a cabeça. "Eu não vou, Asa. Eu prometo. Eu amo você. Eu nunca vou deixar você."

Eu não tenho ideia de como isso aconteceu pela terceira vez, mas ouvir aquelas palavras me fez ficar duro novamente. Eu já estou em cima dela e mal tenho que me mover para dentro dela. Eu fecho os meus olhos. Eu afasto as lágrimas de sua bochecha com um beijo. E eu me movo dentro dela, lentamente, de novo e de novo, precisando compensar todas as noites que estivemos separados. Posso sentir o suor deslizando pela minha testa. Posso sentir o meu coração à medida que ele aumenta suas batidas contra as paredes do meu peito. O meu corpo inteiro está exausto porque a nossa terceira vez juntos dura por tanto tempo que eu começo a ficar fraco. Mas eu poderia fazer amor com ela desse jeito para sempre. E eu farei.

Para sempre.

Capítulo 55

SLOAN

Houve um momento.

Foi uma fração de segundo, quase tão rápida para ser notada. Foi exatamente quando Asa se afastou e olhou para mim, implorando que eu o beijasse de volta. Foi um momento de desespero. *Eu tirei vantagem disso.*

Eu sei que se eu lutar contra ele neste momento, eu não conseguirei vencer. Lutar é o que cada parte da minha alma está gritando para que eu faça. Ela está gritando para que eu lute, que eu defenda a mim mesma, durante todo o tempo que Asa tem estado dentro deste apartamento. Eu nem mesmo sei se já faz uma hora que ele está aqui, mas parece uma eternidade. Eu consigo sentir minha alma, arranhando o meu interior, implorando para ser libertada dessa casca patética de um corpo onde tem estado presa desde o dia em que nasci.

Mas este é o momento em que minha alma e eu precisamos finalmente nos tornar uma só. Este é o momento em que meu corpo precisa se alinhar com o restante de mim, acalmar os nervos, proteger o bebê que está crescendo dentro dele, preservar nossas vidas tanto quanto ele possivelmente pode. E a única maneira disso acontecer é se eu der este corpo para Asa.

Isso é tudo o que estou fazendo. É apenas um corpo. Minha alma ainda está forte. Está lutando da única maneira que ela sabe. Mas o meu corpo precisa abrir mão... apenas o suficiente para me salvar.

Eu digo o que ele precisa ouvir. Eu o toco como se ele precisasse ser tocado. Eu faço os barulhos que pratiquei para serem feitos para ele. Eu falo as mentiras que treinei para serem ditas para ele.

Eu fingi amá-lo por dois anos. *O que é mais um dia?*

Finalmente, depois que ele termina... *de novo...* eu sinto. A sensação de paz. Uma calma silenciosa, indicando que minha alma, meu corpo, minha mente e minha perseverança estão todas juntas em harmonia. Nós vamos lutar contra Asa com a única arma mais

forte do que a dele. *Nós vamos lutar contra ele com o amor.*

Ele deita ao meu lado novamente e me puxa, assim eu o encaro. Eu sorrio e seguro sua bochecha com minha mão. "E agora?" Eu lhe pergunto, acariciando seu rosto com dedos que eu de alguma maneira convenci a pararem de tremer. "Como nós sairemos dessa merda, Asa? Eu não posso perder você de novo."

Ele segura minha mão e a beija. "Nós nos vestimos e saímos pela porta da frente, Sloan. Simples assim. E então vamos para algum lugar... qualquer lugar. Vamos para longe daqui."

Eu aceno, absorvendo tudo o que ele acabou de dizer.

Asa é realmente estúpido, mas de alguma maneira, ele é também uma das pessoas mais inteligentes que eu já conheci. Eu sempre tive que tentar ficar um passo à frente dele. Isso não é diferente. Cada movimento que ele faz aqui é um teste. Eu analiso suas palavras e as reviro em minha cabeça.

Ele sabe que não podemos sair pela porta da frente. Ele sabe da vigilância. Foi por isso que ele chegou pela janela.

Eu balanço minha cabeça. "Asa, você não pode sair pela porta da frente," eu digo, obrigando a mim mesma a soar preocupada com ele. "Luke me colocou sob vigilância. Se alguém lá fora me vir com você, eles ligarão para Luke."

Asa ri.

Isso foi um teste.

Ele se inclina e me beija na testa. "Nós saímos pela janela então."

"Eu preciso fazer uma mala primeiro." Eu começo a levantar, mas ele me puxa de volta.

"Eu farei a mala para você," ele diz. "Não saia da maldita cama."

Ele levanta e olha ao redor do quarto. Eu consigo ver as veias salientes em seu pescoço enquanto ele

repara em todas as coisas de Luke. Eu tento distraí-lo de sua própria raiva.

"Há uma bolsa na parte de cima do closet." Eu aponto em direção ao closet e vejo seus olhos enquanto eles analisam a distância entre a cama e a sala de estar. Ele anda em direção ao closet e bate a porta do quarto ao passar. Seu jeito de me avisar que é melhor que eu não tente correr.

Eu examino minha postura física na cama e percebo que parece que estou preparada para saltar a qualquer segundo. Eu não estou sendo convincente o suficiente.

Eu deito de costas no meu travesseiro e tento parecer relaxada. Ele sai do closet e me observa, sorrindo presunçosamente. Ele gosta do fato de que eu não tentei fugir. Ele está baixando a sua própria guarda.

"Tão linda, amor," ele diz, jogando a bolsa na cama. "O que você quer que eu empacote?" Ele olha ao redor. Seus olhos pousam na cômoda – na minha foto com Luke. Eu a revelei há uma semana e emoldurei. Eu consigo ver o movimento na garganta de Asa. "Com licença por um segundo," ele diz, caminhando em direção à porta do quarto.

"Onde você está indo?" eu pergunto, sentando na cama. Ele abre a porta e caminha para a sala de estar.

"Eu deixei o Jesus no pauzinho perto da janela. Eu preciso Dele."

Que porra é essa?

Ele está de volta antes que eu consiga processar o que ele disse, e ele está segurando algo em sua mão.

"Isso é um crucifixo?"

Que diabos?

Ele sorri com um aceno, e então leva o crucifixo acima de sua cabeça com as duas mãos, e em seguida o abaixa novamente, bem em cima da foto emoldurada na cômoda. Eu me encolho com o primeiro golpe, mas ele espanca a cruz contra a moldura, de novo e de novo, até que ela esteja em uma dúzia de pedacinhos.

Eu estou *absolutamente* aterrorizada. Mas eu me obrigo a rir. Eu não sei como. Cada parte de mim quer gritar de terror neste momento, mas eu sei que essa é a última coisa que eu preciso fazer. Eu estou interpretando um papel, e esse personagem precisa rir

para Asa, porque ele precisa saber que eu não tenho sentimentos por aquele retrato.

Ele olha para mim e aprecia o sorriso em meu rosto. Ele sorri de orelha a orelha, então eu aponto para a mesinha de cabeceira. "Tem uma lá também."

Seu olhar se move para o outro porta-retrato e ele desliza pelo quarto. Ele balança o crucifixo como se fosse um bastão, lançando a foto do criado-mudo direto para a parede. Mesmo sabendo o que estava por vir, eu ainda assim me encolho. Eu me encolho com a quantidade de ódio que ele sente por Luke.

Durante todo o tempo, eu estive orando para que Luke miraculosamente viesse para casa cedo. Mas agora eu estou rezando para que ele não venha, porque não estou certa de que algum homem possa confrontar a pessoa que Asa é neste momento. Ele está completamente louco. Ele está vazio de compaixão, de empatia. Ele está delirante. Ele é perigoso. Eu preferiria colocar Asa para fora deste apartamento e ser forçada a acompanhá-lo do que tê-lo aqui quando Luke retornar para casa.

Asa olha ao redor da sala. Quando ele parece não ver mais nada que possa torná-lo vingativo, ele joga o crucifixo na cama. "Quando Luke chega em casa?" ele pergunta.

Ele sabe quando Luke chega em casa.

Eu poderia mentir e dizer que ele chegaria a qualquer momento, mas se Asa de algum jeito sabia o nosso endereço, então ele muito provavelmente já conhece todos os nossos movimentos. Ele sabe que Luke chega em casa às 6:00 todas as noites.

"Seis," eu digo a ele.

Ele acena. Ele puxa o telefone do bolso e olha a hora. "Vai ser uma longa espera," ele diz. "O que você quer fazer pelas próximas horas?"

Espera... o quê?

"Nós iremos *esperar* por ele?"

Ele deita na cama perto de mim. "É claro que iremos, Sloan. Eu não vim até aqui para pegar minha garota de volta e não me vingar do desgraçado que a roubou de mim."

Ele de alguma forma diz isso com um sorriso no rosto.

Mais uma vez, eu engulo o meu medo. "Nós podemos comer lasanha. Se eu não tirá-la do forno nos próximos dois minutos, ela não será comestível."

Asa se inclina sobre mim e dá um beijo em minha boca, fazendo um estalo alto quando ele se afasta. "Genial, babe." Ele sai rapidamente da cama e me levanta. "Eu estou faminto. Pode colocar suas roupas de volta se você quiser."

Ele solta minhas mãos e caminha até o banheiro. Ele deixa a porta aberta e me observa durante todo o tempo que ele fica parado perto do vaso sanitário. Eu coloco minhas roupas de volta, tentando parar minhas mãos da visível tremedeira. Ele dá descarga no vaso e caminha de volta para o quarto, indo em direção à sala de estar. "Eu só estava brincando mais cedo," ele diz. "Eu não odeio a sua lasanha. Eu me sinto muito mal por dizer aquilo, eu só estava chateado com você."

Eu ando em direção a ele e paro na ponta dos dedos para beijá-lo na bochecha. "Eu sei, baby. Todos nós dizemos coisas que não queremos quando estamos irritados."

Eu caminho para a cozinha. A lasanha está no forno mais tempo do que eu pretendia que ela ficasse, mas acho que ainda não está queimada. Ela simplesmente não dará fotos muito boas para o livro de culinária."

Eu rio assim que penso nisso.

Sério? Minha vida está em perigo e eu estou pensando em um estúpido livro de culinária?

Eu ando em direção à cozinha, mas Asa não está longe de mim. Tenho certeza de que ele está nos meus calcanhares, porque não está convencido de que eu não irei pegar uma faca. Ele é esperto, porque se ele não estivesse a um passo atrás de mim, eu iria absolutamente pegar uma. Eu recolho as caixas vazias dos ingredientes espalhadas pela bancada e as jogo na lixeira, mas assim que o faço, vejo que não há nenhum saco de lixo forrando a lata.

Isso é porque eu tirei o lixo da lata.

Eu olho para o saco de lixo, amarrado no topo, pousado perto da lixeira vazia.

Eu olho para a lata de lixo vazia.

Minha pulsação começa a acelerar e eu faço tudo o que posso para escondê-la.

Eu esqueci a porra do lixo!

Calma, calma, calma. Eu pego uma luva e abro a porta do forno. Eu coloco a panela de lasanha em cima do fogão. Asa se aproxima do meu ombro e abre um armário para pegar dois pratos. Ele beija o topo da minha cabeça durante o processo. Ele pega a espátula e corta a lasanha, se recusando a acrescentar uma faca na equação. Durante todo o tempo que ele corta a lasanha, eu estou olhando para a lixeira vazia.

Eu não coloquei o lixo para fora.

Capítulo 56

LUKE

Eu olho para o meu telefone de novo.

"Você não está escutando," Ryan diz, levando minha atenção de volta para ele.

"Eu estou escutando." Eu coloco meu telefone na mesa com a tela para cima. Eu o encaro e finjo estar ouvindo Ryan, mas está certo. Eu não estou.

"Que diabos, Luke?" ele estala seus dedos. "Que porra está acontecendo com você?"

Eu balanço minha cabeça. "Nada, é só que..." Eu nem quero dizer isso em voz alta, porque vou parecer um idiota. As medidas que Sloan e eu tomamos apenas para nos sentirmos seguros são ridículas até mesmo para os meus padrões. "Passou cinco minutos."

Ryan se encosta em seu assento e toma um gole de sua bebida. Nós estamos em uma pizzaria há apenas alguns quilômetros do meu apartamento, discutindo o que sempre discutimos quando nos encontramos. O

caso de Asa. Ele irá a julgamento daqui a alguns meses e eu ficarei surpreso se não fizermos tudo o pudermos para acabar com isso de uma vez por todas. Quanto mais tempo ele for julgado e quanto mais ele for condenado, melhor Sloan ficará.

"Passou cinco minutos do quê?" Ryan pergunta.

"Meio-dia. *Seis* agora." Eu olho para o meu telefone. São 12:06 e Sloan ainda não tirou o lixo.

Ryan se inclina. "Por favor, elabore, porque você está começando a me irritar com o quão *não presente* você tem estado em nossa conversa."

"O cara que faz a vigilância durante o dia... Thomas... ele sempre me envia uma mensagem exatamente ao meio-dia para me avisar que Sloan tirou o lixo. Ela coloca o lixo para fora todos os dias ao meio-dia, assim saberei que está tudo bem."

Eu pego meu telefone e começo a escrever uma mensagem para Thomas.

"Por que você simplesmente não liga e se informa?" Ryan pergunta, como se essa fosse a resposta mais óbvia.

"Isso é proteção extra. Se alguma coisa acontecer e alguém estiver com ele, eles poderiam forçá-la a atender o telefone e fingir que está tudo bem. Nós fazendo outras coisas além de ligações telefônicas por segurança extra."

Ryan olha para mim por um momento depois que eu envio a mensagem. Eu sei que ele pensa que estou sendo excessivamente paranoico neste momento, mas ele certamente não pode me culpar. Asa é um maldito psicopata e imprevisível. Não sei se alguém, algum dia, poderia ficar seguro no que diz respeito a ele.

"Isso é realmente genial," Ryan diz.

"Eu sei," eu digo, me preparando para discar o número de Sloan. "Foi ideia dela. E até agora, ela nunca falhou um único dia. Ela coloca o lixo para fora como um relógio." Eu trago o meu telefone ao ouvido e espero enquanto ele toca. Ela nunca deixou de atender o telefone dela.

Eu aguardo.

Ela não atende o telefone. Assim que cai na caixa de mensagens, eu recebo uma mensagem do cara da vigilância.

Ainda aguardando. O lixo ainda não foi tirado.

Meu maldito coração despenca em direção ao chão. Ryan percebe. Ele levanta ao mesmo tempo que eu. "Vou pedir reforço," ele diz, jogando dinheiro sobre a mesa. Eu já estou do lado de fora antes que eu consiga responder. Estou no meu carro. Eu estou xingando o tráfego e buzinando e fazendo tudo o que eu posso para chegar lá.

Quatro minutos.

Quatro malditos excruciantes minutos.

Esse é o tempo que vou levar para chegar lá.

Eu disco um número e aperto em enviar no meu telefone.

"Sim?" ele diz.

"Já foi tirado? Ela já colocou a porra do lixo para fora?"
Eu estou tentando manter a calma, mas não consigo.

"Ainda não, cara."

Eu bato meu punho no volante. "Alguém passou pela porta da frente hoje?" Eu estou berrando as minhas palavras, não importa o quanto eu esteja tentando ficar calmo.

"Não. Não desde que você saiu nesta manhã."

"Dê a volta!" eu grito. "Verifique as janelas!"

Ele não diz nada.

"Agora! Verifique as janelas enquanto estou no telefone com você!"

Ele pigarreia. "Você me contratou para a vigilância. Eu nem tenho uma arma, cara. De jeito nenhum eu irei lá se isso deixou você assim tão preocupado."

Eu aperto mais o meu telefone em minha mão e grito com ele. "Você está *BRINCANDO COMIGO?*"

A ligação fica muda.

"Maldito filho da puta!"

Eu piso no acelerador e ultrapasso um sinal vermelho. Estou a duas quadras agora.

Estou quase chegando ao cruzamento quando acontece.

O meu corpo inteiro sacode com o impacto. Eu vi o caminhão pelo canto dos meus olhos, e então não vi mais nada. Meu airbag foi acionado. Meu carro começou a rodopiar. Eu sei que está tudo acontecendo mais rápido do que qualquer um que esteja testemunhando poderia possivelmente compreender, mas o acidente acontece em câmera lenta para mim.

Ele se arrasta. Sem parar.

No momento em que o carro para, o sangue já está escorrendo no meu olho. Eu ouço buzinas e pessoas gritando. Eu me inclino e busco pelo meu cinto de segurança, mas não consigo mover o meu braço direito. Está quebrado.

Eu desfivel o cinto com meu braço esquerdo. Eu pressiono meu ombro contra a lateral da porta do motorista e a abro.

Eu limpo o sangue da minha testa.

"Senhor!" um homem grita atrás de mim. "Senhor, você precisa ficar no carro!"

Alguém segura meu ombro e tenta me parar. "Sai de cima de mim!" eu grito. Eu tento recuperar minhas forças tempo suficiente para ver em que direção estou. Eu vejo a loja de conveniência à minha direita. Eu viro à esquerda e empurro a multidão que está começando a se formar ao redor do meu carro. As pessoas estão gritando para que eu pare de correr, mas eu não consigo correr o suficiente.

Duas quadras.

Eu consigo fazer isso em menos de um minuto.

Durante todo o tempo que estou correndo em direção ao meu apartamento, eu arranjo desculpas para a razão pela qual ela não está atendendo o telefone. Eu rezo para estar errado, para que eu esteja exagerando.

Mas eu conheço Sloan. Algo está errado. Ela não deixaria de atender o telefone.

Ela não deixaria de tirar o lixo exatamente ao meio-dia.

Algo está errado.

Quando eu finalmente alcanço o complexo, eu não estou em um veículo, então o sensor do maldito portão não abre para mim. Eu olho ao redor em busca de uma porta que eu possa passar, mas está trancada. Eu me afasto vários centímetros e então corro para o portão, de algum modo me impulsionando com o meu braço bom. Eu não caio sobre os meus pés. Eu caio sobre a porra do meu braço direito e a dor me atinge como um raio de luz. Isso me deixa sem ar. Eu sou obrigado a parar para recuperar o fôlego.

Em seguida estou de pé novamente.

Eu vejo Thomas, o cara da vigilância. Ele está parado do lado de fora do carro. Quando ele me vê correndo ao redor da lateral do prédio, ele joga suas mãos para o alto. "Desculpe, cara, eu estava indo checá-la." Ele se afasta e eu não consigo me conter. Eu dou um soco

em sua garganta com minha mão boa. Eu continuo caminhando enquanto ele cai contra o seu carro.

"Estúpido!" eu grito sobre o meu ombro. Eu corro em direção ao apartamento e passo direto pela porta da frente, indo para a lateral do prédio, para a parede onde ficam as janelas de nossa sala de estar e quarto. Eu corro para a janela da sala de estar e preciso de toda força que há em mim para não gritar o nome dela quando vejo a fechadura interna da janela.

Está destrancada.

Eu sei instantaneamente como isso aconteceu. O cara da manutenção. A culpa é toda minha. Eu deveria estar a um passo à frente de Asa. Eu não dou tempo para que eu pense nisso. Eu pressiono minhas costas contra a parede perto da janela e tento ouvir.

Eu me viro para o lado e pego minha arma. Eu fecho os meus olhos e inspiro.

Eu ouço vozes.

Eu ouço a voz de Sloan. Eu quero chorar rios de lágrimas por saber que não estou atrasado demais,

mas farei isso mais tarde. Neste momento, eu me aproximo um pouco da janela e tento olhar lá dentro. Eu mal consigo ver algo por causa das cortinas.

Droga.

Minha pulsação está acelerada. Eu consigo ouvir as sirenes distantes e não tenho certeza se eles estão vindo para cá porque Ryan os chamou ou se eles estão indo para o local do acidente que eu acabei de causar no cruzamento. De qualquer maneira, se eu não fizer alguma coisa nos próximos cinco segundos, quem quer que esteja dentro deste apartamento irá ouvi-las.

E eles serão forçados a agir.

Eu me ajoelho e seguro a arma com minha mão esquerda enquanto abro um pouco a janela com minha mão direita. Eu olho para dentro e consigo ver Sloan. Eu também consigo ver mais alguém. Suas costas estão viradas para a janela. Ele ri.

Ele ri, e eu sei instantaneamente que é ele. Ele está aqui com Sloan. Ele ainda não a machucou. Ela está de pé na cozinha.

Se ele ouvir as sirenes, ele *irá* machucá-la. Ele vai entrar em pânico e fará algo estúpido. Eu não sei como ela o deixou assim tão calmo, mas isso não me surpreende. Minha Sloan é esperta para caralho.

Eu levanto a janela mais um centímetro. Por meio segundo, Sloan faz contato visual comigo.

Meio segundo.

Um olhar.

Ela deixa o seu garfo cair e eu sei que ela fez isso de propósito. No segundo que ela o faz, ela diz, "Merda!" Ela se abaixa para pegá-lo. Eu levanto a janela um pouco mais enquanto Asa está saindo da banqueta. Ele está caminhando ao redor da bancada por alguma razão. Para certificar-se de que Sloan não esteja tentando algo? Eu ergo minha arma, mal conseguindo segurar o gatilho com minha mão direita.

Ele pega o garfo da mão dela e o joga na pia, em seguida lhe dá um novo. No momento em que ela o segura, ela se joga no chão e grita, "Agora!"

Antes que Asa possa compreender o que está acontecendo, eu puxo o gatilho. Eu nem mesmo espero para ver onde o atingiu. Eu abro a janela e pulo para dentro, correndo pela nossa sala de estar até me aproximar dela. Ela está engatinhando ao redor da bancada em minha direção.

"De novo!" ela grita em desespero. "*Por favor, Luke!*"

Eu aceno uma vez e caminho ao redor da bancada. Asa está deitado no chão com sua mão contra o pescoço. Sangue está escorrendo por seus dedos, derramando em seu braço. Seu peito está se movendo pesadamente, para cima e para baixo, enquanto ele luta para respirar. Eu aponto a arma para ele.

Seus olhos estão arregalados e ele olha ao redor, em busca de Sloan.

Ela está de pé atrás de mim agora, agarrando a parte de trás da minha camisa, com medo. Os olhos dele pousam nela. "Maldita vadia," ele consegue murmurar. "Eu menti. Eu odeio a *porra* da sua lasanha."

Eu puxo o gatilho.

Sloan grita e enterra o rosto em minhas costas.

Eu me viro e a puxo para mim. Ela está chorando, me segurando com toda a força que ela tem.

Eu não consigo mais ficar em pé.

Eu seguro o balcão e nós dois deslizamos para o chão. Eu a coloco no meu colo e ela se enrosca contra mim. Eu tento ignorar a dor em meu braço enquanto eu a abraço. Eu pressiono meu rosto em seu cabelo e a respiro. "Você está bem?"

Ela está soluçando, mas consegue assentir.

"Você está machucada?" Eu tento inspecioná-la, mas ela parece estar bem. Eu coloco minha mão em seu estômago e fecho meus olhos enquanto expiro. "Eu sinto muito, Sloan. Eu sinto muito, bebê." Eu sinto como se tivesse falhado com ela. Eu fiz tudo o que pude para protegê-la e ele de alguma forma a encontrou.

Ela envolve seus braços ao redor do meu pescoço com força, e eu posso senti-la balançando a cabeça. "Obrigada." Ela me abraça tão apertado quanto ela

possivelmente conseguiria. "Obrigada, obrigada, obrigada, Luke."

As sirenes estão diretamente do lado de fora agora.

Alguém está batendo à porta.

Ryan pula a janela e analisa a situação, então caminha para a porta da frente e a destranca. Vários oficiais uniformizados entram enfileirados, muitos deles gritam ordens uns para os outros. Um deles tenta alcançar Sloan e eu, mas Ryan o puxa para o lado. "Dê um minuto a eles. Droga."

Eles dão. Eles nos dão vários minutos. Eu a abraço até os médicos entrarem. Eu a abraço enquanto eles verificam a pulsação de Asa. Eu ainda estou abraçando-a quando um deles anuncia que ele está morto.

Eu ainda estou abraçando-a quando Ryan desliza para o chão perto de nós.

"Eu vi o seu carro," ele diz, se referindo ao acidente.

"Você está bem?"

Eu aceno. "Alguém se machucou?"

Ele balança a cabeça. "Só você, ao que parece."

Sloan se afasta e olha para mim. "Ah meu Deus, Luke." Ela pressiona sua palma contra minha cabeça. "Ele está machucado! Alguém o ajude!"

Ela sai do meu colo e um médico se aproxima. Ele olha para minha cabeça por um breve segundo. "Nós precisamos levá-lo para o hospital."

Ryan ajuda o médico a me levantar do chão. Eu seguro a mão de Sloan enquanto passo por ela e ela segura de volta com suas duas mãos. Ela está na minha frente agora, caminhando para trás enquanto ela olha para mim, nervosa. "Você está bem? O que aconteceu?"

Eu pisco para ela. "Apenas uma pequena colisão, babe. Você não pode se afogar em Fred Water se o navio do cruzeiro está cheio de tacos de salmão."

Sloan sorri e aperta minha mão.

Ryan resmunga e olha para um dos médicos. "Você precisa ver se ele teve alguma concussão. Ele fez isso

da última vez que ficou machucado. Começou a falar coisas que não faziam nenhum sentido."

Eles me colocaram na parte de trás da ambulância, mas eu ainda estou segurando a mão de Sloan. Ela senta perto de mim, inclina-se e pressiona seus lábios contra os meus.

Ela se afasta e sorri para mim, seus olhos ainda cheios de preocupação. "Acabou, Luke? Esse pesadelo finalmente acabou?"

Eu aceno e levo minha mão até sua bochecha. "Acabou, Sloan. De verdade, desta vez."

Capítulo 57

LUKE

Eu passei três dias no hospital após a morte de Asa devido ao meu acidente. Sloan ficou comigo porque eu não quis que ela ficasse no apartamento sozinha depois de tudo o que aconteceu.

Ela ainda não conversa muito sobre o que aconteceu antes de eu aparecer naquele dia. Apesar de esperar que ela possa se abrir e me contar sobre isso algum dia, eu não a pressiono. Eu sei do que Asa era capaz e eu não gosto nem de pensar o que ela deve ter suportado. Ela tem ido à terapia e parece que isso está realmente ajudando, portanto, isso é tudo o que eu posso pedir dela. Eu só quero que ela continue fazendo o que ela puder para ajudar a si mesma a superar essa situação, qualquer que seja o tempo que ela precise.

No dia em que fui liberado do hospital, havia um funeral planejado para Asa. Sloan e eu estávamos no apartamento naquela manhã empacotando os nossos

pertences quando Ryan ligou para me avisar sobre isso. Eu repassei a informação para ela, mas sabia que ela não iria querer participar do funeral dele depois de tudo o que ele a fez passar.

Mais tarde naquela manhã, no caminho para a casa de meus pais, Sloan me disse que queria ir ao funeral. Ela pediu que eu retornasse o carro. Naturalmente, eu tentei fazê-la mudar de ideia. Eu estava até um pouco chateado que ela quisesse se sujeitar àquilo, mas tive que me lembrar que ela o conhecia melhor do que qualquer pessoa. Ainda que ela tivesse medo dele, ela foi uma das poucas pessoas que significou alguma coisa para ele. Apesar dele ser uma merda em demonstrar.

Quando nós chegamos, éramos os únicos que tinham comparecido.

Eu tentei imaginar como deve ter sido para ele. Não ter nenhuma família e os amigos que você *tinha*, nem eram amigos de verdade. Não havia ninguém. Só o pastor, eu, Sloan e um outro funcionário da funerária.

Eu não quero dizer que isso me ajudou a compreendê-lo melhor, porque ele foi a razão pela qual ninguém

apareceu para o funeral. Mas eu realmente sinto muito por ele, mais neste momento do que alguma vez já senti. Mas ele machucou todos que passaram por seu caminho durante a sua vida e você não pode culpar ninguém além de Asa por isso.

Sloan não chorou durante o funeral. Foi apenas um sepultamento ao lado do túmulo que durou cerca de dez minutos. O pastor transmitiu um rápido sermão e fez uma oração, em seguida perguntou se algum de nós queria dizer alguma coisa. Eu balancei minha cabeça, porque eu, honestamente, só estava lá por causa de Sloan. Mas Sloan assentiu. Ela ficou perto de mim, sua mão na minha e olhou para o caixão. Ela soltou um cuidadoso suspiro antes de falar.

"Asa..." ela disse. "Você tinha tanto potencial. Mas você passou todos os dias de sua vida esperando que o mundo lhe pagasse pelos anos desagradáveis que você viveu quando criança. Foi aí que você errou. O mundo não nos deve nada. Nós aceitamos o que nos é dado e fazemos disso o melhor. Mas você pegou o que lhe foi dado e fez disso uma merda e então esperou mais."

Ela deu um passo à frente e soltou minha mão. Não havia flores, então ela se abaixou e pegou um dente-de-leão, colocando-o em cima do caixão. Em seguida, com um sussurro baixinho, ela disse, "Toda criança merece amor, Asa. Sinto muito que isso nunca lhe foi dado. Por isso, eu perdoo você. Nós dois perdoamos."

Ela ficou quieta por vários minutos. Não sei se ela estava orando por ele ou se estava, silenciosamente, dizendo adeus, mas eu esperei por ela. Ela deu um passo atrás e segurou minha mão, então eu me virei e me afastei com ela ao meu lado.

Naquele momento, eu fiquei feliz por termos ido. Acho que ela precisava estar lá mais do que eu compreendia.

Desde aquele dia, há mais de sete meses, eu tenho pensado muito sobre aquele momento. Eu pensei que tinha entendido o que ela estava dizendo no funeral de Asa. Mas, neste momento, parado perto do berço do meu filho e olhando para ele enquanto ele dorme em paz, acho que acabou de cair a ficha sobre o que ela estava dizendo quando ela disse "*...Eu perdoo você. Nós dois perdoamos.*"

Naquele momento, eu pensei que ela estava se referindo a nós dois. Eu e ela. Que nós dois perdoávamos Asa por tudo o que ele nos fez passar.

Mas agora, não tenho tanta certeza de que ela estava se referindo a mim. Ela estava se referindo ao nosso filho. Quando ela disse *nós*, ela quis dizer ela mesma e o nosso filho.

Ela estava dizendo para Asa que eles dois o perdoava, porque mesmo que estivesse apenas alguns meses grávida naquela época, acho que ela soube o tempo todo que Asa é mais do que provavelmente o pai biológico do nosso filho. Eu acredito que esse seja o motivo pelo qual ela precisou ir ao funeral. Ela não precisava de uma conclusão para si mesma. Ela precisava de um desfecho para o filho que Asa nunca conheceria.

Nós só conversamos uma vez sobre o fato de que nosso filho, Dalton, pode não ser biologicamente meu. Foi duas semanas após o seu nascimento. Sloan adquiriu um teste de paternidade porque ela tinha medo que eu estivesse perturbado por não saber se Dalton era meu ou de Asa. Sloan temia que isso fosse

me matar se não soubesse ao certo se eu era o pai e ela não queria ficar entre mim e a verdade.

O teste de paternidade tem estado no armário do banheiro desde aquele dia. Eu ainda não o tinha aberto. Ela não tinha perguntado sobre isso.

E neste momento, olhando para o meu garotinho enquanto ele dorme, sinto como se já soubesse a resposta. *Não importa quem é o pai deste bebê, porque Sloan é a mãe dele.*

Houve um momento uma vez, a primeira vez que Asa me apresentou a Sloan. Ela estava de pé na cozinha, balançando para frente e para trás, lavando a louça. Ela estava absolutamente hipnotizante. E havia essa paz em seu rosto que eu logo percebi que era muito rara.

Eu vejo essa mesma paz em Dalton quando ele dorme. Ele tem os cabelos escuros dela, seus olhos. E seu espírito.

E isso é tudo o que importa para mim. Eu gostaria que ela acreditasse nisso. Eu gostaria que ela soubesse que se os resultados do teste provassem que esse

bebê é ou não biologicamente uma parte de mim ou uma parte de Asa, isso não muda nada. Eu não amo essa criança do jeito que amo porque eu tenho uma responsabilidade biológica em amá-lo.

Eu amo essa criança porque eu sou um ser humano e não consigo evitar. Eu o amo porque eu sou seu Pai.

Eu me aproximo do berço e corro minha mão pelo topo de sua cabeça.

"O que você está fazendo?"

Eu me viro e Sloan está inclinada na porta do quarto. Sua cabeça está descansando contra o batente da porta e ela está sorrindo para mim.

Eu puxo o cobertor de Dalton um pouco mais para cima, então me viro e caminho na direção de Sloan. Eu seguro sua mão e puxo a porta do quarto, deixando-a metade aberta. Sloan entrelaça seus dedos nos meus e me segue enquanto passo pelo nosso quarto e entro no banheiro.

Ela ainda está atrás de mim, segurando minha mão, quando eu abro o armário e pego o teste de

paternidade. Quando eu a encaro, posso ver um medo silencioso em seus olhos. Eu a beijo para afastar seu medo e mantenho minha mão envolvida na sua enquanto sigo em direção à cozinha. Eu abro a porta da pequena área adjacente a nossa cozinha que contém a nossa lata de lixo e tiro a tampa. Eu pego o teste de paternidade – ainda em seu envelope – e o jogo fora. Eu reponho a tampa, fecho a porta e me viro para encarar Sloan.

Há lágrimas em seus olhos e, o por mais que ela esteja tentando escondê-lo, há um sorriso repuxando o canto de sua boca. Eu envolvo os meus braços ao seu redor e por alguns segundos, nós apenas olhamos um para o outro silenciosamente. Ela está olhando para mim e eu estou olhando para ela e, neste momento, nós dois sabemos tudo o que precisamos saber.

Nós somos uma família. Eu, ela e o nosso bebezinho.

No final, essa é a única coisa que importa.

Então, até onde sabemos, acabou. Muito obrigada a todos vocês que acompanharam essa história com a

gente. Você que surtou, arrancou os cabelos, mas que foi super paciente (mais ou menos) enquanto aguardava a tradução dos capítulos seguintes. Tentamos fazer o nosso melhor, considerando o monte de capítulos que a autora liberava por vez, portanto, esperamos ter correspondido as expectativas de vocês e esperamos também que tenham amado essa história tanto quanto a gente.

Antes de dizer tchau, saibam que a Colleen pretende editar o livro e publicá-lo em formato paperback, provavelmente de forma independente (algo que ainda não temos certeza). Caso alguma editora compre os direitos de publicação, nós teremos que remover a tradução. E, por enquanto, não há previsão de lançamento no Brasil. É isso!

Beijos!